

Daniela Caldeira Bruno

**“Brasil acima de tudo!”
Narrativa e construção de identidades:
o combatente pára-quedista
do Exército Brasileiro**

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Rio de Janeiro
Setembro de 2010



Daniela Caldeira Bruno

**“Brasil acima de tudo!”
Narrativa e construção de identidades:
o combatente pára-quedista do Exército Brasileiro**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como resultado parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Liliana Cabral Bastos

Rio de Janeiro
Setembro de 2010



Daniela Caldeira Bruno

**“Brasil acima de tudo!”
Narrativa e construção de identidades:
o combatente pára-quedista do Exército Brasileiro**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Liliana Cabral Bastos

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Inés Kayon de Miller

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Claudia Pereira Coelho

UERJ

Prof. Celso Corrêa Pinto de Castro

FGV

Prof. Emilio Carlos Acocella

CITEX - Centro Integrado de Telemática do Exército

Profa. Maria Das Graças Dias Pereira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2010.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Daniela Caldeira Bruno

Graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Resende-RJ, em 1990. Especializou-se em Didática (Associação Educacional Dom Bosco, 1996), Psicopedagogia (UFRJ, 1998) e Língua Inglesa (Universidade de Taubaté, 2000). É Mestre em Letras pela PUC-RJ (2005). Atuou como professora de Inglês da Academia Militar das Agulhas Negras (Resende-RJ), no período de 1989 a 2000. Atualmente, é professora de Inglês do Instituto Militar de Engenharia (Rio de Janeiro-RJ).

Ficha Catalográfica

Bruno, Daniela Caldeira

“Brasil acima de tudo!”: narrativa e construção de identidades: o combatente pára-quedista do Exército Brasileiro / Daniela Caldeira Bruno; orientadora: Liliana Cabral Bastos. – 2010.

281 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Identidade. 3. Narrativa. 4. Pára-quedistas. 5. Exército Brasileiro. 6. Socioconstrucionismo. 7. Subjetividade. 8. Self. I. Bastos, Liliana Cabral. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para Sérgio, Geni, Walda, Solange, Raphaela, Marieta, Cintia, Linda, João Victor,
Felipe, Felícia, Emílio e Raphael: ilhas de certezas em meu oceano de dúvidas.

Agradecimentos

Sou grata à Liliana, minha orientadora, a quem tenho como exemplo de mulher, profissional, estudiosa, delicadeza, firmeza, sensatez. Ela me deixou entender que para ter asas e voar livremente é importante lembrar de nossas raízes.

Agradeço às professoras do Departamento de Letras da PUC-Rio, em especial: Lúcia Pacheco, Maria do Carmo, Maria das Graças, Inés e Helena. Vi nos olhos de todas elas imensa satisfação em compartilhar o que sabem, ajudando a construir novos seres ao mesmo tempo em que se reinventavam.

Aos meus colegas do GNIT, companheiros de jornada. Ser parte deste grupo de estudo fez com que eu jamais me sentisse sozinha em minha caminhada acadêmica.

Sou profundamente agradecida aos pára-quedistas do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, cujas vozes foram a alma de minha pesquisa. Narrar é, antes de mais nada, uma doação, momento em que riquezas de sentimentos são expostos, lançados no jogo interacional e dados à exposição.

Agradeço ao Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista que me abriu suas portas, confiante em minha pesquisa.

Ao Instituto Militar de Engenharia, onde a busca pela construção do conhecimento brilha no olhar de seus integrantes. Neste Estabelecimento de Ensino Militar espelhei-me e percebi que eu era capaz de me lançar na jornada da pesquisa.

Reconheço que uma caminhada acadêmica não é possível sem que o estudante possa confiar em pessoas caras à sua volta. Cada qual à sua maneira, muitos estiveram ao meu lado. Agradeço e reconheço a força de todos para que eu pudesse trilhar este caminho. Sou grata ao Douglas pelo apoio e compreensão incondicionais; a João Paulo, pelas consultorias sempre cheias de saber; ao Delfino por me incentivar sempre; à Leila por rir comigo; à Linda porque ela existe.

Resumo

Bruno, Daniela Caldeira; Bastos, Liliana Cabral. **“Brasil acima de tudo!” Narrativa e construção de identidades: o combatente pára-quedista do Exército Brasileiro.** Rio de Janeiro, 2010. 281p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese de doutorado investiga o processo de construção de identidades de oficiais pára-quedistas do Exército Brasileiro em narrativas de história de vida. O corpus de dados foi gerado mediante entrevistas conduzidas pela pesquisadora com 10 oficiais pára-quedistas lotados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, além de outra entrevista conduzida com um oficial que já havia servido naquele batalhão. A partir de uma visão de discurso como uma forma de ação social; de identidade como fenômeno socioconstruído, relacional, dinâmico, situado, fluido, contextual e processual; de narrativa como construções situadas da experiência, guiadas pelos filtros afetivos do narrador, através das quais ele organiza sua experiência individual inscrita na ordem social buscou-se investigar os processos de construção de identidades de indivíduos que praticam, vivenciam e compartilham um código de valores em um contexto particular: a comunidade pára-quedista do Exército Brasileiro. Buscou-se também entender como os pára-quedistas servem-se de tais valores para elaborarem partes de suas autobiografias levando-se em consideração a cena contemporânea em que suas existências se dão. O foco das análises recai sobre a dinâmica entre o contexto social e a agência individual buscando-se o diálogo entre socioconstrucionismo e subjetividade. Na análise foi dada especial atenção à construção do ponto de tais narrativas, às avaliações e às resoluções instanciadas. Por sua vez, são essas narrativas que constroem o ideário pára-quedista, ao repetidamente reafirmar e sustentar crenças e valores compartilhados na comunidade estudada. Discutiu-se acerca das forças coercitivas do grupo na construção das identidades coletivas de seus membros e de como tais forças cobram performances identitárias ao mesmo tempo em que brindam os integrantes do grupo com um sentimento de pertença e a segurança de se acreditar saber quem se é. Percebeu-se que em meio às forças coercitivas atuantes na comunidade pára-quedista, marcadas principalmente pela evidência de atributos físicos, emocionais e morais valorizados naquela ecologia, surge, no ato de narrar e recapitular experiências e feitos passados, uma noção de

self expressa vividamente pelos narradores durante as histórias que contam. Os pára-quedistas constroem-se como personagens principais e heróicos em suas próprias narrativas. Esta noção de *self* socioconstruído foi entendida como um efeito dramático decorrente da ação narrativa. Na performance sociointeracional, isto é, na encenação narrativa vívida e pulsante, os pára-quedistas evidenciam sensações ontológicas e sentimentos existenciais, entendendo-se como profissionais movidos pelos ideais pára-quedistas cujos atributos de superioridade, segundo eles, destinam-se ao seu bem maior, este último entendido pelos pára-quedistas como a disposição incondicional para a defesa e manutenção da integridade nacionais.

Palavras-chave

Identidade; narrativa; contexto militar; pára-quedistas; Exército Brasileiro; cena contemporânea; agência individual; socioconstrucionismo; subjetividade; *self*.

Abstract

Bruno, Daniela Caldeira; Bastos, Liliana Cabral (Advisor). **“Brazil beyond anything!” Narrative and identity construction: the combatant paratrooper of the Brazilian Army.** Rio de Janeiro, 2010. 281p. PhD Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis investigates the process of identity construction of paratrooper officers serving the Brazilian Army with special attention to narratives of life history. The corpus of data was generated through interviews carried out by the researcher with 10 paratrooper officers stationed in the 26th Parachute Infantry Battalion, besides another interview with an officer who had served in the battalion. Taking a vision of speech as a form of social action; identity as a socioconstructed, relational, dynamic, situated, fluid, contextual and procedural phenomenon; narrative as a situated construction of the experience, guided by the narrator's affective filters through which he/she organizes his personal experience inscribed in the social order, the investigation focused at the processes of identities construction of individuals who practice, experience and share a code of values in a particular context: the paratrooper community of the Brazilian Army. Also, the researched aimed at understanding how the paratroopers make use of such values to develop parts of their autobiographies taking into account the contemporary scene in which their lives occur. The focus of the analysis rests on the dynamics between social and individual agency, enabling the dialogue between the social context and subjectivity. In the analysis, special attention was given to the construction of the point of such narratives, as well as the instantiation of evaluations and resolutions. In turn, these narratives are responsible for building the paratrooper set of beliefs, once they repeatedly reaffirm and sustain the values shared among the community studied. The researcher discussed the coercive forces of the group in the construction of collective identities of its members and how these forces require performances of identity at the same time that they provide group members with both a sense of belonging and the security of believing knowing who they are. It was noticed that among the coercive forces active in the paratrooper community, marked mainly by the evidence of the physical, emotional and moral attributes valued in that ecology, that the act of narrating and summing up past experiences and

achievements rises a sense of self, expressed vividly by the narrators in the stories they tell. The paratroopers are built as main and heroic characters in their own narratives. This notion of socioconstructed self was understood as a dramatic effect arising from the narrative action. It is during the sociointeractional performance, that is, the vivid and pulsating narrative scene, that the paratroopers show ontological sensations and existential feelings, understanding themselves as professionals driven by the paratroopers' ideals whose attributes of superiority, they say, are intended to their most precious possession, the latter understood by paratroopers as the unconditional willingness to defend and maintain national integrity.

Keywords

Identity; narrative; military; paratroopers; Brazilian Army; the contemporary scenario; individual agency; socialconstructionism; subjectivity; self.

Sumário

1	Introdução	13
2	Pressupostos Teóricos	24
2.1	Mundo pós-moderno	24
2.2	Socioconstrucionismo	26
2.3	Identidades socioconstruídas e pós-modernidade	27
2.4	Entrevistas e construção de identidades	29
2.5	Narrativas e construção de identidades	31
2.6	Grupo, coletividade, comunidade e identidade social	35
2.7	Identidade pessoal	37
2.8	Identidade e agência	40
2.9	Self	41
3	Aspectos metodológicos	46
3.1	Orientações teórico-metodológicas	46
3.2	Contexto de pesquisa	51
3.3	Participantes da pesquisa	53
3.3.1	Militar-pesquisadora, pesquisadora-militar	53
3.3.2	Os pára-quedistas entrevistados	55
3.4	O corpus de dados	57
3.5	Procedimentos de análise	59
4	A mística pára-quedista e a construção autobiográfica do ‘pequedê’	66
4.1	“São os pára-quedistas que chegaram; é a tropa de elite do Exército Brasileiro” – Socioconstruindo o <i>self</i>	67
4.1.1	“Podemos ser empregados em QUALQUER ambiente operacional” (Capitão Vieira)	69
4.1.2	Um episódio marcante	70
4.1.3	“A outra tropa estava acuada, tomando tiro pra caramba” (Capitão Vieira)	73
4.1.4	“olha lá, são os pára-quedistas que estão chegando, é a tropa de elite do Exército” (Capitão Vieira)	73

4.2 “Não somos melhores nem piores, apenas diferentes.” (Cap Vieira) – Identidade e diferença na construção dos perímetros do grupo	75
4.3 A mística pára-quedista – vivência, experiência e prática dos ideais pára-quedistas	82
4.3.1 “O pára-quedista deve ter amor pelo preparo físico” (Maj Firmino) – Preparo Físico	82
4.3.2 ‘Mas não adianta ser fortão e burrão’ (Cap Vieira) – Preparo emocional	88
4.3.3 “Qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar” (Capitão Rocca) – Determinação e espírito de cumprimento de missão	91
4.3.4 “Não é bem sacrifício no sentido de estar sofrendo” (Ten Wiesser) – Espírito de Sacrifício e Profissionalismo	93
4.3.5 “Eu escolhi, eu quis” (Tenente Wiesser) – Voluntariedade	96
4.3.6 ‘O vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado’ (Major Firmino) – Espírito de equipe / companheirismo	97
4.3.6.1 “Chamamos isso aí de espírito de corpo. O medo, na verdade, o medo de ficar mal perante o grupo” (Maj Firmino) – As forças coercitivas do grupo	102
4.3.7 “Brasil acima de tudo!” (brado de guerra dos pára-quedistas) – Patriotismo, Nacionalidade, ‘Brasilidade’	107
4.3.8 “O pára-quedista já tem a coragem, é dele, é inato” (Tenente Coronel Ermínio) – Coragem	115
4.3.8.1 “Dai-me, Senhor meu Deus, o que vos resta” (Oração do pára- quedista)	124
5 Identidades Sociais Hegemônicas, portal ontológico para modelos culturais	130
5.1 Identidades sociais hegemônicas – o herói construído nas narrativas dos pára-quedistas	131
5.1.1 “Me dá muito prazer e orgulho por ser uma tropa de tradição” (Capitão Vieira) – Tradição e doutrina	132
5.1.2 Masculinidades Militares	143
5.1.3 “Protegendo alguém, isso é tudo pra nós” (Capitão Vagner) – Identidade, sentimento e emoção na construção narrativa do herói pára-quedista	156
5.1.4 “Eu vou resumir isso tudo que você falou numa operação” (Tenente Coronel Ermínio) – Narrativa e a construção da auto-imagem do herói	164
6 Visão geral e entendimentos	169
7 Referências bibliográficas	190
ANEXOS	199

ONE'S- SELF I SING
Walt Whitman

*One's self I sing, a simple separate person,
Yet utter the word Democratic, the word En-Masse.*

*Of Physiology from top to toe I sing.
Not physiology alone nor brain alone is worthy for the Muse,
I say the Form complete is worthier far,
The Female equally with the Male I sing.*

*Of Life immense in passion, pulse, and power,
Cheerful, for freest action form'd under the laws divine,
The Modern Man I sing*

O PRÓPRIO SER EU CANTO
Walt Whitman

O próprio ser eu canto, canto a pessoa em si, em separado
embora use a palavra Democracia e a expressão Massa.

Eu canto o Corpo da cabeça aos pés:
Nem só o cérebro, nem só a fisionomia têm valor para o que me move
Digo que a forma completa é muito mais valiosa,
e tanto a Fêmea quanto o Macho eu canto.

A vida plena de paixão, Força e pulso,
Preparada para as ações mais livres
Com suas leis divinas
O Homem Moderno eu canto.

(e eu, Daniela, acrescento minha voz: o homem pós-moderno)

1 Introdução

“...o indivíduo, a pessoa, o eu, ‘o mais insubstituível dos seres’, como dizia Gide, para o qual nos conduz irresistivelmente uma pulsão narcísica socialmente reforçada, é também a mais real, em aparência, das realidades, o *ens realisium*, imediatamente entregue à nossa intuição fascinada, *intuitus personae*”. (Bourdieu, 1986)

A idéia desta pesquisa nasceu de um sentimento de perplexidade. Meus olhos viam, meus ouvidos escutavam – maravilhamento, era esta a sensação. E vi, e ouvi, e senti, enquanto um sem número de perguntas e questões me vinham à mente na busca por entender o acontecimento com que me deparei. Sim, inicio esta tese contando uma estória, que é o que fazemos, nós, humanos, por toda a vida na ânsia de ser.

No exercício de minha profissão (sou Major do Exército Brasileiro), dentro da comunidade de prática (Wenger, 1998) a que pertencço, vivencio atividades regulamentares típicas das práticas sociais na caserna. Além de atribuições específicas de professora de Inglês que sou, participo, juntamente com todo o efetivo, de formaturas, desfiles de tropas, apresentações de Oficiais, atividades físicas em forma, palestras, seminários, reuniões etc. Em todas essas atividades percebe-se, naqueles que compõem os agrupamentos, a galhardia pertinente à condição de se trajar uma farda. Como em qualquer outra instituição formal, na caserna há regras e normas de conduta (muitas vezes expressas em um regulamento específico) que organizam os comportamentos e as interações, naturalizando procedimentos que, segundo as formas de vida (Wittgenstein, [1953] 2005) desta instituição, são as condizentes com as posturas que se esperam.

Mesmo após 17 anos de alvoradas e toques de ordem, tempo suficiente para que as surpresas nessas práticas institucionais diárias passem a acontecer com menos freqüência, deparei-me com uma situação que fez meu coração verde-oliva bater mais forte, levantando os questionamentos que deram origem a esta pesquisa.

Em sete de setembro de 2007, no Desfile Cívico em comemoração à Independência do Brasil, que se dá em muitas partes de nosso país, eu fui designada para comandar o grupamento feminino que compôs os efetivos do Exército na cidade do Rio de Janeiro. O Exército apresentou-se com um efetivo

total de 6.000 integrantes. O grupo feminino era composto de aproximadamente cem militares entre oficiais e praças. Após uma semana de exaustivos treinamentos, o grupamento estava pronto. Fardávamos o uniforme nomeado 3º A com chapéu, saia e túnica verdes e saltos altos. A concentração das tropas deu-se no centro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco.

Todos os procedimentos a serem adotados pelos grupamentos antes, durante e depois do desfile, enquanto a tropa encontra-se emassada, são detalhadamente descritos nos regulamentos e vade-mécuns da Força. Dentre tais procedimentos está prevista uma revista da tropa como um todo, realizada pela mais alta autoridade militar presente, o Comandante do Grupamento de Desfile (autoridade militar mais antiga presente) acompanhado de outras autoridades civis e militares. A revista da tropa é um momento bastante interessante e especial. Para a revista, a tropa como um todo, organizada em unidades, permanece em forma, imóvel, na posição de apresentar armas para reverenciar a autoridade militar, que adentra a avenida no alto de um carro de combate ao mesmo tempo em que uma sirene de alerta faz ouvir sua presença.

Enquanto a tropa, da qual eu era um membro, esperava este momento, seus integrantes permaneciam agrupados nas imediações do local previamente determinado para a revista. Até que fosse dado o comando para entrar em forma, era permitido interagir com os companheiros e companheiras de desfile, ou seja, pode-se conversar, fazer pequenos deslocamentos, fotografar, confraternizar, ir e vir, mas sempre atentos ao toque de corneta que avisará sobre o momento da revista. Além disso, inúmeras outras situações se dão durante a concentração para o desfile. São militares das três Forças que passam de lado a outro, trajando fardas de gala, uniformes de combate; alguns armados e equipados conforme sua unidade de origem, outros fiscalizam e apóiam.

Tomo, neste momento, 'linguagem' em uma concepção mais ampla, ou seja, todo sistema de significados que recorra a modos de expressão, de construção e comunicação de sentidos sob qualquer forma simbólica (Fairclough, 1992: 4). Nesses termos, o evento todo é prenhe de falas, discursos, sentidos e significados. Eu ouvia as falas enunciadas pelo exército de símbolos a minha volta. Penso que era assim com toda a audiência, todos construíaam significados para aquilo que viam. Eu, porém, por compartilhar valores e crenças da comunidade militar ao mesmo tempo em que sou uma estudiosa do discurso e da construção de

identidade, passei a ver e ouvir relações simbólicas identitárias para os eventos e pessoas ao meu redor.

Mensagens cifradas pairavam por toda parte, nos fardamentos, nos brevês, insígnias e medalhas adornando as fardas, nas flâmulas presas aos armamentos que identificam cada grupamento, nos toques de corneta, nas canções entoadas por alguns grupamentos, tanto no ritmo quanto nas letras, na postura dos militares fardados, em seu comportamento, nos olhares, nas feições dos rostos, na cadência com que realizavam os deslocamentos a pé firme, no tom das vozes de comando, nos movimentos de ordem unida. De todas as formas a linguagem estava sempre presente, fazendo florescer interpretações sobre formas de vida e visões de mundo. Entendia os acontecimentos que via como símbolos emblemáticos da cultura compartilhada pelos integrantes da instituição Exército Brasileiro. Tais símbolos referiam-se a sistemas de valores subjacentes, históricos, culturais dos quais eu também comungo.

De volta ao momento da concentração para o desfile, dentre este mar simbólico, reparei algo especial. Muitas vezes, ao largo dos grupamentos que já estão devidamente posicionados, um grupamento inteiro passa em forma e marchando em direção ao local que deve ocupar no dispositivo. Nessas situações, isto é, quando uma tropa em deslocamento passa por outra parada, de acordo com o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (República Federativa do Brasil, 1997), a tropa parada deve entrar em forma, voltar-se para a tropa que passa e tomar a posição de sentido, em sinal de respeito, atenção e reverência àquela formação. A tropa parada deve assim permanecer até que a tropa em movimento tenha passado.

Foi em uma dessas situações que o sentimento de perplexidade ao qual me referi no início do texto inundou meus pensamentos interessados nos processos de construção de identidades que emergem das interações sociais. Na condição de comandante do grupamento feminino, eu era a responsável por enunciar os comandos acerca dos procedimentos e posturas que devem ser adotados pelo restante das militares em forma. Assim o fiz. Em meio às conversas, risos, fotos e descontração apreensiva que antecedia o desfile, ouviu-se um silêncio que vinha dos grupamentos à esquerda, numa espécie de efeito dominó. Apressei-me em entender o porquê do súbito calar das tropas. Percebi que uma tropa em deslocamento aproximava-se e que deveria fazer meu grupamento prestar-lhe a

reverência regulamentar. Comandei: “Grupamento feminino, atenção! Cessar à vontade. Grupamento, sentido!”. Todas as militares entraram em forma, obedecendo aos comandos e eu ocupei minha posição à frente do grupamento, tomei a posição de sentido e aguardei a passagem da tropa que estava agora mais perto. Os sentidos que comecei a construir para o que vi fizeram florescer em mim a idéia desta pesquisa.

A tropa que se aproximava era composta por militares pára-quedistas da reserva, que haviam devotado suas vidas ao exercício da profissão ao servirem na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro: os chamados militares da ‘Velha Brigada’! Eram senhores, alguns já de idade avançada. Estimo que grande parte deles já tinha passado de seus setenta anos. Por já terem cumprido seus anos de serviço devotados à Pátria, nenhum deles se encontrava mais no serviço ativo e poderiam estar, naquele momento, no conforto de seus lares, talvez assistindo ao desfile pela televisão e ainda assim evidenciando o envolvimento e o entusiasmo dos ‘velhos tempos’ com as demonstrações de civismo. Mas eles preferiam estar lá em meio ao desfile, vibrando e ‘rachando o chão’¹.

Enquanto marchava com entusiasmo e vibração comoventes, o grupamento com os velhos militares entoava canções tradicionais da Brigada Pára-quedista. Esses homens de cabelos brancos e rostos marcados marchavam com o garbo que devem ostentar os heróis descritos em suas canções, de peitos inflados pelo orgulho de terem vencido os ares e com a firmeza daqueles que enfrentaram o medo. Cantavam, no mais alto tom, canções que lhes atravessavam as gargantas construindo sentidos que pareciam vir de suas almas. Calçavam seus *boots* marrons e suas boinas bordô, símbolos marcantes do uniforme do pára-quedista militar do Exército Brasileiro. Passaram, assim, unidos, coesos, cadenciados, fortes, firmes, transbordando a emoção de outrora. Embora reformados, ainda demonstravam viverem o ideal e a vocação de serem pára-quedistas do Exército Brasileiro.

O grupamento dos velhos pára-quedistas se foi, ocupou seu lugar na grande formação, deixando a mim, militar e doutoranda em estudos da linguagem, perguntas e questionamentos acerca de uma tropa, uma unidade, um todo formado de indivíduos, ‘únicos’ e ao mesmo tempo ‘grupo’. Rajadas de questionamentos

¹ Rachar o chão, no jargão militar significa marchar com entusiasmo e vibração.

feriram a pesquisadora. O que há entre os membros deste grupo que os mantém unidos em vibração e entusiasmo por mais que o tempo passe? Que força é esta que não se esvai no tempo e que insiste em oferecer identidade a um grupo cujos membros não mais convivem ou compartilham interações cotidianas? Por que tamanho entusiasmo? Por que eles se fizeram tão singulares?

Tocada por essas questões identitárias, no intuito de iniciar minha pesquisa, solicitei, através do canal de comando a que estou subordinada, que me fosse permitida uma visita à Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro é a organização militar do Exército onde são formados e preparados os pára-quedistas do Exército e cuja missão é ‘atuar com rapidez nas ações de defesa externa e de garantia da lei e da ordem, em qualquer parte do território nacional, e, eventualmente em operações de paz’ (www.bdainfpqdt.eb.mil.br) especialmente no que tange a ‘realização do Assalto Aeroterrestre, visando isolar o campo de batalha, interditando o deslocamento de tropas inimigas bem como a participação da transposição de curso de água de grande vulto’, segundo a Portaria 018 do Estado Maior do Exército, de 21 de março de 2003. Tal missão está compreendida no artigo 142 da Constituição Federal que destina as Forças Armadas à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem.

Ao chegar à Brigada pude perceber que qualquer que fosse a resposta para os questionamentos que eu trazia, lá os encontraria. O entusiasmo do convívio e os laços estabelecidos entre os companheiros e com a Pátria nasciam ou eram nutridos naquele ambiente, nas experiências das situações compartilhadas. Percebi na postura e no olhar dos pára-quedistas da ativa com quem interagi a mesma intensidade de sentidos que vi nos velhos pára-quedistas reformados. O ambiente todo e as atividades ali realizadas exalam e oferecem possibilidades identitárias. A certeza de agir como um pára-quedista está estampada nas posturas, nos gestos, nas falas de cada um deles individualmente e me parece transpor o ambiente profissional. Ao deixarem a caserna e retornarem para seus lares, creio que esses homens não guardam suas identidades de pára-quedistas nos armários dos alojamentos onde penduram suas fardas. Agir como um pára-quedista e dedicar-se ao serviço da Pátria é a ponta de um *iceberg* identitário que me proponho a explorar. Encontrei na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro meu contexto de pesquisa.

Considerando os tempos pós-modernos em que vivemos, minhas perguntas de pesquisa começam a tomar corpo. Que grupo é este? Quem são essas pessoas? Que há em seus contextos profissionais capaz de oferecer-lhes tão substanciais possibilidades ontológicas? Quem eles **dizem** que são? Que sentidos essas pessoas constroem para seus contextos profissionais e pessoais? Que significados eles constroem para suas realidades? Que eventos interacionais concretos, segundo os próprios pára-quedistas, possibilitam seus processos de construção de identidades? Em meio à tamanha força social, há espaço para idiossincrasias e variações identitárias ou suas identidades mostram-se monolíticas e estrangidas pela ação do grupo? Como esses homens constroem suas subjetividades dentro do grupo que formam? Que trabalhos discursivos são elaborados por esses homens na busca pela negociação e construção de suas identidades?

A questão que me proponho estudar está relacionada com a construção de identidades de indivíduos que praticam, vivenciam e compartilham um código de valores em um contexto peculiar. Esses indivíduos constituem uma comunidade moral, uma comunidade interpretativa (Fish, 1973) que faz nascer formas de vida (Wittgenstein, [1953] 2005) e visões de mundo, onde criam, negociam e desempenham identidades.

Passo, a seguir, a esclarecer as bases com que penso ser possível responder minhas perguntas iniciais de pesquisa.

Trago uma proposta de investigação que penso poder contribuir fortemente para o entendimento do grupo (e dos *self's* de seus integrantes) constituído pelos pára-quedistas do Exército Brasileiro na atualidade: militares, combatentes, treinados para o assalto aeroterrestre. Proponho uma investigação baseada na análise das narrativas de histórias de vida (Linde, 1993) trazidas pelos pára-quedistas. Ao entender as narrativas, sua estrutura, o contexto onde ocorrem e o contexto relatado, seu conteúdo semântico e sua seqüência, penso poder interpretar tais relatos como um processo dinâmico e situado, utilizado por esses militares combatentes, a fim de expor e interpretar quem eles são e a ordem social onde estão inseridos.

O corpo de dados analisado foi gerado mediante a realização de entrevistas que conduzi com dez oficiais pára-quedistas lotados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, um dos Batalhões que constituem a Brigada de Infantaria Pára-quedista com sede no Rio de Janeiro. Além desses oficiais, entrevistei também

outro oficial pára-quedista do Exército Brasileiro, que já havia servido na Brigada de Infantaria Pára-quedistas em outra ocasião. Tais entrevistas constituem os dados que receberão o tratamento formal de análise.

A meu ver, por ser pouco estudado, o contexto militar no Brasil gera uma série de questionamentos, dúvidas, conceitos e pré-conceitos. Em minhas interações com colegas não pertencentes ao meio militar percebo muitas vezes uma certa surpresa ao saberem da minha profissão: “Mas você não parece!”, muitas vezes exclamam. Noto em suas falas que, mesmo sem conhecerem efetivamente o meio no qual atuo profissionalmente, já trazem visões e julgamentos sobre o contexto militar e seus integrantes. Penso que tais visões são, possivelmente, fruto de interpretações e posicionamentos políticos e sociais que podem ter isolado grupos de seres humanos que igualmente riem e choram dentro da mesma sociedade e os quais sequer foram vivenciados por mim e por muitos de meus companheiros de farda.

Com minha proposta, penso ser possível lançar luz tanto sobre as motivações sociais do grupo em questão quanto sobre as singularidades pessoais de seus membros. Pretendo investigar, assim, a partir de narrativas, a relação entre sócio-construcionismo e subjetividade (Gergen & Gergen, 2001; Hinchman & Hinchman, 2001; Harré, 1987; Velho, 1986). Tal investigação possibilitará, em termos macros sociais, pensar sobre a sociedade brasileira sob o ângulo de uma de suas instituições, o Exército Brasileiro. A reboque de tais posicionamentos, procurarei suscitar e discutir, por minhas análises, questões acerca do indivíduo inserido no contexto social: identidade, agência, determinação, coerção, grupos sociais, cultura militar, masculinidade, o mito do herói, etc.

A temática central da questão que trago é ontológica, é a do sujeito no mundo, seu *ethos* e visões, construções e interpretações de realidades. Faz-se crucial, desta forma, voltar especial atenção para os sentidos e entendimentos que os sujeitos objetos desta pesquisa constroem para suas próprias identidades. Pretendo arriscar-me na clássica discussão que atravessa o pensamento ocidental sobre a construção de identidade social e individual. Considerando o peso e a importância da sociedade na construção dos indivíduos, procurarei compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico (Bourdieu, 1984; [1986] 2005). Desta forma, penso considerar as pessoas,

participantes do contexto de minha pesquisa, como indivíduos agentes, e não como meros objetos ou produtos totalmente constrangidos pelo meio social.

Entendo que as histórias narradas pelos pára-quedistas são um rico campo semiótico e cultural, isto é, elas enunciam um sistema de símbolos que organizam os sentidos da existência do próprio narrador ao mesmo tempo em que fornecem material heurístico (Brockmeier & Carbaugh, 2001:2) para o entendimento da cultura pára-quedista onde as identidades dos narradores são desempenhadas. Desta forma, a análise de narrativas transforma-se em análise de uma cultura, um modo de interpretar uma dada cultura.

Como coloca Bruner (2001:25), ecoando estudos etnográficos e antropológicos das narrativas, as narrativas deixam falar as relações sociais e os sentidos culturais situados. Consoante com Bruner, meu trabalho pretende oferecer uma visão do processo autobiográfico dos pára-quedistas no processo de narrar sobre si próprios, construindo-se um senso de *self* (Goffman, 1959, 1963; Brockmeier & Carbaugh, 2001; Gubrium & Holstein, 2003). Tal senso de *self* é fortemente dependente do sistema simbólico-cultural em que o narrador está inserido.

As histórias narradas pelos homens alvos de minha pesquisa agem ordenando a experiência, produzindo intenções, estruturando tanto memória como comunicação, dando forma e significado às experiências vividas por esses pára-quedistas (Bamberg, 1997). Suas histórias pessoais organizam o sentido de quem são, de quem são seus pares e o sentido que atribuem para a cultura de que fazem/são parte, isto é, o processo narrativo ativa seus sistemas simbólicos, viabilizando os processos de construção de sentidos, de identidades. Meus estudos pretendem apontar para o modo como o evento narrativo situado age em dois níveis simultaneamente: os sentidos suscitados pelos pára-quedistas em suas narrativas pessoais implicam uma visão particular da experiência, da identidade, no entanto, tais entendimentos dependem do sistema cultural onde os narradores vivem seus ritos, mitos e dramas sociais (Carbaugh, 2001:103). O processo narrativo ativa esses sistemas simbólicos e minha intenção é usá-lo a fim de adentrar tal dimensão do processo de construção de identidades.

Caberá a mim, enquanto analista, interpretar como as identidades são construídas, reproduzidas e negociadas por meio da linguagem e como elas são

dadas à luz por meio da interação social e práticas lingüístico-discursivas em que as pessoas se engajam.

Olharei para os processos lingüístico-discursivos de construção de identidades elaborados por esses homens ao posicionarem-se de forma ativa e agente em jogos lingüísticos singulares durante a interação com a pesquisadora. Neste jogo interacional, as narrativas dos pára-quedistas serão ouvidas como frutos de relações dialógicas (Bakhtin, 1979) que oferecem uma gama de identidades ao narrador ao se posicionarem ante aos fatos que narram, isto é, por meio de suas narrativas subjetivas, os narradores dialogam com as vozes e ideologias vigentes na instituição, na sociedade, nos outros grupos a que pertencem, inscrevendo-se no fluxo das idéias vigentes em seu tempo.

A interação com a pesquisadora, durante as entrevistas, será entendida como um exemplo de interação cotidiana (Mishler, 1986), como tantas outras em que essas pessoas se engajam. Uma interação, que ao possibilitar que indivíduos falem de si mesmos, cria espaço para que essas pessoas experimentem a sensação de serem alguém, de significarem algo para si mesmos e para seus interactantes, a sensação de fazerem diferença, a sensação de estarem vivos.

O universo pesquisado, ou seja, a comunidade pára-quedista do Exército Brasileiro, seja, talvez, um caso específico dentro da sociedade brasileira. Não obstante, tal ecologia levanta questões gerais sobre identidades, sócio-construcionismo, subjetividades, estórias de vida, autobiografia, narrativas, masculinidades, mito, etc.

O universo militar no Brasil tem sido pouco pesquisado. Por esta razão, tal contexto sempre gerou uma série de questionamentos, dúvidas, conceitos e pré-conceitos, apartando e por vezes isolando grupos de seres humanos que igualmente riem e choram dentro de uma mesma sociedade. Pessoas que assim como quaisquer outras têm estórias para contar.

Castro (1990, 1995, 2000), antropólogo, oferece inúmeros trabalhos em que interpreta aspectos históricos e antropológicos do Exército Brasileiro. Ramundo (2003) tematiza sobre a assimetria hierárquica professor militar/ aluno militar em trabalhos sobre construção do conhecimento em sala de aula de língua estrangeira. Santos (2000) oferece questionamentos e visões sobre o papel das escolas militares na formação dos integrantes do Exército Brasileiro.

Em minha dissertação de mestrado (Bruno, 2005), intitulada "Discurso Pedagógico, prática de significação ideológica. Uma visão da construção de identidade em contexto educacional militar", abordo temas como identidade, ideologia, discurso institucional, discurso pedagógico, a fim de entender o processo pedagógico de construção de identidades subjacente às práticas lingüísticas da principal escola de formação de oficiais combatentes do Exército Brasileiro, a Academia Militar das Agulhas Negras.

O que minha pesquisa de doutorado traz de original é o fato de ser voltada para o entendimento da construção de identidade do militar combatente do Brasil sob seu próprio olhar, isto é, meus entendimentos serão elaborados mediante a voz dos pesquisados influenciados pelas vozes (Bakhtin, 1981) que ressoam em seus contextos, em face de suas próprias colocações, estórias, visões de mundo. Minha intenção é estudar o universo narrativo de militares combatentes, treinados para o conflito, preparados para enfrentar ambientes inóspitos e lidar com situações hostis e de ameaça à vida. Penso que tal universo narrativo ofereça matéria prima para um caminho de desmistificação do contexto militar, que pretendo ajudar a trilhar com esta e futuras pesquisas.

Meus estudos podem ser úteis, ainda, para o enriquecimento do processo de autoconhecimento dos integrantes da Força ao serem motivados a falar de si mesmos, gerando dados a serem recontextualizados em uma pesquisa acadêmica. Em momento oportuno, pretendo compartilhar os entendimentos a que puder chegar tanto com meus entrevistados quanto com demais integrantes da Força em exposições de minhas pesquisas em meu ambiente de trabalho.

Por se tratar de uma questão fundamentalmente social desenvolvida no cenário concreto da interação face-a-face optei pelo paradigma de pesquisa etnográfica de cunho interpretativista (Erickson, 1992) como sendo o mais adequado para abordá-la. Quando se procuram estudar fenômenos em que o ser humano é o principal agente, onde as interações entre esses diferentes agentes são complexas e os contextos diversificados, faz-se pertinente o recurso desse viés da abordagem etnográfica.

Considero também relevante a questão do viés etnográfico que minha pesquisa toma. Como detalharei mais à frente, na exposição de minha metodologia, realizo um trabalho etnográfico com determinadas peculiaridades. Sou militar, integrante do Exército Brasileiro. Pesquiso meus pares, companheiros

de farda, mas que constituem um sub-grupo específico, diverso do sub-grupo em que eu realizo minhas atividades profissionais cotidianas, embora pertençamos à macro comunidade interpretativa Exército Brasileiro.

Face ao exposto, este trabalho está estruturado da seguinte maneira. No Capítulo 2, fundamento teoricamente minha tese. Ao salientar a centralidade do discurso nas construções de sentidos entre seres humanos, devoto especial atenção às narrativas produzidas durante as interações. Entendo que as narrativas são uma forma de organização básica da experiência humana e da vida social como um todo (Bruner, 1990). Assim, entendendo a linguagem enquanto semiótica social (Halliday, 1978) e as narrativas como um lócus privilegiado donde se pode construir sentidos para o outro e para si mesmo, busco posicionar-me frente às formas de vida no universo onde atuam os pára-quedistas. Para tanto trato de conceitos como pós-modernidade, sócio-construcionismo, narrativas e construção de identidades.

No Capítulo 3 apresento a metodologia de pesquisa usada para desenvolver esta pesquisa, caracterizo o contexto e seus participantes.

As análises foram divididas em dois capítulos. No capítulo 4 dedico-me à análise das narrativas elaboradas durante as entrevistas tendo como foco principal determinadas categorias identitárias nativas propostas pelos próprios pára-quedistas. Tais categorias, como pude perceber nas análises, constituem aquilo que os pára-quedistas chamam de “mística pára-quedista” e se fazem presentes nas falas dos entrevistados. As narrativas elaborados sob o pano de fundo da mística pára-quedista mostraram ser o fundamento da construção autobiográfica do ‘pequedê²’.

No Capítulo 5, também dedicado à análise, trago à discussão determinados modelos sociais que percebi presentes nas falas dos pára-quedistas com quem conversei, a saber, o modelo do hegemônico masculino que traz a reboque questões como heroísmo, companheirismo, autoridade, hierarquia, a vivência e disseminação da doutrina etc.

O último capítulo é dedicado a tecer considerações finais, entendimentos e sugestões de prosseguimento de pesquisa.

² Pronúncia da sigla ‘pqdt’, referente a ‘pára-quedista’, habitualmente usada neste contexto em detrimento da articulação da palavra original.

2 Pressupostos Teóricos

“A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Paulo Freire)

Início, na seqüência, a delinear os pressupostos teóricos a partir dos quais referencio minhas interpretações e análises. Penso que seja importante tratar, em um momento inicial, da questão da pós-modernidade, contextualizando a pesquisa, a pesquisadora e os pesquisados em tempo e espaço.

Ao prosseguir o texto, discorro sobre socioconstrucionismo, idéia bastante consoante com as visões pós-modernas vigentes e com o próprio paradigma qualitativo-interpretativista adotado na pesquisa. A não-existência de verdades essenciais nos leva a pensar sobre significados e valores construídos e combinados socialmente, na esfera interacional. Valores socioconstruídos relacionam-se diretamente com a questão identitária, um dos pilares de minha pesquisa.

Passo, então, a expor idéias sobre a construção de identidades na pós-modernidade, entendendo identidade como construtos sociais, fluidos e híbridos.

Continuo o texto desenvolvendo a questão das identidades. Relaciono, assim, tal questão com os conceitos de entrevista e narrativa, os outros dois pilares desta pesquisa.

Sigo tratando mais detalhadamente do conceito de identidade, partindo de idéias de Goffman ([1963] 1988, [1959] 1975) sobre identidade social, identidade pessoal e então concentrando o olhar no aspecto da agentividade e da performance, que nos possibilita a sensação de um *self* singular, articulado socialmente.

2.1 Mundo pós-moderno

Ao realizar esta pesquisa tenho sempre em mente que qualquer visão ou interpretação dos dados que venho gerando devem muito considerar os tempos em

que nossas existências se dão. Vivemos em tempos em que as visões e interpretações estão banhadas pela pós-modernidade.

Pensemos um pouco sobre este mundo pós-moderno à luz de Hall (1999), Bauman (2005) e outros. Apesar de pairarem sobre o pós-moderno indagações e incertezas a respeito de seu início, suas características e abrangências, não há mais como negar que novos tempos, novos entendimentos, novos olhares sobre o ser humano já se fazem presentes nos campos de pesquisas. Trata-se de uma discussão que vai do social às ciências, da filosofia à literatura e demais humanidades, das artes ao folclore, da linguagem à comunicação, das teologias às ciências das religiões.

Vivemos em um mundo globalizado, sem distâncias, sem dia ou noite, sem intervalos. O advento da tecnologia nos proporciona informações, dados e imagens ininterruptamente de toda parte do planeta e até mesmo de planetas e astros vizinhos no espaço sideral. Vivemos no tempo em que a biociência e a tecnociência dão à luz o ser humano pós-orgânico, aquele que ultrapassa seus limites espaciais e temporais, não intimidado por sua condição humana. Os meios de comunicação de massa, a informática e a eletrônica dão espaço para o surgimento de rostos sem sujeitos e de sujeitos sem rostos, pessoas virtuais, que podem habitar lugares virtuais. Há uma verdadeira falange científica, tecnológica e comercial, adotando a idéia de Rifkin (apud Sibilia, 2002) tornando líquidos tudo e todos.

Bauman (2005) argumenta que o estado líquido é uma metáfora bastante pertinente para a sociedade, os seres e as relações pós-modernas. Líquido é tudo aquilo cuja forma é fluida, não fixando espaço, podendo ser mudada a qualquer instante. Líquida e fluida, o que conta para esta era é mesmo o tempo. Não há rigidez. Qualquer acontecimento só pode ser entendido se datado. 'Mudança' é a palavra de ordem. As sociedades pós-modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Na pós-modernidade, a instabilidade, o paradoxo e o dissenso prevalecem sobre as certezas. A errância faz-se fundadora do conjunto social.

Voltemos um rápido olhar para o combatente da pós-modernidade, que vive a instabilidade desses momentos, os pára-quedistas que estudo, homens treinados para enfrentar conflitos. Os pára-quedistas brasileiros integram uma sociedade líquida, onde identidades são multifacetadas e fronteiras geográficas, inexistentes.

Na época em que vivemos, tempo e lugar não constituem barreira ou impedimento nem mesmo para o combate. Fato é que a própria natureza da guerra faz-se outra. A mera possibilidade do emprego de uma nova tecnologia, por exemplo, funciona dissuadindo combates iminentes. A luta passa a ser virtual, imaginada a priori. Percebo que os militares combatentes com quem convivo, como quaisquer outros profissionais de nossos tempos, circulam, agem e interagem em diferentes contextos, seu lugar não é apenas a caserna ou a trincheira. O combatente pós-moderno também apresenta identidades múltiplas (pai?, marido?, filho?, profissional?, líder?, guerreiro?, religioso?, erudito?) enquanto em sua atuação profissional artefatos tecnológicos conferem a seu corpo poderes pós-orgânicos. Não há distinção radical entre *physis* e *techne* para este homem. O universo do combatente pós-moderno é volátil: pela manhã ele pode manejar com destreza obuses e granadas, ou ainda realizar um salto de pára-quedas em condições climáticas adversas, e ao final da tarde estar empurrando um carrinho de bebê pela calçada de seu bairro ou ainda dividindo afazeres domésticos com sua esposa.

Meus estudos voltam-se, assim, através de uma visão das narrativas elaboradas durante as interações enquanto um lócus importante donde o narrador e seu interactante constroem colaborativamente visões de mundo e de si próprios, para a compreensão das formas de vida no universo onde vive o pára-quedista da pós-modernidade e onde suas identidades são construídas. Pesquisadora e comunidade pesquisada são parte desta época em que contradições prevalecem sobre as certezas. Creio que este aspecto deva ser considerado por influenciar tanto os comportamentos evidenciados quanto os entendimentos construídos.

2.2 **Socioconstrucionismo**

Munida de questões ontológicas que abarcam dúvidas sobre a natureza da relação entre identidades individuais e coletivas, entre performances/agências criativas e moldes sociais, trago o enfoque socioconstrucionista (Moita Lopes, 2003; de Fina et alli, 2006) como referência para tais questões.

Adotar o enfoque socioconstrucionista implica entender o mundo social de forma não essencialista. Nada há em nossas existências que traga em si uma verdade essencial que corresponda biunivocamente a uma parte substancial da

realidade. Minha preocupação enquanto pesquisadora seria, então, encontrar, na esfera social, as várias facetas de um fenômeno – nesta pesquisa, identidades – que não pode ser explicado pela sua essência, justamente por não haver essência.

O conceito de verdade é entendido sob o ângulo da interpretação, e esta só é possível por meio da linguagem. Garagalza (2003: 72) salienta um pensamento de Wittgenstein: “Significados e valores não preexistem independentes da linguagem, constituem-se antes no interior de uma prática, de uma ‘forma de vida’, de um jogo lingüístico”. Valores, sentimentos e idéias são lingüisticamente constituídos, assim, cultura, visões de mundo e linguagem formam um todo inseparável. Logo, percebe-se que a linguagem desempenha um papel central na construção de sentidos no mundo que nos rodeia, haja vista serem os significados fabricações sociais que se dão na esfera do uso lingüístico, da intersubjetividade.

O ser, entendido sob a perspectiva pós-moderna, está sempre impregnado pela palavra, pela interpretação, não sendo nem sólido nem imóvel. Gadamer resume o vínculo indissociável entre linguagem, práticas sociais, posturas, sociedade: “O ser que pode ser compreendido é linguagem” (Gadamer, 1977:567).

2.3 Identidades socioconstruídas e pós-modernidade

Identidade, sob o enfoque socioconstrucionista, não é algo inerente às pessoas e nem um produto estável resultante de suas existências. Por vivermos tempos de pós-modernidade, onde o caráter de mudança pulsa fortemente, não poderíamos considerar as identidades como algo estanque, cristalino ou transcendente. Este trabalho considera as identidades como construtos relacionais, fluidos, híbridos, dinâmicos, contextuais, situados, multidimensionais, processuais, socioconstruídos (Schiffrin, 1993; Mishler, 1999; Giddens, 1991; Bauman, 1997, 2001; Bastos, 2005; entre outros).

Não há como excluir o papel do outro no processo de construção de identidades, alteridade é, neste ponto, um conceito fundamental a ser considerado (Bakhtin, 1981), isto é, nossas posturas e reações em relação àqueles com quem interagimos. Comungo da visão socioconstrucionista compartilhada por Hall (1999) que compreende as identidades culturais como tendo bases mutáveis, não

se mantendo da mesma forma ao longo do tempo. As identidades são vistas, assim, como fragmentadas, fraturadas, plurais, alteráveis, construídas de forma múltipla nas diversas práticas discursivas em que nos engajamos.

Como coloca Bauman (2005:21)

“... a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que esta luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.”

Do exposto, percebe-se que identidade é um processo de ocupação de lugares decorrente de situações e negociações interacionais, eminentemente sociais e que demandam trabalho discursivo. A identidade é uma prática, um construto social que se funda em práticas discursivas.

As práticas discursivas e as situações interacionais em que nos engajamos não se dão em um vácuo contextual, suas peculiaridades variam em conformidade com os contextos e enquadres (Tannen & Wallat, 2002) onde ocorrem. Qualquer análise lingüística deve considerar o contexto de onde as instanciações emanam (Erickson & Schultz, 2002). Conseqüentemente, ao analisar identidades, deve-se considerar que elas não são algo dado à posse, mas sim que dependem de situações interacionais específicas. Contextos interacionais oferecem uma gama de possibilidades ontológicas, possibilidades estas que não emanam naturalmente dos indivíduos, mas que advêm de processos sociais de negociação, exigindo assim trabalho discursivo, ou seja, o modo como se escolhe usar a linguagem em contextos diversos, e ainda no mesmo contexto, é determinante das identidades que construímos.

Assim entendo o aspecto performático (Bastos, 2004, 2005; Bastos e Oliveira, 2006; Butler 2005; Mishler, 1999; Bulcholtz & Hall, 2003) das identidades. Percebe-se que as identidades que os indivíduos assumem em suas práticas sociais não dependem apenas de aplicarem aos outros e a si mesmos categorias pré-estabelecidas de exclusão ou afiliações a grupos e suas práticas e atividades rotineiras. Segundo Bucholtz and Hall (2003:371) “quando indivíduos decidem se organizar em um grupo, eles o fazem não mediante similaridades pré-existentes e reconhecidas, mas sim mediante agência e poder”. Neste caso, identidades não são entendidas como meramente representadas nos discursos, mas

sim como desempenhadas e corporificadas através de uma gama de meios lingüísticos e não-lingüísticos, do que se conclui, mais uma vez, que pertencer a um grupo ou a uma categoria social não pressupõe nenhuma predisposição natural de seus integrantes, há que se trabalhar. Lembro-me aqui de uma frase bastante proferida no meio militar que me parece ressoar o aspecto performático das identidades: “Não basta ser, você tem que parecer ser”. Performance e posicionamento (Bamberg, 2002) serão palavras-chaves em minhas análises.

Não havendo essência a ser buscada, cabe ao analista demonstrar como as identidades são construídas, reproduzidas, negociadas por meio da linguagem e como elas são dadas à luz por meio da interação social e práticas lingüísticas em que as pessoas se engajam. Ofereço uma possibilidade de análise das identidades construídas pelos pára-quedistas e de como eles elaboram as relações entre identidades individual e social ao interpretar suas performances interacionais com foco especial nas narrativas em situação de entrevista face à pesquisadora.

2.4

Entrevistas e construção de identidades

Os dados interpretados neste trabalho foram gerados em entrevistas. O pensamento que desenvolvo a seguir contribui para justificar a entrevista como pertinente técnica de geração de dados para o trabalho onde o que se busca é investigar o processo de construção de identidades desenvolvido pelos pára-quedistas entrevistados. No capítulo dedicado à exposição da metodologia aplicada à pesquisa abordo o tema ‘entrevistas’ sob uma perspectiva mais detalhada.

Toda sociedade é formada de indivíduos. Por mais que seus membros compartilhem vivências e significados como um grupo coeso, e mesmo sendo qualquer grupo “uma unidade maior do que a soma de suas partes” (Durkheim, [1895]1966, apud Schiffrim, 2006:107) não há como fugir à visão de que o grupo é o resultado da união de suas partes, uma tropa é constituída por pessoas, uma a uma. Enquanto pesquisadora, quanto mais eu me aproximo da coletividade, mais intrigada me ponho sobre as singularidades de seus componentes. A idéia de entender como, em meio às forças identitárias do grupo, cada indivíduo manifesta e constrói sua noção de *self* está fortemente presente em meus questionamentos.

Mas esta curiosidade não me entorpece a ponto de considerar os dois termos simples opostos e me fazer partir para as análises das entrevistas com a idéia de que “o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas, concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes” (Elias, 1994:7).

Apoiando meus pensamentos em Elias (ibidem), entendo que não há ser humano singular, uma entidade que viva em completo isolamento. Por outro lado, uma coletividade não é apenas o somatório de muitos indivíduos e nem tampouco uma entidade que exista para além dos indivíduos. Acredito que minha pesquisa, baseada na análise de narrativas elaboradas durante interações em entrevistas, possa oferecer uma contribuição para este paradoxo ao preconizar as práticas discursivas, em especial as narrativas, banhadas das ideologias (Fairclough, 1992), como terra fértil que faz florescer performances de identidades e visões de *self* em resposta aos valores vigentes.

O sentido das práticas sociais do cotidiano dos pára-quedistas estudados se faz em interface com os valores e crenças compartilhados e negociados em suas interações. Isto implica reconhecê-los enquanto uma comunidade semiótica, uma comunidade interpretativa (Fish, 1976) isto é, como usuários de um código semântico, capazes de usar a ‘gramática’ de seu sistema semiótico para agir no mundo, construindo sentidos para suas práticas em geral, sentidos para suas existências, concordando ou discordando dos sentidos vigentes, mantendo ou modificando seu próprio código.

No site oficial da Brigada de Infantaria Pára-quedista (www.bdainfpqdt.eb.br), onde se pode ouvir a voz institucional, lê-se a seguinte colocação identitária. Esta colocação, que pretende brevemente descrever a tropa pára-quedista, evidencia quais características valorizadas institucionalmente contribuem para constituir a identidade do grupo:

“A tropa pára-quedista, inteiramente formada por voluntários, tem como características: a coragem, a agressividade no combate, a determinação no cumprimento da missão, a resistência física e a camaradagem. Tais elementos forjam a mística pára-quedista, cultuada no dia-a-dia da caserna e materializada nos símbolos inconfundíveis de nossa tropa: o brevê prateado, o “boot” marrom e a boina bordô”.

A própria idéia de serem ‘voluntários’, como expresso no *site*, implica a possibilidade de pensá-los como seres agentes e atuantes, como pessoas que manifestam intenções, ações, escolhas e, por isso, passíveis de propor mudanças nas ordens semióticas vigentes, criando definições genuínas para quem são e para suas afiliações.

Penso que para entendermos tais sentidos e formalizá-los em uma pesquisa acadêmica, faz-se necessário ouvir essas pessoas, faz-se mister que elas se expressem, que suas vozes sejam consideradas. Antes que qualquer interpretação, crítica ou comentário seja emitido acerca da cultura que compartilham, é preciso pensar sobre o ponto de vista dos membros do grupo, sobre os valores considerados, suas ideologias, e, principalmente, como e até que ponto os membros do grupo se servem de tais questões para se constituírem como sociedade e como indivíduos. Penso que as entrevistas possam ser usadas nesta intenção.

2.5 Narrativas e construção de identidades

"Minha experiência não pode se transformar diretamente na sua experiência... Ainda assim, algo passa de mim para você... Este algo não é a experiência assim como foi vivida, é, porém, o sentido". (Paul Ricoeur)

Dentre os portais de investigação social proporcionados pela análise de entrevistas, devoto, neste trabalho, especial atenção às narrativas produzidas por meus interactantes.

Apoiada, inicialmente, em autores como Labov (1972) e Bruner & Wiesserer ([1991] 1995), vejo a narrativa como um método de recapitular experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações ordenadas em seqüência temporal com uma seqüência de eventos que (infere-se) ocorreram. O fato de tais orações tratarem de acontecimentos específicos, estarem intencional e arbitrariamente ordenadas em seqüência temporal, além de terem um ponto e de possuírem a qualidade de reportabilidade, confere a tal conjunto o perfil de narrativas (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972).

Considerarei, ainda em Labov, os elementos estruturais da narrativa, obrigatórios ou não, tais como resumo inicial, orientações, ação complicadora,

resolução, avaliação, ponto e coda. Penso que utilizar a noção de tais elementos em um primeiro olhar sobre as narrativas possa organizar, estruturar e embasar meu olhar de investigadora. Observando a estrutura das narrativas, considerarei a negociação do significado social da história contada, principalmente mediante a análise do ponto e das avaliações. Os elementos da narrativa serão relacionados com questões como o ordinário, o canônico, o extraordinário (Bruner, 1990; Sacks, 1984) ao entender as narrativas como “construções situadas da experiência, através das quais organizamos essa experiência individual e mantemos a ordem social” (Bastos, 2005).

Inspirada por Bastos (2008), para as análises das narrativas elaboradas durante as entrevistas, utilizarei uma visão crítica do modelo de Labov, conjugada com uma abordagem interacional do discurso (Gumperz, 1982). Serão usados alguns termos do vocabulário laboviano tradicional, assim como avaliação, orientação, ponto, ação complicadora, narrativa mínima. Saliento, porém que a idéia de narrativa que orienta minha pesquisa não se restringe à visão laboviana canônica. A concepção de narrativa em que me fio aproxima-se do que Goffman propõe.

“Em resumo, falar costuma envolver o relato de um evento –passado, corrente, condicional ou futuro, contendo uma figura humana ou não – e esse relato não precisa ser, mas comumente é, apresentado como algo a ser re-experimentado, a ser saboreado, a ser elaborado, ou qualquer outra ação que o apresentador espera que seu pequeno show induza a audiência a experimentar” (Goffman, 1974: 506).

Assim, ampliando a visão laboviana de entender as narrativas como uma representação daquilo que aconteceu, considero as idéias de Bruner (1990) ao perceber as narrativas como a forma de organização básica e construção da experiência humana, da vida social de maneira geral. A narrativa mostra-se um *locus* privilegiado para construir e entender o mundo que nos cerca (Bastos, 2004: 120), portanto, lanço meu olhar sobre as narrativas como recontagens seletivas e contextualizadas, guiadas pelo filtro de nossas emoções, de lembranças de eventos (Bastos, 2005: 80), compreendendo-as como um fator de construção do social, de construção de significados tanto para o mundo que nos cerca quanto para nossas próprias identidades. É importante notar também que as narrativas podem estar camufladas nas falas e não apresentarem-se da forma canônica primeiramente

proposta por Labov (e Waletzky, 1967; Labov, 1972) . Muitas vezes uma breve referência a uma estória, mesmo que a estória não seja narrada em detalhes, pode funcionar como um importante ícone de construção de sentidos para a interação como um todo, principalmente quando o que se busca é construir facetas de identidades. Georgakopoulou (2006:123) sugere o termo pequenas estórias, retomado por Bastos (2008) que funciona como um termo guarda chuva para se referir a uma gama de atividades narrativas tais como, breves referências a outros eventos quando uma narrativa principal já está em curso, eventos futuros ou hipotéticos, menção a eventos de conhecimentos compartilhados entre os interactantes, breves alusões a eventos narrativos e mesmo recusa em narrar determinado evento.

A questão de selecionarmos acontecimentos, relacionando-os a fim de falarmos sobre nossas experiências vivenciadas, ou mesmo hipotéticas, ao dirigirmos nossas falas para uma audiência determinada em um contexto específico, ou seja, a criação do universo narrativo (tempo, lugar, pessoas, eventos), pode nos possibilitar transformar nossas lembranças, solidificar certas interpretações e modos de relatá-las, além de permitir que o narrador da história seja interpretado à luz das representações que ele próprio articula, isto é, de sua performance identitária. Segundo Bastos (2005), ao criarmos esses universos narrativos, nos posicionamos em relação a esses personagens, cenários e ações. Como coloca Riessman (1993:2) “indivíduos constroem eventos passados e ações em narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas”.

Uma vez que, através deste estudo, ofereço pesquisar o jogo interacional e identitário onde figura a socioconstrução das subjetividades no processo de construção da identidade do militar pára-quedista do Exército Brasileiro, interessam-me principalmente as estórias em que o narrador constrói um cenário para falar sobre si mesmo. Neste ponto busco suporte, uma vez mais, nos estudos pioneiros de Labov que entendem as narrativas de experiências pessoais como as mais ricas em termos de avaliações e por funcionarem na apresentação de uma imagem do narrador.

Busco apoio também em Linde (1993) no que diz respeito ao conceito de histórias de vida por funcionarem na criação e manutenção de identidades. Ao contarem suas histórias de vida, os narradores relatam eventos que ilustram, na visão deles, como se tornaram o que são. Este aspecto é de suma importância para

que eu, enquanto pesquisadora, possa entender a visão do militar pára-quedista sobre seu próprio contexto profissional, suas atividades diárias, suas funções na caserna, os valores e ideologias considerados traçando através de seus posicionamentos e performances discursivos uma identidade tanto para si quanto para o mundo social de que faz parte. Enfim, penso que o universo narrativo construído pelos participantes da pesquisa seja campo suficientemente fértil para uma compreensão de como tais pessoas constroem suas autobiografias mediante a gramática social que compartilham.

No que tange à tal gramática, isto é, os valores e ideologias oferecidos como fundantes de visões e interpretações de mundo, farei referências aos entendimentos aos quais pude chegar em minha pesquisa de mestrado (Bruno, 2005), haja vista todos os militares entrevistados nesta pesquisa terem cursado, antes de sua especialização pára-quedista, a mesma escola de formação, a Academia Militar das Agulhas Negras. No trabalho intitulado “Discurso Pedagógico: prática de significação ideológica. Uma visão da construção de identidades em contexto educacional militar”, ofereço uma interpretação sobre as intenções da escola de formação no que se refere à construção de identidades de seus alunos a partir da análise de práticas discursivas entendidas como a materialização do discurso pedagógico institucional.

Penso que as ideologias vivenciadas na Brigada Pára-quedista estejam fortemente relacionadas com os valores veiculados no discurso pedagógico da escola de onde tais pára-quedistas são oriundos. Analisando as narrativas pessoais de integrantes da tropa de infantaria pára-quedista penso ser possível oferecer interpretações acerca de como as identidades são construídas no jogo envolvendo indivíduos (suas experiências, reflexões pessoais) e as ideologias e códigos semióticos valorizados na cultura a que pertencem.

Como coloca Bruner (1990), a narrativa pode funcionar como mediadora entre o mundo canônico da cultura e o mundo mais idiossincrático dos desejos e esperanças. Se nossas narrativas, lembranças de eventos e histórias de vida são percoladas por nossos filtros afetivos (Bastos, 2005), isto é, nossas emoções, penso que seja bem possível um mergulho no mundo narrativo do entrevistado como uma tentativa de deixar falar o idiossincrático, uma tentativa de ler o subjetivo, o individual, o autobiográfico construído socialmente.

A seguir, motivada por aquilo que Bruner trata por ‘mundo canônico da cultura’ e ‘mundo idiossincrático dos desejos e esperanças’, fio-me inicialmente em Sewell Jr (1999) para discorrer sobre o conceito de cultura. Em seguida, apoiando-me em Gubrium & Holstein (2000) e Goffman ([1963] 1988, [1959] 1975), trato dos conceitos de identidade social, identidade pessoal e identidade do *self*. Penso que abordar tais conceitos seja importante uma vez que pretendo dar atenção à relação entre a gramática social compartilhada pelos pára-quedistas e seus processos autobiográficos de construção de identidade do *self*, isto é, o jogo envolvendo agência individual e contexto social.

2.6

Grupo, coletividade, comunidade e identidade social

Proponho um primeiro passo rumo à longa caminhada que tenho pela frente: organizar o que pretendo entender como um grupo, uma comunidade, afinal, foi a aproximação de um pelotão em marcha, um grupo de soldados emassados que me fez levantar os primeiros questionamentos desta pesquisa. Assim, proponho colocações gerais a respeito dos conceitos de ‘grupo’, ‘coletividades’, ‘comunidades’, ‘sociedades’, mediante as quais trabalharei.

Entendo a coletividade formada pelos pára-quedistas do Exército Brasileiro sob a ótica do conceito de ‘cultura’ proposto por Sewell Jr (1999:47). Segundo este autor, ‘cultura’ refere-se a uma esfera de atividades práticas desempenhadas por uma coletividade (animadas por ações, performances, relações de poder, luta, contradições e mudança) cujos sentidos e propósitos advém de um sistema de valores, de significados, interpretações e símbolos compartilhados pelos seus membros e que os constituem como um grupo.

Podemos compreender a proposta da Brigada de Infantaria Pára-quedista citada anteriormente no item 2.4 deste trabalho com base no conceito de cultura elaborado por Sewell Jr.. A prática de atividades em comum e ações em conjunto (‘cumprimento da missão’) contribuem para uma noção de coletividade que comunga dos mesmos ideais (‘cultuada no dia-a-dia da caserna’) e que vivencia um código semiótico, filtro de suas interpretações (‘mística pára-quedista’, ‘materializada nos símbolos inconfundíveis’)

Assim, ‘sistema de significados’ e ‘prática’ constituem uma dualidade indissolúvel, uma dialética harmônica, o que nos possibilita entender o conceito ‘cultura’ enquanto “a dimensão semiótica das práticas sociais humanas em geral” (ibidem:48) ou ainda “uma rede de relações semióticas difundidas em sociedade” (ibidem:49). A coletividade de pára-quadristas alvo deste estudo constitui uma comunidade de prática (Wenger, 1998) que desenvolve suas próprias rotinas, rituais, símbolos e convenções enquanto negocia sentidos para tais experiências. Este grupo vivencia, portanto, uma cultura.

Gubrium & Holstein (2000:13) comentam que ao conduzirmos nossas vidas, freqüentamos, integramos, circulamos e manifestamos afiliações por um sem número de comunidades em busca de identidades. Trabalhamos em instituições ou organizações, estudamos em escolas, retornamos ao final da jornada de trabalho para a família, manifestamos nossa espiritualidade em uma gama de diferentes templos, compartilhamos nossos problemas em grupos de auto-ajuda, trabalhamos músculos em academias, buscamos divertimentos em clubes, aulas de dança, grupos de passeios, excursões, a ‘turma’ de amigos. Enfim, passamos a vida inteira afiliando-nos a grupos de convivência.

Cada um desses contextos prega, vivencia e admite idéias mais ou menos diversas dos outros. São instituições sociais com modos particulares de oferecer valores e assuntos de relevância para seus participantes, disponibilizando diferentes sentidos para quem somos, fomos ou podemos ser, isto é, oferecendo identidades. Ao agirmos e interagirmos imersos nos interesses dessas ecologias, usamos os códigos semióticos vivenciados comunitariamente para construir as identidades sociais e pessoais que queremos evidenciar e seguirmos nossas vidas sendo considerados e aceitos normais dentro daquelas circunstâncias.

Desta forma, segundo Goffman ([1963] 1988, [1959] 1975), a condição crítica para nos tornarmos membros de uma dada comunidade diz respeito ao desenvolvimento de conhecimentos e comportamentos esperados de alguém que ocupe uma determinada posição social na referida comunidade. Criamos um repertório dos padrões de comportamentos aceitáveis e esperados ao interagirmos com os demais membros e observarmos de forma generalizada os padrões de comportamento daqueles envolvidos no mesmo processo e passamos, então, a nos fiar em tal repertório como “o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1963:11) para

agirmos no grupo. Devemos preencher exigências normativas para representar e traçar nossas identidades sociais consoantes com os grupos dos quais somos parte.

Vivenciar uma cultura, ser parte dela, de seus processos, eventos, práticas e linguagens faz do ser humano um ser social, um ser que manifesta identidades sociais construídas na interdependência do ‘outro’ já que o ‘outro’ é entendido por Goffman como um microcosmo da sociedade.

2.7

Identidade pessoal

Em Estigma, Goffman apresenta, no entanto, uma outra forma de olharmos para a identidade social ao trazê-la para “um plano mais pessoal” (ibidem [1963] 1988:62). A imagem que faço é como se posicionássemos uma lupa sobre um grupo em questão. Sem deixar de entender o objeto alvo de atenção como um grupo, a lente de aumento nos levará a focalizar não mais o grupo como um todo, mas agora cada um de seus componentes, individualmente, como seres únicos, destacados de seu grupo ao mesmo tempo em que pertencem a ele. Cada um desses seres apresenta uma identidade pessoal, isto é,

“a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, cada um pode se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos” (ibidem:67)

Ao nos aproximarmos da intimidade dos outros, a idéia de categorizá-los não somente mediante seus padrões comportamentais grupais, mas também como seres portadores de unicidade é bastante lógica. A começar pelos traços físicos, mesmo os gêmeos chamados idênticos, todos os seres humanos diferem-se entre si. E daqui poderíamos desfiar um rosário de características, ‘marcas positivas’ ou ‘apoio de identidade’, para usar termos de Goffman (ibidem:67), que agem diferenciando cada membro de um mesmo grupo: nomes, filiações, habilidades, impressões digitais, características físicas, atributos biológicos imutáveis, itens que são registrados de maneira permanente (certidão de nascimento, números da carteira de identidade). Todos esses são meios eficazes de tornar diferentes os

indivíduos de um mesmo grupo. Percebe-se, então que a identidade pessoal dá-se ao registro e à documentação.

Além disso, lógico também é que cada um dos membros de um grupo seja visto como a combinação única e distinta de itens, fatos, acontecimentos e marcas pessoais que constituem sua própria história de vida. Cada um dos membros do grupo traz consigo uma história, experiências, vivências, enfim, um trajeto antropológico distinto dos demais parceiros, o que acaba por defini-lo e diferenciá-lo de qualquer outra pessoa, contribuindo no traçado de sua identidade pessoal.

Devo salientar ainda que, segundo Goffman (ibidem:67) “a identidade pessoal desempenha um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social, justamente devido a sua unicidade”. A identidade pessoal está implícita na social, agindo subsidiada por informações sociais e, à luz do que ocorre com a identidade social, imputa “nítidas limitações à maneira como um indivíduo pode escolher para se apresentar” (ibidem:72). Por exemplo, não é socialmente facultado a um militar fardado que se apresente como funcionário civil de uma determinada empresa sem que isso cause, no mínimo, estranheza.

Além de limitar o modo como um indivíduo escolhe se apresentar socialmente, a identidade pessoal, assim como a social, não requer necessariamente nenhuma sensação de identidade ou sentimento de subjetividade por parte do indivíduo cuja identidade está em voga. Segundo Goffman (ibidem:116),

“As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. No caso da identidade pessoal, esses interesses e definições podem surgir antes mesmo de o indivíduo nascer e continuam depois dele haver sido enterrado, existindo, então, em épocas em que o próprio indivíduo não pode ter nenhuma sensação, inclusive as sensações de identidade”.

Até então tenho falado de um indivíduo pertencente a um ou mais grupos sociais, que corresponde a expectativas comportamentais de tais grupos e cuja identidade pessoal é passível de estar registrada quer em documentos pessoais, quer na memória das pessoas com quem convive. Tenho falado de “uma entidade sobre a qual se pode estruturar uma história. (...) Ele é certamente um objeto para biografia” (ibidem:73). Sua vida, além de estar documentada, pode ser contada,

escrita e inscrita de forma biográfica, sujeita à construção retrospectiva por parte de um biógrafo, não sendo seus sentimentos sequer necessários.

Enquanto objeto de biografia, trataríamos de um indivíduo radicalizado enquanto mero produto da vida em sociedade. Estaríamos arriscando compreendê-lo enquanto um receptáculo de idéias e valores, uma manifestação identitária totalmente constrangida e determinada pelo meio social, enfim, uma disciplinada marionete social, termo proposto por Gubrium & Holstein (2000:5). Seria a visão de um indivíduo que procura desesperadamente, em meio a tantas ofertas identitárias promovidas por agrupamentos e interações sociais, corresponder a expectativas e apelos externos, aceitando as imposições identitárias, quaisquer que sejam, feitas pelas pontas de baionetas sociais.

Resgato uma vez mais uma imagem proposta anteriormente. Pensemos novamente na imagem da lupa posicionada sobre um grupo em questão. Em um primeiro momento, a lente de aumento da lupa faz ressaltar, em meio às identidades sociais que emanam de agrupamentos, identidades pessoais, isto é, podemos focalizar cada indivíduo de um grupo reconhecendo-o como um ser distinto dos outros. Todavia, se a lupa possuir uma lente de aumento bastante potente, nos será oferecida uma visão renovada desses indivíduos. Uma visão que os distancie das marionetes ou dos robôs programáveis e os aproxime da visão socioconstrucionista, sobre a qual discorri anteriormente. Seria uma visão de seres que vivem uma batalha diária, em meio ao fogo cruzado de aceitar e rejeitar uma gama de exigências sociais em suas vidas cotidianas. Afinal, estamos falando de gente de carne e osso, gente que transpira, que ri e chora, gente que fala e narra!

Creio que um ajuste de foco, tanto na questão da representação dos papéis sociais quanto no gerenciamento das informações sociais que nutrem as identidades pessoais, possa nos levar a pensar acerca de domínios, em cada um desses indivíduos, que tratem de um certo sentido “de interioridade, liberdade, individualidade e de estar mergulhado em uma natureza” (Taylor, 2005:9). É sobre a questão da agentividade que trato a seguir.

2.8 Identidade e agência

Goffman ([1963] 1988, [1959] 1975) diz ser possível encontrar um meio termo, um lugar para as identidades nem tanto transcendentais, nem tanto meras sombras sociais. Como já exposto, as normas relativas à identidade social referem-se aos tipos de repertórios de papéis ou perfis que qualquer indivíduo pode sustentar. Desta feita, desde que o indivíduo possa habilmente agir e se comportar conforme um membro do grupo, assim será considerado. Ele pode até mesmo conseguir parecer ser, mas consciente de estar apenas interpretando um papel. Tal ação pode perfeitamente ser intencional, contudo sendo intencional ou não, há sempre agência por parte do indivíduo que representa tais papéis.

Corroborando com a questão da agentividade, a identidade pessoal está sujeita ao tipo de controle de informação que o indivíduo pode exercer com propriedade. Cada indivíduo pode, em maior ou menor grau, manipular as informações pessoais a seu respeito, controlando, de certa forma, a faceta de sua identidade pessoal que deseja apresentar. Por exemplo, um combatente pára-quedista, ao precisar se identificar em uma situação cotidiana qualquer, pode optar por apresentar sua carteira de identidade civil, resguardando-se de possíveis rótulos que lhe podem ser imputados dada sua profissão.

A questão da agentividade evidencia o indivíduo como responsável, também, pelas identidades sociais e pessoais que escolhe, pretende, é impelido ou prefere representar perante o outro em cada situação. Gubrium & Holstein (2000:13) argumentam que identidades não saltam ou surgem, simplesmente, das interações sociais. Ao entendermos este indivíduo sob o ângulo dos papéis sociais que ele pode representar (Goffman, [1959] 1975:75), no afã de construir-se identidades tornando sua vida significativa e satisfatória, notamos que os atributos de unicidade, coerência e articulação identitárias, mencionados quando tratei da idéia de identidade pessoal, não se fazem valer. Este indivíduo agente pode apresentar uma multiplicidade de identidades, contraditórias, desarticuladas, sustentando e experimentando identidades bem diversas e mesmo pretendendo que não é mais algo que já havia sido.

E aqui está o ponto da questão que pretendo abordar quando tratar das identidades evidenciadas pelos pára-quedistas de minha pesquisa e do jogo lingüístico elaborado por esses homens ao manejarem-se ativos em meio a

identidades sociais e pessoais. Tratarei das identidades construídas no jogo lingüístico singular elaborado por cada uma dessas pessoas, ao interagirem com a pesquisadora e narrarem suas histórias. Neste jogo, cada enunciação dos interactantes será ouvida como produto de relações dialógicas (Bakhtin, [1979] 1981) que oferecem uma multiplicidade de identidades àquele que fala, que narra. Entendo que este jogo possa ser visto como um exemplo de uma interação cotidiana, como inúmeras outras em que esses homens se engajam, que os faz experimentar a sensação de ser alguém e de entenderem suas vidas como dignas de serem vividas. Acrescento que para entender aquilo que se passa em um dado contexto, isto é, na seara do ‘situado’, há que se considerar a cultura, a ecologia que nutre o sentido das enunciações.

Passo, a seguir, a abordar o conceito de *self* no intuito de tratar dos componentes expressivo e subjetivo daqueles que se constroem identidades.

2.9 Self

Proponho uma idéia inicial sobre a noção de um *self* subjetivo que, sem muito requinte, cada um de nós traz. Mesmo antes que os hormônios da adolescência nos levem a duvidar de nosso ‘eu’ verdadeiro por trás dos muitos papéis sociais que representamos, e sem que tenhamos, como Descartes, que elaborar sofisticados pensamentos filosóficos no *cogito* acerca de nossas existências, ou ainda antes de sermos levados a situações extremadas que nos façam proferir, atormentados, algo parecido com o “ser ou não ser” como fez o Hamlet de Shakespeare, cada um de nós sabe que existe.

Dentro da ingenuidade apresentada acima, entendemo-nos como seres que agem no espaço e no tempo, de forma causal e contínua, sentindo-nos como um ‘ser-eu’. Eu sei, sem grandes sofisticações filosóficas, que eu posso fazer algumas coisas acontecerem a minha volta e que quando faço, sou eu que faço. Sei, talvez pouco refinadamente, que eu sou um ser fisicamente separado dos outros que por sua vez também têm sua própria noção do ‘ser-eu’.

A maioria das pessoas nutre, intuitivamente, um senso de *self*, ou seja, existe uma noção básica de que existimos como pessoas com algum controle e autonomia de ação no mundo. No entanto, esta noção preliminar não salienta a

condição humana de qualificar, valorizar e atribuir significados ao mundo a sua volta, questionando-se e tomando alguma posição no âmbito dessas indagações.

Gulbriun & Hostein (2000:10) salientam que é difícil negar que esta entidade social, o *self*, seja algo em direção ao qual nos voltamos. Falamos de seus interesses ao estabelecermos objetivos pessoais, ou quando planejamos ações e metas a serem atingidas. O *self* é ainda uma entidade de onde parecemos agir, fornecendo motivação e justificativas para o que fazemos e falamos.

No intuito de conferir à idéia de *self* um aspecto mais digno de seres humanos que cogitam, indagam, duvidam e posicionam-se, retomo a metáfora da representação teatral proposta por Goffman. Segundo ele ([1959] 1975:230) a sensação de ser vem da performance sociointeracional, do desempenho de papéis sociais, do trabalho em função da imagem que se quer sustentar, quer vejamos este indivíduo

“como ator, um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação, [quer o vejamos] como um personagem, como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar” (Goffman, [1959] 1975:231).

Tão rico jogo identitário permite a este indivíduo, mediante as respostas recebidas da platéia para quem atua, sensações ontológicas e sentimentos existenciais. Sentimentos e sensações estes que não são necessariamente oferecidos em manifestações de identidades sociais ou pessoais, visto que essas não exigem nem mesmo que o indivíduo a quem se atribui esta ou aquela identidade exista efetivamente. Quantas vezes atribuímos identidades pessoais, por exemplo, a bebês que sequer foram gerados? Ou ainda a pessoas ou grupos inteiros que já morreram?

Desempenhar identidades implica vivê-las, em corporificá-la, em experimentá-las. E é esta ação viva e pulsante que nos confere, segundo Goffman ([1963] 1988), a sensação de um *self*, isto é, “o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais” (ibidem:116).

Ao interpretarmos papéis sociais legitimados nos grupos a que pertencemos e banhados em códigos semióticos, valores e ideologias, somos recompensados com a possibilidade de construir nossas identidades. Assim,

“[a] própria obrigação e a vantagem de aparecer sempre sob um prisma moral constante, de ser um personagem socializado, forçam o indivíduo a ser a espécie de pessoa que é representada no palco” (ibidem[1959] 1975:230).

Apoio meu argumento em duas palavras da citação acima: ‘obrigação’ e ‘vantagem’. Quanto à obrigação, esta nos é imposta socialmente. A sociedade exige que cada um se limite às ações do papel social que interpreta em cada momento. É assim que julgamos e somos julgados normais, aceitamos e somos aceitos como parte dos contextos que freqüentamos. “Há realmente muitas precauções para aprisionar um homem naquilo que ele é, como se vivêssemos com o perpétuo receio de que possa escapar do que é, possa fugir e de repente ver-se livre da própria condição” (Sartre apud Goffman, [1959] 1975:75). Penso que exigir padrões de comportamento social nos dará a certeza, o conforto e a estabilidade de saber quem é o outro e conseqüentemente quem somos nós.

Acerca da vantagem advinda da encenação, ainda que toda a encenação possa parecer um jogo, representando afiliações, valores e orientações morais, o que fazemos de fato, é encenarmos a nós mesmos, somos nossos próprios papéis, não estamos livres de nossa própria condição, como Sartre coloca. É a encenação que nos possibilita a sensação de um *self* porque é através dela que podemos evidenciar em que posição estamos, definindo-nos, interpretando-nos, compreendendo-nos. Segundo Goffman (ibidem:231)

“este *self* é um produto de uma cena que se verificou, e não uma causa dela. O *self*, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado”.

Goffman (ibidem:231, 232) complementa que os meios para produzir e manter os *self's* não se encontram no indivíduo que os encenam, visto que este *self* não é dado à posse. Os meios para se produzir e manter o *self* encontram-se entranhados na rede semiótica das instituições sociais onde ele é encenado.

“Haverá uma equipe de pessoas cuja atividade no palco junto com os suportes disponíveis construirá a cena da qual emergirá o *self* do personagem representado, e outra equipe, a platéia, cuja atividade interpretativa será necessária para esse surgimento. O *self* é um produto de todos esses arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese”.

Destarte, alteridade, interação, intersubjetividade, dialogismo e prática são palavras-chaves quando o que se quer é interpretar o *self*. Em turbilhões interacionais e interpretativos, atuamos, agimos e desempenhamos atitudes morais e ideológicas (Goffman, [1959] 1975:230; Harré, 2001). A noção de *self* que o vincula a nossa pulsão por identidade pretende apreender esta característica crucial do agir humano, a de que não podemos ser nada ou ninguém sem que filiamo-nos a valores e ideologias ao interagirmos socialmente. Como já procurei evidenciar anteriormente, em tempos líquidos de pós-modernidade não há espaço para entender identidade como uma plataforma de essências de onde conceitos e julgamentos emanam e transcendem o convívio e as interações sociais.

Gubrium & Holstein (2000:13) salientam, ainda, que se o *self* não é entendido como um mero recipiente, não há como ele ser saturado ou transbordar. A idéia de *self* que venho traçando permite que ele seja construído diversificadamente conforme entendimentos locais e situados daquilo que nos convém hora ou outra ou daquilo que condiciona nossas vidas. A construção de *self's* múltiplos que emerge em diferentes contextos é bastante útil aos propósitos interpessoais dos complexos contextos sociais pós-modernos. Melhor seria referir-se a este construto como *selves*, sempre no plural, já que plural e multifacetado é o tempo em que vivemos.

Somente mediante as posições que ocupamos, podemos, então, dizer que somos (ainda que momentaneamente) um *self*, “ser um *self* é uma questão de como as coisas importam para nós” (Taylor, 2005:52). E como argumentei anteriormente, ‘como as coisas importam para nós’ diz respeito a valores construídos lingüisticamente.

Assim sendo, ao partir para as análises dos dados gerados ao longo das entrevistas que realizei, o foco principal será a análise dos processos lingüístico-discursivos enunciados pelas narrativas de construção de identidades. A pergunta mais genérica é ‘Quem é esta pessoa?’, para a qual respostas como nome e genealogia não bastam mais. O que me responderá esta pergunta é o entendimento daquilo que tem importância, daquilo que faz diferença para aquele que narra, para aquele que se constrói e representa um *self* por meio de suas histórias e dos posicionamentos que assume mediante a cultura em que está imerso. As respostas à indagação ‘Quem?’ situam o respondente “como interlocutor potencial numa sociedade de interlocutores” (Taylor, 2005:46), construindo-o como um indivíduo

que se qualifica por apresentar pontos de vista e poder falar de si ao dialogar com as ideologias e valores nutridos em sua sociedade. Penso que desta forma, ‘socioconstrucionismo’ e ‘identidade de *self*’ possam conviver nas mesmas palavras, nas mesmas páginas, nas mesmas narrativas.

3

Aspectos metodológicos

“O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador.” (Minayo, 1994:16).

Início este capítulo com uma exposição geral sobre as orientações teórico-metodológicas que nortearam meu pensar investigativo. Passo, então, a descrever o contexto de pesquisa e seus participantes. Num momento seguinte, abordo o corpus de dados, sua composição e os textos analisados para concluir o capítulo com os procedimentos adotados durante as análises.

3.1

Orientações teórico-metodológicas

A convicção da abordagem que nós, pesquisadores, adotamos quanto ao paradigma de pesquisa que desenvolvemos é fundamental para que nossas vozes e os resultados de nossas pesquisas sejam legitimados, confiáveis e, conseqüentemente mais úteis. Além disso, a forma como escolhemos abordar nossas questões, os métodos de pesquisa que buscamos, os métodos de gerar dados que escolhemos dizem muito sobre nossas perspectivas em relação à natureza da realidade, sobre nosso foco de interesse a respeito da existência do mundo, de como ele se nos apresenta, em suma, a nossa maneira de compreender e analisar a realidade. Em outras palavras, o paradigma de pesquisa que adotamos é, antes de tudo, uma questão ontológica, que determina não apenas nossa abordagem ou os métodos de pesquisa, mas também os propósitos que abraçamos e as identidades que desempenhamos.

Paradigmas são, assim, enquadres que funcionam orientando quais são os problemas a serem investigados e definindo teorias, explicações, métodos e técnicas para resolver tais questões. Comungo do pensamento de Kuhn (in Glesne 1999) ao argumentar que os dados e as observações em uma pesquisa são orientados pela teoria. A teoria é, por sua vez, orientada pelo paradigma e os paradigmas orientados histórica e culturalmente, dentro de um campo axiológico.

Não há como separar valores do processo de investigação (Lincoln & Guba, 2003:177).

O presente estudo deve ser entendido como uma pesquisa qualitativa na área dos estudos lingüísticos de cunho interpretativista (Lincoln & Guba, 2003; Edge & Richards, 1998; Silverman, 2001) e veio etnográfico (Erickson, 1986). Quando o que se quer é entender a dinâmica da vida social e das interações de uma determinada comunidade semiótica, a meu ver, este é o paradigma adequado.

Dirijamos o foco do texto, neste momento, à pesquisa qualitativa tomando sua escolha sob um foco ontológico e axiológico, assim, conscientes de que ao interpretarmos o mundo sob as cores dessas perspectivas, o texto estará, sem dúvida, envolvido pelas dimensões filosóficas fundacionalistas básicas deste paradigma (Glesne, 1999). No prosseguimento do texto tratarei da expressão ‘veio etnográfico’ que também usei para posicionar meu paradigma de pesquisa.

Os métodos qualitativos são geralmente embasados pelo paradigma interpretativista, que busca compreender um mundo onde a realidade é construída socialmente, complexa e constantemente mutante. Para os interpretativistas as realidades sociais são construídas por seus participantes em seus enquadres sociais (Guba e Lyncoln, 1994). A fim de entenderem a natureza dessas realidades construídas socialmente, os pesquisadores interpretativistas interagem e conversam com os participantes de tal realidade a respeito de suas próprias percepções, sem tentar equacionar ou generalizar essas percepções e normatizá-las, mas sim com a declarada intenção de procurar a diversidade de perspectivas (Silverman, 2001).

A tarefa de pesquisa de um interpretativista consiste em entender e interpretar como os diferentes participantes de uma dada realidade constroem significados para o mundo que habitam. Aqui o pesquisador torna-se o principal instrumento de pesquisa ao observar, fazer perguntas e interagir com os participantes estudados. O que não pode escapar ao investigador é que seu tema central será sempre a vida humana, a experiência humana da existência (ibidem, 2001).

Independente das peculiaridades das diversas categorias de pesquisa qualitativa, todas elas comungam de determinados pressupostos inerentes à pesquisa qualitativa interpretativista. Tais pressupostos abrigam-se dentro de dois posicionamentos mais amplos: por um lado a tendência definida de natureza

desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano e por outro a rejeição da neutralidade do saber científico (Glesne, 1999). Por certo, o enfoque interpretativista relativiza a questão do que vem a ser realidade. Aquilo que podemos entender e interpretar dos acontecimentos a nossa volta é o que pode ser chamado de real. A verdade é a interpretação, o inefável não existe. Assim, para fazer justiça à tamanha complexidade, o interpretativismo auxilia a desvelar algumas das complexidades do sentido, evitando simplificar os fenômenos sociais, mas sim explorando, honrando e respeitando a diversidade dos comportamentos.

Face às características permeável e flexível da pesquisa qualitativa, não devemos, todavia, entendê-la como uma disciplina sem rumo certo (Silverman, 2001). A tarefa de estudar uma cultura, descrevendo-a para entender seus significados não é simples, pois não existe nada mais complexo que tematizar sobre propósitos manifestos dos comportamentos humanos. Não obstante, a validade de suas conquistas encontra-se na coerência com que realiza a busca dos significados que determinadas condutas e organismos têm para os indivíduos afetados direta ou indiretamente em suas decisões e em suas vidas (Triviños, 1987). Esta preocupação é condição fundamental para que a pesquisa qualitativa assuma seu caráter científico. Tal caráter científico é obtido ainda através de estratégias disciplinadas, conscientes e metódicas de gerar dados. Dentre essas estratégias destacam-se aquelas igualmente utilizadas pelos diferentes ramos da pesquisa interpretativista: estratégias de observação participativa, entrevistas, estratégias de observação não-participativa e estratégias de arquivo. O ramo das entrevistas, por exemplo, inclui galhos menores como narrativas, biografias etc.

Volto-me agora para a questão da etnografia que permeia a identidade desta pesquisa. Por se tratar de uma questão fundamentalmente social penso que o paradigma de pesquisa etnográfica (Erickson, 1992) seja o mais adequado para abordá-la. Quando se procuram estudar fenômenos em que o ser humano é o principal agente, onde as interações entre esses diferentes agentes são complexas e os contextos diversificados, faz-se pertinente o recurso de uma abordagem etnográfica.

A pesquisa etnográfica preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as

estruturas sociais e a ação humana. A relevância da escolha por este tipo de pesquisa fundamenta-se também no modo como os atores sociais são abordados. A agência humana é considerada ativa, dinâmica e imprescindível no processo de construção de sentidos nas interações sociais. Assim, o "sujeito", historicamente fazedor da ação social, contribui para significar o universo pesquisado exigindo uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador. Em etnografia, holisticamente, observam-se os modos como pessoas ou grupos sociais conduzem suas vidas com o objetivo de entender a construção dos significados cotidianos, nos quais tais pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação, enquanto participante do grupo a ser estudado.

No caso específico da pesquisa que realizo, a questão etnográfica recebe novos matizes. Eu não posso ser considerada como uma pesquisadora que se insere em uma cultura diferente da sua e busca compreender uma diferente forma de vida. Eu sou uma militar que se propôs a fazer pesquisa dentro de sua própria ecologia, voltando meu olhar para companheiros que trajam a mesma farda e respeitam o mesmo regulamento. No entanto, meu olhar investigativo não foge totalmente do olhar etnográfico proposto por Erickson (1992), isto é, em minha atividade fim na Força, eu não me insiro na micro cultura formada pelos pára-quedistas.

O Exército é uma grande instituição, com um efetivo geral que ultrapassa 190 mil militares. Como exposto do site do Exército (www.exercito.gov.br),

“A Força Terrestre está presente em todo o território nacional, o qual é dividido em sete comandos militares de área. Esses grandes comandos são constituídos por divisões de exército, brigadas e organizações militares de diversas naturezas e, para fins de apoio logístico e defesa territorial, são divididos em regiões militares (RM)”

Assim, esta instituição é grande o suficiente para permitir a formação de agrupamentos que, respeitando e comungando dos mesmos preceitos, objetivos e finalidades gerais, constituam micro culturas dentro da macro organização. Daí decorrerem as diferentes práticas em que se engajam as distintas micro culturas dentro de uma mesma Força, o Exército Brasileiro. Assim, há a possibilidade do estranhamento antropológico da pesquisadora em relação ao contexto estudado.

Tanto eu quanto o grupo de pára-quedistas envolvidos nas entrevistas cultuamos os mesmos símbolos nacionais: a Bandeira, o Hino, as Armas e o Selo. Somos integrantes do mesmo Exército, cujos pilares são a hierarquia e a disciplina, respeitamos os mesmos regulamentos, trajamos o mesmo verde oliva. No entanto, engajamo-nos em práticas profissionais completamente diferentes. Somos empregados na mesma Força para finalidades, ainda que complementares, distintas. Eu integro a linha de ensino, sou parte da chamada força invisível, enquanto eles são a força combatente atuante. Somamos esforços em formas diferentes de lutar. Por esta razão, penso que o veio etnográfico que utilizo no meu trabalho tinge tal paradigma com novos matizes, oferecendo resultados e entendimentos metodológicos bastante singulares.

Conduzi entrevistas (Mishler, 1986; Medina, 2004; Clandinin & Connelly, 2000) onde eu, a pesquisadora, conversei com pára-quedistas do Exército Brasileiro utilizando estratégias para que surgissem momentos férteis em que os entrevistados narraram situações importantes de suas vidas profissional e pessoal (Thompson, 1978 apud Clandinin & Connelly, 2000).

Minha intenção foi incentivar em cada entrevista a fala sobre temas relacionados com a vida na caserna, com experiência profissional e com o sentido que meus interactantes constroem para suas práticas coletivas e pessoais. Na intenção de proporcionar momentos em que os pára-quedistas dialogassem com os valores institucionais, procurei tocar em temas tais como patriotismo, coragem, força física e psicológica, disciplina, heroísmo, determinação – atributos observados em minha dissertação (Bruno, 2005) no que diz respeito à intenção de construção de identidade veiculada pela escola de formação.

No entanto, uma vez que entendo entrevistas como um exemplo de evento interativo (Mishler, 1986), isto é uma prática sociointeracional, onde pessoas se engajam em um processo dinâmico de construção do mundo que as cerca, incluindo aí as identidades dos participantes, a entrevista foi tomada para além de apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas. Considero a entrevista, assim como Medina (2004), um braço da comunicação humana. Propus-me, então, a construir juntamente com o meu interactante, um momento dialógico (Bakhtin, 1981) possibilitando envolvimento e aproximação entre as partes, facilitando, assim, o surgimento de narrativas de histórias de vida.

É necessário esclarecer que meu trabalho pretende integrar a perspectiva etnográfica à análise do discurso, onde fundo meus estudos. Minha pesquisa procura abordar aspectos do evento interacional em que pesquisadora e pesquisados funcionam como interlocutores, isto é, as entrevistas, e durante o qual os pára-quedistas entrevistados elaboram narrativas no intuito de se construírem identidades e ao mesmo tempo que constroem sentidos para os contextos que os cercam.

A fim de estudar a língua em uso minha pesquisa preocupa-se em documentar com o maior detalhamento possível a interação face-a-face entre os participantes das entrevistas. De acordo com Erickson (2001), tal nível de detalhamento possibilita que as questões que emergem dos dados possam ser estudadas e observadas sob vários ângulos. A análise do discurso, desta forma, proporciona interpretações e inferências a partir das colocações dos próprios membros do grupo estudado, com maior riqueza de detalhes, já que as interações gravadas podem ser ouvidas repetidas vezes.

Ao analisar os discursos produzidos durante a interação entre pesquisadora e pesquisados, como propõe Erickson (ibidem), é responsabilidade do pesquisador ir além do que é entendido explicitamente, já que a ênfase neste tipo de etnografia “é descobrir tipos de coisas que fazem a diferença na vida social do grupo pesquisado” (Erickson, 2001:12). Foi o que procurei fazer ao analisar minha interação com os pára-quedistas com quem conversei.

A análise de dados, de natureza qualitativa, de cunho interpretativista e veio etnográfico, foi realizada a partir da transcrição das falas dos participantes das entrevistas, gravadas em formato de áudio ‘.WAV’. Os nomes reais dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios.

3.2

Contexto de pesquisa

Os dados apresentados neste estudo foram gerados, em sua grande maioria, na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro, mais especificamente no Batalhão Santos Dumont, o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista, com sede no Rio de Janeiro, é tida no âmbito do Exército Brasileiro como uma de suas tropas de elite, que assim é referenciada pelos integrantes da Força. Segundo os estatudos do Exército, esta Grande Unidade está preparada para saltar e operar atrás das linhas inimigas. Está preparada, ainda, para atuar em no máximo 48 horas em qualquer parte do território nacional e permanecer sem apoio logístico por até 72 horas. Após o cumprimento da missão, entrega o território a outra unidade convencional.

Quanto a seu emprego estratégico, a Brigada de Infantaria Pára-quedista é parte fundamental da Força de Ação Rápida e Estratégica do Exército Brasileiro - FAR, tropa constituída pelo conjunto de grandes unidades de elite que têm como missão, defender o território nacional no mais curto período de tempo possível, em caso de uma invasão territorial.

São unidades constituintes da Brigada de Infantaria Pára-quedista: o Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista, 25º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro (unidade a que pertencem os participantes da pesquisa), 27º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, Companhia de Precursores Pára-quedistas, 1º Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista, Companhia de Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista, 8º Grupo de Artilharia Pára-quedista, 21ª Bateria de Artilharia Antiaérea Pára-quedista, 1ª Companhia de Engenharia de Combate Pára-quedista, 20ª Companhia de Comunicações Pára-quedista, 6º Pelotão de Polícia do Exército Pára-quedista, Batalhão de Dobragem e Manutenção de Pára-quedas e Suprimentos pelo Ar, 20º Batalhão Logístico Pára-quedista, Destacamento de Saúde Pára-quedista, Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, Seção de Salto Livre.

Cada uma dessas unidades desempenha funções específicas que, unidas e com foco comum, convergem para o cumprimento da missão maior. No site oficial da Brigada de Infantaria Pára-quedista (<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br>) encontra-se, na voz institucional, a competência essencial desta organização militar:

“Deslocar-se rapidamente de áreas de concentração estratégica amplamente dispersas no território continental do Brasil, aerotransportada ou lançada de pára-quedas, desdobrando-se para atuar em local de crise ou conflito, regional ou internacional, e, sem solução de continuidade, estar em condições de combate, para emprego imediato em Operações de Defesa Externa, Garantia da Lei e da Ordem, ou mesmo em Missões de Paz.”

Como explicitado anteriormente, os dados desta pesquisa foram gerados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro, o Batalhão Santos Dumont.

O Batalhão Santos Dumont é tido dentro da Força como uma tropa composta pela elite da elite, uma vez ser a unidade mais operacional da Brigada de Infantaria Pára-quedista. Núcleo da Força Tarefa Santos Dumont, é constituído de três Companhias de Fuzileiros Pára-quedistas, especializadas através de estágios em diferentes unidades de instrução do Exército Brasileiro, em combate na selva, pantanal, montanha e caatinga, uma Companhia de Comando e Apoio Pára-quedista e uma Base Administrativa. Sua missão principal é a conquista do território inimigo através do assalto aeroterrestre.

Assim define-se tal batalhão, no site oficial do ‘vinte e seis’, como é chamado por seus próprios integrantes:

“O 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista , ao longo dos tempos , firmou-se como Unidade de elite de nossas Forças Armadas. Na Defesa Interna , Manutenção da Ordem Pública e como Força de Paz da ONU , no território nacional e internacional , participou de históricas missões, tais como : Jacareacanga-62, Aragarças - 62, Cachimbo - 62, Goiânia - 62, Marabá - 62, Maceió- AL - 97, Fortaleza -CE ,São Domingos- 64 , Brasília -DF- 85 e 96, Greve dos caminhoneiros eixo RJ-SP- 86, ECO-RJ-92, Op Rio-RJ-94, Missão Angola/Moçambique - Continente Africano-94, diversas Op com a Força Aérea-Bumerangue-98-99 e Op na Zona do Canal do Panamá - América Central, com o Exército Americano em 1960. Através dos anos BATALHÃO SANTOS DUMONT , vem ratificando, com mais frequência , a sua posição de destaque como Reserva Estratégica do Exército Brasileiro, constituindo também, a Unidade Básica da Força Tarefa SANTOS DUMONT, tropa de Pronto Emprego da Brigada de Infantaria Pára-quedista, cuja missão principal é, atuar em todo Território Nacional no prazo máximo de 48 horas. O BATALHÃO SANTOS DUMONT é 100% composto por militares do Núcleo-Base, enquadrando-se na classificação de Unidade Operacional Permanente, sendo a primeira Unidade a se tornar OM de Pronto Emprego no Exército Brasileiro.”

3.3 Participantes da pesquisa

3.3.1 Militar-pesquisadora, pesquisadora-militar

Início falando de mim enquanto uma das envolvidas no processo de pesquisa, geração e interpretação dos dados. Considero importante este tipo de

autodefinição a fim de propiciar bases para que meu leitor possa perceber de onde eu falo. Além disso, minha tese trata fundamentalmente sobre a questão de construção de identidades, não poderia me furtar uma breve autobiografia com os dados que julgo significativos por influenciarem minha ação de pesquisadora.

Sou major do Exército Brasileiro, instituição que admiro e onde sirvo a meu país ao longo dos últimos 17 anos. Atuo como professora de inglês, contribuindo na educação de futuros oficiais do Exército. Sirvo no Instituto Militar de Engenharia desde 2001. Antes disso, lecionei por 8 anos na Academia Militar das Agulhas Negras. Em função de minha ação docente, afirmo que uma consistente gama dos oficiais que estão hoje na ativa, foram meus alunos. Alguns deles, inclusive e coincidentemente, participaram desta pesquisa como meus pares-entrevistados no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Sou doutoranda em Estudos da Linguagem na PUC-Rio, envolvida com questionamentos acerca do potencial das narrativas enquanto lócus privilegiado para a construção de identidades em nossas interações cotidianas.

Sou mulher, mãe, filha, neta, profissional, professora, estudante... Sou muitas, como já bem dizia Cora Coralina. Permito-me a aparente confusão identitária, com o aval de Walt Whitman, que escreveu: “Eu me contradigo? Você diz que eu me contradigo? Está bem, então eu me contradigo. Eu sou vasto e contendo multidões.”

Questiono, indago, busco. Creio que qualquer pessoa que se envolva em questionamentos sobre o mundo que a cerca, questiona, sim, a si própria, entende-se à medida que constrói sentidos para o que escuta, vê, escreve ou lê. Posiciono-me, interpreto. Minhas interpretações e entendimentos são, desta forma, produtos de meus filtros afetivos pessoais, estão tingidos pelos matizes de meus sentimentos e emoções. Assim, não pretendo que sejam encarados como verdades absolutas, são apenas mais vozes lançadas no fluxo ininterrupto de idéias que tramam os entendimentos. Como coloca Nietzsche, “Não há fatos, apenas interpretações”. Nesta pesquisa exponho as minhas.

3.3.2 Os pára-quedistas entrevistados

Todos os meus pares-entrevistados são pára-quedistas do Exército Brasileiro. No 26º conversei com 10 deles que lá serviam. No Instituto Militar de Engenharia (IME) entrevistei um que já havia servido na Brigada.

Cabe ressaltar que o militar que integra a tropa pára-quedista dispõe-se a um rigoroso treinamento. O Curso de Pára-quedista Militar do Exército Brasileiro, ministrado na área de estágios do Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, além de capacitar o militar a se lançar armado e equipado de uma aeronave militar, também realiza uma seleção física durante o curso. Os militares são testados física e mentalmente. São eliminados aqueles que não se adaptam à rotina severa, os que não conseguem concluir os exercícios e testes físicos propostos durante o curso. Os militares que passam pela fase de instrução inicial, saltam quatro vezes de aeronave militar, sendo o último salto em missão específica de adestramento. Após o assalto aeroterrestre e simulação de ataque a forças inimigas, fazem uma marcha de combate que pode chegar a até 150 Km, carregando todo o equipamento e armamento que pesam em média 60 Kg . Esta marcha é feita sempre em terreno acidentado o que impõe ainda maior dificuldade. Os que concluem todas as etapas, recebem, em cerimônia formal e festiva, o brevê de pára-quedista militar do Exército Brasileiro, a boina bordô e o coturno marrom, característicos do pára-quedista militar brasileiro.

Preferi não escolher os pára-quedistas com quem iria conversar, por diferentes razões. Acima de tudo, creio que dados são sempre ricos e oferecem-se à análise e interpretações. Destarte, não solicitei nem restringi os postos, a experiência ou as vivências daqueles com quem conversaria. Tampouco sei se meus entrevistados foram voluntários ou não para participar das entrevistas. No entanto penso que tenham sido indicados pelo comandante do Batalhão. Mais à frente, quando eu tratar do corpus de dados, esclarecerei em mais detalhes minhas impressões sobre esta questão das indicações do Comandante. Um dos capitães, no entanto, posso afirmar com certeza ter se voluntariado. No final do segundo dia de entrevistas, quando eu já guardava meu material, ele bateu à porta da sala e pediu para entrar. Assim que ele entrou o reconheci, ele havia sido meu aluno na Academia Militar das Agulhas Negras há alguns anos. Ele explicou que havia

ficado sabendo que eu me encontrava no 26º realizando uma pesquisa e que ele gostaria de participar. Com grata satisfação entrevistei meu ex-aluno que naquela momento era capitão, assim como eu.

Meus pares-entrevistados constituíram-se em um Tenente Coronel, o Comandante do batalhão, dois majores, quatro capitães, e quatro tenentes. Os postos destes pára-quedistas dizem respeito a sua condição hierárquica perante os demais oficiais de maneira geral. Assim, acredito que as interações comigo foram enquadradas pelos participantes das entrevistas também mediante a questão da hierarquia preconizada na Força. Quando das entrevistas, eu era uma capitão que interagi com oficiais hierarquicamente superiores, com pares e com subordinados. Este jogo hierárquico-discursivo foi por mim analisado em um trecho selecionado de uma das entrevistas e encontra-se em anexo sob o título de “Não tem problema nenhum. Muito pelo contrário é um prazer. Análise de jogo de poder discursivo em interação entre militares de postos diferentes”.

Cada um dos entrevistados teve comigo um tipo singular de interação, o que não é o alvo deste estudo. Os motivos para tanto são infinitos. Nossas idiossincrasias foram sempre refletidas em nossas falas resultando em conversas por vezes mais animadas, por outras mais formais e sérias, em algumas as narrativas fluíam com mais facilidade, em outras tive que provocá-las. Porém todas as interações renderam dados, sempre ricos e diversificados. Campo de análise para uma vida inteira.

Por hora é importante mencionar que meus interactantes traziam bagagens comuns, que interessavam ao meu propósito de pesquisa: todos são pára-quedistas do Exército Brasileiro, serviram ou servem na Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro. Além disso, todos os pára-quedistas com quem interagi mostraram-se dispostos, cooperativos e didáticos. Todos me pareciam muito mais ansiosos em ensinar quem é o pára-quedista do que propriamente narrar histórias, construindo uma imagem do pára-quedista combatente do EB que lhes parecia positiva e motivo de orgulho, afinal todos sabiam que os dados ali gerados seriam analisados e compartilhados em outros contextos que não apenas o militar. Em nenhum momento quero parecer duvidar de meus companheiros de farda ou dizer que eles não são o que dizem que são, penso que isso seria insultá-los. Lembro que identidades são construídas situadamente no discurso, assim interpretei os dados.

3.4 O corpus de dados

Ao dirigir-me ao 26º BInfPqdt, investi-me de algumas facetas de minhas identidades: profissional, militar e pesquisadora, interessada em entender como os pára-quedistas a serem entrevistados constroem sentidos para o mundo que os cerca e para si próprios, enquanto grupo e enquanto indivíduos.

Neste Batalhão me senti muito bem recebida por todos. Meu primeiro contato foi com o Oficial de Dia, que já estava avisado sobre minha chegada. Ele levou-me até o Comandante do Batalhão que me foi muito solícito. A esta altura ele já estava ciente, através dos ofícios expedidos pela cadeia de comando solicitando autorização para minha pesquisa, como preconiza o Exército, dos propósitos da mesma. O Comandante disponibilizou-me uma pequena sala onde as entrevistas puderam ser conduzidas.

A abordagem usada para se gerar dados interpretados neste trabalho foi a entrevista. Segundo Holstein & Gubrium (2003), a entrevista é, sem dúvida, a técnica mais amplamente usada para conduzir pesquisa social sistemática. Sociólogos, psicólogos, antropólogos, psiquiatras, administradores, políticos, lingüistas, sociolingüistas, analistas do discurso, lingüistas aplicados tratam a entrevista como suas janelas para o mundo. Ainda conforme Holstein & Gubrium (2003),

“... entrevistas fornecem um modo de gerar dados empíricos sobre o mundo social na medida em que pessoas falam sobre suas vidas. Por este ângulo, entrevistas são formas especiais de conversas. Ainda que essas conversas apresentem diferentes perfis, desde o altamente estruturado e quantificado até entrevistas semi formais ou as de fluxo completamente livre, todas as entrevistas são interacionais”.

Proponho ser a entrevista per si entendida como um momento de comunicação face-a-face característico da pós-modernidade e os papéis interacionais, e, por conseguinte, identitários, decorrentes dela ricas fontes de análise (Mishler, 1986; Briggs, 2003; Gubrium & Holstein, 2003; Fontana, 2003; Atkinson & Steward, 2003; Glesne, 1999). Vivemos em uma sociedade que parece envolver seus membros em uma espessa nuvem de perguntas e respostas seja em suas interações cotidianas ou mesmo televisionadas (Atkinson & Coffey, 2003). Celebidades e pessoas comuns são alvo de indagações que vão desde a

pesquisa de opinião até questionamentos sobre suas vivências pessoais mais íntimas. Vemos que o modelo entrevista reproduz nossas interações ordinárias, é uma interação humana com todas as suas incertezas (Glesne, 1999).

Identidades operam em múltiplos níveis lingüístico-discursivos simultaneamente, isto é, são construídas semioticamente em uma gama de recursos lingüísticos, a análise sob o enfoque interacional, proporcionada pelas entrevistas, oferece uma visão bastante abrangente dos processos. É na interação que todos os recursos de construção identitária podem ganhar vida (Bulcholtz & Hall, 2005:586).

Mishler (1986) define entrevista como um evento de fala ou uma atividade de fala, inspirado em Hymes (1967) e Gumperz (1982). Assim, considera que entrevistas são atividades interativas que fazem nascer sentidos, governadas por regras discursivas de propriedade e relevância que são parte das competências lingüísticas compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade. Para Mishler (*ibidem*), os sentidos que emergem em uma entrevista não são singulares ou fixos, mas sim co-construídos por seus participantes, não havendo espaço para papéis limitados e essencialistas. Ao serem consideradas eventos de fala como quaisquer outros que acontecem em nossas interações rotineiras, as entrevistas evocam diferentes formas e funções da língua na busca da construção de sentidos, desde meras descrições de objetos até expressão de sentimentos, crenças e narração de experiências.

A entrevista, sob uma ótica de análise lingüístico-discursiva, evidencia as dimensões icônica e indexical da linguagem (Scholes 1966, 1980 in Mishler, 1986), abrindo-nos portais para “o conhecimento social subjetivo e intersubjetivo e a construção ativa desse conhecimento pelos agentes humanos, o qual é produzido pela consciência humana” (Lincoln & Guba, 2003:181).

Escolhi, pois, a entrevista para gerar dados em um processo de pesquisa acadêmico na busca de entendimentos acerca de pessoas, suas experiências, sentimentos, pensamentos, alegrias e amarguras no mundo e no tempo em que vivemos. Creio que, em última análise, acaba sendo uma tarefa que o pesquisador empreende na busca por si mesmo.

Estive no 26º por um período de duas semanas, adaptando-me à disponibilidade de meus entrevistados. Enquanto eu aguardava na sala preparada para as entrevistas, meus pares-entrevistados surgiam, sem que eu soubesse quem

seria o próximo. Este fator surpresa acabou contribuindo para uma certa espontaneidade nas interações. Eu sempre iniciava as entrevistas com perguntas do tipo ‘qual o seu nome?’, ‘de onde você é?’, ‘há quanto tempo serve aqui?’. Quando o pára-quedista entrevistado coincidia de ser um ex-aluno, eles também me faziam perguntas, mostrando interesse em saber o que eu havia feito desde a época em que interagíamos em sala de aula. Para chegarem até a sala onde as entrevistas eram conduzidas, os entrevistados tinham que passar por um corredor em que havia portas para outras salas. Às vezes eu os aguardava à porta da sala e pude ver as brincadeiras que aconteciam entre meus entrevistados e seus companheiros ao passarem pelo corredor que levava até a minha sala. Por exemplo, um pára-quedista que já havia sido entrevistado, ao perceber que um colega se dirigia para a sala de entrevistas, brincou: ‘Ah! Você é o próximo interrogado!’. Seguiram-se risos de todos. Em outro momento, assim que o entrevistado acomodou-se na cadeira, olhou para mim e disse, sorrindo: “Pode começar o interrogatório”. Estes acontecimentos deixam ver como os pára-quedistas entendiam minha presença entre eles. Havia um certo estranhamento quanto a minha permanência ali, nada que nos constrangesse, mas estava claro que os dados seriam gerados com cautela, num delicado jogo interacional em que todos se envolveram, colaboraram com a pesquisa, preservando suas faces e a do interactante.

Ao final das entrevistas havíamos gravado quase 10 horas de interação. Os dados são muitos e podem ser olhados por uma infinidade de ângulos, prestando-se a um sem número de abordagens.

3.5 Procedimentos de análise

Meu primeiro passo rumo às análises foi ouvir todas as gravações, uma a uma, algumas repetidas vezes. Cada gravação ouvida era mapeada, em uma espécie de tabela, que se encontra em anexo (anexos 11 a 17). Nesta tabela procurei registrar a estrutura de cada interação, isto é, o desdobramento dos tópicos interacionais. Registrei ainda algumas falas emblemáticas de cada tópico, tanto minhas quanto dos entrevistados, o tempo cronometrado em que cada tópico

era introduzido, os momentos em que narrativas julgadas importantes foram elaboradas etc. Antes mesmo da transcrição pode-se dizer que as análises já são iniciadas. Os filtros afetivos do pesquisador estão em ação o tempo todo, selecionando e julgando aquilo que lhe parece mais importante, saliente, curioso. Adoto, porém, uma postura analítica em que procuro deixar os dados falarem, tento baixar meus filtros emocionais e deixar falar as marcas impressas no discurso. Quero dizer que muitas vezes, mesmo querendo analisar um determinado ponto que julgava importante, os dados me traziam outros, oferecendo-se à análise.

Após o mapeamento das conversas, dediquei-me às transcrições, trabalho fascinante, detalhado e demorado. Considero que o trabalho e a atividade de transcrever os dados mexa muito com o pesquisador. É neste momento que pequenos detalhes que passam quase que despercebidos no ato interacional podem tomar proporções gigantescas na interpretação. Detalhes, pausas, entoações, prosódia, repetições, risos, silêncios, além dos detalhes não-linguísticos que acompanham a fala. As convenções para a transcrição encontram-se em anexo.

Ressalto aqui minha dificuldade em transcrever a fala de um de meus entrevistados em particular. Foi envolta em um sentimento de pesar nostálgico que transcrevi a fala do Tenente Coronel Ermínio, o comandante do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Este oficial veio a falecer por ocasião do terremoto ocorrido no Haiti em janeiro de 2010. Ouvir sua fala, ali tão vívida, transcrever sua interação comigo, sabendo que ele não estava mais vivo, que jamais saltaria de pára-quedas novamente, que seus sonhos e ideais haviam ficado em algum lugar onde devem habitar as ilusões, me foi tarefa árdua. Este combatente pára-quedista, preparado para a guerra, morreu em missão de paz. Que esteja, pois, na paz.

Procedi à seleção das passagens que seriam transcritas, inicialmente, fiando-me em uma proposta de análise que, intencionalmente ou não, me foi oferecida logo pelo meu primeiro entrevistado. Nos parágrafos seguintes explico que proposta de análise foi esta.

Tenho mais do que apenas a impressão de que os militares com quem tive a oportunidade de conversar foram indicados pelo coronel comandante da unidade, quer devido à confiança profissional depositada nesses homens, quer pela experiência de vida militar de cada um deles. Ao serem informados de que minha

pesquisa tinha como objetivo, grosso modo, entender ‘quem é o pára-quedista infante do Exército Brasileiro’, os militares que comigo conversaram, incluindo o próprio comandante do Batalhão, puseram-se, obviamente, na função de fazê-lo, e bem. Lembro que minha pesquisa prima por entender quem são esses homens considerando seus próprios pontos de vista, suas visões e entendimentos acerca de si mesmos. Parece bastante natural que quisessem se construir positivamente ante uma pesquisadora que, ainda que também oficial do Exército, usaria os dados em outros contextos da sociedade. Sob este enfoque interpretativo, o Capitão Vieira foi o primeiro militar a interagir comigo em situação de entrevista. Início minhas análises por ele, não apenas por ele ter sido o primeiro, mas por acreditar que ele não tenha sido o primeiro por acaso.

Rezam no meio militar dois jargões que se aplicam ao modo como eu interpreto a participação do Capitão Vieira na geração dos dados. O primeiro jargão: “Em princípio, todos somos voluntários”, salientando a disposição e o devotamento que todo militar demonstra perante missões, de qualquer natureza, a serem cumpridas. O outro jargão seria: “Missão dada, missão cumprida”, indicando a presteza e eficiência na execução das orientações de superiores. Em minha interação com o Capitão Vieira pude perceber que ele posicionou-se na função de desenhar o perfil do pára-quedista infante, esclarecendo a pesquisadora, investindo-se ou tendo sido investido de tal missão. Vieira, analiso, cumpriu sua missão tão bem que não me restaram dúvidas quanto a usar os dados gerados em nossa interação para iniciar minhas análises. Explico: este combatente ofereceu-me uma elaborada descrição do pára-quedista, usando categorias nativas, sob o enfoque do próprio pára-quedista que é enquanto elemento daquele agrupamento, e cuja identidade é nutrida pelos ideais valorizados naquela comunidade. Tais categorias descritivas, instanciadas espontânea e intencionalmente por um dos membros do grupo estudado, nortearam meus olhares, ainda que não me cegando, para os dados gerados durante as outras entrevistas. O Capitão Vieira, ao responder minha primeira pergunta e iniciar sua fala, tirou do bolso de seu uniforme um roteiro manuscrito com indicações dos atributos do pára-quedista que julgava importantes serem mencionados em nossa conversa.

70	V	isso, então é: é: mas o que que me fez, com essa idade, querer ser militar? porque eu admirava FILME, essas tropas que mostravam o combate:nte, o patriotismo,
----	---	--

			então foi o mesmo motivo que me trouxe pra brigada pára-queda <por ser uma tropa de elite>
	D		hum hum a brigada é uma tropa de elite?
75	V		Isso
	D		como vocêalaria um pouco mais sobre isso? por que que é uma tropa de elite? o que que faz aqui que não se faz em outro lugar?
80	V	▶	então veja bem, eu separei aqui algumas idéias ((o capitão retira do bolso uma folha com anotações feitas por ele próprio sobre tópicos que ele tem a intenção de salientar durante a entrevista))
	D		hum hum
85	V		inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é. DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião, qualquer que seja ela.

Ele tinha em suas mãos uma agenda oficial, um tipo de *script* previamente pensado por ele mesmo, o qual fez questão de seguir do início ao fim. Percebi, ao analisar os dados, que o Capitão Vieira estava determinado a mencionar e explicar todos os pontos de que havia tomado nota, inserindo-os em sua fala independente das perguntas que se lhe fossem feitas.

Um evento curioso se deu no fim da entrevista, evidenciando a determinação deste militar em tratar sobre todas as suas anotações. Quando me julguei satisfeita com nossa conversa, agradei a participação do Cap Vieira e fiz menção de desligar o gravador. Neste momento, meu par-entrevistado toma o turno e diz que ainda lhe restam alguns pontos anotados sobre os quais gostaria de discorrer, deixando claro que se eu estava satisfeita com os dados gerados até ali, ele não estava.

	D	▶▶	haha "só por isso", como se fosse pouco. Vieira, agradeço muito você gastar seu tempo aqui comigo, eu não vou fazer nada com esses dados que eu não te apresente antes, vou falar "Vieira, olha, tô querendo ver isso e isso" a gente conversa. muito obrigada mesmo Vieira, obrigada, tá?.
	V	▶▶	ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar.
	D	▶▶	ficou faltando então falar, Vieira? sobre algumas linhas ali que você tinha anotado.
	V	▶▶	é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>

O Cap Vieira seguiu, determinado, o seu roteiro, desempenhando, na prática lingüística, diante de meus olhos de par-pesquisadora, alguns dos atributos

do pára-quedista descritos por ele próprio: espírito de cumprimento de missão, determinação, disciplina, liderança, motivação....

Em um primeiro momento das análises, saliento os pontos detalhadamente articulados por meu companheiro de farda acerca dos atributos que qualificam a tropa de infantaria pára-quedista. Em seguida, com o auxílio do *script* oferecido pelo próprio integrante do grupo pesquisado, uso sua agenda oficial para analisar e discutir a construção das identidades coletivas dos pára-quedistas entrevistados ao voltar meu olhar para as narrativas produzidas pelo Cap Vieira e por todos os meus outros pares-entrevistados. Ao prosseguir com as análises acerca das identidades coletivas da tropa pára-quedista, problematizo questões trazidas em suas falas que considero fundamentais na construção de identidades desses homens enquanto tropa coesa, a saber: as masculinidades militares hegemônicas que nutrem tanto quanto são nutridas nos discursos veiculados naquele meio. Considero que o modelo social do masculino militar vivenciado nas formas de vida desta sociedade ofereça um amplo portal de possibilidades identitárias que, banhadas em tempos de pós-modernidade, dão vida a um novo tipo de combatente, que será trazido à tona com as análises.

Ao analisar as identidades coletivas desses militares, volto meu olhar para o processo narrativo utilizado na construção dos '*self's*' desses combatentes que ao narrarem suas histórias fazem-se os protagonistas das mesmas. Em um processo narrativo e autobiográfico, surge o *self*, o idiossincrático, o pessoal em meio ao grupo.

As unidades de análise foram identificadas levando-se em consideração a atitude e postura lingüístico-discursiva do entrevistado ao interagir com a pesquisadora. Ao elaborarem suas falas, quer em resposta às minhas perguntas, quer no intuito de inserir um assunto que lhes interessava, meus pares-entrevistados buscavam exemplificar determinados entendimentos pessoais criando imagens de cenas que viveram, vivem ou são passíveis de viver em função de sua atividade profissional. Toda vez que eu percebia esta atitude discursiva nos entrevistados, logo surgia uma unidade narrativa passível de análise com inspiração em Bastos (2008) e Oliveira, Bastos e Pereira (2007). Desta forma, analisei narrativas canônicas, nos termos labovianos (1972); narrativas genéricas (relato de eventos que ocorrem de forma repetida e sistemática – em minha pesquisa como relato de práticas e vivências do dia-a-dia

profissional dos pára-quedistas); narrativas hipotéticas ou fictivas (relato de eventos passíveis de acontecerem); e narrativas curtas (justaposição de uma seqüência de pelo menos duas ações em referência a um acontecimento). Desta forma, as unidades significativas para análise contemplam um escopo amplo, e se relacionam por se referirem a partes da história de vida daquelas que narram.

Além dessas unidades de análise, identifiquei e analisei aquilo que Linde (1993) chama de explicações, isto é, segmentos de fala que se destinam a fundamentar determinados pontos de vista dos entrevistados. Penso que se pode entender tais explicações como orientações (Labov, 1972) mais elaboradas, isto é, explicações que servem de orientações para o ponto de narrativas que surgiram durante a interação.

As explicações/orientações elaboradas pelos entrevistados para desenhar o pára-quedista trazem, em seu conteúdo, as qualidades que um guerreiro alado evidencia, ou seja, os valores e ideais essencialmente cultuados naquela ecologia e que, por serem comungados por seus integrantes, os investem da condição de grupo, fortalecendo os sentidos que eles constroem para si mesmos, saudando-os com o conforto de identidades sociais (Goffman, [1963] 1988).

Os ideais pára-quedistas mencionados pelo Cap Vieira são tidos no meio pára-quedista como as crenças centrais vivenciadas pela tropa pára-quedista do Exército Brasileiro. À prática de tais ideais os pára-quedistas se referem como a ‘mística pára-quedista’. Tais categorias foram propostas pelo próprio integrante do grupo para qualificá-los. Saliento que, por hora, cito tais ideais. Oportunamente, no desdobrar de meu texto, desenvolvo análises e discussões sobre os mesmos. Os ideais pára-quedistas mencionados pelo Capitão Vieira são (na ordem em que aparecem na fala deste pára-quedista): patriotismo, religiosidade, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, responsabilidade, determinação, dedicação, espírito de equipe, companheirismo, preparo intelectual, preparo emocional, preparo profissional, preparo físico, tradição, liderança, honestidade, brasilidade e capacitação técnica.

Percebi que alguns desses ideais se confundem nas falas dos meus entrevistados, que usavam alguns até mesmo como sinônimos de outros, por julgarem-nos de natureza semelhante. Por este motivo e visando a sistematização das análises os ideais pára-quedistas encontram-se analisados e agrupados da seguinte forma: preparo físico; preparo emocional; determinação e espírito de

cumprimento de missão (analisados como a expressão do mesmo ideal); espírito de sacrifício e profissionalismo (agrupados no mesmo campo de análise); voluntariedade, espírito de equipe e companheirismo (entendidos sob o mesmo enfoque), patriotismo, nacionalidade e ‘brasilidade’ (agrupados para análise); coragem.

Em minhas análises percebi que os ideais cultuados pelos pára-quedistas, metodicamente delineados pelo Capitão Vieira, são recorrentes na fala de todos os outros militares com quem interagi, sem exceção. Esta observação corrobora com a idéia de que o culto a tais ideais funciona na socioconstrução das identidades sociais dos membros deste grupo. O que surge na prática de tal culto é um sentimento de pertença ao grupo, fortalecendo-o enquanto coletividade ao mesmo tempo em que o opõe a demais grupos dentro da Força. Assim, diferença e oposição são conceitos-chave em minhas análises das identidades sociais desempenhadas por meus pares-pesquisados.

Uma vez postas as bases teórico-metodológicas suporte desta pesquisa, descritos o contexto e os participantes estudados, bem como a composição geral do corpus de dados, passo às análises.

4

A mística pára-quedista e a construção autobiográfica do 'pequedê'

“Se algum dia a intervenção física prevalecer sobre a palavra
A capacidade operante vier a ser fundamental
A rapidez e a agressividade, sobrepuserem-se à razão
A incoseqüência, determinação e vontade de se cumprir a missão,
Seja ela em qualquer lugar
De qualquer maneira
A qualquer hora,
Mesmo que nossas vidas sejam sacrificadas,
Porque temos o Brasil acima de tudo,
Estamos prontos !
Pára-quedistas nós somos”
(Hino do pára-quedista)

Devo ressaltar que a perspectiva socioconstrucionista, como coloca De Finna (2006:353), influencia minha visão da construção das identidades dos pára-quedistas como um processo fundado em diferentes tipos de práticas sociais. O sentido construído pelos participantes da pesquisa no que se refere ao contexto interacional onde surgem as narrativas que analiso, isto é, as entrevistas, determinam os diferentes tipos de narrativas elaboradas pelos entrevistados. Ora, as falas e narrativas produzidas durante as entrevistas fornecem um lócus específico para a construção de um inventário particular de identidades. Cada um de meus entrevistados representava de forma ou de outra as instituições Exército Brasileiro, a Brigada de Infantaria Pára-quedista e o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista. Assim, a voz institucional estava presente nas falas e nas narrativas dos combatentes pára-quedistas com quem conversei. Ainda ressoando De Fina (2006:353), “as identidades que as pessoas mostram, desempenham, contestam ou discutem em interação são embasadas nas ideologias e crenças nutridas pelos interactantes acerca das características dos grupos sociais, de suas categorias além das implicações de ser um de seus membros.” Desta forma, os valores institucionais vivenciados pelo grupo de pára-quedistas subjazem de forma complexa as narrativas e falas produzidas por eles, já que tais combatentes vinculam-se à instituição.

Segundo Goffman ([1961] 2008) os vínculos que unem o indivíduo a entidades sociais – uma ideologia, uma nação, um ofício, uma pessoa ou mesmo uma conversa – provocam atitudes responsivas em seus membros, isto é, certas

obrigações, identificações, ligações emocionais, enfim: compromisso e adesão. Goffman (ibidem:148) coloca ainda que “ao concordar em dar certas coisas e conservar outras, o indivíduo tacitamente concorda que é o tipo de pessoa que tem esses tipos de coisas para dar e conservar.” Entendo, pois, que ao aderirem voluntariamente ao 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, os entrevistados desta pesquisa supõem que tenham tal potencial para desempenhar determinado caráter e forma de ser. Nas análises que passo a apresentar procurei perceber como o indivíduo entende essa situação.

A seguir, dedico-me à análise das narrativas elaboradas durante as entrevistas tendo como foco principal as categorias identitárias nativas inicialmente propostas pelo Capitão Vieira e que constituem as bases da mística pára-quedista. Procuo entender como e em que medida os pára-quedistas com quem conversei servem-se de tais ideais para construir suas identidades e a realidade em que estão inseridos, que sentidos eles constroem para tais categorias, como eles organizam e negociam os sentidos que atribuem a seu contexto profissional e a si próprios.

4.1

“São os pára-quedistas que chegaram; é a tropa de elite do Exército Brasileiro” – Socioconstruindo o *self*

Apresento, a seguir, uma análise inicial de uma narrativa que considero bastante emblemática, em que muitos elementos da mística pára-quedista são instanciados. Além disso, uso esta narrativa como abertura das análises, pois penso que ela pode contextualizar os dados ao mesmo tempo em que informa meu leitor sobre os tipos de atividades em que o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista é empregado.

Analiso aqui uma fala do Capitão Vieira em que julgo ter materializado lingüisticamente suas experiências, entendendo e construindo o mundo que o cerca e a si próprio (Brockmeier & Carbaugh, 2001), construindo uma faceta situada de seu *self* (Goffman, 1988) em face de valores cultuados na cultura pára-quedista. Com o evento narrado, o militar entrevistado traça um aspecto de sua autobiografia (Bruner, 2001:29), posicionando-se e avaliando os acontecimentos

que narra ao ser indagado sobre os tipos de missões em que é empregado na Força. O *self* socioconstruído marcha na cadência ao som do dobrado que soa a natureza lingüística da existência humana.

Como explicitiei anteriormente, à luz de Goffman (1985, 1988), “o *self* não se origina do seu possuidor, mas da cena inteira de sua ação, sendo gerado por aqueles atributos dos acontecimentos locais que os torna capaz de ser interpretado pelos observadores”. Nesta análise o foco recai também sobre a narrativa como um lócus onde as dimensões emocional e avaliativa da construção de identidades fazem-se vivas. Entendo, pois, todo o jogo lingüístico-narrativo e autobiográfico construído pelo entrevistado como um esforço para desempenhar um papel, para evidenciar o *self* desejado, não apenas agindo, mas beneficiando-se do prazer ontológico de sua ‘performance’, a satisfação de ser.

Segue a análise do trecho que intitulei a partir de uma das falas do Cap Vieira: “São os pára-quadistas que chegaram; é a tropa de elite do Exército”.

1	Dan	em que tipos de ↑missões vocês são empregados? por exemplo
2		... o vinte e seis?
3	Vei	bom, o vinte e seis ... ele...ele:: ... como eu disse ele
4		pode ser empregado em QUALQUER ambiente operacional... seja
5		de ↑selva, de ↑caatinga, de ↑montanha, no pantanal e nós
6		temos sido empregados já desde praticamente () o exército
7		vem empregando a gente muito em garantia da lei e da ordem
8	Dan	humhum
9	Vei	né? então o vinte e seis, eu tenho muita missão, ↑no vinte e
10		seis, a maioria das missões do emprego da garantia da lei e
11		da ordem... né? em ↑favelas ... >aqui no rio de janeiro<
12	Dan	você já subiu alguma favela? =
13	Vei	=JÁ ... fave:la
14	Dan	algum episódio ... marcante?
15	Vei	é ... eu eu tenho muito orgulho dessa última subida que eu
16		que eu dei ... é: no no ↑complexo do alemão
17	Dan	sei?
18	Vei	por ser o ↑complexo do alemão ... esse nome todo, né? a gente
19		sabe que lá tem realmente ... é ... um poder do tráfico muito
20		grande ... né? principalmente do comando vermelho e:: eu era
21		o oficial de operações e eu tive a oportunidade de subir com
22		uma manobra que nós do estado maior, juntos, e com a decisão
23		do comandante, conseguimos subir ↑até um ponto mais alto lá
24		em cerca de uma hora e meia, duas horas e ↑conquistar aquele
25		ponto. e sem nenhuma ↑baixa e cumprindo o nosso objetivo
26		conseguimos informações de onde estavam os fuzis. >foi
27		naquela operação de resgate do armamento né?<
28	Dan	AH sei. de regatar, né?
29	Vei	algumas informações importantes saíram ali:: e que mais tarde
30		é é acabou aparecendo lá na perto rocinha.
31	Dan	[sei sei
32	Vei	[nós fomos pra rocinha também
33	Dan	humhum

34	Vei	então ↑marcou bastante ... e teve um ↑disparo també:m que
35		pegou entre eu e um tenente da minha equipe, tenente everton
36		reis
37	Dan	sei? ne nessa operação?
38	Vei	nessa operação, pegou entre nós dois. Foi ↑muito pouco tiro
39		nessa operação, ELES DIFERENCIARAM MUITO DEPOIS QUE NÓS
40		CHEGAMOS ... eles estavam lá uma tropa, uma OUTRA TROPA.
41	Dan	ah? sei
42	Vei	né? ↑não pára-quedista e eles ... estavam lá, tudo acuado lá,
43		tomando tiro pra caramba... quando NÓS chegamos, a gente já
44		sai falando pra população, ó, avisa que é o dois meia, avisa
45		que é o dois meia, né ... porque infelizmente tem gente que
46		dá baixa e acaba ... indo para o outro lado e sabe
47	Dan	[ah? sei
48	Vei	[que aqui a tropa: chega: >pra cumprir missão< e ↑aí
49		diminuiu, o tratamento
50	Dan	foi diferente?
51	Vei	foi diferente, foi com RESPEITO
52	Dan	mas ... é ... você acha que eles viam a boina grená e o boot
53		marron? ou por causa do “avisa que é o dois meia, avisa que é
54		o dois meia” ?
55	Vei	não, é, >em ↑primeiro lugar por ser pára-quedista< né? em
56		primeiro lugar por ser pára-quedista ... todo mundo sabe que
57		aonde chega, isso aconteceu em outras missões, que eu fui pra
58	Dan	outros estados também, “ih, olha lá, são os pára-quedistas
59	Vei	que chegaram” ... é a tropa de elite do do do exército
60		humhum
61		então sempre há esse ↑JÁ há esse respeito naturalmente.

4.1.1

“Podemos ser empregados em QUALQUER ambiente operacional” (Capitão Vieira)

Na linha 1 eu faço a pergunta que motivará as narrativas elaboradas pelo meu par-entrevistado. Eu pergunto sobre a natureza das missões em que o 26º BIPqdt é empregado.

Em sua resposta, iniciada na linha 3, o Cap Vieira marca com entonação diferente a palavra ‘qualquer’, sendo esta palavra pronunciada em volume mais alto. Interpreto que esta marca prosódica já denote certa intenção na construção do sentido que o Cap Vieira deseja evidenciar para a organização militar em que serve. Ele me faz entender que seu batalhão apresenta capacidade técnica altamente especializada, podendo ser empregado em todo e qualquer terreno ou geografia. O Batalhão me é desenhado com um ar de onipotência técnico-operacional, valorizada e vivenciada por meu entrevistado. É neste contexto que o Cap Vieira insere-se, ele é parte desta tropa que pode agir nos mais diversos rincões do país. Espelhando-se no grupo, o entrevistado evidencia suas

características. Ele deve ser entendido aqui como um combatente preparado e capaz de cumprir sua missão em qualquer parte do Brasil.

Segundo Bulcholtz and Hall (2003), para afiliar-se ao grupo, não basta apenas aplicar-se categorias coletivas. Da forma análoga, para dizer-se um pára-quedista, Vieira deverá evidenciar agência e poder. É o que faz. Na linha 9 o Cap Vieira traz para a interação uma observação que chama minha atenção. Ele diz que é empregado em missões de garantia da lei e da ordem³ em favelas do Rio de Janeiro. Garantir a lei e a ordem é atividade para tropas consideradas de elite e de alto nível técnico. O Cap inicia um processo interacional de construção de self perante a pesquisadora. Na linha 12 eu lhe pergunto se ele já subiu alguma favela, ao que ele responde contiguamente, de forma direta e em volume mais alto, denotando, também em sua fala, firmeza e decisão: virtudes consideradas importantes em um combatente pára-quedista. Percebo em sua fala agentividade e poder.

4.1.2 Um episódio marcante

Ao deparar-me com resposta de tamanha certeza (l. 13), não hesitei em aprofundar o assunto, pois percebi que o Cap Vieira tinha ricas experiências a compartilhar. Perguntei-lhe (l.14) “algum episódio ... marcante?”

A partir da linha 15, este pára-quedista inicia a elaborar uma trama narrativa que lhe permite trabalhar linguisticamente em função da auto-imagem que pretende sustentar: um combatente audaz, valoroso, corajoso, tecnicamente capaz, experiente, disciplinado, dotado de espírito de equipe. Percebo também que, ao longo de sua narrativa, referências a seu sentimento de pertencimento ao grupo são explícitas, isto é, suas narrativas trazem o código semântico e ideológico compartilhado pelo grupo de pára-quedistas. O personagem principal de sua estória é ele próprio. A estória é narrada sob seu ponto de vista. Sua narrativa contribui para que facetas de seu self sejam desempenhadas e mostradas.

³ Em uma situação de desordem urbana, esgotados os meios dos órgãos de segurança pública previstos em lei, a Constituição Federal (artigos 142 e 144) prevê que forças pacificadoras sejam usadas para a garantia da lei e da ordem.

À linha 15, o Cap Vieira inicia uma narrativa, avaliando-a previamente, posicionando-se quanto ao sentimento que lhe é suscitado com tal passagem. Como coloquei anteriormente, segundo Taylor (2005:52), “ser um self é uma questão de como as coisas importam para nós”. O Cap Vieira assume uma posição bem demarcada: a lembrança de tal episódio causa-lhe orgulho e é deste lugar que ele narra.

Noto em sua fala uma construção intrigante. Nas linhas 15 e 16, quando ele se refere à favela onde se deu o evento sobre o qual narrará, ele diz: “essa última subida que eu dei ... é: no complexo do alemão ((...))” . Ele se refere a atividade de elevado nível de periculosidade com um tom de quem faz isso rotineiramente. Ao salientar que vai falar sobre a ‘última subida que ele deu’, implica que ele já subiu outras vezes. Alguém que ‘dá subidas’ no Complexo do Alemão a fim de garantir a lei e a ordem será visto como uma pessoa que se destaca, que enfrenta perigos, enfrenta a morte em momentos em que todos os demais órgãos de segurança pública já foram esgotados.

No prosseguimento de sua fala (l. 18, 19 e 20), o capitão elabora orientações que reforçam a imagem da dificuldade da missão, construindo o contexto perigoso⁴: “por ser o ↑complexo do alemão ... esse nome todo, né? a gente sabe que lá tem realmente ... é ... um poder do tráfico muito grande ... né? principalmente do comando vermelho e::”

À linha 21, ele elabora mais uma orientação para o episódio a ser narrado, desta vez destacando sua própria imagem de combatente em meio ao grupo. Ele diz: “e:: eu era o oficial de operações ((...))”. Investindo-se da identidade do oficial de operações⁵, o Cap Vieira salienta mais uma faceta do self que vem desempenhando: um pára-queda profundamente conhecedor da doutrina e digno de planejar toda a execução da operação. Dentro de seu escalão

⁴ O Complexo do Alemão é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro constituído por um conjunto de 12 favelas, sendo um dos mais violentos da cidade, com uma área territorial - 296,09 ha (2003) - de cerca de 3 quilômetros quadrados e uma população de mais de 70.000 pessoas . Ação de facções criminosas como o Comando Vermelho e o Terceiro Comando disputam violentamente o controle do narcotráfico.

⁵ Ao oficial de operações de uma manobra, cabe planejar, coordenar e controlar a execução de uma operação, o posicionamento da tropa e atividades práticas a fim de cumprir a missão. Para tanto, ele deve conhecer muito bem a doutrina, exercer a liderança e o espírito de equipe. Ele é o responsável por integrar esforços no intuito de sincronizar os demais sistemas envolvidos na manobra, a saber: apoio de fogo, inteligência, logística, comando e controle, mobilidade, contra-mobilidade, proteção etc.

de comando, ele faz-se destacar como peça importante a quem responsabilidades técnico-operacionais são confiadas.

Ainda à linha 21 ele inicia a ação complicadora em que instancia uma série de ações (subimos, conquistamos, conseguimos informação), todas evidenciando sucesso e conquistas: “eu tive a oportunidade de subir com uma manobra que nós do estado maior, juntos, e com a decisão do comandante, conseguimos subir ↑até um ponto mais alto lá em cerca de uma hora e meia, duas horas e ↑conquistar aquele ponto. e sem nenhuma ↓baixa e cumprindo o nosso objetivo conseguimos informações de onde estavam os fuzis.”.

O capitão vem falando de si, de sua participação na missão. Salienta que ‘teve a oportunidade de subir com uma manobra’, no entanto parece fazer um reparo ao trazer para sua narrativa o espírito de equipe na imagem do grupo ‘nós do estado maior, juntos’. Observo que seu espírito de equipe faz-se presente, ele não foi só, ele era parte da tropa que realizou a ação contra a força adversa. Além disso, ele denota valores cultuados em seu grupo, hierarquia e disciplina, ao evocar a figura de seu superior hierárquico nas decisões da manobra “e com a decisão do comandante”.

Construção curiosa, também, é o emprego que o capitão faz da palavra ‘oportunidade’, na linha 21. Percebo que o uso de tal palavra constrói um sentido positivo para a missão. O capitão avalia a perigosa manobra como uma chance. Entendo que para ele, poder subir o Complexo do Alemão é um prêmio, algo que lhe confere sentimento de recompensa e o destaca da maioria das pessoas.

Na linha 25, o capitão Vieira elabora a resolução “cumprindo o nosso objetivo conseguimos informações de onde estavam os fuzis.” Nesta resolução, ele evidencia mais uma característica da tropa pára-quedista: obter sucesso no cumprimento de suas missões, ou seja ‘vencer a batalha’.

Nas linhas 29, 30 e 32, Vieira elabora outras resoluções para o episódio narrado, intensificando sua reportabilidade e, conseqüentemente, o valor da tropa que integra e de sua própria atuação: “algumas informações importantes saíram ali:: e que mais tarde é é acabou aparecendo lá na perto rocinha.”.

Na linha 34, Vieira elabora uma avaliação em forma de coda, que reforça o sentido que ele constrói para sua narrativa, reportando-se a minha pergunta inicial (l. 14) “então ↑marcou bastante”.

Nesta mesma linha 34, Vieira volta à ação complicadora, inserindo mais itens que julgou relevantes serem ainda mencionados. Tais eventos da ação complicadora funcionam intensificando as dificuldades, o perigo da missão e os riscos de morte que correu: “e teve um disparo também que pegou entre eu e um tenente da minha equipe, tenente everton reis”.

4.1.3

“A outra tropa estava acuada, tomando tiro pra caramba” (Capitão Vieira)

A partir da linha 38, o Cap Vieira compara a tropa pára-quedista com uma tropa não-páraquedista que estava, sem muito sucesso, atuando na missão antes que seu batalhão (o 26º BIPqdt) fosse acionado a intervir. Enriquecendo a ação complicadora, ele elabora uma fala em relação à outra tropa que age enaltecendo e diferenciando as virtudes dos pára-quedistas. Os pára-quedistas são mais uma vez construídos como diferentes, tecnicamente superiores às tropas não-pára-quedistas, respeitados e temidos pelas forças adversas, enfim, vencedores.

4.1.4

“olha lá, são os pára-quedistas que estão chegando, é a tropa de elite do Exército” (Capitão Vieira)

Na linha 52 eu faço uma pergunta com a intenção de motivar meu pesquisado a falar mais sobre o respeito de que goza a tropa pára-quedista até mesmo em relação a seus inimigos. É o que faz o Cap Vieira da linha 55 à 61.

No intuito de responder minha pergunta, Vieira, em ritmo mais acelerado, enuncia e repete uma colocação: “>em primeiro lugar por ser pára-quedista< né? em primeiro lugar por ser pára-quedista”. Ressalto o uso da expressão ‘primeiro lugar’ e sua repetição. Mais uma vez a tropa pára-quedista é destacada das demais, é enaltecida em forma de uma tautologia: ‘os pára-quedistas são respeitados por serem pára-quedistas’. Interpreto que, para Vieira, tal formulação discursiva abre portais míticos fundantes de interpretações que remetem a poder, vitória, força, respeito etc.

Para fortalecer seu argumento, Vieira insere uma avaliação externa (l. 56). Na voz daqueles ('todo mundo') que avistam e admiram os pára-quedistas: "todo mundo sabe que aonde chega, isso aconteceu em outras missões, que eu fui pra outros estados também, "ih, olha lá, são os pára-quedistas que chegaram ... é a tropa de elite do do do exército".

Afirma em uma coda (linha 61), ainda justificando sua tautologia, que esse respeito pela tropa pára-quedista é natural, esperado e devido. Para Vieira a tropa de elite da qual faz parte é mesmo merecedora da admiração e do respeito com que é tratada tanto por forças amigas quanto pelos inimigos.

Evidenciando a centralidade do discurso na construção e negociação de identidades, as narrativas do Cap Vieira, em interação com a pesquisadora, funcionam negociando o significado social da estória contada. Vieira desempenha o papel não só de narrador de um episódio, mas também se coloca como o ator principal do evento narrado. Este profissional do combate empenha-se em um elaborado trabalho discursivo cujos efeitos semântico-identitários acabam por saudá-lo com um sentido subjetivo para sua própria existência, seu *self*. Ele orgulha-se da tropa que integra. Entendo que falar da tropa é uma metonímia para falar de si. Ele faz-se capaz profissionalmente, corajoso, um líder com espírito de equipe, que valoriza a hierarquia e a disciplina. Ele é o herói de sua própria estória. Um herói que respeita e valoriza os valores legitimados em seu grupo, utilizando-os como pára-quedas para lançar-se em direção a sensações ontológicas e sentimentos de que sua existência jamais será em vão, pois que ao ser narrada, é plena de sentidos.

Considero, assim como Goffman ([1959] 1975:230), que o *self* construído pelos pára-quedistas é um efeito dramático de suas performances narrativas. Gergen & Gergen (2001), argumentam, corroborando com a ideia de *self* elaborada por Goffman, que as narrativas constituem um locus privilegiado para dar vida ao *self*, uma vez que um dos aspectos mais salientes das narrativas é sua capacidade de criar sentimentos dramáticos e emoções. O ato de narrar, por sua natureza, proporciona aos pára-quedistas palco para que deixem falar o *self*, de forma autobiográfica.

Brockmeier (2000:59) conceitua narrativas autobiográficas como aquelas em que os eventos e enredo giram em torno de um protagonista narrador, entendido como o *self* produzido na narrativa, suas ações, pensamentos,

sentimentos, memórias, intenções, emoções. Desta forma, entendo como autobiográficas as narrativas em que os pára-quedistas se constroem como os personagens principais, pois que tais narrativas dão vida ao *self* dos pára-quedistas.

As narrativas autobiográficas, nutridas por modelos históricos e culturais específicos, oferecem um amplo espectro de opções para construções de identidades de *self*. Elas oferecem ao narrador-protagonista possibilidades de modelar tanto sua história de vida, como também seu senso genuíno de *self* em um dado cânone cultural. (Brockmeier, 2000:70). Nos dados gerados para esta pesquisa, os narradores-pára-quedistas utilizam-se dos ideais respeitados e cultuados na Brigada Pára-quedista como tema e ponto de suas narrativas, para além disto, protagonizam as histórias que contam, manifestando emoções e sensações acerca de suas próprias existências, ou seja, no efeito dramático de suas narrativas constroem-se como seres genuínos, *self's* ricos em sentidos e significados.

Passo, a seguir, a apresentar e analisar trechos das entrevistas em que, além do Capitão Vieira, os demais pára-quedistas instanciam e lidam linguisticamente com os mesmos valores ressaltados pelo meu primeiro entrevistado.

4.2

“Não somos melhores nem piores, apenas diferentes.” (Cap Vieira) – Identidade e diferença na construção dos perímetros do grupo

Meu olhar sobre os valores compartilhados pelo grupo estudado se dá em função de uma idéia mencionada repetidas vezes nas entrevistas. Os pára-quedistas com quem conversei se declaram diferentes dos militares não-pára-quedistas, escolhendo, muitas vezes explicitamente, o léxico ‘diferente’ para se definirem enquanto grupo. O sentimento de diferença instanciado em suas falas reforça os limites do grupo e fortalece-o, isto é, esclarece quem pode ou não integrar esta tropa de elite (como eles mesmos se definem) e compartilhar as experiências vividas ali.

O comandante do Batalhão, Coronel Ermínio, fala de seus homens e os diferencia dos demais destacando o entusiasmo e a vibração com que sua tropa realiza as atividades diárias, o que pode ser visto no trecho que mostro a seguir.

21	CE		mas hoje mesmo eu chamei atenção pra esse o aspecto do
22		▶	treinamento ↑físico ... como as nossas subunidades são
23		▶	diferentes das demais ((está comparando as subunidades
24		▶	do 26 com as de outros batalhões pára-quedaistas)) ,
25		▶	então você vê nitidamente ((telefone toca, corte na
26			gravação))
27	MD		ok ((gravação é retomada)) 00:00:00 -
28	CE		então, o que:: eu chamei atenção para alguns capitães
29			que estavam treinando hoje:: comigo ali, no tfm ⁶ ... que
30			as companhias, você vê a vibração, às vezes eles não me
31			vêm, não vêm outros capitães, e já saem vibrando e
32			com esse... é... com esse ↑ESPÍRITO dessas palavras,
33			desses termos que são ditos na nossa oração, e é
34			mu:ito, >é da carreira militar também< que o
35		▶	treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela
36		▶	tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente nota
37		▶	isso aqui. >mas é mais do pára-quedaista, não é só do
38		▶	vinte e seis<. agora, comparando, a MINHA tropa, a
39		▶	tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a
40		▶	gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente
41	MD		hum hum
42	CE	▶	por esse orgulho que a gente... busca estimular no dia-
43			a-dia =

Em sua narrativa, o TC Ermínio observa que sua tropa mostra-se diferente das demais ao realizar o treinamento físico militar, destacando seu entusiasmo e vibração. Analiso que o ponto desta narrativa e o sentido construído é o de que os pára-quedaistas do 'vinte e seis' são diferentes dos pára-quedaistas de outros batalhões, melhores, por demonstrarem mais vibração e mais entusiasmo. O TC Ermínio constrói sua tropa como formada de homens motivados em relação à profissão, pois demonstram entusiasmo e vibração mesmo em momentos de desgaste físico, já que acreditam que é este treinamento difícil que tornará o combate fácil: 'o treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente nota isso aqui'. Mais adiante, em mais uma orientação, ele volta a comparar sua tropa com as demais, desta vez modalizando o termo 'diferente': 'agora, comparando, a MINHA tropa, a tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente'. Este narrador ainda insere uma explicação evidenciando o

⁶ Sigla para se referir ao treinamento físico militar.

sentimento de satisfação demonstrado pela tropa: ‘por esse orgulho que a gente... busca estimular no dia-a-dia’.

O Major Firmino, em determinado momento de sua fala, também classifica o pára-quedista como um militar diferenciado dos demais. Neste trecho a tropa pára-quedista é associada à idéia de chefia e liderança, sendo o pára-quedista a própria expressão do líder, totalmente integrado à sua tropa.

8	F		é: o seguinte, tinha, já na academia ((AMAN)), a
9			verdade é essa. já na academia a gente já via o pára-
10			quedista como um camarada diferente. entendeu? era
11			como se o pára-quedista, ele fosse realmente um LIDER.
12			porque a gente aprende muito isso na academia, né?
13			essa noção LIDER, CHEFIA, né? chefia e liderança. e a
14			gente via o pqd como a EXPRESSÃO DO LIDER. por quê?
15			por que ele tava sempre junto. A gente não via um
16			tenente pára-quedista separado do pelotão dele.
17	D		certo
18	F		você olhava pra um pelotão pára-quedista e sabia “ali
19			no meio tem um comandante de pelotão”, diferente de
20			outras tropas que o comandante tava sempre isolado. A
21			gente identificava lá “tá ali o comandante, tá ali a
22			tropa”
23	D		ah sim
24	F		o pqd não, olhava, “cadê o comandante? ele tá ali no
25			meio”. então ISSO me fascinava, né? e o fato de chegar
26			de outro lugar. quer dizer a gente podia, a gente
27			podia ir pra qualquer ponto do do brasil, SEMPRE com a
28			nossa fração ali constituída, fazia o que tinha que
29			fazer e ia embora junto.

O Major Firmino desenvolve uma narrativa onde expõe certezas acerca das diferenças dos combatentes pára-quedistas em relação aos não-pára-quedistas. Suas escolhas léxico-gramaticais asseguram a convicção com que vê as distinções: ‘é o seguinte’... ‘a verdade é essa’... ‘realmente um líder’ ... ‘SEMPRE com a nossa fração ali constituída’. Tomado de certezas, o major constrói a tropa pára-quedista como constituída por líderes, chefes que permanecem integrados a seus homens, vivendo as mesmas atividades, enfrentando as mesmas dificuldades. A idéia que se constrói é a de que o grupo é tão forte que nem mesmo o comandante da tropa, que poderia gozar de prerrogativas, distancia-se do grupo. Em uma de suas avaliações, ele instancia o valor positivo que atribui ao pára-quedista enquanto líder: ‘então ISSO me fascinava, né?’. Ao referir-se às ‘outras tropas’, ele esclarece que nelas o

comandante está sempre isolado: ‘diferente de outras tropas que o comandante tava sempre isolado’.

A questão da diferença é, igualmente, ressaltada na fala do Cap Vagner. Este oficial, na explicação que se segue, faz uma analogia bastante interessante entre a prática do salto de paraquedas e o comportamento profissional de um pára-quedista. Ao afirmar que no salto de paraquedas, que é um movimento vertical, o pára-quedista lança-se objetivamente em direção ao seu alvo no solo, o Capitão Vagner explica que o perfil de um combatente pára-quedista é trabalhado e cunhado na prática da própria atividade aéreo-terrestre. Identidade e prática estão, segundo este pára-quedista, estreitamente relacionadas.

1	V		nós temos <um jeito>, de fazer a coisa. que é? ...
2			resolvendo a situação na primeira hora que que que
3			possa resolver.
4	D		humhum
5	V		e partindo pra cima. como? dentro daquela: pô, o salto
6			é isso. o salto é o movimento vertical. você você não
7			tem se envolver,
8	D		hum
9	V		vindo de cima,então é uma coisa agressiva, uma coisa
10			que vai direto ao ponto. as os outros tipos de
11			manobra? são manobras i:ndiretas e vão chega:ndo. a
12			nossa NÃO, já: pega todo mundo, embarca, lança lá no
13			país inimigo e dane-se. a partir daí você que se vire
14			pra viver. então essa personalidade de sobrevivência?
15			é é faz parte da da mentalidade pára-quedista. e as
16			ações, as operações, que são desenvolvidas por essas
17			pessoas, com esse tipo de personalidade são
18			diferentes.
19	D		humhum
20	V		a gente na esao ((Escola de Aperfeiçoamento de
21			Oficiais)) a gente sofre muito, assim. o pára-quedista
22			sofre muito, por você ta ali fazendo operações é é,
23			planejamentos pouco agressivos e você viveu a vida
24			toda, fazendo planejamentos ... quase que suicidas,
25			assim
26	D		sei
27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.

Entre as linhas 9-18 o Capitão Vagner desenvolve uma narrativa hipotética para me explicar como um pára-quedista se comporta em combate. Entre as linhas 14-18, Vagner elabora uma avaliação comunicando seu ponto de vista. Sua

avaliação funciona distinguindo os pára-quedistas dos não-pára-quedistas. Vagner avalia os pára-quedistas como dotados de espírito de sobrevivência (linha 14) e audazes (linha 32). Entre as linhas 20 e 25, nova narrativa é elaborada enfatizando a diferença e superioridade combatente dos pára-quedistas. Nas avaliações que seguem esta narrativa, Vagner elabora uma avaliação onde os pára-quedistas são construídos como audazes. Tal avaliação é instanciada como um reparo que tenta dissipar uma circunstancial imagem de suicida para um pára-quedista. Vagner não pretende que eu entenda o pára-quedista como um louco (linhas 27-30). Utilizando os termos ‘nós’ e ‘outros’ em sua fala, a diferença continua a ser enunciada em comparações com as demais tropas. Observo suas escolhas lingüísticas: “nós temos um jeito de fazer a coisa ... resolvendo a situação na primeira hora ... partindo pra cima ... direto ao ponto ... os outros tipos de manobra são indiretas ... a nossa NÃO ... as ações desenvolvidas por essas pessoas, com este tipo de personalidade são diferentes ... você é mais audaz”.

As avaliações elaboradas por meu par-interactante ressaltam, assim, que objetividade, determinação, agressividade e foco são atributos advindos da prática profissional dos combatentes pára-quedistas, que acaba por constituir-los, uma vez mais, como um grupo distinto e, apesar de não enunciar isto, superior àqueles que não saltam, os não-pára-quedistas.

Durante sua fala, o Capitão Rocca também demarca os perímetros que definem o território social que apenas um pára-quedista pode ocupar.

1		D	desde garoto assim? você admira:va, você via? onde
2			você via pára-quedista? pessoal da sua família mesmo?
3			que contato você tinha assim, com essa com essa
4			história de de ser pára-quedista?
5		R	tinha u:m, um tio meu que é pára-quedista, né? foi
6			soldado e um primo meu que foi cabo. então, visando,
7			inspirado por eles, né? eu resolvi também, vir pra,
8			pra >brigada pára-quedista< e depois, dentro do
9			exército também, né? o pára-quedista é muito é:
10			exaltado, muito exaltado e, ((interrupção da
11			interação, alguém bate à porta e fala com o Cap
12			Rocca))
13		D	dentro do próprio exército você percebia que o pára-
14			quedista é? exaltado, ele é=
15		R	= é um combatente único, né? um combatente que: ele
16			↑salta, né? e vai cumprir sua missão. então, tem que
17			ser um, tem que ser um militar selecionado.

Este oficial ressalta, em uma narrativa hipotética (linha15-16), o pára-quedista como um combatente singular já que integra a única tropa que realiza a atividade aero-terrestre, subindo a entonação ao instanciar a ação propriamente dita: ‘é um combatente único, né? um combatente que: ele ↑salta, né? e vai cumprir sua missão’. O capitão oferece uma explicação/avaliação acerca da diferença do pára-quedista: ‘então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado’ e também avalia o pára-quedista como um militar admirado por todos os integrantes do Exército: ‘e depois, dentro do exército também, né? o pára-quedista é muito é: exaltado, muito exaltado...’.

Analiso mais um trecho da fala do Capitão Rocca, desta vez uma explicação. Eu lhe pergunto como ele entende a realização do curso de pára-quedista, ao que ele responde com a idéia de transformação.

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no pára-quedista. né?
7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística pára-quedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística pára-quedista. eu acho que a brigada pára-
16			quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que
17			tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

O Capitão Rocca escolhe o termo ‘transforma’ para explicar que o curso faz nascer um pára-quedista: ‘a gente fala lá que a área transforma né, o pé preto no pára-quedista’. A expressão ‘pé preto’ marca mais uma distinção ao ser usada para se referir àqueles que não são pára-quedistas e que, portanto, usam coturnos na cor preta, enquanto os pára-quedistas usam coturnos

marrons. Rocca afirma, em uma avaliação, que a área de estágio deve mesmo ser difícil para funcionar na seleção apenas dos melhores, aqueles que evidenciam qualidades para serem transformados em guerreiros alados: ‘a área de estágio deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão, porque isso aí coloca em risco em risco, essa diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a própria mística pára-quedista’.

Rocca faz uma outra avaliação que contribui na diferenciação da tropa que integra ao afirmar que aquela é uma tropa de elite que deve estar pronta para a guerra: ‘eu acho que a brigada pára-quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra demonstrações, não pronta pra é: ser vitrine. nada disso’. Neste ponto ele fortalece a idéia de dedicação e devotamento à profissão afirmando ser a atividade aero-terrestre a própria razão da vida desses guerreiros: ‘acho que a gente tem que ser preparado pra guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem acreditar. porque é pra isso que a gente vive’. Entendo que esta seja uma avaliação deveras significativa pela intensidade com que é instanciada. Ela expõe a crença vivida por este homem: a certeza de que sua missão profissional tem um propósito tão nobre a ponto de se tornar a razão maior de sua vida.

Até aqui minhas análises concentraram-se em entender como os membros do próprio grupo demarcam seu território e quem pode ou não adentrá-lo. Como escrevem Bucholtz & Hall (2005:586), “Identidade é o posicionamento social tanto daquele que fala como daquele de quem se fala”. Por meio das narrativas que elaboram, meus entrevistados constroem-se como combatentes diferentes e superiores aos demais combatentes da Força por serem praticantes dos ideais pára-quedistas. Observo que esses narradores constroem ricas avaliações para as narrativas que elaboram. Tal recurso narrativo usado por esses pára-quedistas intensifica a reportabilidade dessas narrativas, mostrando sua relevância e importância ante a pesquisadora. Creio ainda que as avaliações instanciadas por esses militares em suas narrativas funcionam reforçando seu ponto de vista acerca de suas identidades e comunicando a esta ouvinte quão diferentes, mais objetivos, audazes, corajosos são, aos olhos dos narradores, os combatentes pára-quedistas em relação aos não-pára-quedistas .

As narrativas funcionam aqui construindo uma determinada ordem para o mundo compartilhado pelos pára-quedistas, organizando e delimitando o olhar sobre o fluxo de experiências que vivenciam. Inspirada em Riessman (1993:2), afirmo que a Brigada Pára-quedista ou o 26º BINFPqdt não contam histórias, quem as contam são os indivíduos, os pára-quedistas. Logo, interpretação é um conceito chave, isto é, as narrativas dos pára-quedistas devem ser entendidas como sua interpretação para os eventos e para os contextos onde estão inseridos. “A agência humana e a imaginação determinam o que será incluído ou excluído das narrativas, como os eventos são enredados e o que eles devem significar” (Riessman, 1993:2). Os pára-quedistas, como qualquer outro narrador, orquestram o mundo que entendem à luz das ideologias vividas nos contextos onde agem, “tornando-se as próprias histórias autobiográficas que narram” (Riessman, 1993:2).

4.3

A mística pára-quedista – vivência, experiência e prática dos ideais pára-quedistas

Os pára-quedistas com quem conversei definem o perímetro do grupo enquanto práxis. Logo, a vivência e o desempenho dos ideais pára-quedistas faz-se a condição para ser um deles e integrar o grupo. Passo, a seguir, a analisar as falas em que tais práticas⁷ são instanciadas, quer por meio de narrativas propriamente ditas, quer em explicações. Meu objetivo é entender como os membros do grupo constroem sentido para suas existências a partir da gramática social que compartilham, vivem e praticam.

4.3.1

“O pára-quedista deve ter amor pelo preparo físico” (Maj Firmino) – Preparo Físico

⁷ Refiro-me à prática dos ideais pára-quedistas: patriotismo, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, responsabilidade, determinação, dedicação, espírito de equipe, preparo intelectual, preparo emocional, preparo profissional, preparo físico, tradição, liderança, profissionalismo, honestidade.

É unânime, entre os pára-quedistas, a afirmação quanto à resistência física como condição primordial para ser um deles. O culto ao preparo físico é citado, explicado, narrado em inúmeras passagens dos dados gerados nesta pesquisa. Pude perceber, também, que a questão do condicionamento físico é sempre mencionada juntamente com a igual importância que dão ao preparo emocional, psicológico e intelectual. Nas palavras do Capitão Vieira: “Não adianta ser fortão e burrão”.

Nas passagens que analiso a seguir, evidencio a importância dada pelo grupo igualmente à preparação do corpo e da mente de um pára-quedista.

O Major Firmino destaca a importância do preparo físico no trecho a seguir.

31	F	[por causa do vento. exatamente.
32		tem toda uma técnica pra você desvirar, mas a técnica
33		que a gente aprende no treinamento, na área de
34		estágio, é sem mochila. sem fuzil. então quando você
35		começa a ser arrastado com mochila e fuzil é meio
36		complicado. aí, então primeiro é isso, é um espírito
37		de colaboração que tem que ter, é: o AMOR, eu diria,
38		eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico,
39		entendeu? é lógico que isso aí é essencial em
40		qualquer, militar. eu eu
41	D	sim
42	F	eu sou, né? já tô há algum tempo no exército, então,
43		embora eu tenha realmente, eu reconheço, eu SINTO que
44		a brigada é o lugar onde eu me sinto MAIS à vontade.
45		entendeu? eu posso dizer que aqui é é um lugar que eu
46		me satisfaço MUITO, >já servi em vários lugares< mas,
47		é aqui na brigada que eu me sinto em CASA
48	D	o senhor se encontra aqui.
49	F	é. eu me encontro aqui, eu me sinto em casa aqui. aí,
50		o preparo físico ele é ESSENCIAL pra qualquer militar,
51		qualquer militar. mas aqui na brigada ele tem uma
52		importância ABSURDA. porque o camarada, depois de TUDO
53		que ele tem que fazer até chegar no... pra cumprir
54		missão, que é aterrar. e realmente começar a fazer o
55		que o infante faz normalmente, ele já tá MUITO mais
56		desgastado
57	D	ah sim

Neste momento de sua fala, o Major Firmino usa um termo bastante emocional para falar da importância dada ao preparo físico: amor. Ele explica que o pára-quedista sente amor pela preparação física, tamanha a sua relevância no contexto pára-quedista: ‘o AMOR, eu diria, eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico, entendeu? é lógico que isso aí é essencial em qualquer, militar.’

Nas linhas 42-47, o Major Firmino assegura-se um lugar bastante confiável donde equiparar ‘preparo físico’ e ‘amor’. Aqui noto uma estreita relação entre a narrativa do Major Firmino, uma pequena parte de sua história de vida, e a identidade que ele clama para si. Ele se constrói como um militar experiente, que já serviu em diversas outras unidades, legitimando seu comentário sobre preparação física e dizendo-se ‘à vontade’ em um lugar onde é necessário ter uma preparação física ‘absurda’. Em seu relato, o Maj Firmino confronta-se e identifica-se com o discurso institucional, que valoriza a forma física.

Na linha 52 ele avalia a importância do preparo físico como ‘absurda’ e ‘essencial’, ratificando seu valor, atribuindo a tal quesito valor sentimental ao mesmo tempo que intensifica a carga dramática da narrativa que está por vir. Ele segue, no mesmo turno, elaborando uma narrativa usada para exemplificar sua explicação, e afirma que o pára-quedista necessita estar bem preparado fisicamente em função da natureza das missões em que é empregado. Após saltar de paraquedas e aterrar, um pára-quedista deverá engajar-se no combate. A missão de um pára-quedista está apenas começando quando ele atinge o solo, muito ainda lhe será exigido durante o combate.

O capitão Vieira também fala sobre a importância do preparo físico para a tropa pára-quedista.

97	V		mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98			que te dê capacidade de durar na ação. então por isso
99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.
101	D		porque ser um pára-quedista militar, é é no caso não é
102			só saltar. porque tem uma porção de cursos de pára-
103			quedismo aí civil que a gente vai lá, faz o curso e
104			salta. mas o militar é diferente, porque ele vai
105			SALTAR e aí ele vai ser empregado. não é? por isso que
106			eu tenho que ter resistência física?
107	V		é. exatamente. porque é: a forma de emprego do do
108			pára-quedista, ele: na sua concepção clássica, né? ele
109			é, na doutrina, no assalto, aeroterrestre, ele é
110			lançado na retaguarda do inimigo. pra atingir um
111			objetivo né? de de importância estratégica. então como
112			você vai tá, praticamente ISOLADO né, de de tropas
113			amigas, você chega lá na frente e tá CERCADO, você
114			tem que ter um preparo INTELECTUAL, EMOCIONAL, E
115			PROFISSIONAL, E FÍSICO pra sustentar esse tempo todo.
116			tudo que você carrega tá na sua mochila. é diferente
117			de uma tropa motoriza:da, de uma tropa blinda:da, que
118			tem a viatura pra lhe apoiar o tempo ↑todo. ou ↑quase
119			o tempo todo. nós não, nós saímos do avião, a partir
120			dali , só deus sabe quando a gente vai receber
121			suprimento. a gente tem a doutrina que é setenta e
122			duas horas, mas historicamente, se a gente for estudar

123			todas as vezes que os pára-quedistas foram empregados,
124			nem sempre a junção chegou dentro das setenta e duas
125			horas
126	D		hum hum
127	V		então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a
128			formação nossa na parte de resistência física.
129	D		hum hum
130	V		fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá
131			baixando ((se refere a precisar de cuidados e
132			tratamentos médicos)) com com qualquer chuva:nha, é:
133			com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so,
134			né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem
135			que ter uma resistência física também. já que a gente
136			vai ser empregado em qualquer parte do território.
137	D		hum hum

Em uma narrativa hipotética (linhas 107-125), em que coloca eventos em seqüência, Vieira desenha o quadro da concepção clássica de utilização da tropa pára-quedista. Sua narrativa fortalece a importância do preparo físico, que deve vir aliado aos preparos intelectual e emocional.

O pára-quedista é construído como um combatente que deve ser resistente ao frio, chuva, calor, fome, sede. Neste caso, ser resistente física e emocionalmente é imprescindível tanto para o cumprimento da missão quanto para a manutenção da própria vida, como esclarecido nas avaliações de sua narrativa: ‘então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a formação nossa na parte de resistência física.’ ... ‘fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá baixando com com qualquer chuva:nha, é: com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so, né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem que ter uma resistência física também.’

As avaliações elaboradas pelo Cap Vieira funcionam como elementos explicativos voltados para intensificar a importância da preparação física de um combatente pára-quedista.

Na narrativa elaborada pelo Ten Wiesser, a dor física parece motivá-lo a prosseguir em seus treinamentos, como se ele estivesse lutando contra a fraqueza, na figura da dor em seu próprio corpo.

1	D		como foi a sua área de estágio? Foi muito difícil?
2			você guarda boas lembranças? Isso marcou a sua vida?
3	W		guardo boas lembranças. porque, eu sempre gostei de
4			atividade física
5	D		humhum
6	W		então, Só tinha isso. e isso aí encaixou também
7	D		humhum

8	W		a parte da dor física também, tinha, muscula:r é: e
9			orgânica, né? é: isso aí não chegou a me abalar não,
10			é: psicologicamente. [pelo contrário
11	D		[você passou por isso na boa?
12	W		pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí
13			que eu gostava
14	D		humhum. quando doía é que você gostava? é, como é que
15			é? "tá bom porque ta ruim
16	W		é ((risos)) [seria melhor se fosse pior
17	D		[seria melhor se fosse pior
18	W		então essa máxima valeu [pra você lá durante?
19	D		[valeu

Na linha 3 Wiesser parece iniciar uma narrativa sobre a dificuldade de sua área de estágio⁸ Em uma pré-avaliação da suposta narrativa que está por elaborar, Wiesser sinaliza satisfação em sua recordação: 'guardo boas lembranças. Curioso notar que a narrativa quase inexistente no relato de Wiesser. Ele diz que guarda boas recordações de sua área de estágio, o que entendo como uma avaliação. Segue em uma outra avaliação, desta vez explicativa: 'porque, eu sempre gostei de atividade física'. Na linha 6 Wiesser inicia uma narrativa 'só tinha isso', referindo-se à intensa carga de exercício físico a que foi submetido na área de estágio. No entanto, nenhum outro evento é justaposto a este, isto é, ele não desenvolve nenhuma história. Apenas faz menção de ter histórias para contar, uma vez que guarda lembranças de uma etapa de seu treinamento. Só sabemos que na área de estágio houve muitos exercícios físicos os quais ele avalia como motivadores. Considero que há um portal narrativo em sua fala que faz seu interlocutor imaginá-lo vivendo momentos na área de estágio. Mesmo sem ter narrado qualquer evento, ele enuncia uma série de avaliações acerca dos exercícios físicos executados em seu treinamento. Na linha 6 observo uma avaliação: 'e isso aí encaixou também'. Nas linhas 12-13, a avaliação 'pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí que eu gostava' me provoca um certo susto, uma vez que foge muito do sentido que construímos, no senso comum, para a dor como algo indesejado 'quando doía é que você gostava? é, como é que é?'. Eu, então, cito uma máxima muito comum entre os pára-quedistas: "tá bom porque tá ruim", à qual o Tenente Wiesser completa sobrepondo seu turno ao meu: 'seria melhor se fosse pior', colaborando na construção desta idéia.

Analiso esta fala como primordialmente avaliativa, em que a narrativa propriamente dita fica suspensa e deve ser subentendida pela pesquisadora mediante a carga dramática das avaliações. As avaliações funcionam como uma estrutura secundária que sinalizam haver uma história de superação psicológica da dor, uma história de um desafio que foi vencido pelo Tenente Wiesser. A identidade que o Tenente clama para si, enquanto um pára-quedista, é construída no trabalho interacional através de recursos narrativos. O Tenente se faz entender como um vencedor, um guerreiro persistente e forte.

A preocupação com o preparo físico é tida, por esta comunidade, como fundamental para ser um pára-quedista. Em suas falas, percebo que os pára-quedistas reconhecem-se fisicamente, isto é, entendem que seus corpos físicos fazem a diferença quando de sua atuação profissional. Durante seu emprego operacional, este combatente estará muitas vezes apoiando-se em suas forças físicas para resistir às intempéries dos conflitos bélicos. Além disso, estes combatentes constroem-se conhecedores de que não apenas o sucesso de uma missão dependerá de sua resistência física, mas também, muitas vezes, sua própria vida. Interpreto que a noção de humanidade nunca é abandonada pelos pára-quedistas, não se consideram imortais, sabem que são de carne e osso.

Assim, a prática e a vivência dos ideais e valores cultuados na comunidade pára-quedista dependem, dentre outras questões, do corpo resistente, trabalhado, são. Conscientes da importância de seus corpos, os pára-quedistas devotam-se ao treinamento físico. Tomo a idéia do ‘corpo como um projeto’ proposta por Shilling (2004:4). Esta autora coloca que tratar o corpo como um projeto (aparência, tamanho, forma, e no caso pontual do pára-quedista, resistência e preparo físico), implica o reconhecimento prático dos significados dos corpos, tanto como um recurso pessoal, quanto como símbolos sociais. A integridade física do pára-quedista é, assim, fundante das identidades que ele construirá nas interações em que se envolve. Como colocam Hall & Woodward (2000): “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade (...)”. Entendendo seus corpos como trincheiras ou abrigos, pois de sua força física pode depender

⁸ A área de estágio diz respeito a uma etapa do curso de pára-quedista militar. Nesta etapa do curso são reforçados os exercícios físicos visando ao preparo muscular e psicológico para o salto.

sua própria vida, os pára-quedistas trabalham seus músculos, cultuam seus corpos como escudos.

4.3.2

‘Mas não adianta ser fortão e burrão’ (Cap Vieira) – Preparo emocional

Segundo os pára-quedistas, ser um deles não se resume a ser forte e resistente. Percebo, na análise dos dados, que a idéia do preparo físico é sempre instanciada acompanhada do preparo emocional e intelectual. Como enuncia o Capitão Vieira:

42	V		então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A
43			gente cultua realmente ideais né? honestidade,
44			brasilidade. e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa
45			profissional, o pára-quedista É uma tropa
46			profissional. e esse profissionalismo, ele, se divide
47			em dois aí. a voluntariedade, que eu citei lá no
48			início. então porque isso aí é pessoal. e, a
49			CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM que conhecer a
50			profissão. não basta só querer. não basta ser burrão e
51			fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é
52			se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão
53			chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa
54			também que TEM essas características. a gente busca
55			isso daí, busca atingir esse objetivo.

Neste momento de sua fala, o Capitão Vieira esclarece que a busca do auto-aperfeiçoamento intelectual faz parte dos ideais cultuados pelos pára-quedistas. Ele afirma que para ser um bom profissional, um bom combatente pára-quedista, ‘não basta ser burrão e fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa também que TEM essas características.’ Para Vieira, ser um pára-quedista não se limita a trabalhar músculos, há que se exercitar também o intelecto, mantendo-se atualizado com as inovações na área, no conhecimento da doutrina de seu emprego. Vieira constrói os pára-quedistas como homens que entendem que seu objetivo maior é proteger a integridade nacional, homens que devem, para tanto, atuar como líderes de suas tropas. Assim, para Vieira, conhecimento é sinônimo de preparo profissional.

Em outro momento de sua fala Vieira salienta a importância do preparo emocional para um pára-quedista.

81	V		e, a última, a resistência física.
82	D		hum?
83	V		né? que não é: assim, não julgo que seja é: o mais
84			importante. eu acho que o mais importante ta na área
85			afetiva. né? eu não acredito que a gente precise de
86			atleta. é uma opinião muito pessoal, particular. não
87			é? é:: >↑não que eu não seja bem preparado<, que os
88			meus TAF's são todos 'E' ((refere-se à menção
89			Excelente que tem nos Testes de Aptidão Física
90			aplicados 3 vezes ao ano em todos os militares do
91			Exército Brasileiro))
92	D		sim, haha
93	V		senão parece, quem ouve, pensa que, não é isso. é que
94			eu não acho que aqui você tem que ter um atleta de cem
95			metros, um atleta de de salto em distância não
96	D		sim
97	V		mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98			que te dê capacidade de durar na ação. então por isso
99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.

Na linha 84, Vieira ilumina a importância da área afetiva, considerando-a até mesmo superior à parte física. A superioridade do preparo emocional, isto é, afetivo, é ressaltada, porém não sem que Vieira saliente que ele tem um preparo físico excelente (linhas 87-88). Entendo com isso que meu par-entrevistado, assegura-se um lugar de dominância profissional. Ele se constrói, a tempo, em um reparo, como um militar resistente fisicamente e que por esta razão não estaria dizendo que o preparo emocional é mais importante como uma escusa por não ser dotado de excelente preparado físico.

A mesma idéia da importância do preparo emocional para um combatente pára-quedista do Exército Brasileiro é construída na fala de muitos dos meus entrevistados. Muitos deles trouxeram ao fluxo de nossas conversas um jargão proferido naquele meio: 'chivunk'. Observo a fala do Tenente Wiesser, a seguir, quando conversávamos sobre sua disposição em cumprir missões de qualquer natureza.

59	D		=e pelo que eu to vendo são encaradas da mesma forma,
60			né?
61	W		é
62	D		qualquer coisa que [chega pra você?
63	W		[missão, missão
64	D		você vai cumprir?
65	W		isso. administrativa ou não. tiveram outras também,

66			que eu não to lembrado aqui, mas que fizeram com que
67			eu, que é: eu tirasse de mim forças além da né? do que
68			eu achava que tinha, pra, pra resolver
69	D		e aquela máxima? "quando você chega no seu limite? é
70			que ainda faltam?", quantos por cento?
71	W		quarenta
72	D		quarenta por cento?
73	W		é o famoso chivunk
74	D		humhum
75	W		que é o brado, o brado do nosso batalhão. chivunk
76	D		ah é? o brado do vinte e seis é chivunk?
77	W		é

O termo 'chivunk', criado no meio militar e amplamente aplicado na cultura pára-quedista, faz alusão a uma força extra física que o pára-quedista faz surgir de si mesmo nos momentos de exaustão em que julga terem esgotado-se as forças físicas que tinha para o cumprimento de uma determinada missão. Para um pára-quedista, a mente domina o corpo, e não o contrário.

O Capitão Wagner, por sua vez, oferece uma explicação em que associa o lema do batalhão ('chivunk') à figura de um herói.

92	V		[com certeza.
93			a figura do herói, é é o que , o eterno herói, esse
94			culto ao heroísmo, esse culto a a você tentar sempre
95			dar o melhor e dar o algo a mais. o próprio lema do
96			batalhão é o chivunk. o chivunk o que que é? quando
97			chega no final você ainda tem o chivunk, o algo a mais
98			pra você dar. então o culto a isso tudo? é é é o que
99			faz o que que sustenta a mística, né?

Este combatente constrói o pára-quedista como aquele que busca dar o melhor de si, ele tem o 'chivunk' a oferecer. Ressalto o termo 'dar' usado por Wagner. Dar implica não esperar nada em troca, em doação, atitude que ajuda a construir a chamada 'mística pára-quedista'. Entendo a tão cultuada mística pára-quedista como um certo código de honra, uma linha de conduta adotada por aqueles que praticam os ideais pára-quedistas. A idéia construída nesta fala é a de que faz parte desta mística ser capaz de buscar forças além do que se pensava ter, doar-se além do que se julgava conseguir. Nessa perspectiva, somente um combatente cujo preparo emocional é trabalhado pode usar a mente para superação do físico em prol do cumprimento da missão.

4.3.3

“Qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar” (Capitão Rocca) – Determinação e espírito de cumprimento de missão

Os sentidos construídos nas interações em que o termo ‘chivunk’ é instanciado apontam também para outro atributo considerado essencial em um pára-quedista: a determinação. Segundo o discurso institucional da comunidade de prática estudada, o pára-quedista é um combatente que se mantém firme no seu objetivo de cumprir sua missão, seja ela qual for, superando dificuldades e perseguindo o objetivo a que se propôs. Esta determinação é também explicada pelos pára-quedistas como, na voz deles, ‘espírito de cumprimento de missão’.

O Capitão Vieira desenvolve uma narrativa em que afirma o espírito de cumprimento de missão fazer parte de sua vida.

110	D		hum hum você falou em patriotismo, falou em cora:gem,
111			falou em risco de vida, né? falou em cumprir missão, o
112			que que é isso “cumprir missão”? já virou um jargão
113			isso e é usado pra uma porção, com uma porção de
114			outros sentidos ah “fulano vai cumprir missão, fulano
115			não sei que, tá cumprindo missão”. o que é isso? esse
116			espírito de cumprimento de missão, que eu vejo que é
117			CLARO nos homens que servem aqui na brigada pára-
118			quedista?
119	V		bom, e::u, acho que esse sentimento ficou tão
120			arraigado na na minha pessoa, que pra mim cumprir
121			missão é fazer QUALQUER coisa que eu tenha que atingir
122			um objetivo. QUALQUER COISA. seja profissional ou
123			pessoal. então, é:: cumprir missão pra mim é por
124			exemplo é:: eu ter que vir ao quartel mas ao mesmo
125			tempo ter que dar assistência a minha esposa, aos meus
126			filhos e ↑ eu vou TER que cumprir essa missão.
127	D		hum hum
128	V		eu vou ter que bater essas duas frentes, três frentes,
129			quantas forem necessárias, é:: arrumar um tempo pra
130			estudar pra passar na ECEME ((Curso de Comando e
131			Estado Maior do Exército)), arrumar um tempo pra me
132			habilitar ((em língua estrangeira, proficiência
133			lingüística exigida pelo Exército que habilita o
134			militar a integrar missões oficiais no exterior)) que
135			eu ainda não me habilitei. então... é: cumprir missão,
136			pra mim significa você envidar todos os esforços pra
137			atingir um determinado objetivo e conquistar esse
138			objetivo.
139	D		tem muito a ver com RESPONSABILIDADE?
140	V		TEM, [tem muito a ver com responsabilidade
141	D		[aí você falou que tem filhos, é casado, como é
142			que você JUNTA, essas duas coisas? porque eu percebo
143			que servir aqui na brigada, servir aqui no vinte e
144			seis né? que é um batalhão cem por cento é: o efetivo
145			dele é cem por cento núcleo ba:se, como você consegue
146			conciliar isso?

147			
148	V		7:20((rindo)) com muito espírito de cumprimento de
149			missão ... não pode deixar furo nem de um lado nem de
150			outro.

Na linha 120, este pára-quedista afirma o espírito de cumprimento de missão ter ficado arraigado em sua pessoa a ponto de tornar-se parte constituinte de seu ser. Sua determinação em atingir um objetivo é levada para outros contextos de sua vida que não apenas o profissional. A mesma determinação com que encara os desafios castrenses é devotada à ‘outras frentes’ (linhas 123-138): família, estudos, aprimoramento intelectual. Entendo, assim, que Vieira constrói o pára-quedista como um homem de ação, alguém em quem se pode confiar, alguém com quem se pode contar. Ele acredita em sua força e capacidade de resolver problemas, ele acredita em si.

O Capitão Rocca faz alusão a esta atitude do pára-quedista: determinação e disponibilidade para o cumprimento de missões.

13	D		((risos)) o vinte e seis é uma unidade operacional
14			permanente. deve ser de pronto-emprego, né? tá pronto
15			pro [combate a qualquer momento
16	R		[é, acho que é isso.
17	D		foi isso que eu entendi. quando eu digo que você
18			pertence a uma unidade de pronto-emprego, o que que te
19			ocorre? o que que te passa?
20	R		... é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a
21			qualquer hora, [em qualquer lugar.
22	D		[em qualquer lugar. você tá pronto?
23	R		eu tô pronto. sempre estive pronto
24	D		() já foi, e agora você tá, a qualquer momento que
25			te derem uma missão, você tá pronto pra cumprir?
26	R		qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar
27	D		brasil!
28	R		[acima de tudo!
29	D		[acima de tudo!

No momento em que eu pergunto ao Capitão Rocca o que ele entende por unidade de pronto-emprego, uma das características do 26 BIPQDt, ele me responde com uma frase bastante incisiva: ‘é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar.’ Para este combatente não importa a natureza da missão nem tampouco a hora ou o lugar em que ela deverá ser cumprida. Quem, quando e onde não são fatores de impedimento para a atuação de um pára-quedista. A firmeza com que meu par

responde à pergunta me chama a atenção. Curiosa, estendo a pergunta ‘em qualquer lugar. você tá pronto?’. Com igual firmeza ele esclarece que sempre esteve pronto (linha 23), intensificando ainda mais a determinação pára-quedista, percebida também em sua prosódia. Com uma repetição, Rocca reafirma sua certeza: ‘qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar’. Frente a tamanha convicção, co-construindo sentidos, eu sugiro uma coda para o fechamento deste tema com o brado de guerra da Brigada de Infantaria Pára-quedista: ‘Brasil!’, ao que Rocca responde afinado: ‘Acima de tudo’. Percebo que há uma grande sintonia entre os interactantes neste trecho, o que denota que os sentidos estão sendo co-construídos ao longo da entrevista, onde os papéis de entrevistadora e entrevistado acabam diluindo-se.

Este é um dentre os inúmeros momentos interacionais em que o pára-quedista é construído como um combatente incondicionalmente determinado, dotado de um devoto espírito de cumprimento de missão.

4.3.4

“Não é bem sacrifício no sentido de estar sofrendo” (Ten Wiesser) – Espírito de Sacrifício e Profissionalismo

Durante as conversas que tive com meus colegas de farda, percebi que o que entendem por a mística pára-quedista, isto é, os valores cultuados no grupo, é também fundado na crença no que chamam de ‘espírito de sacrifício’. O termo foi mencionado inúmeras vezes, oferecendo-se, portanto, à análise. Diferente do sentido construído para o termo pelo senso comum, percebo que os pára-quedistas não entendem ‘sacrifício’ como algo que os faça sofrer. Encorpendo o sentido que constroem para profissionalismo, o modo devotado com que encaram suas missões está muito longe de fazê-los sofrer. Analiso parte da interação com o Tenente Wiesser.

43	D		muito bacana. e o espírito de sacrifício? você
44			vivencia isso muito? no seu dia-a-dia?
45	W		no dia-a-dia, claro.
46	D		em que momento você percebe que você ta se
47			sacrificando?
48	W		não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido
49			de estar sofrendo, né?
50	D		entendi
51	W		mas, é: no sentido de ta fazendo ↑além, além do que as

52			peças é: servindo em outros quartéis fazem, não digo
53			nem civis
54	D		humhum
55	W		que outros batalhões fazem. que é: o ↑serviço, o
56			próprio serviço do dia-a-dia, que: o serviço, a escala
57			é apertada pro pessoal aqui porque tem pouco efetivo,
58			né? e juntamente com esse serviço, é: nós temos a
59			função normal do dia-a-dia. a instrução TEM que ser
60			dado pro soldado, né? a parte técnica, tática, TEM que
61			ser dada pro soldado, e: também as missões extras.
62			então vai ter agora, na semana sem ser a que vem, a
63			outra, tem a: a força, força, () maracanã
64	D		ham?
65	W		força () estratégica maracanã. que é no rio de
66			janeiro, então só o vinte e seis que vai
67	D		vai ser um exercício? [ou é uma missão real?
68	W		[vai ser um exercício
69	D		um exercício
70	W		um exercício. visando né a defesa do rio de janeiro.
71	D		certo. aí
72	W		aí
73	D		ham?
74	W		antes disso vai ter uma competição, com é: os
75			batalhões pé preto aqui da do comando militar de área
76	D		humhum
77	W		vai ter a competição. então tem tenente envolvido com
78			tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente
79			com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa
80			o horário de descanso é: na hora do almoço ou até:
81	D		depois do expediente
82	W		depois do expediente pra
83	D		pra cumprir [essas missões
84	W		[pra cumprir as missões. tanto é que a
85			gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a
86			ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o
87			vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles
88			estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco
89			e meia, às vezes fica até seis e meia a gente tá aqui
90			pra pra cumprir as nossas missões
91	D		humhum
92	W		isso aí já é um espírito de sacrifício.
93	D		humhum. bacana.
94	W		além das atividades de salto e milhões de outras
95			atividades.

Na linha 48 Wiesser explica que não associa espírito de sacrifício a sofrimento: ‘não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido de estar sofrendo, né?’. Para ele, sacrificar-se significa agir mais que os outros e dá exemplos em uma narrativa hipotética que se desdobra entre a linha 55 e a linha 95 em que cita as atividades em que se envolve. Observo a ênfase com que instância duas vezes a palavra ‘tem’ nas linhas 59 e 60. Tal prosódia associada à semântica do termo denota o sentido que constrói para suas atividades, isto é,

Wiesser entende suas atividades como uma responsabilidade que lhe cabe. Seu trabalho é construído como missão, para usar um termo proposto por meu entrevistado. Entre as linhas 77 e 80 Wiesser elabora avaliações, todas introduzidas pelo termo ‘então’. Penso que essas avaliações iniciadas por ‘então’ têm a força de uma conclusão, uma prova de que sua narrativa sobre a carga de trabalho que cabe a si e a seus companheiros devem ser entendidas dentro da idéia que entendem como espírito de sacrifício. As avaliações funcionam também reforçando a reportabilidade de suas narrativas, ajudando na construção do pára-quedista de seu batalhão como um combatente que estará fazendo mais do que os outros combatentes fazem: ‘então tem tenente envolvido com tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa o horário de descanso é: na hora do almoço ou até ... depois do expediente’. Wiesser também compara os pára-quedistas de seu batalhão com demais combatentes em uma outra narrativa: ‘pra cumprir as missões. tanto é que a gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco e meia, às vezes fica até seis e meia a gente ta aqui pra pra cumprir as nossas missões. Por fim, na linha 94, para deixar claro que todos em seu batalhão são muito atarefados, Wiesser complementa sua fala usando uma hipérbole que funciona intensificando a carga dramática de seu relato sobre como os pára-quedistas entendem ‘espírito de sacrifício’: ‘além das atividades de salto e milhões de outras atividades’. Ressalto que ele faz questão de incluir esta coda em sua narrativa mesmo após a pesquisadora já ter sinalizado que estava satisfeita com o relato, em uma avaliação co-construída na linha 93: ‘humhum. bacana.’

Ao entenderem que cumprem suas missões com ‘espírito de sacrifício’, os pára-quedistas constroem-se como profissionais do combate, cujo dever não termina necessariamente ao toque da corneta que indica o fim do expediente. Assim, ao entenderem ‘espírito de sacrifício’, não como sofrimento, e sim como força de trabalho, os pára-quedistas constroem-se como profissionais de atitude, homens de ação incondicional, voltados para a atividade fim do Exército, a saber: a defesa da soberania nacional.

4.3.5

“Eu escolhi, eu quis” (Tenente Wiesser) – Voluntariedade

Outro ponto do código de valores suscitado pelos pára-quedistas com quem conversei trata-se do aspecto voluntário com que buscaram suas profissões, escolhendo, inclusive, servir no batalhão considerado aquele que mais exige comprometimento profissional. Ressalto trechos da interação com o Tenente Wiesser onde a voluntariedade é comentada.

1	D		ok Wiesser, quando é que você terminou a aman?
2			((Academia Militar das Agulhas Negras))
3	W		vinte e cinco de novembro do ano passado
4	D		do ano passado.
5	W		[dois mil e seis.
6	D		[então você terminou a aman ... e ↑veio pro vinte e
7			seis?
8	W		isso
9	D		↑isso é diferente, não é?
10	W		é, tinha cerca de cinco ou seis anos que:
11	D		isso não acontecia?
12	W		que não acontecia
13	D		e foi acontecer com você?
14	W		é. eu escolhi. [eu e mais quatro companheiros
15	D		[↑ah isso que eu ia te perguntar, isso
16			foi bom pra você? você que quis?
17	W		eu que quis

Neste trecho Wiesser narra parte de sua história de vida afirmando que ele veio integrar o 26º BIPqdt voluntariamente. O termo que usa para se dizer voluntário é patente: ‘eu escolhi’. Quando eu lhe pergunto se ter vindo para este batalhão foi bom para ele, ele afirma convicto: ‘foi eu que quis’. O Tenente Wiesser afirma, no trecho seguinte, que foi voluntário para integrar o 26 assim que se graduou na Academia Militar das Agulhas Negras.

29	D		e você escolheu [o vinte e seis?
30	W		[o vinte e seis.
31	D		por que?
32	W		porque aqui era o batalhão que tinha a fama de ser o:
33			o batalhão que tinha mais atividade, o batalhão mais
34			puxado
35	D		Humhum
36	W		seria mais uma coisa pra motivar e pra mostrar também
37			o que era a brigada, né?
38	D		sei. aí você queria trabalhar, <no batalhão que era o
39			mais puxado, no batalhão=

40	W		=é
41	D		que cumpria mais missão>
42	W		é, e também por, até mesmo por orgulho assim, de
43			sentir bem fazendo, servindo bastante o exército
44	D		humhum

Wiesser elabora avaliações para a narrativa que iniciou na linha 3 no trecho anteriormente analisado. As avaliações são elaboradas pelo tenente em co-construção com a pesquisadora, já que o faz mediante suas respostas às minhas perguntas. Na linha 32 Wiesser avalia sua escolha pelo 26º construindo-se como alguém que busca espontaneamente uma rotina de trabalho intensa. Em nova avaliação (linha 42) Wiesser indica que teve a intenção consciente de doar-se ao serviço militar, orgulhando-se do trabalho que executaria no batalhão.

Narrando parte de sua história de vida, aplicando uma ordem e uma perspectiva à sua experiência, o tenente Wiesser instancia razões para ter escolhido sua profissão e o contexto institucional onde atua. As razões aparecem sob a forma de avaliações e contribuem na construção de uma determinada faceta da identidade dos pára-quedistas. Essas passagens avaliativas funcionam na interação salientando que os pára-quedistas constroem-se como livres para escolher e orgulhosos de suas escolhas. Para eles, ser um pára-quedista e fazer parte do ‘dois meia’ implica voluntariedade, vontade, escolha e orgulho.

4.3.6

‘O vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado’ (Major Firmino) – Espírito de equipe / companheirismo

Na comunidade pára-quedista, como percebi nos dados gerados nas entrevistas, todos afirmam ter certeza de que não poderiam cumprir suas missões sem contar com ajuda e apoio mútuos. Aquilo que chamam de ‘espírito de equipe’, ‘espírito de corpo’ ou ‘companheirismo’ faz parte dos ideais cultuados na comunidade pára-quedista, da chamada mística pára-quedista. Para a tropa pára-quedista, em decorrência de seu emprego tático, um grupo só é forte se houver colaboração entre seus membros, se cada integrante estiver preocupado com seu próximo tanto quanto se preocupa consigo. Vale aqui a velha máxima popular: “a força de uma corrente equivale à força de seu elo mais fraco.” Nas passagens

seguintes analiso trechos onde os pára-quedistas constroem sentido para o termo ‘espírito de equipe’ mostrando-se conscientes da importância deste ideal na comunidade pára-quedista.

Neste trecho de sua fala, Vieira explica o que entendem por espírito de equipe.

1	D		((Vieira saiu da brigada por um tempo, fez o curso de guerra na selva, que era um outro objetivo profissional, e retornou para a brigada)) deu saudade da brigada? porque você resolveu voltar pra brigada?
5	V		eu contava histórias da brigada o tempo todo. tem muito a ver, tem muito a ver, eu até separei aqui ((fazendo novamente referência às anotações feitas por ele com os pontos que tinha a intenção de abordar na entrevista)), tem muito a ver co::m, os atributos da área afetiva que são cultuados aqui. entã::o eu tinha parado ali na CORAGEM. mas ESPÍRITO DE EQUIPE? também é outra coisa que nos difere MUITO. a gente tem muita preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você, que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista, então, tem mais gente dependendo de mim” , isso acontece no SALTO, do avião, aonde o soldado inspeciona a sua fita, você é o mestre de salto, a vida de todo mundo tá na sua mão. e eles confiam plenamente em você, se você jogar ele sem tá enganchado ele sai e:: não quer nem saber, né? e:: então era isso, eu contava isso o tempo todo ((quando não estava servindo na brigada)) onde eu tava, eu tava falando “pô, mas lá na brigada, isso não acontece, lá na brigada, o espírito de equipe é diferente, tá todo mundo junto, sempre remando na mesma direção, as coisas são mais simplificadas, não ficam elocubrando tanto, perdendo tempo com algumas coisas que, são desnecessárias, são mais voltados pra parte profissional”.

Na linha 5, Vieira inicia seu turno em resposta a minha pergunta. Percebo que o ato de contar histórias sobre os eventos que viveu na Brigada esteve sempre presente em sua vida no período em que ele estava servindo em outra unidade militar. Entendo esta fala como uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006), donde posso entender que o Capitão Vieira constrói sua identidade narrativamente ao recapitular experiências passadas recontextualizando passagens de sua história de vida, construindo sentidos para sua existência ao referir-se com orgulho a momentos que vivenciou na Brigada Pára-quedista. Vieira prossegue seu turno retomando uma idéia que parecia ter sido suspensa em nossa interação (linhas 10-

12). Percebo que na linha 9 o capitão faz sua agenda encaixar-se como resposta a pergunta que eu havia feito. Ele afirma ter voltado para a Brigada por identificar-se com os ideais que lá são compartilhados, construindo sua identidade alinhada com os mesmos. Vieira fala, então, sobre o espírito de equipe. Na linha 12 Vieira demarca mais uma vez que os pára-quedistas são diferentes dos outros combatentes. Noto a ênfase ao instanciar o termo ‘muito’, demarcando ainda mais a diferença, destacando a tropa alada em sua fala. Entre as linhas 13 e 18 Vieira enuncia uma série de observações que funcionam como avaliações que prefaciam uma narrativa que estaria por vir em sua fala: ‘a gente tem muita preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você, que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista, então, tem mais gente dependendo de mim”’. Noto que Vieira utiliza ricas e variadas formas de avaliação, inclusive uma fala relatada. Ênfase na entonação na expressão ‘pela equipe’ colabora na construção do ponto de sua narrativa, que é justamente o espírito de equipe. As avaliações de Vieira denotam também a carga emocional que ele atribui a este ideal pára-quedista, haja vista, por exemplo os termos que fazem alusão a sentimentos escolhidos por Vieira: preocupação, orgulhoso, você gosta daquilo que você faz. Analiso que essas avaliações elaboradas por Vieira trazem tanta carga emocional que acabam sobressaindo-se à própria narrativa, que ao ser encaixada em sua fala acaba funcionando como uma ilustração das avaliações, um exemplo de que as avaliações fazem sentido. A narrativa hipotética faz alusão à rotina de trabalho de Vieira e aparece entre as linhas 18 e 23 exemplificando a confiança que um pára-quedista deposita em outro pára-quedista e a dependência mútua no que tange suas integridades físicas. Entre as linhas 25 e 32, em uma coda, Vieira retoma a idéia de que sempre contou histórias sobre suas experiências na Brigada quando esteve fora, marcando-se mais uma vez como diferente dos não-pára-quedistas e reforçando a idéia de que as identidades são construídas na interação, no ato de narrar vivências e memorar eventos.

O Major Firmino desenvolve sua fala em torno da idéia de grupo, equipe, conjunto. É dele a narrativa a seguir.

1	D	que qualidades o senhor evidenciaria como IMPORTANTES
---	---	---

2			num pqd? ... o que tem que ter um pqd? é é, tem coisas
3			que já estão escritas e que eu observo , que eu acho
4			que é assim mesmo. agressividade no comba:te, espírito
5			de naciona:lidade, espírito de co:rpo,
6			companheiri:smo... é: isso? tem algo mais que o senhor
7			percebe que um pqd tem? que não é evidenciado em um
8			outro combatente?
9	F		é, olha só, DENTRO daquela daquela idéia que eu acho
10			que é o principal aqui na brigada, que é, a aceitação
11			DO GRUPO, pára-quedista? porque justamente por causa
12			da mística o camarada já vê o pqd como uma máfia,
13			então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo,
14			eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do
15			camarada que tá chegando na brigada, os que já estão
16			aqui, primeiro COLABORAÇÃO. o tempo todo. né? até a
17			gente, até um orgulho né? uma coisa que a gente fala
18			muito; “o vento que sopra no velame do general é o
19			mesmo que sopra no velame do soldado”
20	D		°bacana°
21	F		tá entendendo? então colaboração, porque na hora , e
22			isso eu também já vivenciei algumas vezes, né? de você
23			estar sendo arrasta:do ((refere-se ao pára-quedista
24			depois do salto, já aterrado, sendo arrastado pela
25			força do vento em seu pára-quedas)) e às vezes quem
26			vai te salvar ali é um soldado, às vezes é um camarada
27			mais antigo, entendeu? que vai ter que segurar o
28			velame ali pra ele parar de se arrastar, tem horas que
29			você não consegue fazer nada

Segundo o major, ao viverem os ideais pára-quedistas, cada membro do grupo se doa em favor dos demais membros, intensificando a força desta corrente em prol do cumprimento das missões. O major se constrói como orgulhoso do espírito de equipe que julga ter (linha 17), atribuindo a si uma qualidade identitária própria dos que pertencem àquele grupo. Ele insere em sua fala uma máxima pára-quedista que funciona como uma avaliação externa (linha 18) “o vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado”. Esta avaliação, uma metáfora que faz alusão a uma bela imagem de vento soprando em paraquedas, funciona nesta fala atribuindo um viés poético a esta faceta da identidade do pára-quedista, reforçando a carga dramática de suas explicações sobre o ‘espírito de equipe’. A instanciação ‘uma coisa que a gente fala muito’, na linha 17, deixa ver uma vez mais na fala do pára-quedista que suas identidades e suas visões de mundo são construídas linguisticamente, nas interações em que se engajam, ao narrarem histórias e trabalharem idéias acerca do significado de seus contextos profissionais.

Esta máxima inserida como uma avaliação na fala do major me possibilita ainda outra discussão. Percebo que a questão da hierarquia está aqui implícita.

Este pára-quedista deixa ver que nesta comunidade de prática a hierarquia é respeitada, sem dúvida, mas que não há hierarquia quanto a quem deve ser escolhido para correr risco de morte. Segundo o major Firmino, um general corre os mesmos riscos que um soldado no momento do salto, por isso um pode e deve ser ajudado pelo outro, independente de seus postos. Desta forma, segundo este pára-quedista, o culto ao ideal ‘espírito de equipe’, aproxima e compromete a todos no grupo, independente de suas patentes.

Outro ponto que percebo nesta fala, entre as linhas 13 e 15, é que o major entende que ao mesmo tempo em que o grupo dá, ele cobra: ‘então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo, eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do camarada que tá chegando na brigada’. Analiso que essas duas forças, agindo em movimentos antagônicos, porém convergentes, colaboram para que os perímetros do grupo sejam mantidos. Na visão deste pára-quedista, existem forças coercitivas, veladas ou não, que agem na cobrança dos procedimentos e comportamentos considerados vitais para a continuidade existencial do grupo. O major refere-se ao grupo como uma entidade com o poder de julgar. Analiso que este é um pensamento que remete à construção de identidades coletivas, isto é, a idéia de um ‘nós-pára-quedistas’ em oposição a um ‘eles-não pára-quedistas’, ao que Snow (2001:2) refere-se como uma ação na construção de um senso compartilhado de ‘*we-ness*’. Segundo o autor, “este senso de ‘nós’, que é o componente de ação das identidades coletivas, não apenas sugere a possibilidade de uma ação coletiva na busca de interesses comuns, mas até mesmo convida a tais ações.” Assim, percebo que o grupo de pára-quedistas, enquanto entidade, age até mesmo constringendo seus membros a demonstrar os comportamentos valorizados naquele contexto. Como coloca Snow (ibidem), o senso coletivo de ‘nós’ é animado e mobilizado emocionalmente e até mesmo moralmente. Goffman ([1961] 1992:159) também argumenta que toda organização inclui uma disciplina de atividade que em última instância acaba sendo uma disciplina de ser – ‘uma obrigação de ser um determinado caráter e morar em um determinado mundo’. Percebo que os pára-quedistas, enquanto grupo, constroem-se como monitores das atitudes de seus pares, exercendo força coercitiva sobre seus membros, incentivando-os a agir segundo as regras do grupo.

4.3.6.1

“Chamamos isso aí de espírito de corpo. O medo, na verdade, o medo de ficar mal perante o grupo” (Maj Firmino) – As forças coercitivas do grupo

Prosseguindo com a idéia de espírito de equipe como um dos ideais pára-quedistas, volto meu olhar para narrativas produzidas por meus pares-entrevistados em que constroem sentidos para as forças de coerção exercidas pelo grupo na manutenção de sua própria identidade.

Na narrativa seguinte, o Major Firmino afirma sentir-se impelido por seus subordinados no que tange evidenciar atitudes próprias de um pára-quedista.

37	F		[i:sso, ↑desde a academia. desde a
38			academia a gente já tinha essa idéia. e realmente
39			quando eu cheguei aqui na brigada, foi, tudo isso <foi
40			comprovado>
41	D		e é assim que o senhor se sente hoje?
42	F		é. e, e, eu me sinto assim, eu sinto que eu, é:,
43			consegui realizar essa parte profissional, né? consegui
44			me satisfazer aqui no, nessa parte é profissional. é: e
45		▶	eu vi assim que eu cheguei, quando eu cheguei no vinte
46		▶	e cinco. já era tenente, faltavam dois anos pra eu sair
47		▶	capitão, né? então eu tinha sido comandante de pelotão,
48		▶	durante quatro anos, né?... então quando eu cheguei
49		▶	aqui, EU, me senti cobrado nesse lance de liderança.
50		▶	porque realmente aqui, a brigada, toda ela, acho que
51			todas as unidades, acho que ela é uma ↑escola de
52			liderança.
53	D		hum
54	F	▶	então você chega ali, eu lembro que quando eu CHEGUEI
55		▶	no pelotão, eu tinha que tá realmente dentro do
56		▶	pelotão, ali:, os soldados eles te olham de uma
57		▶	maneira, assim, “pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd, mas
58		▶	ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd. ele
59		▶	ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd.” e esse mostrar
60		▶	que é pqd, na verdade, é uma cobrança, que, pô a gente
61		▶	com toda, a lucidez profissional que a gente tem, sabe
62		▶	que a gente não precisa provar nada a ninguém, mas a
63		▶	gente se sente cobrado. e tem que tá realmente junto
64		▶	com o pelotão, tem que mostrar pro pelotão que você
65		▶	realmente SABE fazer a coisa. e você vai tá no campo
66		▶	junto , e aquele negócio todo. você vai ter que estar
67		▶	dentro do avião, e vai ter que demonstrar dentro do
68		▶	avião que você não tá com medo. um monte de coisinha
69		▶	que: hoje você pensa “pô, isso é besteira” mas o
70		▶	camarada TEM que fazer. senão ele NÃO VAI comandar ()
71		▶	

Nas linhas 42 e 43 percebo que o major Firmino expressa seu alinhamento com os valores compartilhados no batalhão manifestando emoção e satisfação:

‘consegui realizar essa parte profissional, né? consegui me satisfazer aqui no, nessa parte é profissional’. À luz de Goffman ([1961] 1992:148), analiso que nesta fala ele julga ser um determinado tipo de pessoa, considerando que é um combatente que manifesta as características valorizadas para ser um integrante do mundo pára-quedista. Na linha 49 ele oferece uma avaliação para a narrativa que desenvolverá no prosseguimento de sua fala, já predizendo seu ponto. Afirma ter se sentido cobrado enquanto líder por ocasião de sua chegada à Brigada de Infantaria Pára-quedista. A partir da linha 54 ele elabora uma narrativa em que afirma que ser um pára-quedista não implica apenas ter feito o curso, isto é, ser um pára-quedista respeitado por seus comandados implica respeitar as regras veladas de comportamento exigidas pelos membros deste grupo. Para reforçar o ponto de sua narrativa, o major Firmino insere uma avaliação externa, uma fala relatada simulando a voz e o pensamento de seus subordinados, na linha 57: “pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd, mas ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd. ele ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd.’ Em uma narrativa hipotética, o major esclarece que para exercer a liderança esperada de um comandante, um pára-quedista deve demonstrar domínio de habilidades específicas da atividade: ‘e tem que tá realmente junto com o pelotão, tem que mostrar pro pelotão que você realmente SABE fazer a coisa. e você vai tá no campo junto, e aquele negócio todo. você vai ter que estar dentro do avião, e vai ter que demonstrar dentro do avião que você não tá com medo.’. Segundo o Major Firmino, caso não sejam evidenciadas, na prática, as atitudes de um pára-quedista, um comandante é ‘punido’ com a impossibilidade de liderar sua tropa, provando-se incompetente para tal. Esta idéia é instanciada em uma avaliação em que outra fala relatada é inserida, simulando sua própria voz experiente: ‘hoje você pensa “pô, isso é besteira” mas o camarada TEM que fazer. senão ele NÃO VAI comandar’. Observo a ênfase na prosódia da palavra ‘tem’ e na expressão ‘não vai comandar’ indicando até mesmo uma certa obrigação moral de agir como um pára-quedista.

Em outro momento de sua fala, o Major Firmino desenvolve uma narrativa em que se mostra bastante entusiasmado, com muitos risos, em que também sugere as forças coercitivas agindo em prol da manutenção da sobrevivência do grupo. Ele narra sobre seu primeiro salto livre e de quão nervoso ele estava.

144	D		e um outro fato que eu vejo a importância do grupo, né?
145			que isso aí se renova em TODOS os cursos aqui da
146			brigada, CADA curso da brigada. foi quando eu tava
147			fazendo o curso de salto livre. né? foi meu ↑primeiro
148			salto livre. então, naquele dia ali, eu falo isso pra
149			muitas pessoas eu já falei isso aí. <naquele dia, EU
150			estava pronto pra pedir desligamento do curso>. tamanho
151			era meu PÂNICO ali né? o avião, ia ser a primeira vez
152			que eu ia saltar e chegar e comandar o pára-quedas. aí
153			o búfalo ((modelo do avião)) decolou, °eu ia ser o
154			segundo a sair do avião°, aí, aquele silêncio, eu
155			olhava pra todo mundo assim, aí eu pensei “°vou pedir
156			pra ir embora, vou pedir”
157	D		dentro do avião?
158	F		dentro do avião. falei “°eu não vou sair, não vou” aí
159			começa, né? a racionalizar. “°por que que eu vou fazer
160			isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “°minha
161			família ta em casa” mas aí... bom você olha pro grupo,
162			ta lá o grupo ((limpa a garganta)) aí você pô
163			((rindo))“<como é que eu vou explicar isso>?”
164	D		((risos))
165	F		“ta aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai
166			sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?”
167			aí, foi né? então isso aí é uma coisa que, eu acho que
168			aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece a
169			todo momento aqui na brigada. né? todos os cursos,
170			mesmo no mestre de salto, o básico pára-quedista e
171			assim vai, entendeu?
172	D		hum hum
173	F		é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de espírito
174			de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar mal
175			perante o grupo
176	D		hum hum
177	F		então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar

Percebo aqui uma narrativa canônica, com os elementos estruturais propostos por Labov (1972). O ponto desta narrativa faz-se ver logo pela avaliação instanciada na linha 144: a importância do grupo. Na linha 151 o Major Firmino me diz que no momento de seu primeiro salto livre, dentro do avião, ele estava em pânico. A palavra ‘pânico’ é instanciada com ênfase prosódica, demarcando fortemente a avaliação que faz de seu estado de espírito. Ao instanciar o elemento complicador, sua decisão de desistir do curso, na linha 156-161, o major insere suas próprias falas relatadas: “eu não vou sair, não vou” aí começa, né? a racionalizar. “por que que eu vou fazer isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “minha família ta em casa” . Elabora, então, uma resolução (linha 162-163) ressaltando a imagem do grupo motivando os comportamentos valorizados pela comunidade de prática em questão: ‘mas aí... bom você olha pro grupo, ta lá o grupo ((limpa a

garganta)) aí você pô ((rindo))“<como é que eu vou explicar isso>?” Nas linhas 165 e 167, o major estende sua resolução continuando a inserir suas próprias falas relatadas. Considero que a inserção de tantas falas relatadas do próprio narrador funciona conferindo veracidade à narrativa, uma vez que os eventos narrados foram vividos pelo próprio narrador da história. Observo que a instanciação “<como é que eu vou explicar isso>?” denota a força da narrativa no curso da vida do major, que diz contar com o ato de narrar para se construir identidades. Ao relatar seus próprios pensamentos, todos eles são marcados prosodicamente, falados em voz baixa: “vou pedir pra ir embora, vou pedir” , “eu não vou sair, não vou”, “por que que eu vou fazer isso, eu não preciso” , “minha família tá em casa”. O tom de voz mais baixo com que o major instancia essas falas contribui para que as mesmas sejam entendidas, não apenas como um pensamento que lhe passava pela cabeça, mas como um segredo, algo que não deveria ser bradado abertamente com orgulho, pois tais idéias agem contrariando os ideais pára-quedista, suscitam a falta de coragem, o medo, a derrota. O major Firmino desenvolve toda a sua narrativa em tom de riso. O riso neste ponto funciona na construção de si próprio como experiente e vivido. Ele pode rir de si mesmo agora, visto que venceu seus medos, se superou. O major Firmino narra sob a perspectiva do tempo presente, isto é, o tempo da narrativa não é o mesmo tempo do evento narrado (Mishler, 2002). Rindo da situação que viveu, o major Firmino prossegue sua narrativa dizendo que ao mesmo tempo em que tais pensamentos lhe ocorriam, ele olhava para o grupo e se perguntava: ‘<como é que eu vou explicar isso>?’. Ao grupo, o major Firmino confere olhares panópticos, isto é, o grupo está sempre lá, vendo suas atitudes, julgando se seus membros são ou não merecedores do brevê que usam em suas fardas, impelindo-o a superar o “pânico” e saltar: “tá aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?” aí, foi né?”. Na resolução de sua narrativa (linha 167), o major afirma que o evento narrado se deu com ele, mas que a mesma situação de cobrança do grupo acontece a todo momento, em diferentes situações, com todos que integram esta tropa: ‘então isso aí é uma coisa que, eu acho que aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece a todo momento aqui na brigada.’

O Capitão Marcos Almeida faz alusão em sua fala às tais forças coercitivas do grupo. No trecho que transcrevo a seguir, intitulado por mim como “Não posso desistir agora, vai ser uma tremenda vergonha”, ele narra sobre as emoções que um pára-quedista sente segundos antes de saltar, o embate entre o medo de saltar e o medo de perder a aceitação do grupo.

68	M		Só o louco não tem medo
69			Só o louco não tem medo. Imagina? Pô. se jogar do
70			avião, né? lá de cima e tal. Uma coisa meio que, maluco
71			né?
72	D		Hum
73	M	▶	Mas é: totalmente seguro. A primeira vez, a gente QUER
74		▶	saltar porque a gente, RALA muito pra pra concluir o
75		▶	curso. E a gente sabe que pô, é aquilo ali, tem que
76		▶	saltar, hum. Tipo assim, eu acho que o grande motivo do
77		▶	curso ter toda essa ralação não é nem selecionar, é
78		▶	fazer o camarada não amarelar na hora do salto. Porque
79		▶	aí ele já pensa “eu passei por tudo isso pra tá aqui na
80		▶	frente da porta aqui, a essa altura”?
81	D		Humhum
82	M	▶	“não posso desistir agora, vai ser uma tremenda
83		▶	vergonha”. Acho que o cara pensa isso, né?
84	D		Sei
85	M	▶	Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu
86		▶	imaginava, que a gente via, dentro do avião, assim, no
87		▶	primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava
88		▶	rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era
89		▶	nervosismo em si

Na linha 73 o Capitão Marcos Almeida inicia uma fala em que narra sobre o caminho difícil que um pára-quedista deve percorrer antes de finalmente encontrar-se à porta do avião, pronto para saltar. Ele diz que após um curso tão árduo, onde foram exigidos ao máximo, física e psicologicamente, saltar é um momento de catarse, uma realização. Não obstante, muitos são tomados pelo nervosismo. Observo que o Capitão não usa a palavra medo nesta narrativa para descrever tal emoção. Ele instancia ‘nervosismo’ e ‘amarelar’, mas não medo. As forças de julgamento, atribuídas novamente ao olhar panóptico do grupo, vêm à tona na avaliação “não posso desistir agora, vai ser uma tremenda vergonha”. O grupo exerce força velada, que atua nos brios, no orgulho do pára-quedista. Rapidamente o Capitão Marcos Almeida segue em uma avaliação (linhas 83-89) em que faz questão de salientar que este é o pensamento que ele julga passar pela cabeça de outros pára-quedistas, pois ele não se sente assim: ‘Acho que o cara pensa isso, né? Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu imaginava, que a gente via, dentro do avião,

assim, no primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era nervosismo em si'. Neste ponto ele se constrói como um dos membros do grupo capaz de observar e avaliar o nervosismo de seus companheiros, ele se coloca como um daqueles que exercem a força coercitiva de identidade do grupo.

Observo, assim, que o espírito de equipe é reconhecido pelos próprios membros do grupo estudado como um dos ideais a serem evidenciados em suas práticas diárias. Duas forças agem para que os perímetros de atuação de tal equipe sejam definidos, a saber, ao mesmo tempo em que os membros do grupo amparam-se mutuamente, colaborando na argamassa que os une e praticando os ideais pára-quedistas, o grupo age forçando e cobrando tais atitudes, aceitando ou repelindo. Todos querem continuar sendo queridos pelos demais, como explica o major Firmino: 'é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de espírito de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar mal perante o grupo'. Parafraseando o brado dos três mosqueteiros de Alexandre Dumas "Um por todos e todos por um", acrescento minha voz de analista: o grupo por todos e todos pelo grupo. Na voz do Major Firmino: 'então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar'.

4.3.7

"Brasil acima de tudo!" (brado de guerra dos pára-quedistas) – Patriotismo, Nacionalidade, 'Brasilidade'

Considero importante mencionar que absolutamente todos os meus entrevistados falaram em patriotismo, seja em explicações ou em narrativas propriamente ditas. O patriotismo foi o primeiro dos atributos pára-quedistas instanciados pelo Capitão Vieira em sua fala. Vieira relaciona o brado usado na Brigada de Infantaria Pára-quedista (Brasil! Acima de tudo!) com o sentimento de patriotismo que entende ser vivido por todos os membros deste grupo.

Os brados de guerra são uma prática comunicativa bastante comum entre militares do Exército Brasileiro durante os intercâmbios interacionais, principalmente em seus contextos profissionais. Vale ressaltar que brados de guerra são palavras de ordem pronunciadas em alto e bom som por membros de um mesmo grupo, não necessariamente militar, que funcionam como parte dos

jogos lingüísticos onde são enunciadas. Entendo, assim, que brados de guerra são signos lingüísticos que pretendem evocar valores institucionais e que por este motivo são julgados oportunos de serem proferidos durante uma enorme gama de situações interacionais na caserna. A adoção destes ou daqueles brados, dentro do Exército, a meu ver, nada tem de arbitrária, dependendo, entre outros aspectos, da identidade da tropa onde é proferido. Considero que o brado de guerra seja um signo identitário da tropa. O brado ‘Brasil acima de tudo!’ é característico da tropa pára-quedista, evidenciando e evocando seus ideais. Como explica Vieira:

45	V	▶	inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA
46		▶	DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é.
47		▶	DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião,
48		▶	qualquer que seja ela.
49	D		sei
50	V	▶	então depois de deus é o seu país, a sua nação. então
51		▶	essa tropa ela já se diferencia por isso, pelo seu
52		▶	lema. é o lema que envolve uma tropa que foi preparada
53		▶	para defender † o brasil, e não só uma região do país.
54		▶	e isso tá dentro da nossa é é, das nossas missões.

O Capitão Vieira explica que o brado da Brigada é a própria materialização verbal do patriotismo que os motiva (linha 45). Vieira insere em sua fala explicações iniciadas com a palavra ‘então’ (linha 50) para intensificar a relevância de sua explicação sobre a grande devoção que os pára-quedistas demonstram pela Pátria, o que os diferencia dos demais combatentes. Tais explicações funcionam ainda qualificando a tropa pára-quedista que Vieira constrói como capacitada para agir em qualquer região do País, demarcando sua ampla atuação na defesa nacional por não ser especializada apenas em um tipo de terreno, podendo ser empregada tanto na selva como na caatinga ou na montanha. O pára-quedista é, pois, segundo Vieira, um militar envolvido com sua Pátria como um todo.

A fim de explorar mais o tema, na linha 81 eu lhe pergunto se ele poderia narrar alguma história em que tivesse vivido este sentimento de patriotismo. Análise o trecho a seguir.

81	D	▶	é: você falou várias vezes já em †patriotismo, ah você
82		▶	pode me contar algum episódio da sua vi:da ou aqui na
83		▶	caserna, aqui no batalhão, ou em alguma missão que você
84		▶	já tenha participado onde isso ficou † patente? o
85		▶	PATRIOTISMO? “eu tô fazendo isso pela minha pátria,
86		▶	pelo meu país”? né? em alguma coisa que você já tenha

87			sido empregado? na hora de você estar com o seu
88			soldado?
89	V	▶	é difícil de responder essa sua pergunta com uma
90		▶	uma idéia específica né? porque TUDO que eu fiz, sempre
91		▶	foi com esse sentimento de patriotismo, nada assim
92		▶	ficou mais marcante “pô, isso aqui eu fiz pela pátria,
93		▶	isso não”
94	D		já tá no [sangue né?
95	V	▶	[é NORMAL. tudo o que eu FIZ né? nesses, já tô
96		▶	com praticamente 18 anos de exército, eu fiz com
97		▶	vontade de defender a pátria, eu fiz pela pátria. me
98		▶	recordo VÁRIAS vezes de tá no avião, voando já,
99		▶	equipado, como mestre de salto, que é quem lança os
100		▶	pára-quedistas, de tá ali, “pô, tô aqui mesmo pela
101		▶	pátria, isso é uma doideira, isso é loucura”
102	D		é loucura? [é loucura tá lá em cima?
103	V		[vou tá me jogando () ((fala rindo)) é
104			diferente de qualquer outra coisa né? é diferente,
105			porque a gente já chega ((no combate, na missão a ser
106			cumprida)) de uma forma mais complicada, mais difícil,
107			do que uma outra tropa. mas tudo que eu fiz foi, não
108			teve um sentimento diferente que não seja a <defesa da
109			pátria>.

Na linha 89 Vieira inicia seu turno em resposta ao meu. Ele diz que não pode responder minha pergunta com um relato específico, uma vez que ‘tudo’ (com ênfase prosódica no termo) o que fez até o presente momento foi em nome da Pátria. Esta colocação de Vieira tingue com as matizes do patriotismo toda e qualquer narrativa que ele venha a produzir a cerca de suas vivências profissionais. Percebo que o patriotismo estará sempre emoldurando sua fala deste momento em diante. Usando o patriotismo como pano de fundo, a partir da linha 97 Vieira elabora uma narrativa em que expõe hábitos e rotinas e cujo ponto é o mostrar quão patriota ele é. Em sua narrativa ele se constrói como experiente, cita seus dezoito anos de serviço e menciona sua especialização, ele é mestre de salto. Assegura-se assim um lugar donde possa protagonizar a cena a ser narrada. A ação complicadora de sua narrativa é elaborada com a instanciação de uma fala relatada, um pensamento seu, em que dialoga consigo mesmo (linha100): “pô, tô aqui mesmo pela pátria, isso é uma doideira, isso é loucura”. Noto a carga dramática trazida à sua narrativa com as palavras ‘loucura’ e ‘doideira’. Investida do papel de entrevistadora-pesquisadora, percebo que Vieira relaciona seu trabalho a algo insano, isso me chama a atenção e provoca minha pergunta na linha 102. Para tal pergunta Vieira elabora uma série de avaliações que funcionam avaliando suas experiências como saltador. Nessas avaliações ele constrói o pára-quedista como diferente, como um combatente que enfrenta mais dificuldades que

qualquer outro para chegar ao seu objetivo. Ele insere o riso enquanto instancia as avaliações. Analiso que o riso, aqui, funciona reforçando a posição superior que ele clama para si desde o início desta narrativa, ele ri ao perceber que alguém (a entrevistadora) não alcançou, de imediato, quão arriscado é o exercício de sua profissão. Nas linhas 107-109, Vieira reforça seu ponto, patriotismo, sugerindo uma avaliação que tem também a função de coda, encerrando seu relato como reportável.

O Tenente Wiesser, ao tratar de patriotismo e nacionalidade também faz alusão ao brado de guerra: “Brasil acima de tudo”. Neste trecho, que intitulei “Interação Brasil”, ele desenvolve uma fala onde narra sobre as missões que vem cumprindo por todos os rincões do Brasil.

1	D		alguns já me disseram e eu já pude perceber aqui
2			também, que <“ser um pára-quedista é experimentar o
3			sentimento mais profundo de nacionalidade>”. né, de ser
4			brasileiro, de estar à frente de uma nação,
5			representando, defendendo, é, e protegendo.
6	W		certo
7	D		you já passou alguma situação aonde you tenha
8			vivenciado esse sentimento profundo de nacionalidade?
9	W		sim. bom, é o meu primeiro ano aqui, minha experiência,
10			ainda não é tão grande. né? mas a minha primeira missão
11		▶	fora foi em, em manaus, né? na verdade na província
12		▶▶	>não sei se é província o nome< mas em urucu, onde tem
13		▶▶▶	um pólo petrolífero da petrobrás.
14	D		sei
15	W	▶	então a gente: é foi pra manaus, com tempo, é a gente
16		▶▶	saltou em urucu, e, tanto na cidade como é: em urucu, a
17		▶▶▶	gente sentia que a população ali, quem tava
18		▶▶▶▶	trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal
19		▶▶▶▶▶	muito equipado, né? e os soldados é: os tenentes até
20		▶▶▶▶▶▶	voltaram pra passar pro soldado, que: é o único
21		▶▶▶▶▶▶▶	quartel, é a única unidade né? grupo de militares que
22		▶▶▶▶▶▶▶▶	faz essa interação brasil. Então é rio de janeiro,
23		▶▶▶▶▶▶▶▶▶	então vai ter missão em manaus, tem missão no nordeste,
24		▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶	tem missão no pantanal, no sul. é a única tropa que faz
25		▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶	isso. então o soldado ele: a maioria dos soldados
26		▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶	antigos aqui que já ta aqui há quatro anos, ele tem
27		▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶▶	esse sentimento de defesa territorial.
28	D		sei
29	W	▶	por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima
30		▶▶	de tudo
31	D		brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma
32			região, né?

Percebo que entre as linhas 9 e 30 o Tenente Wiesser elabora uma narrativa nos moldes labovianos, isto é, ele recaptula uma experiência vivida por ele no passado, relacionando uma sequência verbal de orações a uma sequência de

eventos que realmente ocorreram. Ele insere avaliações externas (linhas 18-19): ‘a gente sentia que a população ali, quem tava trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal muito equipado, né?’ A carga dramática trazida na avaliação pelo uso das palavras ‘sentia’, ‘admirado’, ‘gostava’ funciona intensificando o apelo emocional que Wiesser confere à narrativa cujo ponto é a admiração despertada pelos pára-quedistas. Para falar de patriotismo Wiesser narra um episódio em que a tropa pára-quedista figura como digna de admiração. Nas linhas 20 e 21 com a escolha das expressões ‘único quartel’ e ‘única unidade’, Wiesser confere aos pára-quedistas, mais uma vez, um destaque em relação aos demais combatentes. Em uma avaliação iniciada pela palavra ‘então’ (linha 27), os pára-quedistas são construídos como atuantes em todo o território nacional, o que, segundo Wiesser, confere a este combatente um especial ‘sentimento de defesa territorial’. Nesta avaliação, que funciona reforçando o ponto da narrativa, Wiesser relaciona admiração com patriotismo e sentimento de defesa territorial. Para assegurar a força do ponto da narrativa, na linha 29 Wiesser insere mais uma avaliação: ‘por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima de tudo’. Neste momento, em sintonia com meu entrevistado, eu colaboro em co-construção, reforçando o ponto da narrativa (linha 31-32): ‘brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma região, né?’

O Capitão Vagner também fala sobre patriotismo. O faz, por sua vez, citando parte do texto do juramento à Bandeira Nacional. Em tempo, tal juramento é proferido durante uma formatura, um ato solene, realizado por todos os militares ao incorporarem-se a qualquer uma das três Forças de nosso País, neste caso específico, ao Exército.

Antes de passar à análise deste trecho, e para que minha análise possa fazer mais sentido ao meu leitor, julgo oportuno transcrever o texto do juramento à Bandeira.

“Incorporando-me ao Exército Brasileiro
 Prometo cumprir rigorosamente
 As ordens das autoridades a que estiver subordinado
 Respeitar os superiores hierárquicos
 Tratar com afeição os irmãos de armas
 E com bondade os subordinados
 E dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria
 Cujá honra

Integridade
E instituições
Defenderei
Com o sacrifício da própria vida.”

Ressalto que no juramento à Bandeira, o militar afirma que defenderá a honra, a integridade e as instituições da Pátria com o sacrifício da própria vida.

Transcrevo a passagem intitulada por mim como “Com o sacrifício da própria vida” em que o Capitão Vagner fala sobre patriotismo.

1	D		então, você tá falando em ser útil. você percebe
2			nessa, nessa sua profissão, você experimenta o
3			sentimento profundo de nacionalidade? nesse, desse
4			jeito que você tá falando?
5	V		eu acho [que qualquer
6	D		[você se sente na frente do seu país, de alguma
7			forma?
8	V	▶	eu acho que qualquer um que que que é capaz de dar a
9		▶	vida, pela sua: pelo seu país né? que jura a bandeira,
10		▶	eu acho que sente isso. e ele, só que alguns só
11		▶	conseguem, é: sentir? as consequências desse juramento,
12		▶	quando eles são, quando a vida deles realmente, é
13		▶	colocada em risco né?
14	D		humhum
15	V	▶	e eu acho que, a atividade aeroterrestre ajuda isso
16		▶	também né? porque você é constantemente tá botando
17		▶	sua vida em risco.
18	D		quando você jurou a bandeira que é “defenderei com a
19			[sacrifício da própria vida”
20	V		[É: da própria vida e:
21	D		você percebe isso sempre [nas atividades suas?diárias?
22	V	▶	[SEMPRE, sempre. é, por que?
23		▶	pela atividade aeroterrestre ser real. pela pela nossa
24		▶	disponibilidade de ser acionado a qualquer momento aqui
25		▶	no vinte e seis. é, eu nem sentia tanto, é, no vinte e
26		▶	cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso AQUI.
27		▶	porque aqui realmente o batalhão tá todo pronto. em
28		▶	quarenta e oito horas a gente tá partindo. então, é é
29			aqui é muito mais, até, muito mais evidente do que no
30			vinte e cinco que que o vinte e cinco tem uma uma, ele
31			é mais vocacionado pra parte de formação de soldados
32			

Entre as linhas 8 e 13 Vagner elabora uma narrativa hipotética, em que relaciona os militares que juram à bandeira, comprometendo sua vida à defesa da Pátria, com o sentimento de nacionalidade. Na linha 10 Vagner insere um elemento complicador em sua narrativa reservando o real sentimento de nacionalidade somente àqueles que realmente vivem a experiência de se arriscar pela pátria. Na linha 15 ele finalmente instância que este sentimento pode ser sentido pelos pára-quedistas, uma vez que são construídos como aqueles que

efetivamente se arriscam pela pátria. Esta afirmação, em forma de avaliação, confere aos pára-quedistas destaque e superioridade. : ‘só que alguns só conseguem, é: sentir? as conseqüências desse juramento, quando eles são, quando a vida deles realmente, é colocada em risco né?’. Na linha 21 eu lhe dirijo uma pergunta no intuito de proporcionar campo para que Vagner desenvolva possíveis narrativas. Entre as linhas 22 e 32 Vagner desenvolve mais uma narrativa hipotética. Nota a ênfase prosódica e a repetição da palavra ‘sempre’. Entendo que estas marcas lingüísticas contribuem para a construção do ponto de sua narrativa: segundo Vagner, um pára-quedista carrega consigo, onde quer que vá, o sentimento de nacionalidade e patriotismo em função de sempre correr risco de vida em suas atividades profissionais. Nesta narrativa, Vagner também diferencia os pára-quedistas do 26º dos pára-quedistas dos outros batalhões, reduzindo e qualificando ainda mais seu grupo, que julga superior e seleta. Para tanto faz uso de avaliações com expressões como: ‘é, eu nem sentia tanto, é, no vinte e cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso AQUI.’ ou ainda ‘então, é aqui é muito mais, até , muito mais evidente do que no vinte e cinco’.

Há inúmeras outras passagens sobre patriotismo, nacionalidade e brasilidade nos dados gerados para esta pesquisa. Vale ressaltar ainda que meus pares-pesquisados não fazem distinção entre esses três conceitos, tratando-os indistintamente e até mesmo usando um como sinônimo dos outros, como se pode notar nas passagens analisadas. Por este motivo minhas discussões abordam tais conceitos sem tentar distingui-los. Creio, no entanto, que as análises evidenciadas em meu texto tenham deixado claro quão forte e determinante de suas identidades sociais é a idéia de patriotismo para a tropa pára-quedista.

Pude entender que os pára-quedistas com quem conversei entendem sua Pátria, e conseqüentemente a Soberania Nacional, como razão maior de sua escolha profissional, e até mesmo como a razão de suas vidas. O Capitão Rocca, na linha 23 do texto que intitulei “É pra isso que a gente vive”, faz tal afirmação de forma bastante contundente.

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no pára-quedista. né?

7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística pára-quedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística pára-quedista. eu acho que a brigada pára-
16			quedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa, que
17			tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			pára-quedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

Minhas análises me dizem que os pára-quedistas colocam a Pátria como sua grande motivação. Ao Brasil eles dizem devotar sacrifícios, serviço, amor, entusiasmo, uma enorme gama de emoções existenciais, enfim, suas próprias vidas.

Essas análises me fizeram pensar sobre a relação entre o conceito de comunidades imaginadas (Anderson, [1983] 2005) e o sentido que os pára-quedistas constroem para a Pátria cuja honra, integridade e instituições juraram defender com o sacrifício da própria vida. Anderson define a nação como “(...) uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ibidem:25).

À luz de Anderson, afirmo que os pára-quedistas construíram a imagem da comunidade a que servem, a Nação Brasileira, limitando-a a um determinado território, imaginando seus membros em comunhão, criando fronteiras de ‘nós-brasileiros’ e ‘eles-não-brasileiros’. Os pára-quedistas constroem-se como crentes em sua Pátria como soberana, isto é livre de explorações estrangeiras e dominações que cerceiem suas atitudes políticas no cenário mundial. Os pára-quedistas constroem-se como capacitados a atuar em toda e qualquer região do Brasil, da caatinga ao Pantanal, da selva aos pampas, das montanhas ao cerrado, do Oiapoque ao Chuí, da Ponta do Seixas à Serra da Contamana, e não mencionam qualquer tipo de distinção que afete seu comprometimento com o bem-estar de seus compatriotas. Um ‘pequedê’ diz servir, na figura da pátria imaginada e soberana, igualmente a todos os membros da comunidade,

independente de classes e posições sociais, expressando sentimentos de fraternidade para com seus compatriotas.

Anderson (ibidem) coloca também que a tendência de toda comunidade imaginada é seguir existindo, porém não sem se transformar, até que depois de tanta transformação já se faz outra. No entanto, não creio que o combatente (em especial o combatente pára-quedista por ser o foco de minhas análises) imagine a Pátria como algo fluido e mutante. Para um pára-quedista, a idéia de Pátria e Nação é inquestionável. Em suas falas, como apontado nas análises, eles se constroem como capazes de doar suas vidas em nome da Pátria, morrendo por seus imaginados compatriotas e pela imaginada noção de território livre e fraterno. Aponto que, segundo Anderson (ibidem), a noção de Pátria imaginada não deve ser entendida como uma imagem falsa ou fabricada, em oposição a algo verdadeiro e real. Acredito que os pára-quedistas, em suas falas, constroem sentidos e imagens, entendendo o mundo a sua volta, interpretando-o simbolicamente, representando-o no discurso. Analiso que suas idéias acerca do país a que dedicam as vidas tendem a ser firmes e objetivas, visto que, em função de conhecerem a arte da guerra, sabem que comunidades podem ser aniquiladas e excluídas em guerras, ainda mais em tempos pós-modernos de guerras tecnológicas, de guerras veladas de interesses e poder. Ainda que pareça paradoxal, agarrar-se à imagem de uma Pátria soberana, perene e real relaciona-se intimamente à construção da identidade de um grupo que faz desta mesma pátria razão de suas vidas, ou seja, a razão de ser quem afirmam ser. Além disso, atribuir a razão de seu viver a algo fluido e passageiro, seria lutar em vão, seria jogar fora suas vidas, esvaziando-as de valor e sentido. Imaginar e acreditar na idéia de Pátria é, dentre outras coisas – como hierarquia, disciplina, obediência – uma questão identitária, existencial para os pára-quedistas. Assim entendo.

4.3.8

“O pára-quedista já tem a coragem, é dele, é inato” (Tenente Coronel Ermínio) – Coragem

Grande parte das narrativas produzidas por meus pares-entrevistados pode ser classificada como narrativas de coragem, mesmo nos momentos em que este não era o tema sobre o qual nossas conversas giravam. Creio que a presença

constante do espírito de coragem além de ser algo dado como natural pelos pára-quedistas, é entendido como decorrente do emprego estratégico desta tropa. Como coloca o Tenente Coronel Ermínio no trecho retirado de sua entrevista (que pode ser encontrada na íntegra nos anexos deste trabalho):

‘a gente fica bastante orgulhoso de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe.. ele TEM a coragem’.

Esses profissionais vivem, no exercício diário de suas atribuições, situações altamente perigosas, que envolvem efetivo risco de morte. Os pára-quedistas constroem-se como audazes e desafiadores no cumprimento de sua missão constitucional, que é defender a soberania nacional, ao serem empregados em uma substancial e diversificada gama de missões. Observo desta forma, nos dados gerados, narrativas decorrentes do emprego estratégico desta tropa, definido nos estatutos da Força. Foram produzidas narrativas de episódios em que a tropa pára-quedista era empregada em operações de garantia da lei e da ordem, ações cívico-sociais, intervenções de conflitos urbanos, ações específicas contra o crime organizado, em missões de paz no exterior, operações de inteligência, sem falar dos saltos propriamente ditos. Ao meu olhar de analista do discurso, os pára-quedistas, enquanto personagens centrais dessas narrativas, dão vida àqueles a quem chamamos, no senso comum, de corajosos. Percebi, nas análises, que os pára-quedistas constroem sentidos bastante genuínos para o termo, re-significando a idéia de coragem, à sua maneira.

Face ao acima exposto, entendo que qualquer das narrativas que foram produzidas durante a geração de dados desta pesquisa poderia ser analisada como uma narrativa de coragem. Selecionei, no entanto, passagens que particularmente me interessaram, por diferentes razões, que passo a expor nas análises a seguir.

Os pára-quedistas com quem conversei entendem-se e constroem-se como corajosos. No entanto, para eles, coragem e medo não são emoções excludentes. Para um pára-quedista, sentir coragem não significa necessariamente não ter medo. Como pode ser visto na fala do capitão Vieira, por mim intitulada ‘Eu nunca estive em uma situação tranqüila, nunca’, a seguir.

20	D	você já passou [por alguma pane?
----	---	----------------------------------

21	V	[já, já passei
22	D	você podia me contar?
23	V	°lhe conto°, mas só só concluindo, é a: a: realmente o
24		que você disse é: confiar no equipamento. eu confio
25		MUITO no equipamento. aliás, em TUDO que eu fiz no
26		exército. <eu sempre tive medo> mas a minha coragem
27		sempre foi MAIOR [do que o medo
28	D	[além do medo
29	V	eu NUNCA estive em uma situação tranqüila. [nunca
30	D	[é, quem não
31		tem medo é LOUCO, né?=-
32	V	=é louco. eu nunca tive esse sentimento de loucura “vou
33		me jogar daqui, vou fazer rapel ((descer por corda)),
34		vou fazer rapel do helicóptero, vou fazer um
35		<i>halocasting</i> ((tipo de incursão muito perigosa em que se
36		salta do helicóptero na água, sem pára-quedas, de uma
37		altura de 10 a 20 metros)). qualquer coisa que eu fiz,
38		eu sempre tive aquela dorzinha no estômago, mas sempre
39		com é é, MINHA coragem, né? minha determinação... por
40		isso que eu acho que a gente tem um pouco de diferente.
41		né? a gente consegue vencer essa situação
42		

Eu peço que Vieira me relate alguma situação onde tenha ocorrido uma pane em seu equipamento no momento do salto, eu não falo especificamente sobre medo. Aponto que na linha 26 o tema ‘medo’ é espontaneamente introduzido pelo capitão, em uma avaliação para a narrativa que estaria por vir. Ele associa a narrativa que virá a medo e coragem. Vieira marca prosodicamente o termo ‘tudo’, além de instanciar a frase ‘eu sempre tive medo’ em ritmo mais lento. Essas marcas prosódicas funcionam enfatizando a presença do medo em todas as situações perigosas pelas quais já passou no exercício de sua profissão. Na linha 30, enquanto entrevistadora, faço uma intervenção co-construindo sentidos, ao sugerir uma avaliação para afastar a figura do louco dos relatos de Vieira. Vieira concorda comigo e na linha 32 inicia uma narrativa não-canônica, enumerando situações arriscadas às quais já esteve exposto. A inserção de suas próprias falas relatadas funciona conferindo maior veracidade à sua história, já que o próprio narrador se constrói como o personagem que viveu a experiência, expondo seus pensamentos carregados de emoção. O ponto da narrativa é contrastar a presença concomitante do medo e da coragem nos momentos na vida de um pára-quedista, assim, com a inserção de tais falas relatadas Vieira reforça o ponto da narrativa. Além disso, com conteúdo semântico de suas falas relatadas, Vieira faz ver, posicionando-se de forma um tanto despretensiosa, as situações perigosas a que se submete em sua profissão, enaltecendo sua identidade de combatente pára-quedista experiente acostumado com o perigo. Na linha 38

Vieira elabora avaliações que servem como explicações denotando que a emoção decorrente do medo sempre esteve ao lado da coragem. Nessas avaliações, noto que a palavra ‘medo’ não é instanciada. Vieira usa uma metáfora, a saber, a expressão mitigante (também por estar no diminutivo) ‘dorzinha no estômago’, para substituir a palavra medo. Com tal mitigação Vieira constrói-se como consciente das emoções provocadas pelo medo. Noto a escolha pela palavra ‘minha’, pronunciada com ênfase na linha 39 ao adjetivar a coragem. Tal escolha denota que Vieira se constrói como um ‘possuidor da coragem’, como se a coragem fizesse parte dele, construindo-a até mesmo como uma entidade com vida própria. Na linha 40 Vieira elabora outra avaliação que funciona, uma vez mais, diferenciando a tropa pára-quedista das demais ao afirmar que um pára-quedista consegue vencer o medo. Segundo Vieira, na batalha entre medo e coragem, a vitória é da coragem. Em consequência da expressão deste tipo de sentimento, isto é, a emoção de vencer o medo e deixar falar a coragem, o pára-quedista atribui-se um diferencial em relação às outras pessoas, demarcando mais uma vez a superioridade do pára-quedista em consequência da expressão deste tipo de emoção.

Na fala do Major Firmino a coragem também é construída, não como a ausência mas sim a superação do medo. No trecho a seguir, esta é a idéia que ele constrói.

58	F		então é o preparo físico, aceitação do grupo, o preparo
59			físico, entendeu? e <a constante superação>. porque
60			saltar do avião, >a verdade é essa<, saltar do avião,
61			saltar de pára-quedas dá medo. entendeu? o camarada ta
62			dentro do avião ali, <ele SENTE medo>. não tem como
63			negar. EU sinto. DEPOIS de um tempo, né? aquele
64			negócio, dá um dispositivo ali que fff ((imita o
65			barulho do vento)) você sai do avião, e pronto. então,
66			eu hoje, eu não sinto mais esse medo, já tenho, né? já
67			tenho algum tempo aí, já tenho. então eu não sinto mais
68			esse medo, mas SEMPRE dentro do avião vem aquela
69			preocupaçãozinha “pô, °e se não abrir? vou comandar o reserva° .
70			PRA MIM e pra muitos aqui isso já é normal, eu sei que
71			tem camaradas ali, que eles têm verdadeira FOBIA. e são
72			esses caras aí que eu digo que são os verdadeiros
73			corajosos
74	D		sim
75	F		né? porque eu acho que coragem é a superação do medo. o
76			cara que não tem medo, não pode dizer que tem coragem.
77			mas eu sei que tem muitos. soldado então? tem soldado
78			que tem verdadeira fobia, e ainda assim ele se lança.
79			então é uma renovação daquele reforço. o cara (hhh) no
80			final ele pra ele mesmo vai ta se sentindo “pô, me

81		supere:i" e o grupo vai ta aceitando ele porque ele
82		chegou de pára-quedas e assim vai né?

A partir da linha 58, o Major Firmino inicia a elaboração de uma narrativa não canônica para falar da luta entre o medo e a coragem na vida de um pára-quedista. É um relato rico em recursos lingüísticos para a construção de sentidos, um relato vívido, onde o major Firmino constrói uma faceta de suas identidades mediante sua performance narrativa. Entendo que o ponto desta narrativa é a superação do medo, enunciado em ritmo mais lento (linha 59) e reforçado com a avaliação ('a verdade é essa') na linha 60, por sua vez enunciada em ritmo mais acelerado. A variação de ritmo empenhada pelo major em sua narrativa já deixa notar a vivacidade com que ele elabora seu relato. Além disso, percebo outras marcas lingüísticas que contribuem para tornar tal narrativa mais viva. O major insere em meio a seu relato, por duas vezes, a pergunta 'entendeu?'. Analiso que este é um recurso usado pelo major que confere importância ao que é relatado, uma vez que clama pela atenção interativa da pesquisadora, e que denota a postura explicativa que o major clama para si e intensificando a reportabilidade do relato. Na linha 63 o major afirma sentir medo, porém mitiga o sentido construído para seu medo uma vez que se constrói como um pára-quedista experiente que já está habituado ao medo (linha 64). Usando mais um recurso para tornar vívida sua narrativa, o major imita o barulho do vento (linha 64), isto é, sua fonologia expressiva traz veracidade ao relato. A fala relatada, inserida na linha 69, é instanciada em tom de voz mais baixo, o que funciona movimentando ainda mais o ritmo do relato. A escolha do termo 'preocupação' no diminutivo (preocupaçãozinha) em substituição a 'medo' denota uma certa superioridade com que um pára-quedista experiente entende o medo. Na linha 70 o major constrói-se, mais uma vez, como superior a este medo, ao dizer que o medo é normal para ele, porém quando se refere a outras pessoas, o termo usado é 'fobia', em tom de voz mais alto, intensificando a carga dramática do ponto da narrativa. O ponto é mais uma vez demarcado na linha 72 com a avaliação: 'esses caras aí que eu digo que são os verdadeiros corajosos'. Entre as linhas 75 e 82 o major elabora uma série de avaliações que funcionam sustentando seu ponto. Considero que tantas avaliações, aliadas ao estilo animado que o major confere ao seu relato contribuem para intensificar a reportabilidade da narrativa denotando a importância que os pára-quedistas atribuem à luta entre o medo e a coragem, uma

vez que, segundo eles, se não se mostrarem corajosos em suas atividades, não serão capazes de cumprir suas missões.

A história do major Firmino me possibilita discutir também sobre narrativa como performance de identidade (Langellier, 2001). O efeito produzido pela narrativa vívida do major Firmino suscita toda a sua experiência como pára-quedista criando um laço de comprometimento interacional com quem o escuta. O major atua como o narrador de um evento que viveu. Podemos observar um certo distanciamento entre o evento narrado e o evento narrativo. No evento narrativo, isto é, o ato de narrar, há toda uma encenação por parte do major, que faz uso de variados recursos lingüísticos, como demonstrado na análise, o que favorece a construção do ponto de sua história e da identidade de pára-quedista experiente e vitorioso na batalha entre medo e coragem, que clama para si. Sua atuação ao contar a história favorece um espaço interacional onde tanto o significado social da história que conta, quanto a identidade que quer clamar para si são articulados, estruturados, debatidos e construídos. Como explica (Langellier, 2001: 150), “A realidade, ou seja, ‘o que aconteceu comigo’, é constituída e contestada porque contar uma determinada história de uma forma particular, invariavelmente privilegia certos interesses (experiências e significados, realidades e identidades) em detrimento de outros. Acredito que a performance do major contribuiu deveras na construção dos sentidos que ele queria.

A não demonstração de tão importante atributo por um pára-quedista, a coragem, estigmatiza-o perante o grupo, como explica o Tenente Coronel Ermínio na passagem a seguir, intitulada por mim de ‘O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado’.

1	MD	coronel, não quero tomar mais o seu tempo, mas uma
2		última pergunta aqui. é... existem † estígmias assim,
3		coisas que, características e qualidades que um pqd
4		não pode ter? que ele fica estigmatiza:do se ele se
5		comportar de um jeito ou de outro? ou se ele fizer uma
6		coisa ou outra? existe algum código de honra, que tem
7		que ser respeitado, ainda que veladamente, mas alguma
8		coisa “!pô, esse cara aí não PODE, NÃO DÁ”
9	CE	é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se
10		recusar a saltar ele tá <crucifica::do>
11	MD	hum hum
12	CE	se recusar a saltar ... está implícito que ele perdeu
13		a CORAGEM ... mesmo que ele tenha outras motivações
14		... uma outra coisa que o pára-quedista busca é não,
15		não ficar machucado muito † tempo

Na linha 9 o Tenente Coronel Ermínio insere um explicação que colabora para construir o sentido de que sua fala deve ser entendida como a verdade daquele instituição: ‘olha aqui é o seguinte.’ A metáfora ‘crucificado’, marcada prosodicamente com um alongamento, para se referir ao estigma imputado ao pára-quedista que se recusa a saltar, constrói um sentido de morte para aquele ‘pequedê’ que não vencer a batalha contra a superação do medo. Ainda que ele evidencie outras qualidades, o grupo irá, impiedosamente afastá-lo do ‘hall’ dos ‘diferentes’, os pára-quedistas. Demonstrações de coragem é, sempre, fundamental para ser um deles.

O Capitão Wagner, na interação que analiso a seguir, desenvolve os conceitos de coragem, medo, audácia e sorte de forma bastante articulada, pensada e estruturada. Nossa interação desdobra-se a partir de uma máxima comumente bradada entre os pára-quedistas: ‘A sorte acompanha os audazes’, título que atribuí a esta passagem. Tal máxima é citada por mim após Wagner ter mencionado um atributo cultuado entre os pára-quedistas, a audácia.

27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.
33	D		é, é, porque o [risco é eminente, né?
34	V		[eu acho, é é. você, por isso, por você
35			estar envolvido com isso, você se torna mais audaz.
36			você: conta um pouquinho mais com com a sorte, com a
37			[sorte natural
38	D		["a sorte acompanha os audazes"? isso acontece?
39	V		É, é por ai. acontece. é exatamente isso. "a sorte
40			acompanha ou audazes" por que? você consegue ousar um
41			pouco mais, e realmente ah ah a diferença entre o herói
42			e o idiota ta na no nível de ousadia deles. só o o
43			audaz consegue ser herói ou idiota. que o outro vai
44			ser mediano pro resto da vida.
45	D		sei
46	V		né? então é aquele negócio. às vezes pode até acontecer
47			de uma de uma operação mal sucedida você virar o
48			idiota. mas só o audaz conseguiria isso.
49	D		humhum
50	V		o cara que é o ramibola ali, o mediano? ele nunca vai
51			conseguir, ser o herói.
52	D		sem ousar ele não vai conseguir
53	V		então é mais ou menos esse espírito. e é o espírito
54			que, que é o que envolve a mística pára-quedista. que é
55			desenvolvido pela atividade aeroterrestre, que é
56			cultuado na brigada.

57	D		a imagem do herói tá cercando isso? você citou o herói.
58			o que é o herói pra você? você tem algum exemplo?
59			
60	V		o herói é o audaz pra mim. o herói é o audaz bem
61			sucedido...
62	D		é um acaso?
63	V		é né? °tudo na vida é um acaso°, né?
64	D		hum?
65	V		Tudo
66	D		é sorte? Ser herói é sorte? [“a sorte acompanha os
67			audazes”?
68	V		[não não. eu acredito que a
69			sorte? nada mais é que o encontro do preparo com a
70			oportunidade. né? então você nunca consegue se:r, se
71			você for audaz, e incapaz? você sempre vai ser um
72			idiota.
73	D		humhum
74	V		se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à
75			oportunidade de ser um herói? você vai ser um herói.
76			você, até você aumenta a sua: probabilidade de ser um
77			herói.

Nesta narrativa percebo que Vagner quer afastar a imagem do pára-quedista como um suicida ou um louco, preferindo identificá-lo como um combatente audaz que enfrenta o medo (linha 27). Acredito que a preferência pelo termo ‘audaz’ atribui ao pára-quedista a lucidez inexistente em um suicida ou em um louco, mais uma vez denotando racionalização e construção lingüística das atitudes deste combatente. Creio que o audacioso seja, em uma versão customizada pelos pára-quedistas, aquele a quem julgamos corajoso. Na visão de um pára-quedista, eles são audazes. Este termo implica destemor, um misto de coragem com desafio, típico de um guerreiro.

A idéia que motivou o desdobrar do conceito de medo e audácia foi introduzida por mim, na linha 38, quando eu cito a máxima pára-quedista: “a sorte acompanha os audazes”? isso acontece?”

No jogo interacional, por duas vezes eu o coloco em ‘xeque’ (linhas 38 e 66), desafiando-o a construir um sentido convincente para a expressão ‘herói’, citada por ele próprio na linha 42. No desdobrar de seus turnos, Vagner evidencia todo um trabalho discursivo na construção da identidade do pára-quedista audaz. Vagner contrapõe suas interpretações sobre as categorizações de ‘combatente-audaz’, do ‘combatente-herói’ e do ‘combatente-idiota’ relacionando-as com as idéias de sorte, oportunidade e preparo profissional. A identidade construída para um combatente pára-quedista suscita a figura do herói que só é possível com uma determinada combinação de sorte, audácia, oportunidade e preparo profissional.

Acrescento que Vagner esmera-se por dissociar o heroísmo demonstrado por um pára-quedista como decorrente de mero acaso ou sorte, pois isso esvaziaria este combatente do valor dos atributos tão cultuados na brigada pára-quedista, a saber: preparo físico, determinação, preparo profissional, espírito de equipe etc, reduzindo seu sucesso e vitórias ao acaso, à sorte.

Analiso que há uma enorme quantidade de frases feitas na fala de Vagner, por exemplo: ‘a sorte acompanha ou audazes’, ‘a diferença entre o herói e o idiota ta na no nível de ousadia deles’, ‘às vezes pode até acontecer de uma de uma operação mal sucedida você virar o idiota. mas só o audaz conseguiria isso’, ‘o cara que é o ramibola, o mediano? ele nunca vai conseguir, ser o herói’, ‘o herói é o audaz bem sucedido’, ‘eu acredito que a sorte nada mais é que o encontro do preparo com a oportunidade’ ‘se você for audaz e incapaz você sempre vai ser um idiota.’, ‘se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à oportunidade de ser um herói, você vai ser um herói.’ Entendo que esta é mais uma marca da racionalização com que um pára-quedista trabalha sua auto-imagem e que tais respostas prontas apontam para a dimensão de quanto a participação na entrevista foi preparada e pensada pelo grupo como um todo. Digo preparada e pensada porque me parece que suas respostas são muitíssimo bem elaboradas, encadeadas. Quero crer que todas essas idéias são trabalhadas, conversadas, construídas na vivência de muito trabalho discursivo, de muita construção de sentidos seja em leituras ou em conversas e narrativas em que se engajam, quando os ‘*pequedês*’ se socializam e falam de si e de seus feitos. A fala de Vagner deixa ver que os guerreiros pára-quedistas pensam na arte da guerra, elaboram suas identidades e seus comportamentos dentro desse contexto. Além disso, essas frases prontas apontam para a força da doutrina na formação dos pára-quedistas. Os discursos que veiculam durante as entrevistas trazem as vozes institucionais, isto é, idéias que são comungadas pelo grupo, trabalhadas e entendidas como a verdade desta comunidade.

4.3.8.1

“Dai-me, Senhor meu Deus, o que vos resta” (Oração do pára-quedista)

Prosseguindo com a discussão acerca da importância do valor ‘coragem’ para este grupo, quero contar uma história em particular, uma história de ‘pequedê’.

Contam os pára-quedistas, que durante a Segunda Guerra Mundial, um General francês encontrou no bolso de um pára-quedista morto heroicamente em combate, um arrazoado, escrito de próprio punho pelo soldado abatido. Ao ler tais palavras, o general percebeu tratar-se de uma invocação dirigida a Deus, através da qual aquele soldado pára-quedista fazia alguns pedidos aos céus.

Esta história é largamente contada e cultuada na brigada pára-quedista, usada na construção da identidade daquele combatente. Ela é contada, repetida, lembrada e aludida em um sem par de ocasiões por referir-se ao momento lendário da criação da ‘Oração do pára-quedista’. A Oração do Pára-quedista fala de coragem, de força e de fé. Julgo ser oportuno mencioná-la nesta altura do meu texto, já que muitos dos meus pares-entrevistados fazem alusão a ela.

As palavras são as seguintes:

“Dai-me, Senhor meu Deus, o que Vos resta;
 Aquilo que ninguém Vos pede.
 Não Vos peço o repouso nem a tranqüilidade,
 Nem da alma nem do corpo.
 Não Vos peço a riqueza nem o êxito nem a saúde;
 Tantos Vos pedem isso, meu Deus,
 Que já não Vos deve sobrar para dar.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
 Dai-me aquilo que todos recusam.
 Quero a insegurança e a inquietação,
 Quero a luta e a tormenta.
 Dai-me isso, meu Deus, definitivamente;
 Dai-me a certeza de que essa será a minha parte para sempre,
 Porque nem sempre terei a coragem de Vo-la pedir.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
 Dai-me aquilo que os outros não querem;
 Mas dai-me, também,
 A coragem, a força e a fé.

A primeira vez que ouvi estas palavras, confesso que me surpreendi. Questionei-me: “que pessoa é esta, que pede a tormenta, a inquietação? Quem poderia querer algo assim?” A resposta está clara no nome da oração, isto é, o

combatente pára-quedista. Julgo que com esta tese, eu possa também oferecer uma resposta a tal pergunta. Discutir sobre o sentido da oração do pára-quedista ajuda a entender a identidade que tal grupo clama para si.

Percebo, pela análise do conteúdo da Oração do Pára-quedista, que este combatente faz-se entender como um bravo guerreiro, corajoso e destemido o suficiente para ousar pedir o lado mais nefasto do combate, ou seja, o sofrimento. Essas palavras, ao serem recitadas em momentos de tremenda vibração da tropa, onde se pode perceber a efervescência das massas (Durkheim, 1960), agem na construção de identidade do pára-quedista. Acreditando ou não na versão da origem da oração, os combatentes pára-quedistas, na intensidade das emoções que surgem quando estão em grupo, clamam por tudo de negativo que jamais uma pessoa comum clamaria, reservando-lhes uma colocação diferenciada na sociedade. Entendendo-se como especiais, audazes, corajosos e fortes, os pára-quedistas concluem a oração com seu pedido maior: eles querem a coragem, a força e a fé. Noto que eles não pedem a vitória, e sim a força para lutar. Presenciar uma tropa inteira de pára-quedistas no momento em que entoam, em grupo, sua oração, permite observar a emoção de que são tomados. Os pára-quedistas mostram-se envolvidos por emoções identitárias advindas do orgulho que sentem da profissão que escolheram, e por analogia, do prazer e orgulho entender que são quem dizem que são.

O Major Firmino explica como ele entende as palavras desta oração em uma narrativa descontraída que contextualiza bem a razão de pedir a tormenta ao invés de pedir, de pronto, a vitória.

24	F		[isso, é. e no final das contas ele
25			morreu. ele era um pára-quedista e tava lá. o que ouvi
26			um pouco mais a fundo a história é que ele, ele tava
27			justamente naquele momento que antecedia o ATAQUE.
28	D		Certo
29	F		então, aí, tentando me transportar pra um momento desse
30			aí, eu acho que o camarada estava num desespero total.
31			né? tipo assim, acho que deve ser, né? não só pra ele
32			como pra qualquer um que esteja em guerra, saber que
33			você vai partir pra, METRALHADORA, BOMBAS, MINAS, né?
34			granada, aquele negócio todo ali, deve ser um negócio,
35			APAVORANTE. então ele devia tá ali num momento, <mais
36			SINISTRO do medo pra qualquer ser humano>. e aí eu acho
37			bacana essa oração porque ele, com todo aquele medo que
38			ele tinha ali, ele ter assim uma: um BRIO próprio de
39			não pedir NADA pra amenizar aquilo ali
40			
41	D		Sim

42	F		"não, deixa esse negócio todo pra todo mundo. eu não
43			quero nada disso". mas ele só queria três coisinhas: a
44			coragem, pra continuar seguindo, a força né? pra chegar
45			até onde tinha que chegar, que certamente devia ser um
46			terreno grande a frente dele ali, e a fé porque né? a
47			ligação dele com com o divino né? mas essa oração, acho
48			que é, ela é válida no momento é: num momento desse
49			assim né? † decisivo. já no dia-a-dia, até muitos
50			colegas contestam né? o pessoal brinca né? "ah, não
51			pediu?"
52	D		se:i
53	F		"não pediu pra sofrer?" né? não sei se é isso que você
54			perguntou mas acho que é é, ela retrata uma certa face
55			do pára-quedista. não o dia-a-dia mas
56	D		Sim
57	F		eu acho, que >e também nem o do pára-quedista< , mas o
58			COMBATENTE de VERDADE, eu acho que ele deveria pensar
59			assim, realmente. o cara, eu acho que o cara só vai
60			conseguir se dar bem no combate, se ele pensar: "bom, o
61			que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora é
62			MINHA SOBREVIVÊNVA aqui. e acho que o que o cara
63			precisa pra sobreviver é isso aí mesmo: coragem, força
64			e fé, o resto? tudo na guerra dever ser... assim né?
65			fome, frio, deve ser constante isso aí, saudade. então
66			se o camarada começar a pedir muita coisa boa, né?
67	D		ele vai fugir muito do contexto, vai estar com a cabeça
68			em outro lugar, né?
69	F		eu achei bacana porque ela ((a oração do pára-
70			quedista)) retrata não um lado do pára-quedista, mas um
71			lado do, digamos assim, de um COMBATENTE PERFEITO. o
72			cara tá ali, "não, é agora mesmo e vamos lá"

No turno do Major Firmino compreendido entre as linhas 29 e 40, observo marcas prosódicas nas palavras: ATAQUE, METRALHADORA, BOMBAS, MINAS, APAVORANTE, SINISTRO e BRIO. Com essas palavras, o Major Firmino enquadra o momento em que um pára-quedista, supostamente aquele soldado que escreveu a oração, vive a inquietação e a tormenta da guerra. Ele diz, com admiração, que aquele soldado teve brio de não pedir simplesmente a vitória, nem que fosse liberto de tamanho horror. Acrescenta que um pára-quedista pede apenas, em suas palavras, 'três coisinhas': coragem, força e fé.

O Major Firmino insere uma avaliação, demarcando seu ponto e posicionando-se enquanto pára-quedista; explica também que essa oração retrata uma face do pára-quedista, a face que ele usa na batalha: 'mas essa oração, acho que é, ela é válida no momento é: num momento desse assim né? † decisivo. já no dia-a-dia, (...) ela retrata uma certa face do pára-quedista. não o dia-a-dia (...)' Este comentário já deixa ver que o pára-quedista se entende como um combatente em moldes pós-modernos, isto é, adaptável a diferentes enquadres, situações, interações. Muitas são as facetas,

muitos são os contextos por onde circula um pára-quedista. Pelo que pude entender até agora, a coragem, no entanto, deve lhe acompanhar sempre.

Não poderia me abster, em minhas análises do ideal pára-quedista ‘coragem’, de mencionar uma narrativa a coragem é o ponto. A narrativa é elaborada pelo Tenente Coronel Ermínio e trata do emprego da tropa pára-quedista no Haiti. Esta narrativa também é provocada ao falarmos do conteúdo da Oração do Pára-quedista.

44	MD		= é, mas eles pedem a TORMENTA nessa oração, dai-me a
45			torme::nta... mas dai-me também, no final, a força ...
46			[a coragem e a fé
47	CE	▶	[a coragem e a fé ... é ... isso é engraçado viu,
48		▶	daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ...
49		▶	↑>alguns viveram mesmo<
50	MD		Hum hum
51	CE	▶	eu digo, essa missão no haiti: nós chegamos lá numa
52		▶	situação bastante complicada ... o segundo contingente
53		▶	estava vivendo aí uma reação muito ↑violenta das
54		▶	gangues. houve uma fuga de trezentos bandidos de uma
55		▶	vez só, e de março até maio quando nós retornamos pra
56		▶	lá, março foi o reconhecimento, isso tava, realmente
57		▶	cada patrulha que saía sofria emboscada, tiro, aí, a
58		▶	partir do momento que a gente foi resolvendo o
59		▶	problema, a coisa ficou mais tranquila. então ESSE
60		▶	<pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito na
61		▶	oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que não
62		▶	vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre
63		▶	exatamente o que tá sendo dito

Nas linhas 47 a 49, o TC Ermínio sinaliza que vai iniciar uma narrativa, oferecendo um resumo inicial: ‘isso é engraçado viu, daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ... ↑>alguns viveram mesmo<’. Ao mencionar meu nome, o TC Ermínio faz com que eu me sinta ainda mais interessada naquilo que ele tem a narrar, uma vez que faz entender que narrará especialmente para mim, intensificando a importância da história que desenvolverá e todos os sentidos que ela vier a construir em nossa interação. Entre as linhas 51 e 59, o TC Ermínio narra a situação de tormenta que seus homens viveram quando o segundo contingente de tropas da ONU foi enviado para controlar o caos político no Haiti. Ele faz menção, em orientações, às gangues de criminosos que aterrorizavam aquele país, a emboscadas sofridas por suas patrulhas, a tiros dirigidos contra seus homens. Curiosamente, a ação complicadora desta narrativa funciona ‘descomplicando-a’, afinal são os pára-quedistas que intervém: ‘aí, a partir do momento que a gente foi resolvendo o problema, a coisa ficou

mais tranqüila.'. Na linha 59 o TC Ermínio oferece uma resolução que pode ser também entendida como o ponto (mostrar que o pára-quedista tem medo, mas que isso não o impede de agir, de cumprir missão): 'então ESSE <pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito na oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que não vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre exatamente o que tá sendo dito'. Entendo, desta forma, que a tormenta, a inquietação são vistas pelo pára-quedista como um momento oportuno para deixar aflorar a coragem. O sentido construído para a coragem, pelo TC Ermínio, ao fazer alusão às palavras proferidas na Canção do Pára-quedista, corrobora com a explicação oferecida pelo Major Firmino: para um pára-quedista, sua coragem vence, sempre, a batalha contra o medo. A identidade clamada para um pára-quedista na narrativa produzida pelo TC Ermínio pode ser interpretada à luz da fala do Cap Vagner: o pára-quedista é construído como um combatente que, no momento em que se depara com a oportunidade de cumprir uma missão (a missão de paz no Haiti), esses combatentes são capazes de empregar todo o seu preparo para alcançarem o sucesso, a vitória. O pára-quedista é construído como aquele que pode resolver os problemas: 'a partir do momento que a gente foi resolvendo o problema, a coisa ficou mais tranqüila.' Segundo Vagner, a audácia de um pára-quedista, ou seja, sua coragem, abre oportunidade para que o mesmo, usando das qualidades profissionais que domina, mostre a todos os atributos de um herói.

As análises das narrativas em que os pára-quedistas abordam a questão do medo remetem a uma discussão sobre a condição humana e este tipo de emoção na construção de identidade de um pára-quedista. Considerando que 'os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural de onde emergem' (Rezende e Coelho, 2010:11), na comunidade pára-quedista a idéia de ter coragem é construída como a habilidade de vencer o medo. Discutir sobre o trabalho discursivo elaborado por meus pares-entrevistados na construção de sentidos para o ideal pára-quedista 'coragem' (entendida como a superação do medo) deixa ver que as emoções são construtos sociais com efeitos importantes nas interações na comunidade estudada. Superar o medo faz sentido na comunidade pára-quedista uma vez que suas missões suscitam este tipo de emoção, isto é, eles são constantemente colocados em situações onde seu instinto de sobrevivência (para usar um termo sugerido pelo Capitão Vagner), evidenciado

pelo medo, é instigado. A coragem vista como a superação do medo é uma representação trabalhada discursivamente na comunidade pára-quedista e traz as marcas desta cultura. Eles pensam sobre essas questões, trabalham estas emoções, negociam-nas inclusive como um dos elementos das práticas ideológicas na comunidade pára-quedista, haja vista considerarem a coragem como um dos elementos da mística pára-quedista. Analiso que ao trabalharem discursivamente o entendimento da superação do medo, os pára-quedistas denotam consciência de sua condição de mortal, de ser humano feito de carne e osso... e coragem.

Durante sua fala, o Capitão Vieira esmerou-se em delinear os ideais cultuados pela tropa pára-quedista, a saber: patriotismo, voluntariedade, coragem, espírito de cumprimento de missão, determinação, dedicação, espírito de equipe, preparo intelectual, preparo emocional, preparo físico, preparo profissional, tradição, liderança, profissionalismo, honestidade, capacitação técnica. Pude perceber que esses ideais são mencionados igualmente na fala de todos os meus entrevistados, reforçando a idéia de que a prática de tais ideais estabelece o terreno comum a ser compartilhado apenas por quem os vivencia. Os limites do grupo ficam, assim, demarcados. Suas identidades sociais são, desta forma, construídas na práxis.

5

Identidades Sociais Hegemônicas, portal ontológico para modelos culturais

Até agora tenho procurado entender os pára-quedistas com quem conversei enquanto inseridos em suas redes de relacionamentos e interações profissionais, mediante seus próprios entendimentos acerca do grupo que constituem e acerca de si próprios enquanto *self's*, influenciados ao mesmo tempo que influenciam seus contextos sócio-culturais, marchando na cadência que os situa em seu meio histórico (Mishler, 1999:16). Enquanto grupo, e por meio de processos interpessoais e interativos, esses combatentes opõem-se a outros grupos de combatentes, dentro da Força, reservando-se um lugar ‘diferente’ (usando o termo instanciado por eles) e por conseguinte identificando-se como uma coletividade. Os conhecimentos e visões entendidos como importantes pelos pára-quedistas são do mesmo modo entendidos por todo e qualquer militar do Exército Brasileiro. No entanto, tais atributos são redefinidos pelos pára-quedistas, que os reinterpretem e os recontextualizam em nuances nas falas e narrativas ao desempenharem suas identidades sociais, re-significando e sendo re-significados por tais virtudes.

Deste modo, os pára-quedistas participantes desta pesquisa compartilham conhecimentos e visões de mundo a partir dos quais constroem os contextos e enquadres para a produção, a interpretação e o desempenho de suas narrativas, uma prática que age fortalecendo os mesmos conhecimentos e visões de mundo.

Olhando para esses combatentes sob o enfoque do coletivo, a análise das narrativas e discursos produzidos por meus pares-entrevistados traz questões que considero importantes serem discutidas. Pude perceber que, no processo de expressão de suas identidades sociais, esses combatentes pára-quedistas constroem identidades sociais hegemônicas. Refiro-me, em especial, às identidades hegemonicamente masculinas instanciadas em suas falas. Essas identidades hegemonicamente masculinas abrem, naquela comunidade, um portal identitário muito próprio de combatentes que se constroem como voluntariamente devotados à defesa da soberania de uma nação: surge de suas narrativas o herói. O herói que surge das falas dos pára-quedistas traz fortes marcas do herói romântico, isto é, moderno, no entanto percebi em suas falas o surgimento de um herói banhado de camuflagens pós-modernas. Os pára-quedistas deixam ver a imagem

de um herói re-significado, que vive em tempos líquidos, circula por diferentes ambientes, preocupa-se com questões diversas e também duvida, confunde-se e questiona. Passo, neste momento de meu texto, a discutir tais identidades.

5.1

Identidades sociais hegemônicas – o herói construído nas narrativas dos pára-quedistas

O termo hegemonia deriva do grego, *hegemon*, que significa líder. Gramsci (1994) oferece um outro olhar para o termo, usando-o para se referir à manutenção de posições sociais dominantes, não pela força, mas por ideologias. As análises das narrativas dos pára-quedistas propõem que estes homens, enquanto tropa, constroem-se como dominantes dos saberes e fazeres da arte da guerra e do combate. Acredito que estarem convencidos de sua superioridade física, emocional, intelectual e moral funcione nesta coletividade de guerreiros, além que conferir-lhes distinção e superioridade aos demais combatentes dentro da própria Força que integram, como um diálogo onde interagem com uma figura que se faz sempre presente no meio combatente: a imagem do inimigo.

Como uma integrante da Força, percebo que a figura mística do ‘inimigo’, imaginado, é bastante trabalhada e elaborada neste meio. Menção é sempre feita ao inimigo como uma figura presente, como se cada militar devesse estar preparado para o surgimento súbito do perigo a qualquer momento, expressando reação rápida e pontual.

Desta forma, entendo que o discurso de poder hegemônico se funda como poderio de fogo na construção da figura do combatente poderoso, destemido e vitorioso ante seu inimigo. A hegemonia das identidades construídas nesta coletividade se dá em relação à imagem do inimigo, em um diálogo com este interlocutor, que acaba tendo uma função importante na construção de identidades dos combatentes: se não há inimigo, não há contra quem lutar. Um pára-quedista se constrói superior, acredito, como um recurso identitário que os nutre de força para derrotar seus potenciais inimigos.

5.1.1

**“Me dá muito prazer e orgulho por ser uma tropa de tradição”
(Capitão Vieira) – Tradição e doutrina**

À luz de Kiesling (2006), considero que as identidades masculinas construídas nas narrativas dos pára-quedistas sejam hegemônicas não apenas por serem controladas por uma elite (ainda que como uma ‘tropa de elite’ eles se refiram à tropa que integram) que domina determinadas posições sociais. Suas identidades masculinas são hegemônicas justamente por serem construídas e perpetuadas dentro desta ecologia pelos conhecimentos, interpretações e visões de mundo que compartilham em uma intrincada rede de práticas e ideologias que disponibilizam os sentidos a serem construídos para suas próprias práticas. As identidades hegemônicas dos pára-quedistas nascem da hegemonia do discurso que as constrói. Assim, a hegemonia do discurso pára-quedista é criada e mantida pela perpetuação do que chamam de ‘mística pára-quedista’, cujo um dos componentes é a ‘tradição’. Podemos observar o valor que esta tropa dá à tradição na fala do Capitão Vieira retirada do trecho intitulado “A gente cultua realmente ideais”, que transcrevo a seguir.

17	V		é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa
18			também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e
19			orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem
20			assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>

42	V		então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A gente
43			cultua realmente ideais né? honestidade, brasilidade.
44			e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa profissional, o
45			pára-quedista É uma tropa profissional. e esse
46			profissionalismo, ele, se divide em dois aí. a
47			voluntariedade, que eu citei lá no início. então porque
48			isso aí é pessoal. e, a CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM
49			que conhecer a profissão. não basta só querer. não
50			basta ser burrão e fortão. tem que ser inteligente, tem
51			que, buscar é é se aperfeiçoa:r, conhecer os
52			equipamentos que vão chega:ndo, CONHECER a doutri:na.
53			então é uma tropa também que TEM essas características.
54			a gente busca isso daí, busca atingir esse objetivo.
55			

Este pára-quedista orgulha-se por pertencer a uma tropa onde se faz tradição cultivar ideais de honestidade, brasilidade, profissionalismo, voluntariedade, capacitação técnica, coragem, preparo profissional, entre outros já mencionados

em meu texto. Nestes trechos retirados da entrevista com Vieira a tradição é topicalizada, isto é, menção explícita é feita a este ideal pára-quedista. Percebo que Vieira entende tradição como culto aos ideais institucionais (linha 42), ou seja, para este pára-quedista, uma tropa de tradição implica uma tropa que prima pela disseminação e perpetuação das ideologias, crenças e valores tidos como vitais neste meio. O sentido que Vieira constrói para tradição me faz pensar nas doutrinas e práticas institucionais que contribuem para a perpetuação de tais crenças e valores.

Faço menção aqui à minha dissertação de mestrado, intitulada ‘Discurso Pedagógico, prática de significação ideológica: uma visão da construção de identidades em contexto educacional militar’ (Bruno, 2005). Em tal trabalho volto meu olhar para as práticas lingüísticas institucionais vivenciadas na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) entendidas como veiculadoras das doutrinas preconizadas na Força. É importante mencionar que todos os oficiais combatentes pára-quedistas do Exército Brasileiro têm a AMAN como sua escola de formação. A AMAN é um estabelecimento de ensino superior, de formação, da linha de ensino militar bélico e desenvolve um programa de atividades pedagógicas, embasadas no Art 142 da Constituição Federal, com o objetivo de capacitar e valorizar recursos humanos para atuar em prol da garantia dos poderes constitucionais e de defesa da pátria. Naquela pesquisa, ao observar as rotinas diárias vividas pelos alunos da escola em questão, percebi que as práticas educacionais estavam todas voltadas para a proposta pedagógica da AMAN: “Ensinar o que é ser homem, soldado e cidadão” (DEP, 2005), como exposto no site da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento, órgão a que a AMAN está subordinada. Desta forma, pode-se perceber que existe todo um aparato pedagógico, desde a escola *mater* de formação dos pára-quedistas, voltado para a educação militar desses combatentes, sócio-construindo esses homens ao compartilhar valores e comungar ideologias.

Vieira entende, pois, a tradição da tropa pára-quedista enquanto a disseminação da doutrina. Percebo que a semente desta tradição encontra-se na formação primária de todos esses combatentes, iniciada na AMAN, que mais tarde é reforçada e recontextualizada pelos pára-quedistas na Brigada. Assim, existe todo um aparato educacional voltado para a construção do combatente, que neste trabalho aparece também na fala dos pára-quedistas com quem conversei.

Como propõe Vieira, tratarei do ideal pára-quadista ‘tradição’ como o culto aos ideais pára-quadistas, em outras palavras, a comunhão e disseminação da doutrina institucional.

Nos trechos seguintes, apresento momentos de minha interação com alguns dos meus entrevistados onde a questão da tradição enquanto polinização doutrinária é evidenciada em seus discursos.

A passagem seguinte é um trecho de minha conversa com o Capitão Marcos Almeida no momento em que falávamos sobre a condição de pronto-emprego do 26° BInfPqdt⁹.

21	D		[Que em princípio
22			ta todo mundo ↑pronto pra ser empregado, em algu- em
23			alguma missão
24	M		A gente sabe que na bucha na bucha, a gente não tem
25			cem por cento de disponibilidade, a gente sabe que não
26			é assim. né? dentro da realidade a gente sabe que ,
27			pô, não é o ideal, mas a gente faz a química que seja.
28			E eu gosto, justamente desse desafio de? De tentar
29			fazer o: >pelo menos na minha companhia, né?< na
30			companhia que eu comando, fazer ela ser o máximo
31			possível, pronto emprego. então é: adestramento, é o
32			treinamento físico, é o próprio: o valor moral do
33			solda:do, né? a gente tenta sempre trabalhar assim,
34			né? aí esse valor moral né? é um, é um cabedal de de
35			atributos da área afetiva que têm que ser trabalhados,
36			né? e, pô, () muito, eu hoje vejo a importância de
37			um tenente pra apoiar, um capitão dentro de uma
38			companhia. pô. É essencial que o comandante de pelotão
39			seja um camarada também, chivunca:do ((com muita
40			garra)), que tenha, pô, iniciativa, que tenha
41			vonta:de. É o que a gente fala. Oficial e sargento,
42			ele sempre tá dando exemplo. Ou bom, ou mal. Mas ele
43			[↑sempre tá dando exemplo

Entre as linhas 28 e 36 identifiquei uma narrativa genérica. Percebo que o ponto da narrativa é enaltecer a ação de comando do próprio narrador, que se constrói como um comandante superior aos outros de sua unidade e cujo desafio é fazer da Companhia que comanda uma fração de pronto-emprego, ainda que o mesmo não seja possível no restante do Batalhão. Aponto para a escolha do verbo ‘gosto’, à linha 28, denota seu envolvimento sentimental para com as atividades decorrentes de sua profissão, atividades que Marcos Almeida entende como um

⁹ ‘Pronto emprego’ é o termo usado para designar a organização militar que será acionada de forma imediata caso assim seja determinado pelas autoridades competentes. Por este motivo, esta tropa deverá manter-se em constante treinamento.

desafio, reforçando sua identidade de guerreiro. À linha 29, em ritmo mais acelerado que o restante de sua fala, o narrador esclarece que está falando especificamente de sua fração, voltando para si, enquanto comandante, os méritos advindos do sucesso de emprego tático daquela companhia. À linha 31 o Capitão insere uma avaliação que funciona explicando o objetivo do comandante, ou seja, Marcos Almeida evidencia suas atitudes de comandante de fração na efetiva preparação para o pronto emprego de seus homens. O ponto da narrativa é evidenciar quão bom comandante ele é. Noto que nesta avaliação a questão da disseminação dos valores pára-quedistas é preconizada. Este capitão se constrói como um comandante superior aos demais, o que, em sua visão implica adestrar sua fração por meio de vivências que abarcam a prática do treinamento físico, de valores morais e de atributos da área afetiva, ou seja, a perpetuação do discurso valorizado no meio pára-quedista. Contar uma parte de sua história de vida funciona neste momento da interação enaltecendo a capacidade profissional deste militar. O evento narrado contribui para fazer do narrador um combatente especial, dotado de atributos de um guerreiro líder, figura principal de sua própria história.

O trecho seguinte é parte da entrevista realizada com o Tenente Wiesser. Nele percebo que o tenente faz menção à ação institucional na sócio-construção dos combatentes pára-quedistas. A pergunta que motiva a fala do tenente tem a ver com as transformações e os aprendizados decorrentes de ser um oficial, comandante de pelotão no 26° .

1	D		o que você tá aprendendo aqui? o que é que servir na
2			brigada, ser um pára-quedista, servir no vinte e seis,
3			o que isso tá fazendo com você? o que você tá
4			aprendendo aqui pra sua vida? o que você acha, quem
5			você acha que tá se tornando, com esses ensinamentos e
6			compartilhando, [esses valores?
7	W		[bom, devido é, ao que eu falei sobre
8			a quantidade de missões, né? até mesmo a dificuldade
9			de algumas delas? e: a velocidade que elas vêm, com
10			pouco tempo pra planejar, então muita coisa tá, eu to
11			ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura,
12			pra fazer as coisas. então, eu to com um problema em
13			casa? eu não vejo mais como um problema, então é ver,
14			ver o fato, pegar o fato, transformar, e fazer ele
15			melhorar. fazer ele, né? isso aí até:
16	D		[sim
17	W		[até minha família assim, minha, minha noiva, eles em
18			tudo vê problema. eu não vejo: vejo, eu vejo logo à
19			frente a solução. uma maneira de de de resolver

20			aquilo, né? que, que não era feito antes, né?
21	D		humhum
22	W		então, a vida na academia ela é muito, muito ↑guiada.
23	D		é
24	W		pelo comandante, e tal
25	D		humhum
26	W		e aqui fora não, eu não tenho mais ninguém pra pra me
27			controlar, e ver onde que eu vou ou não, eu que
28			decido, eu que vou escolher, logicamente. né?
29	D		humhum
30	W		e a ↑vontade também, né? a vontade de cumprir missão.
31			e cumprir da melhor maneira possível.

Neste trecho identifiquei uma narrativa que o Tenente Wiesser desenvolve entre as linhas 7 e 31. O ponto da narrativa é explicitamente instanciado entre as linhas 10 e 12: 'então muita coisa tá, eu tô ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura, pra fazer as coisas'. Entre as linhas 12 e 20 o tenente elabora uma narrativa genérica em que se constrói como um combatente que aprendeu em suas práticas castrenses a encontrar soluções onde as outras pessoas só vêem problemas. Para o tenente, as vivências na caserna o ensinaram a agir de forma eficiente também em situações fora do quartel. À linha 22 o tenente elabora uma avaliação em que classifica a vida em sua escola de formação, a AMAN, como 'muito guiada', ou seja, ele deixa ver que percebe a ação institucional em sua educação militar. Posso observar que ele se constrói no momento presente em função de suas experiências passadas, uma vez que se entende como livre para tomar suas próprias decisões neste momento em que não é mais cadete. Analiso, porém, que talvez o tenente não se dê conta de que aquilo que o torna mais prático e expedito na resolução dos problemas que lhe aparecem, inclusive em sua vida particular, tem suas raízes na comunhão dos valores institucionais, como determinação e resistência, iniciada em sua academia de formação. Além disso, tais valores são reforçados em seu atual momento profissional uma vez que se encontra como um comandante de pelotão, que deverá contribuir, não mais sendo guiado e sim como o líder, na formação profissional de seus homens, proporcionando oportunidades para que os mesmos valores sejam vividos. Ao ensinar, ele acaba por reforçar a doutrina dos ideais pára-quedistas em seu próprio processo de construção de identidade.

Nos trechos que analiso a seguir preocupo-me com os sentidos que os pára-quedistas constroem para a ação pedagógica de sua academia de formação sobre seus processos de construção de identidades, isto é, a força da doutrina

institucional no processo de sócio-construção das identidades dos pára-quedaistas iniciada em seus anos de cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras. Seguem, assim, alguns trechos da entrevista realizada com o Major Wilker (a entrevista encontra-se transcrita em sua íntegra nos anexos deste trabalho).

Neste trecho o Major Wilker introduz espontaneamente um tópico, logo no início da entrevista, sem mesmo que eu lhe tivesse dirigido qualquer pergunta, denotando estar predisposto a tratar de determinados assuntos, já pensados por ele e tidos como importantes em uma pauta previamente preparada por ele. O tópico abordado pelo Major diz respeito à ação institucional na disseminação de valores em seu processo de construção de identidades.

1	MW	é dá um ar menos formal ... exato ... mas °não tem
2		importância não° ...isso aí... não há formalidade
3		nehuma >muito pelo contrário< é um prazer... ↑eu
4		digo pra você eu eu me sinto °sabe daniela° produto
5		bem desse:: desse meio acadêmico , desse tipo discurso
6		formado, na academia ... eu e:: (3 seg) uma plêiade de
7		infantes aí que se formaram na mesma geração que eu,
8		eu não vou nem colocar da <u>minha</u> turma porque, tem uma
9		variaçãozinha nisso aí ...né? por que isso? nós
10		tivemos a oportunidade de <u>ter</u> essas figuras né? esses
11		esses mitos à frente... o meu último comandante de
12		companhia na AMAN é o atual comandante da brigada
13		pára-quedaista ... o: meu comandante no terceiro ano
14		comandou <a tropa que tava na:: no haiti agora> o
15		coronel vastos macedo ... ↑forças especiais, o outro
16		era ↑precursor ... então isso daí realmente mexia
17		<u>muito</u> com a gente, com aquele universo de cadetes de
18		infantaria ... acredito que nas outras armas também...
19		mas <u>na</u> infantaria isso daí sobressai porque:: é uma
20		mensagem <u>constante</u> ... dessa:: dessa questão da:
21		chefia e liderança, né? e eu por influências diversas
22		né? me lembro que quando eu cheguei na <u>preparatória</u>
23		>eu fiz preparatória em três anos< uma das coisas que
24		me impactou num primeiro momento foi uma frase que
25		tinha assim na entrada da companhia ... que era ...
26		'liderança não se impõe, adquire-se'
27	D	hãhã
28	MW	aí aquele troço, pô, eu tinha <u>quinze</u> anos...
29	D	ficava vendo aquela frase sempre [em forma?
30	MW	[sempre sempre sempre ... entrava na ala isso tava
31		estampado lá no fundo ... né? ... e aí você vai,
32		depois você:: , mais pra frente, já com uma postura
33		mais madura, você vê >cadetes ides comandar aprendei a
34		obedecer< aquelas coisas ↑ made in camô::es que
38		ficam pelas paredes da AMAN ... e você vai construindo
39		esses mitos, né? e:: e quando você faz a escolha, vai
40		pra uma:: uma arma <u>combatente</u> ... a mensagem que é
41		passada é o tempo, inteiro voltada pra... liderança de
42		homens >que no caso da infantaria é condição si ne qua
43		non< ... =
44	D	é a ()né?

45	MW	= pra você:: ter um bom desempenho, <u>principalmente</u> na
46		fase >que é a proposta da academia< de formar ...o
47		oficial subalterno, o combatente de de pequena fração
48		... então você <u>tá</u> recebendo aquilo dali o tempo
49		inteiro, por essas mensagens que você já trabalhou,
50		né? e eu tive oportunidade de:: ver isso daí com muita
51		<u>clareza</u> , que a nossa turma via no então major leandro
52		... e no no barros macedo, nos tenentes também,
53		>quase todos pára-quedistas<, aquilo alí formava na
54		nossa cabeça uma coisa assim ...

Identifico nesta passagem duas narrativas, nos termos labovianos, que o Major elabora entre as linhas 22-26 e logo depois entre as linhas 30-54. Ambas as narrativas têm como ponto ressaltar a intensidade do processo de socioconstrução das identidades combatentes iniciada na Academia Militar. Noto que na linha 4 o Major instancia uma frase que eu entendo como um resumo inicial das narrativas que desenvolverá: ‘↑eu digo pra você eu eu me sinto °sabe daniela° produto bem desse:: desse meio acadêmico , desse tipo discurso formado, na academia...’, entendendo-se como um ‘produto’ do meio acadêmico militar. Já se pode perceber aqui que este oficial entende-se como alguém que foi não só formado, mas construído, transformado na prática dos valores comungados na escola básica de sua formação militar. O major faz referência, em orientações, a uma série de ocasiões em que ele foi envolvido pela ação do discurso institucional agindo na construção de sua identidade (linhas 10-16), e ele entende que o discurso institucional era instanciado também por meio de símbolos, em um processo que ele entende como ‘uma mensagem constante’ (linha 20). Ressalto que tais colocações são elaboradas com foco no momento presente de sua vida, uma vez que ele se mostra experiente o bastante para avaliar seu próprio trajeto de construção identitária. O major entende que a admiração pelos pára-quedistas esteve presente em sua trajetória de vida, guiando suas escolhas profissionais. Outros recursos simbólicos citados pelo major dizem respeito às frases de efeito que inspiram construções identitárias inscritas nas lajes e paredes das academias (linhas 26 e 33), além das mensagens de chefia e liderança constantemente vivenciadas quando os cadetes ingressam na infantaria (linha 41). Noto que o major constrói-se como consciente dos recursos simbólicos institucionais que contribuem na construção de sua identidade profissional. À linha 34, o major elabora uma avaliação em um tom de brincadeira, permitido apenas àqueles que não se opõem à vida militar (caso contrário soaria como um deboche, e este não é o caso do Major) intensificando sua percepção dos

processos simbólicos, usados pelas escolas militares por onde passou, que agem na sócio construção das identidades de seus alunos: 'aquelas coisas *made in camões* que ficam pelas paredes da AMAN'. Percebo que a brincadeira não é feita em tom de crítica, e sim em tom de admiração e aprovação, mostrando-se vibrante e entusiasmado com esta faceta institucional dos processos usados na perpetuação da doutrina militar.

Na passagem seguinte, outro trecho da entrevista com o Major Wilker, o major segue construindo-se como consciente dos processos de perpetuação dos valores institucionais militares.

1	MW		[são no sentido de superação etc e tal . né?
2			superação de limites e quando a gente:: tá na situação
3			que nós vivemos naquela época, você olha aqueles
4			homens, aqueles ... o estereótipo <daquele líder que
5			você tá sendo preparado>...>todo mundo falando isso
6			pra você o tempo inteiro< né? você olha um filme, e::
7			faz uma visita, vê uma tropa operacional, assiste um
8			filme >holiwoodiano que seja< ou documentário da
9			própria força aí você ↑ caraca, que coisa bacana, aí
10			você vê o respeito que aqueles homens têm naquele
11			universo que nós estávamos naquela época, né? você vê
12			o major <u>leandro</u> , pô o cara major <u>já</u> , grisalho e com um
13			preparo físico <u>exemplar</u> , sendo <u>ouvido</u> , sendo
14			<u>respeitado</u>
15			
16	D		liderando... fazendo o que o senhor tava sendo
17			preparado pra fazer?
18	MW		↑ <u>exato</u> aí você - ↑caraca, esse é o homem, esse é o
19			meu farol... e e essas pessoas naturalmente aproveitam
20			pra fazer... o merchandizing, nao deixam de fazer o
21			tempo inteiro

Identifico neste trecho uma narrativa genérica em que o major equaciona a questão de superação de limites com a questão da construção de identidades. Superar limites, para o major, significa vivenciar as práticas pedagógicas de sua academia de formação em uma trajetória rumo a tornar-se um líder, inspirado em seus comandantes, seus líderes, cuja ação é reforçada por outros recursos simbólico-identitários (linhas 6-9) institucionais percebidos pelo major. Nas linha 9 e 18 o major elabora avaliações em que evidencia extrema emoção e admiração por seus modelos de líder: 'caraca, que coisa bacana. Aí você vê o respeito que aqueles homens têm'; 'caraca, esse é o homem, esse é o meu farol'. Na linha 20 o major constrói-se como consciente da intenção de seus antigos comandantes de servir de exemplo identitário para ele e seus

companheiros quando de sua época de cadete. Para tanto usa um termo bastante pós-moderno – *merchandizing* – ligado à propaganda e *marketing*.

É importante dizer que nos dois trechos da entrevista com o major Wilker, analisados anteriormente, meu entrevistado constrói-se consciente e conhecedor da transformação que se dá com o cadete (incluindo-se, ao fazer referências a sua época de cadete), fruto das vivências em sua escola de formação. Noto, pois, que para o Major, o processo de transformação e construção de identidades militares é consentido e se dá em comum acordo com este militar.

O processo de construção de identidade iniciado na academia de formação deste militares é continuado por toda a carreira militar, em um processo em que os valores comungados neste contexto são reforçados. As análises que venho realizando me deixam ver a importância devotada pela tropa pára-quedista à questão da tradição, valorizada e tida como motivo de orgulho e admiração desta tropa. Acentuo assim, à luz de Castro (1990:32), o caráter corporativo do processo de construção de identidades no meio militar, e em especial no meio pára-quedista por ser o alvo de minha pesquisa, que se dá por meio de uma intrincada rede de mecanismos simbólicos que tenho levantado em minhas análises.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista, onde se inclui o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, não é um estabelecimento de ensino militar, no entanto, pode-se dizer que esta unidade militar age igualmente na função de educar o militar, uma vez que forma soldados com a instrução militar básica. Além disso, como já exposto, os valores cultuados e continuamente reforçados naquele meio (inclusive pelos oficiais que já cursaram a academia militar) remetem ao processo de construção de identidades iniciados na academia militar. Assim, penso ser coerente referir-me ao 26º como uma organização devotada à educação militar, encorpando o aparato institucional corporativo voltado para a construção identitária de combatentes pára-quedistas do Exército Brasileiro.

Como observa Castro (1990:32), uma vez que o processo de sócio construção das identidades militares se dá em estabelecimentos relativamente autônomos em relação ao mundo exterior (nesta pesquisa, quer na academia de formação, quer na Brigada de Infantaria Pára-quedista), alguns autores tendem a classificar as academias militares como instituições totais (Goffman, [1961] 2008). Acredito que pelo que expus no parágrafo anterior, classificariam também o 26º como uma instituição total.

Segundo Goffman (ibidem:11),

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

Mais adiante Goffman (ibidem:17) classifica os quartéis como um tipo de instituição total já que são “instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais...”. Ainda em Goffman (ibidem:22) as instituições totais “são estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer com o eu”.

Creio que muitas das características de uma instituição total aplicam-se ao caso do 26º, porém concordo com Castro (1990:33) que se perde mais do que se ganha ao classificar desta forma uma unidade militar como do 26º. No 26º não podemos observar a figura do ‘internado’, como aquele que deve ser separado da sociedade para se reabilitar e então se comportar como devido. Nesta organização militar, tanto os soldados que prestam o serviço militar quanto os oficiais que lá servem, o fazem voluntariamente¹⁰, identificando-se com a instituição ao mesmo tempo em que suas identidades são nela trabalhadas. À luz de Goffman ([1961] 2008:151) ao se referir aos participantes de uma instituição total como os quartéis, percebo que os pára-quedistas do 26º com quem conversei cooperam voluntariamente

“por causa de valores comuns, através dos quais os interesses da organização e do indivíduo se confundem, tanto intrínseca quanto estrategicamente. Em alguns casos, é presumivelmente o indivíduo que se identifica com os objetivos e o destino da organização – por exemplo quando alguém sente orgulho pessoal por sua escola ou seu lugar de trabalho”.

Como venho apontando nos dados, são inúmeras as vezes em que meus pares-entrevistados constroem-se como orgulhosos de integrarem esta tropa que se referem como uma tropa de elite, além de construírem-se como corajosos, fisicamente poderosos, preparados intelectual emocional e profissionalmente etc .

Ainda ecoando Goffman (ibidem), ao compartilharem os valores institucionais, os pára-quedistas supõem que sejam pessoas de determinado caráter e forma de ser.

“Ao concordar em dar certas coisas e conservar outras, o indivíduo concorda que é o tipo de pessoa que tem esses tipos de coisas para dar e conservar, e que é o tipo de pessoa que considera legítimo participar de um acordo referente a tais coisas”. (Goffman [1961] 2008:148)

Castro coloca também que

“Goffman deixa claro ([1961] 2008:23-24) que nas instituições totais não se busca uma vitória cultural sobre o internado, mas a manutenção de uma tensão entre seu mundo doméstico e o mundo institucional, para usar essa tensão persistente como ‘uma força estratégica no controle de homens.’”

Assim como Castro ao se referir a uma academia militar, penso que no 26º busca-se justamente uma ‘vitória cultural’ e não ‘buscar uma tensão persistente’. Os oficiais com quem conversei entendem suas atividades naquele batalhão como desafios a serem vencidos, como vitórias a serem alcançadas justamente por crerem no valor cultural e social desta organização cuja função maior, segundo meus entrevistados, é trabalhar em prol da pátria no cumprimento sua missão constitucional.

Noto, assim, que as crenças e valores que norteiam as construções de identidades dos pára-quedistas foram antes vividos na academia onde se iniciou a educação militar destes combatentes. Ao deixarem aquela escola e seguirem suas carreiras especializando-se como pára-quedistas, os combatentes com quem conversei passam a agir como educadores, líderes, chefes que têm como missão fundamental formar seus subordinados, educando-os à luz dos mesmos valores de outrora. Ao buscarem voluntariamente servir no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, os oficiais que entrevistei constroem-se como líderes de suas frações, responsáveis pela perpetuação da doutrina institucional, guiando seus soldados, ao mesmo tempo que reforçam tais valores, que entendem como tradição, em seu próprio processo de construção de identidades.

A questão da valorização da tradição deixa ver a importância que estes homens dão à perpetuação do discurso e das vozes institucionais que ressoam na

¹⁰ Importante salientar que 100% do efetivo de soldados nesta unidade são voluntários. São todos soldados engajados, isto é, que escolheram continuar no Exército mesmo após terem completado

Brigada de Infantaria Pára-quedista. Como já foi dito, o discurso institucional, tão fortemente instanciado, faz nascer identidades entendidas e mantidas como dominantes, isto é, hegemônicas em relação à imagem do inimigo (que nem sempre é uma figura concreta).

Ao construírem-se identidades hegemônicas, percebo também que os pára-quedistas clamam a figura da própria nação, corroborando com a idéia proposta por Castro (2002:81) de que os militares do Exército Brasileiro, ao longo da história da formação da Força, sempre se preocuparam em construir vínculos indissolúveis entre a imagem da Nação e a imagem do Exército. Cada membro desta tropa acaba por entender-se como a representação de sua Nação, por isso, enquanto analista, penso poder entender tal hegemonia de identidades em termos de soberania. Entendo o conceito de soberania de uma Nação à luz de Anderson ([1983] 1991:26) como legitimação e liberdade perante outras Nações. Para um pára-quedista, a soberania da Nação que integram depende da supremacia de seu preparo profissional.

5.1.2 Masculinidades Militares

Observo também que os discursos hegemonicamente perpetuados entre os pára-quedistas deixam falar certos modelos culturais (Kiesling, 2006:262). Segundo Kiesling (2006:263), modelos culturais podem ser vistos como modos de representar discursos específicos, permitindo-nos associar tais modelos com os discursos que instanciam. Esses discursos de coletividades específicas vão além de simples estereótipos, pois devem ser entendidos dentro de uma elaborada rede de significados. Considerando esta rede de significados, quero tratar neste momento de um modelo culturalmente construído e aceito nas sociedades que se consideram soberanas, o masculino militar. Chamo a atenção para o que coloco: não só o masculino, mas o masculino militar.

Em um primeiro momento, considerando Connell (2000:10), penso que “não há um padrão de masculinidade que seja encontrado em todos os lugares.

Precisamos falar de masculinidades, não de masculinidade. Culturas diferentes e diferentes períodos da história constroem o gênero de forma diferente”.

Desta forma, devo me referir ao padrão de masculinidade valorizado no meio militar, mais especificamente no meio pára-quedista no Brasil, por ser este o meu campo de pesquisa. Uso, então, o termo ‘masculinidade militar hegemônica’ para me referir a performance de masculinidade considerada mais valorizada socialmente neste meio.

Connell coloca ainda que

“As masculinidades surgem quando as pessoas agem. Elas são ativamente produzidas usando os recursos e estratégias disponíveis em um dado contexto social. (...) masculinidades são criadas em circunstâncias históricas específicas, e, ao passo que essas circunstâncias mudam, as práticas de gênero podem ser contestadas e reconstruídas” (1995:13-14)

Assim, como previsto nos estatutos da Força, a própria doutrina de emprego das tropas pára-quedistas adotada pelo Exército Brasileiro funciona encorajando determinados tipos de performances. Como me foi dito nas entrevistas, em função da natureza das missões em que o pára-quedista é empregado, a comunidade pára-quedista espera que seus membros evidenciem força física, coragem, desafio, perspicácia, agressividade, espírito de corpo, para citar alguns dos atributos cultuados pela mística pára-quedista. Segundo os pára-quedistas com quem conversei, eficácia operacional, isto é, o sucesso das missões depende do desempenho satisfatório da tropa, que só é possível em função do culto-práxis aos ideais pára-quedistas. Assim, é na atuação combatente que surgem as masculinidades que saliento nesta pesquisa.

Ecoando Connell (1995:6), é possível pensar as instituições como passíveis de generificação. Sem a intenção de excluir as mulheres da arte da guerra, uma vez que elas foram e têm sido cada vez mais empregadas nos combates, afirmo que os exércitos enquanto instituição são culturalmente masculinizados. É fato histórico que os exércitos têm sido formados, através de milênios, majoritariamente por homens, fazendo-se instituições generificadas. O mesmo se dá com o Exército Brasileiro que, apesar de recrutar também mulheres desde 1993, tem sido constituído por homens desde seu embrião na Batalha dos Guararapes para a expulsão dos Holandeses em 1648. Nesses moldes, a tropa pára-quedista é majoritariamente masculina. Entendo, pois, a coletividade que

pesquisa como um contexto generificado, masculino, em que os enquadres pelos quais as práticas são interpretadas abarcam também a interpretação sobre os gêneros, ou seja, sobre o que vem a ser entendido como 'masculino'. Assim, mais importante que os gêneros de seus integrantes, são os enquadres interpretativos que contribuem na construção de sentidos para o que chamamos de gênero. No contexto pesquisado, o 'masculino militar pára-quedista' é interpretado à luz das performances onde são evidenciados e percebidos os ideais pára-quedistas – patriotismo, coragem, voluntariedade, preparo físico, preparo emocional, liderança etc.

Connell (1995:46-52) coloca que masculinidade e feminilidade são conceitos relacionais, não passíveis de serem entendidos separadamente, sendo ambos os conceitos construídos situadamente em uma dada cultura. Trago para análise uma passagem dos dados gerados nesta pesquisa que lança luz sobre o que se entende como masculino no meio militar pára-quedista.

A passagem que analisarei em seguida foi retirada da entrevista com o Tenente Wiesser. Neste momento conversamos justamente sobre agressividade, um dos atributos identitários cultuados pelos pára-quedistas. Todos os meus entrevistados afirmaram ser, a agressividade no combate, uma das marcas da atuação de um combatente pára-quedista, como já evidenciado anteriormente. Por se dizer um pára-quedista integrado ao grupo do 26º, eu podia inferir que o Tenente Wiesser, demonstrava perante seus pares ser possuidor do atributo 'agressividade no combate', já que ele construiu-se como um integrante do grupo, identificando-se com os valores cultuados nesta comunidade ao elaborar narrativas em que os pontos giraram em torno de 'voluntariedade para seguir a carreira militar', 'dedicação', 'coragem', 'espírito de sacrifício', 'superação'. Faço menção, aqui, a uma narrativa já analisada por mim anteriormente neste trabalho. Refiro-me à estória em que ele fala sobre o preparo físico buscado na área de estágio e que sentidos ele construía para a dor física que sentia quando da realização do curso básico de paraquedismo. O ponto daquela narrativa, a superação da dor, me deixa ver um combatente que evidencia agressividade, lidando com a dor de forma incomum, enfrentando-a como se faz a um inimigo.

No entanto, os elementos lingüísticos e para-lingüísticos que observei na fala do Tenente Wiesser como um todo não me permitiram ouvir agressividade alguma. Em tempo, durante toda a interação, o Tenente Wiesser expressava-se de

forma pausada, calma, falando sempre em um tom de voz baixo e constante. Sua performance discursiva não deixava ver emoções exacerbadas em suas colocações, apesar de estarem presentes em sua fala em forma de avaliações, risos e também de serem construídas em suas avaliações. Ele mostrou-se colaborativo na entrevista, desenvolvendo suas respostas em função das perguntas que lhe eram feitas, isto é, os temas que eu propunha discutir eram prontamente aceitos. Um fator que pode ter influenciado tal comportamento diz respeito à questão hierárquica valorizada na Força e presente em qualquer interação que se dá neste contexto. Na época da entrevista, eu era uma Capitão e ele um Segundo Tenente, ou seja, havia os nossos postos interferindo em nossos comportamentos interacionais. Além disso, ele estava ali na entrevista, por determinação de seu comandante. Penso que ele pode ter se entendido subordinado a mim, interagindo colaborativamente, sempre. Fato é que seu tom de voz e seu olhar, ao interagir comigo, desenvolvendo sua fala, não sinalizavam agressividade. Este paradoxo prendeu minha atenção de pesquisadora. Dirigi-lhe, então, uma pergunta para a qual tivemos que negociar significado, co-construindo sentidos interacionalmente. Transcrevo o trecho, a seguir.

1	D		você ta me parecendo um rapaz muito ↑doce, é:
2	W		((ten Wiesser faz uma expressão de reprovação))
3	D		ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras
4	W		((risos)) pega mal
5	D		((risos)) não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa
6			muito, com muita ternura. >pega mal ternura também<
7			não pode? é: uma pessoa, [de fácil trato
8	W		[amigável ((risos))
9	D		uma pessoa amigá:vel
10	W		pode ser
11	D		é é onde fica a agressividade no combate? eu tenho
12			certeza que, porque você ta aqui, é que na hora que
13			você precisa da agressividade no combate, você vai
14			empregar
15	W		é, isso aí é o que a gente chama aqui de de rancor.
16	D		sei
17	W		então, cada um de nós aqui tem tem guardado, né? um
18			sentimento forte de ↑agressividade, que é pra ser
19			usado na hora certa. então se eu fosse agressivo o
20			tempo todo, eu ia tratar, eu não ia conseguir tratar o
21			soldado de uma maneira correta, eu ia tratar=
22	D		=tratar com bondade o seu subordinado
23	W		isso, então isso aí eu acho que não ia, encaixar muito
24			bem.
25	D		Humhum

Enquanto pesquisadora, minha intenção era entender como o tenente, que eu estava vendo como terno e doce, construiria sentido para o atributo ‘agressividade no combate’ em sua atuação profissional, contrastando essas duas qualidades que me pareciam opostas. A qualidade ‘doce’ não parece ter sido aprovada por Wiesser, dada a expressão em seu olhar e seu silêncio além de nenhuma outra expressão que pudesse sugerir algum tipo de concordância. Wiesser não se identifica com os sentidos identitários trazidos a termo. Logo, entendo que o adjetivo ‘doce’ é rejeitado pelo tenente, isto é, ele não quer ser assim entendido. Na linha 3, para quebrar o distanciamento interacional provocado, incluo o riso em minha fala e tento recontextualizar a pergunta explicando que não tinha a intenção de atribuir-lhe um adjetivo que o distanciasse dos ideais pára-quedaistas ‘ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras’. O Tenente Wiesser toma o turno e explica a razão de não querer ser chamado de ‘doce’, felizmente rindo e demonstrando disposição em co-construir um termo que condiga com a identidade que clama para si: ‘pega mal’. Entendo que ‘doce’ não condiz com a identidade valorizada naquele meio. A expressão ‘pega mal’ me deixa ver que ser entendido como doce o desvaloriza e o envergonha perante o grupo. Importante notar que, apesar de não mencionarmos de forma explícita, o que está em jogo aqui parece ser a imagem de masculinidade que Wiesser quer evidenciar enquanto profissional do combate. Entre as linhas 5 e 7, sugiro, entre escusas e risos, dois outros termos na tentativa de adequar um atributo que não fira sua masculinidade: ‘não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa muito, com muita ternura. >pega mal ternura também?< não pode? é: uma pessoa, de fácil trato’. Os termos também não agradam ao Tenente Wiesser, creio que pelo mesmo motivo de ‘doce’: são termos que remetem a expressão identitária contrária à masculinidade que se quer evidenciar entre os pára-quedaistas. Termos que, no senso comum, remetem a um campo semântico que faz lembrar o fraco, o gentil, o delicado. Decididamente, pelas análises que venho mostrando, não é sob o signo da fragilidade que um ‘pequedê’ se constrói. O outro termo que eu sugiro é ‘de fácil trato’, também rejeitado por ele. A idéia ‘de fácil trato’ o submeteria deveras à condição de um objeto, ou de alguém sem ação perante estímulos interacionais. O Tenente Wiesser pode ser subordinado hierarquicamente a mim, enquanto capitão, mas nem por isso se mostra submisso. Também não parece ser o caso dos pára-quedaistas, que se mostraram bastante ativos nas interações comigo. Na linha

8, o próprio Tenente Wiesser sugere o termo ao qual quer ser associado, ele me permite chamá-lo de 'amigável'. O termo que ele sugere ressoa os ideais pára-quedistas de espírito de corpo, companheirismo, espírito de equipe, patriotismo. Na linha 9, eu logo aceito o termo sugerido por ele, pois o que mais me interessava era levar a interação adiante e confrontar a tal 'doçura', agora reconstruída como 'amizade', com a valorizada agressividade no combate. Coloco minha pergunta, na linha 11: 'é onde fica a agressividade no combate?'. O tenente Wiesser explica, então, que a agressividade no combate fica... no combate. Ele diz que há o momento adequado para evidenciar a agressividade, que ele também chama de rancor (linha 15). Ele segue sua explicação, dando mais detalhes, evidenciando as múltiplas faces que um pára-quedista constrói em diferentes momentos interacionais. Na linha 22, em uma fala contígua à do tenente, co-construindo sentidos, eu relembro uma frase do texto que todos nós, militares, bradamos por ocasião do compromisso ao primeiro posto: 'tratar com bondade o subordinado'. Ele concorda comigo, resolvendo o impasse entre agressividade no combate e seu jeito 'amigável'.

Esta análise me possibilitou entender que as masculinidades hegemônicas vividas no processo de construção de identidades desses militares deixam ver determinadas oposições binárias no sistema de significados que constroem e praticam, tal como sugere Kovitz (2003:6): guerra/paz, morte/vida, forte/fraco, defensores/defendidos, amigo/inimigo, e acrescentando a questão de gênero a este conjunto, masculino/feminino.

Segundo Connell (1995:164), "um tema comum na ideologia patriarcal é que os homens são racionais ao passo que as mulheres são emocionais". Docilidade e ternura são termos que, na visão deste pára-quedista, remetem a um campo semântico que se funda no delicado, no sentimental, emocional, ou seja, características comumente relacionadas ao feminino. Ele prefere se posicionar da forma menos delicada possível, sem deixar de ser humano. Usando o termo 'amigável' ele se aproxima mais do ideal racional valorizado por seu grupo.

Ainda desenvolvendo a questão das construções de masculinidades entre os pára-quedistas, na conversa com o Major Firmino, eu lhe faço uma pergunta sobre as formas de socialização dos pára-quedistas (linha 1-7). Minha intenção é entender um pouco mais sobre seus interesses, gostos e passatempos quando os

pára-quadistas não estão diretamente atuando profissionalmente. Minha pergunta se dá na linha 1 do trecho que intitulei “Churrasco, futebol, cerveja e Rosa Maria”

1	D		e sobre as formas de socialização, porque ta
2			trabalhando, ta junto, ta cumprindo missão, e ele tem
3			uma hora que ele vai relaxar, tem uma hora que ele vai
4			socializar. como é que o pqd socializa aqui, dentro é,
5			é, do quartel? ou fora? eles se reúnem ou é é essa
6			cumplicidade é só aqui ou [levam a amizade pra fora do
7			quartel?
8	F		[levam.
9	D		sai junto pra beber, pra passear?
10	F		é, acontece de duas formas. acontece na forma de é:
11			quando juntam os círculos ((se refere aos agrupamentos
12			dependentes de afinidades do mesmo posto)), os cabos
13			e soldados, misturam todos os círculos ali, aí fica
14			tipo uma: uma (). acontece muito no nível
15			companhia, seção, a quarta seção “ah, vamos reunir pra
16			fazer um churrasquinho”. isso aí acontece. mas isso
17			daí não seria tão espontâneo, né? seria uma
18			necessidade, né? que o pqd realmente GOSTA de sair.
19			acho que ta na na nossa história. ele GOSTA.
20	D		Gosta de sair junto?
21	F		gosta de sair junto. mas o que é mais interessante
22			aqui é que ocorre SEM essa: obrigatoriedade, dentro
23			dos círculos
24	D		ah?
25	F		né, dentro dos círculos ali, dentro dos círculos. é:
26			por exemplo, no vinte e cinco ((refere-se ao 25°
27			Batalhão de Infantaria Pára-quadista)), a gente tinha
28			ali o alojamento dos tenentes, e: do nada, chegava ali
29			“pô, vamos dar uma saída, vamos ali?” pronto, saía. no
30			centro de instrução então? era direto. entendeu? os
31			oficiais:is, saíam, estavam sempre saindo,
32			espontaneamente. entendeu? sexta-feira, >até que não
33			ta acontecendo muito<. mas sexta-feira, pro pqd? é o
34			dia... do do churrasco, do futebol. não tem jeito.
35	D		hum hum churrasco, futebol, bebida? cerveja?
36	F		sempre, sempre, sempre. churrasco, futebol e cerveja.
37			ta? isso aí tem que ter, isso aí é: é, e isso acontece
38			espontaneamente. aí, como eu falei, a nível companhia?
39			o comandante, se ele não provocar, não vai acontecer,
40			porque tem que ser a companhia como um todo. mas vai
41			acontecer, pode ter certeza que ta acontecendo nos
42			círculos, ali. os sargentos estão se reunindo, o
43			grupinho de amigos ali, os soldados mesmo. às vezes os
44			sargentos tem mais intimidade aí com os soldados do
45			pelotão, e chamam.
46	D		hum hum
47	F		isso sempre acontece.

A partir da linha 8, o Major Firmino desenvolve uma fala onde narra e explica que os pára-quadistas reúnem-se socialmente, fora de suas atividades profissionais, em churrascos motivados por seus superiores, mas também em

situações onde as reuniões acontecem por iniciativa deles mesmos. Em tais ocasiões os pára-quedistas acham o local apropriado para poder beber cerveja, contar casos, rir. Entre as linhas 17-19 o Major elabora uma avaliação em que classifica as formas de socialização do pára-quedista como uma necessidade corporativa, já que algumas dessas reuniões são promovidas pelos comandantes das frações e acabam sendo tomadas como uma ordem. Já se pode aqui perceber a questão da hierarquia, que juntamente com a disciplina, constituem os pilares desta instituição. Retornarei mais a frente à questão da hierarquia instanciada nas falas dos meus entrevistados. Além de entender as formas de socialização dos pára-quedistas como uma necessidade corporativa (uma vez que são usadas no trabalho de fortalecer o espírito de corpo da tropa), o Major Firmino entende tais reuniões também como um prazer, algo que traz satisfação entre esses combatentes (linha 18): ‘o pequedê realmente GOSTA de sair’. Neste ponto ele se refere às reuniões que são espontaneamente organizadas pelos pára-quedistas e se dão fora da instituição militar, em ambientes civis (linhas 21-23). Noto as escolhas dos termos ‘realmente’ aumentando a carga de veracidade de sua observação, e do termo ‘gosta’ (que é repetido na linha 19), instanciado com maior ênfase, o que denota a carga dramática e emocional da atividade tida como um prazer no meio pára-quedista. Entre as linhas 25-45 o major elabora uma narrativa onde o ponto é a espontaneidade e a frequência com que as reuniões (principalmente futebol e churrasco) se dão na Brigada como um todo contribuindo na construção de identidade dos pára-quedistas que lá servem como militares que sentem prazer no exercício de suas profissões a ponto de construírem amizades que são celebradas em outros contextos que não apenas o militar.

Noto que o termo 'sempre' é instanciado três vezes (linha 36), enfatizando que atividades como churrasco, futebol e cerveja são imprescindíveis como formas de socialização entre os pára-quedistas e se fazem presentes neste grupo há muito tempo. Quero ressaltar que, na sociedade brasileira, o gosto pelo futebol, por churrasco e por cerveja é entendido como característico do mundo masculino. Desta forma, ao entenderem-se como apreciadores de esportes, em especial o futebol, e celebrações festejadas com churrasco e cerveja, os pára-quedistas evidenciam mais um traço das masculinidades hegemônicas que contribuem na construção de suas identidades.

Uma vez que os temas futebol, churrasco e cerveja estão em pauta, não pude me furtar a oportunidade de trazer à tona um outro tema comumente associado aos anteriores: a interação com mulheres. Assim, analiso as masculinidades na construção das identidades dos pára-quedistas em outro traço de suas falas. Percebo que a questão da heterossexualidade está presente em suas narrativas.

Em minha conversa com o major Firmino, temas como heterossexualidade, virilidade, conquistas amorosas são discutidos. Noto que eu manifesto um certo pudor em abordar o assunto e dirigir-lhe uma pergunta sobre o comportamento de um pára-quedista em relação ao sexo oposto. Vide os rodeios e as diferentes formas de iniciar minha pergunta no trecho a seguir (linhas 48-53). Penso que este constrangimento se deva ao fato de, em primeiro lugar, não sermos amigos próximos, e também por ser, eu, uma representante do sexo feminino abordando tal assunto com um representante da masculinidade militar hegemônica. O major Firmino facilitou o desdobramento do assunto uma vez que entendeu minha pergunta antes mesmo que eu pudesse concluí-la. (linha 54). Ele riu e iniciou uma série de narrativas e explicações, abordando o tema de forma descontraída e divertida. O trecho seguinte foi retirado da passagem que intitulei “Churrasco, futebol, cerveja e Rosa Maria”.

48	D		uma: um outro ponto, assim. o senhor falou churrasco,
49			futebol, cerveja, nas minhas conversas principalmente
50			com os os tene:ntes, os capitães, eu fiz uma pergunta
51			que envolveu, é assim, se ele tinha... se era verdade,
52			se era assim mesmo, que o pqd, é, tem é, muito, ele,
53			ele tem muita FAMA
54	F		((risos))
55	D		entre as mulheres, ((rindo)) que ele se dá BEM com as
56			mulheres, é alguma coisa, se o senhor observa na sua
57			tropa? nos seus soldados, se é assim mesmo, se o fato
58			de saltar de pára-quedas, se o fato de ta usando uma
59			farda tão bonita, né? esteticamente falando, quanto
60			essa? o fato de ser forte, de ser bem preparado
61			fisicamente, isso, ele faz sucesso entre as mulheres
62			por isso?
63	F		((risos)) eu ACHO, que esse negócio, é, que isso aí,
64			<com certeza> é um é um fator aí que que <é usado, pra
65			melhorar a auto-estima do soldado>.
66	D		certo
67	F		né? isso aí é claro né? mas funciona muito bem, e
68			funciona exatamente dessa maneira. as canções são
69			todas () “fulaninha não namora qualquer um, só
70			namora pqd”, entendeu? o fato da gente obrigar o
71			camarada estar assim bem apresentado. fala que o boot,
72			parece que dá brilho à farda, e que, né? o pé preto é
73			escuro, [aquele negócio todo lá
74	D		[hum hum

75	F		mas eu vejo que isso aí, foi de repente, né? >eu não
76			posso dizer quando que surgiu, né?< eu sei que HOJE
77			funciona bem pra auto-estima. entendeu? é: uma vez que
78			o o o o homem ali não pode ser realizado só na parte
79			profissional, tem que ter né? a parte pessoal social
80			dele ali. e, homem, né? ... ((rindo)) com toda
81			característica masculina, que certamente você conhece.
82			e, o JOVEM? pô dizer pro camarada, pro jovem que ele
83			vai ganhar mulher com aquilo ali? pronto. acabou
84	D		hum hum
85	F		acabou, aquilo ali pra ele passa a ser uma verdade
86			absoluta, entendeu? e aí vai de novo o psicológico ali
87			do grupo e da pessoa realmente ACREDITAR naquilo ali.
88			Eu até brincava quando eu era instrutor na área de
89			estagio lá, né? tinha, tinha lá um sargento °que ele
90			era muito feio°
91	D		hum?
92	F		ele era MUITO feio
93	D		((risos))
94	F		((rindo)) né? até o pessoal do avião sacaneava ele lá,
95			que ele era feio pra caramba. aí, eu, eu era instrutor
96			né? então, na segunda fase ali, eu, nossa senhora, eu
97			esculachava muito ele lá dizendo que ele era feio. aí
98			eu sempre dizia pra ele, "mas o dia que você colocar o
99			brevê, tu vai ficar bonito".
100	D		hum?
101	F		((rindo)) o dia, aí ele veio no dia a apresentação
102			dele com o brevê, aí lembro que eu virava pra ele e
103			falava, "quem é você? eu não te reconheço. eu conheci
104			uma cara assim, agora você ta bonito, vai sair daqui e
105			vai arranjar uma porção de mulher"
106	D		hum?
107	F		né? então isso aí é do:, né?
108	D		então tem também essas histórias?
109	F		TEM TEM
110	D		tem essa mística?
111	F		tem, mas é: eu vejo isso aí pra. eu tive em outros
112			batalhões, né? e em outros batalhões também a
113			cançãozinha é a mesma, né? só que não tem a palavra
114			pqd. "lálálá o soldado do batalhão só namora"
115	D		hum hum
116	F		só que aqui, o lance aqui da brigada, é que ta todo
117			mundo JUNTO, né? é a única brigada do brasil, que é
118			todo mundo junto.
119	D		a figura feminina ta de alguma forma nas cançõ:es, pro
120			exemplo, [a musa do pqd é a rosa maria, né?
121	F		[tem rosa maria. acho que aquele negócio,
122			isso aí, acho que ta no no , na fantasia de todo
123			soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma
124			namorada, que ele deixa o brevê com ela
125	D		ah sei?
126	F		acho que todo: EU já fiz isso, acho que todo soldado
127			já fez isso aí
128	D		hum?
129	F		né? se o camarada não fosse pqd, ele ia arranjar uma
130			medalha, ia arranjar alguma coisa
131	D		sei, aí ele dá o brevê [pra namorada?
132	F		[ele dá o brevê. ele vai
133			chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai
134			deixar o brevê::

135	D		sei
136	F		isso aí, é: realmente tem isso aí, entendeu? rosa
137			maria, vai pra um exercício, aquele papo de ((risos))
138	D		((risos))
139	F		mas com certeza tem isso aí
140	D		mas ta envolvido nessa nessa mística. seria um
141			pontinho, dessa dessa mística toda né?
142	F		↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como
143			se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO
144			de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso
145			aí realmente, é
146	D		hum hum
147	F		isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você
148			falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a gente
149			vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o
150			anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também
151			me sentia assim< quando eu fiz o curso de mestre de
152			salto, eu fui pra outra cidade, e a gente, primeiro,
153			na unidade a gente se sentia "pô, todo mundo ta,
154			pararam a unidade pra receber os pqd's" ia na cida:de,
155			"pô, a cidade", hoje em dia eu vejo que não é nada
156			disso, né? ((rindo)) não tem nada a ver, nego nem sabe
157			que a gente ta na cidade, nem sabe o quer dizer pqd

Entre as linhas 55-62 eu consigo, enfim, colocar em palavras minha pergunta. Analiso que neste momento, eu, enquanto pesquisadora, invisto-me de minha condição feminina e faço minha pergunta citando exemplos de traços que uma mulher pode achar atraentes em um pára-quedista: 'a coragem em saltar de paraquedas, a estética da bela farda, do porte e do preparo físico'. Minha pergunta é feita com um ar de riso, já iniciado com o riso do próprio entrevistado, que assim enquadrrou esta parte da interação.

O Major Firmino inicia sua resposta atribuindo a 'fama de se dar bem com as mulheres' a uma estratégia usada pelos comandantes de frações na Brigada visando trabalhar positivamente a auto-estima do soldado. Ressalto aqui a questão da voz da instituição falando através da ação hierárquica dos comandantes de fração. O major Firmino menciona as canções entoadas pela tropa como um dos mecanismos simbólicos usados pela instituição na construção das identidades pára-quedistas. Entre as linhas 67-73, o Major cita algumas das canções que são entoadas durante os treinamentos físicos em que a supremacia masculina de um 'pequedê' é ressaltada, já que, segundo as canções, o pára-quedista é construído como o preferido entre as mulheres. Ele menciona também a farda e o *boot* marrom usado pelo pára-quedista, que faz com que sua farda brilhe e chame

atenção, destacando-o esteticamente. Incluo aqui um exemplo de uma das canções mencionadas pelo Major Firmino a fim de melhor contextualizar minha análise.

A Maria bonitinha
 Que trabalha na tv
 Não namora há-há-há (outra especialidade na Força)
 Só namora pqdt
 Rosa Maria hoje eu tenho que saltar
 Mas por um pára-quedista
 Vale a pena esperar
 Preparar, levantar, enganchar
 Verificar equipamento
 Capacete, jugular, queixeira, gancho, pino, fita, caixa de abertura
 5 pronto, 4 pronto, 3 pronto, 2 pronto, 1 pronto
 À porta, vai, 1 mil, 2 mil, 3 mil, 4 mil, velame, charuto,
 Reserva, charuto, amém

Entre as linhas 75-83 o Major sugere, novamente deixando implícito em seu riso, que um homem deve interessar-se por mulher, pois que o interesse pelo sexo oposto é uma questão social (linha 79) que é bem vista pelos pára-quedistas por ser entendida como a complementação de sua atuação profissional. Assim, percebo que entre os pára-quedistas, o comportamento heterossexual é entendido como o comportamento natural de um homem, que deve ser incentivado neste meio.

Seguindo nossa conversa, eu trago à tona a figura da 'Rosa Maria', uma espécie de musa imaginária criada e idealizada neste contexto. Analiso que 'Rosa Maria' simboliza a figura do feminino entre os pára-quedistas, a mulher que estará a esperar 'seu' pára-quedista retornar das missões. Rosa Maria é citada em várias canções de pára-quedistas, como na canção transcrita anteriormente e também na 'Canção Irmãos do Condor', da qual transcrevo parte, a seguir.

Avante Pára-quedista,
 no espaço irmão do Condor.
 Avante Pára-quedista,
 a saltar com denodo e ardor.
 Ouvindo em nosso velame,
 o vento a sibilar!
 Avante Pára-quedista,
 É a Pátria que o chama a lutar.

Oh, oh, oh Rosa Maria,
 hoje temos que saltar...que saltar!
 mas por um Pára-quedista,
 mas por um Pára-quedista,

vale a pena esperar...ah, ah, ah, ah
vale a pena esperar!

Nas linhas 121-134 o major elabora uma narrativa em que figura Rosa Maria, a mulher do pára-quedista, que estará a sua espera ao retorno das missões. Ele narra uma prática comum entre os pára-quedistas, que é entregar seu brevê, o símbolo ostentado sobre o peito, para ser guardado por sua namorada, até que ele possa estar com ela novamente: 'tem rosa maria. acho que aquele negócio, isso aí, acho que ta no no , na fantasia de todo soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma namorada, que ele deixa o brevê com ela'. Na linha 133, o Major deixa implícito que o brevê seria entregue após um momento especial e marcante da relação, sugestionando um momento de intimidade do casal: 'ele dá o brevê. ele vai chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai deixar o brevê:.'. Ele diz que a figura feminina está presente na fantasia de todo o soldado, evidenciando sua virilidade e heterossexualidade. Na linha 142, o Major finaliza sua narrativa com um resumo, marcando o ponto de sua estória: '↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso aí realmente, é'. O major afirma, veemente, que um pára-quedista pensa poder conquistar qualquer mulher, dadas as expressões que usa: 'verdade absoluta', 'realmente'. Evidenciando lucidez e consciência quanto à questão dos mecanismos simbólicos usados institucionalmente no processo de construção de identidades no meio pára-quedista, o major elabora a seguinte avaliação (linha 143), 'como se fosse uma verdade absoluta'. Posso entender que o pára-quedista lida, no processo de construção de sua identidade, de uma forma ou de outra, com a figura do conquistador, acreditando nela, vivenciando-a ou apenas reconhecendo-a.

Em mais duas narrativas (linhas 147-151 e 151-157) elaboradas pelo major Firmino, ele avalia como algo bastante intenso, a auto-estima do pára-quedista, dada a expressão que usa: 'violento'. Segundo o major, a auto-confiança de uma pára-quedista o faz pensar ter o poder de conquistar qualquer mulher, traço arrebatador de sua identidade: isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a

gente vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também me sentia assim<.

Analiso que o ponto das três narrativas elaboradas pelo major gire em torno da auto-confiança demonstrada pelos pára-quedistas advinda do fato de se entenderem como homens poderosos. As análises me dizem que, nesta cultura, o masculino é também entendido como sinônimo de heterossexual e que um pára-quedista, além de ser construído como um conquistador de territórios, também é entendido como um conquistador dos corações femininos.

5.1.3

“Protegendo alguém, isso é tudo pra nós” (Capitão Vagner) – Identidade, sentimento e emoção na construção narrativa do herói pára-quedista

À luz do que entendem por 'masculino militar', os pára-quedistas constroem-se como homens fortes, bravos, guerreiros, audazes, desafiadores, patriotas, altruístas, companheiros, amigos, confiáveis, úteis, voluntários, viris, auto-confiantes, determinados, competentes, vencedores...

Pensar, analisar e discutir sobre as narrativas produzidas pelos pára-quedistas do Exército Brasileiro e o processo de construção de identidades desses homens me possibilitou entender que nesta micro-cultura o modelo do 'masculino militar' faz ver ainda outro modelo cultural. Os atributos com os quais se identificam aproximam os pára-quedistas da imagem de um ser capaz de defender, proteger e vencer o mal, estabelecendo a ordem e a paz. Um ser que enfrenta perigos destemidamente em nome do ideal de 'Pátria', que por ela é capaz de doar sua própria vida: o herói.

Segundo Jung,

“O mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um homem-deus todo-poderoso e possante que vence o mal, apresentando na forma de dragões, serpente monstros, demônios, etc., e que sempre livra seu povo da destruição e da morte. A narração ou recitação ritual da cerimônia e dos textos sagrados e o culto da figura do herói, compreendendo danças, músicas, hinos, canções e sacrifícios, prendem a audiências num clima de emoções, exaltando o indivíduo até sua identificação com o herói”. (Jung apud Feijó, 1995:21)

Creio que a imagem do herói esteja permeando todas as falas, as narrativas e interações onde se encontram os pára-quedistas. Os pára-quedistas, interpretados sob o ângulo dos heróis, se assemelham à figura do herói mitológico, mas também se diferem dela, dando vida ao que chamarei de herói pára-quedista. Segundo Feijó (1995:13), o herói mitológico é tido como “um consolo para a fraqueza humana”, entidade que supre a força que lhe falta, um semi-deus com características divinas e poderes extra-humanos que se destaca por suas façanhas. No herói mitológico, as façanhas e os super-poderes são o alvo de interesse.

Nas análises das narrativas dos pára-quedistas, pude perceber algo mesclado ao herói mitológico. Os pára-quedistas constroem-se dotados de todos os atributos de um herói já mencionados anteriormente. Falam, sim, de seus medos, pois que é da cultura guerreira em geral falar de medo e coragem. No entanto constroem suas identidades comungando dos conceitos de verdade, razão e objetividade ao mesmo tempo em que flutuam por contextos e fazem parte de um mundo onde o instável e o fragmentado atuam oferecendo infinitas possibilidades ontológicas para tudo e todos. Os pára-quedistas constroem-se identidades racionais em tempos em que o pós-moderno age desconstruindo verdades e questionando ordens vigentes. Estes combatentes constroem-se como se não experimentassem os conflitos subjetivos do ‘ser ou não ser’. Os pára-quedistas, pelo que pude perceber com as análises, crêem em si próprios, acreditam na importância das missões que cumprem, entendem-se como úteis no cenário da defesa nacional, acreditam na soberania de seu país, acreditam que hierarquia e disciplina constituem os pilares básicos da Força que integram. Penso que é justamente isso o que corresponde ao que espera o estado-nação moderno de seu exército. Minhas análises me fizeram crer, entretanto, que os pára-quedistas com quem conversei estão conscientes do poder dos recursos simbólicos usados como aparato educacional que contribuem na construção de suas identidades, identificando-se com eles antes de a eles se aliarem (como analisado em trechos da entrevista com o Major Wilker). Devo lembrar aqui que as falas dos pára-quedistas com quem conversei foram elaboradas mediante uma solicitação formal de realização de minha pesquisa naquele contexto. Assim, meus entrevistados esmeraram-se por construir a imagem modelo de um pára-quedista. Havia uma agenda social norteando o que seria dito, comentado e articulado. Não pretendo dizer que a imagem do pára-quedista que foi construída perante a pesquisadora seja falsa,

muito pelo contrário, meu trabalho consistiu em gerar dados onde o pára-quedista pudesse construir-se e oferecer a imagem que pretendesse.

Nas análises a seguir, percebo os pára-quedistas como conscientes dos processos simbólicos de construção de suas identidades, deixando ver seus questionamentos, suas dúvidas, sua consciência crítica, sem que por isso soem indisciplinados.

A passagem seguinte é um trecho da entrevista com o Capitão Rocca que intitulei “A realização de um sonho pessoal”. Neste trecho pude perceber este pára-quedista construindo-se como consciente das forças sociais que movem as ações da tropa pára-quedista ao mesmo tempo em que ele se constrói como realizando seu sonho pessoal de atuar como líder de um pelotão.

1	D		no site da brigada, eu li que “ser pára-quedista é
2			experimental o sentimento mais profundo de
3			nacionalidade”. quando você esteve ↑fora da sua nação,
4			fora do brasil, você experimentou esse sentimento de
5			nacionalidade, você tava lá pensando em algum motivo
6			maior, você pensava na sua missão em termos mais,
7			amplos “eu to aqui, cumprindo uma missão, é, de” >é
8			uma missão da ONU< né?
9	R		humhum
10	D		“é de apoio a um outro país, ou eu tô representando o
11			MEU próprio país”? como é que você lidou com esse fato
12			aí, você poderia me contar algum fato, alguma coisa
13			que tenha acontecido onde você tenha experimentado o
14			seu sentimento de ↑brasileiro, assim? de nação?
15	R		sim. é: ... cada um, tem o seu ideal né? mas, o que a
16			gente aprende né? o que, o motivo pelo qual eu entrei
17			pro exército brasileiro, né? foi defender o meu país.
18			né? mas, é: nem todos pensam da mesma forma. certo?
19			mas eu, eu tinha esse sentimento de nacionalidade de
20			estar defendendo o meu país, embora eu sabia que
21			também não era nada daquilo, né? não era nada daquilo,
22			que ali eu não tava defendendo o nosso país.
23	D		sim, tá tá. não era o seu país mas você estava
24			cumprindo uma missão pelo seu país, né?
25	R		pelo meu país.
26	D		o seu país mandou você cumprir uma missão lá.
27	R		é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a
28			gente ta defendendo outros interesses. que também não
29			vem ao caso.
30	D		sim
31	R		eu falar aqui né? mas, ali, eu estava a frente do MEU
32			pelotão, né? da primeira companhia pára-quedista, né?
33			e, do vinte e seis b i pára-quedista e representando
34			também a brigada pára-quedista. então isso aí era o
35			meu principal pensamento. né? e eu era o ↑comandante
36			de uma fração. então isso aí foi foi a realização de
37			um sonho. né? foi a realização de um sonho ↑pessoal
38	D		Certo
39	R		né? de sentir, de sentir, de de realizado né? em

40			estar, executando tudo aquilo que eu fui treinado pra
41			fazer. né?
42	D		humhum
43	R		então, particularmente, eu, minha maior realização foi
44			foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é
45			meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender
46			o brasil
47	D		é, porque lá não é o brasil

A resposta elaborada pelo capitão Rocca se deu em função de minha pergunta que girava em torno do sentimento de patriotismo e nacionalidade enquanto este combatente pára-quedista estava integrando as tropas de paz da Organização das Nações Unidas no Haiti.

Entre as linhas 15 e 22 o Capitão elabora uma narrativa em que se reporta a uma parte de sua história de vida e o motivo de ter entrado para o Exército. Ele se constrói como alguém que mesmo antes de ser educado na doutrina da instituição, já se identificava com os ideais de patriotismo e sentimento de defesa do país valorizados na Força (linha 16-17). As colocações que Rocca elabora entre as linhas 19 e 22 fazem alusão a um conflito identitário. Rocca constrói-se, porém, como consciente das contradições advindas de sua prática profissional, construindo sua auto-imagem como superior aos conflitos existenciais, preservando seu sentimento de nacionalidade. Entre as linhas 27 e 29, Rocca constrói-se novamente como consciente dos interesses que subjazem as guerras e os conflitos humanos, reforçando a imagem de pára-quedista crítico, ponderado e consciente que busca evidenciar: ‘é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a gente ta defendendo outros interesses. que também não vem ao caso.’. A avaliação ‘que também não vem ao caso eu falar aqui né?’ deixa ver que Rocca julga não ser a entrevista em que interage comigo o contexto apropriado para falar desses ‘outros interesses’ que motivam os conflitos. Pode-se perceber, no entanto, que Rocca constrói-se crítico de sua própria atuação combatente. Entre as linhas 31 e 37, Rocca elabora uma narrativa onde constrói sentidos bastante subjetivos para sua atuação nas tropas de paz da ONU no Haiti. O ponto desta narrativa é mostrar que a realização de seu sonho pessoal, não é lutar pela Pátria, mas sim comandar, isto é, a satisfação em estar à frente de um pelotão, comandando, liderando e realizando aquilo para que foi preparado na Brigada de Infantaria Pára-quedista. Entre as linhas 39 e 41 pode-se perceber o ponto de sua narrativa sendo claramente verbalizado: ‘de sentir, de sentir, de de realizado né? em estar, executando tudo aquilo que

eu fui treinado pra fazer. né?’ Entre as linhas 43-46, Rocca elabora avaliações importantes na construção de sua identidade situada: ‘então, particularmente, eu, minha maior realização foi foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender o brasil’. Percebo, assim, que seus posicionamentos e avaliações contribuem em sua construção como um pára-quedista crítico e consciente de seus ideais e funções sociais. Rocca constrói-se como patriota, mas em momentos onde sua atuação combatente é entendida por ele como inserida em um contexto em que ‘outros interesses’ (usando um termo instanciado por Rocca) também se fazem presentes, além da defesa nacional, o que resta a Rocca é justamente o orgulho e a satisfação em estar liderando uma fração, estar à frente, comandando. Goffman ([1959] 1975:230) argumenta que a performance sócio-interacional, isto é, o efetivo desempenho de nossas identidades sociais, presenteia-nos com a sensação de ser alguém. Creio que nesta passagem, em sua performance narrativa com a pesquisadora, Rocca evidencia uma faceta bastante subjetiva de sua identidade, brindando-se com sensações ontológicas, sentimentos existenciais justamente por ser um pára-quedista.

Nas passagens que se seguem o Capitão Vagner, assim como Rocca, constrói-se gratificado pelo exercício de sua profissão, evidenciando uma faceta subjetiva de sua identidade pára-quedista.

1	V		as fotos da de das atividades da briga:da e as fotos
2			reais também, que eu gosto muito de recordar, assim,
3			ah, as missões, [as missões que nós
4	D		[ah, então? >eu ia te perguntar disso<
5			as missões reais que você: já participou, é, podia me
6			falar de alguma? Situação [que você viveu?
7	V		[ah, a operação paraopebas,
8			que nós fomos pra lá pra pra: fazer um cerco da cidade
9			de paraopebas, que o movimento dos sem-terra tava indo
10			lá uma operação presença de grande vu:lto
11	D		o que você vivenciou lá que te marcou?
12	V		não, eu fui, [é de você é de você
13	D		[qual foi sua função lá?
14	V		eu tava comandando, eu fui pra ser o oficial de
15			comunicações do batalhão e acabei que: teve uma chuva
16			no dia, nós não conseguimos () pelo batalhão, e eu
17			acabei sendo o comandante de uma de um dos pelotões
18	D		sei
19	V		eu era tenente na época. aí acho que é essa, é você
20			realmente se sentir útil, você ver que o soldado ↑tá
21			com munição real, você vê que você ↑tá fazendo uma
22			coisa pra sociedade, você ↑tá barrando, protegendo
23			alguém, isso é TUDO pra gente né?

24	D		aí vem a recompensa? o sentimento de recompensa é aí?
25	V		BASTANTE. [é aí, TÁ AÍ
26	D		[nesses momentos?
27	V		é, é o que: eu não tenho lá fora, assim. eu não
28			consegui achar isso, não eu consegui, como instrutor
29			da aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) eu não
30			consegui achar ta:nto isso como tem aqui, essas
31			emoções
32	D		sei

Entre as linhas 7 e 23 Vagner elabora uma narrativa em que relata uma operação em que atuou como o comandante de um pelotão, atuando como líder. O ponto de sua narrativa é o sentimento de ser útil. Aponto o verbo usado por Vagner na construção desta faceta de sua identidade: ‘se sentir útil’ (linha 20). O uso de tal palavra deixa ver que Vagner leva o ponto de sua narrativa para a seara do sentimento, o campo emocional. Vagner segue entre as linhas 21-23 elaborando uma série de avaliações onde trata de um sentimento existencial proporcionado pelo exercício de sua profissão: ‘sentir útil (...) você vê que você tá fazendo uma coisa pra sociedade, você tá barrando, protegendo alguém, isso é TUDO pra gente né?’. Vagner constrói a imagem daquilo que entende como sua recompensa pessoal pelo exercício de profissão onde corre risco de morte, isto é, ele entende que sua recompensa vem do sentimento de estar protegendo outras pessoas. Creio que com a avaliação ‘isso é TUDO pra gente né?’, em que marca ‘tudo’ prosodicamente, Vagner seja bastante contundente quanto ao seu sentimento de recompensa em proteger pessoas. Na linha 31 Vagner instancia a palavra ‘emoções’ evidenciando que sua atuação profissional lhe proporciona sentimentos e sensações identitárias.

Na passagem seguinte, um prosseguimento da entrevista com Vagner, pode-se notar mais uma vez que este pára-quedista sente-se gratificado existencialmente no exercício de sua profissão.

1	V		a recompensa aqui ela: ela acontece muito mais, tipo:
2			chapéu mangueira, agora, a gente foi subir pra fazer a
3			proteção da da ladeira do Le:me. Então,
4	D		quando foi essa operação do chapéu mangueira?
5	V		não, sei... em junho
6	D		desse ano?
7	V		foi
8	D		e aí? Qual foi tua função nessa operação?
9	V		foi, eu fui como caçador ((atirador de elite)), eu
10			passei em apoio ao bg, batalhão de guardas
11	D		sei
12	V		que eles tavam ‘né?’
13	D		hum?

14	V	teve uma situação e a gente passou à disposição de lá,
15	D	humhum
16	V	então isso é muito gratificante, assim. essas
17		situações são muito, gratificantes, eu gosto demais
18		assim
19	D	sei
20	V	acho que a razão pra você, estar treinando os soldados
21		é essa, são esses momentos
22	D	humhum
23	V	é o que torna a gente mais ↑útil.
24	D	certo

Ao referir-se ao sentimento de recompensa advindo de sua prática profissional, Vagner elabora uma narrativa em que relata uma operação em uma favela do Rio de Janeiro. Nas linhas 16-18, as avaliações elaboradas por Vagner deixam ver o ponto desta narrativa, que é a gratificação que sente ao agir como um pára-quedista. Noto que a palavra gratificante é instanciada duas vezes, modalizada e intensificada pelo advérbio ‘muito’, além disso a expressão ‘eu gosto demais’ (linha 18) deixa ver que Vagner fala de um sentimento subjetivo, marcando assim este sentimento como o resultado de suas várias experiências sociais envolvendo sua profissão.

Na passagem que analiso a seguir, o Tenente Coronel Ermínio elabora uma espécie de explicação à pergunta que lhe faço acerca daquilo que motiva um pára-quedista a seguir atuante em sua profissão, descrita, narrada e explicada, até então, como desgastante, arriscada e perigosa. A passagem que intitulei usando uma das frases ditas pelo Tenente Coronel Ermínio é “A recompensa é de foro íntimo”.

1	MD	e, assim, pensando na RECOMPENSA disso tudo? onde é
2		que ele se sente recompensado? de onde vem .. é é ...
3		porque eu penso que nenhum ser humano consegue ↑ SÓ
4		<mastigar um lado a-ze-do> e e não ter nada
5		recompensando aquilo. pô mas eu vejo que ele ↑quer
6		continuar, ele ↑tá a fim, ele quer servir aqui depois
7		como capitão, e depois ele quer voltar como major, e
8		depois e se possível ele não quer nunca sair.
9	CE	hum
10	MD	de onde que vem essa recompensa pra realimentar isso?
11	CE	é ... é o dia-a-dia né? bom, eu imagino que seja o
12		sequinte. é, a MINHA RECOMPENSA é que eu tô numa
13		função de comando... então, poxa, quanto mais exigirem
14		dele, claro. melhor vai ser essa fase aí do meu
15		comando. mas ... eu acho que a recompensa é de foro
16		íntimo. sabe, quando você conversa, e e, confessa
17		prum amigo que você superou uma dificuldade ...
18		operacional, e se sentiu bem, que estava melhor que o
19		outro companheiro do lado, etc, isso daí traz uma: um
20		ORGULHO PRÓPRIO muito grande. acho que é inerente aí::
21		ao ser humano mesmo. do meu parco conhecimento aí,

22		desse, na nossa ↑evolução? que os guerreiros contavam
23		né? como é que tinha sido o comba:te, até como tinha
24		elimina:do, como tinha né? alguém que o socorreu num
25		momento de dificuldade, e ele sentir orgulho daquilo
26		... o companheiro ter se ARRISCADO, num momento ali e
27		e ter ficado lado-a-lado
28	MD	são as glórias da vitória né?
29	CE	[É::
30	MD	acho que isso deve mexer ↑muito com com A GENTE com
31		com o ser humano mesmo
32	CE	é é, eu acho que essa coisa é meio do orgulho, de você
33		superar as dificuldades. e como aqui no vinte e seis
34		as dificuldades são maiores, daniela, que nos outros
35		batalhões, por força da QUANTIDADE de missões. a gente
36		recebe muita missão, e atualmente estamos com duas,
37		cumprindo missão pra duas brigadas, a nona brigada e a
38		pára-queda e ainda mais nós nos mantemos na ação
39		principal da brigada. então acho que isso aí, acho que
40		nos deixa com muito orgulho. daí quando a gente sai da
41		brigada é que a gente tem noção disso aí
42	MD	sei
43	CE	porque aí:: você chega com o seu boot e o seu brevê
44		pra se apresenta::r, É DIFERE::NTE
45	MD	Certo
46	CE	é diferente. os demais militares do exército, eles
47		RECONHECEM isso aí na gente.

Entre as linhas 1 e 8 eu elaboro a pergunta sobre a recompensa que um combatente pára-queda obtém de uma atuação profissional narrada por todos como extremamente perigosa e sacrificante.

Ao iniciar sua resposta, o Tenente Coronel Ermínio não se refere à tropa como um todo, pelo contrário, ele fala única e exclusivamente de si. Na linha 12, elevando a entonação, ele marca prosodicamente que está falando de si próprio: 'minha recompensa'. O TC Ermínio afirma que sua recompensa é estar em uma situação de comando. Percebo com sua colocação que o sentido subjetivo construído pelo TC Ermínio para a situação em que se encontra o posiciona em destaque em relação à tropa como um todo, já construindo uma imagem de evidência para ele. Figurando hierarquicamente como um líder de sua tropa, o TC Ermínio deixa ver quão importante é para ele o fato de estar comandando e liderando, isto é tomando as decisões, exercendo uma visão de sobrevôo, superior em relação aos demais. Tal situação é, segundo o próprio Tenente Coronel, sua recompensa.

Mais adiante, na linha 15, sensações identitárias são instanciadas pelo Comandante da tropa como algo advindo de suas vivências e experiências. Ele diz que a recompensa 'é de foro íntimo', ou seja, algo que se é experimentado em

termos de emoções e sentimentos. No prosseguimento desta fala ele cria uma série de pequenas narrativas fictivas. Ele se coloca em algumas situações de superação de dificuldades, onde sempre figura o sentimento de orgulho próprio por suas conquistas. Na linha 28, eu ofereço, em co-construção, uma avaliação para suas narrativas, dizendo que seus sentimentos podem ser entendidos como 'as glórias da vitória', com a qual ele concorda, enfático, alongando a prosódia: 'É:.'

Há inúmeras outras passagens em que meus entrevistados, como resultado do efeito dramático de suas narrativas, evidenciam emoções existenciais, entusiasmo por reconhecerem-se como indivíduos úteis, cujas vidas são plenas de sentidos em função da profissão que exercem por opção e vocação.

Ofereço a seguir uma última análise. Nesta interação posso perceber que o modo como os pára-quedistas falam dos ideais pára-quedistas faz-se campo fértil para a construção da auto-imagem desses combatentes como homens que exercem a liderança reconhecendo-se em práticas heróicas onde a agência é condição vital das identidades que se quer construir.

5.1.4

“Eu vou resumir isso tudo que você falou numa operação” (Tenente Coronel Ermínio) – Narrativa e a construção da auto-imagem do herói

A passagem é transcrita da entrevista com o Tenente Coronel Ermínio. Nutrido pelos ideais pára-quedistas valorizados no grupo, o Tenente Coronel desenha sua auto-imagem de líder, experiente e competente na passagem intitulada 'Não são palavras ao vento'.

1	MD	é: nessas missões que o senhor teve oportunidade de ir
2		e no dia-a-dia no quartel, o que o senhor poderia me
3		contar sobre é:: agressividade no combate, sobre
4		experimentar o sentimento mais profundo de
5		nacionalidade, sobre espírito de sacrificio, ahh o
6		espírito de corpo, companheirismo... eu tenho
7		percebido isso no discurso das pessoas com quem eu
8		tenho conversado e também nos documentos que eu tenho
9		lido... quer dizer, não tá só no papel, eu tenho visto
10		na fala das pessoas também =
11	CE	= é, bacana isso. é: eu vou resumir isso tudo que você
12		falou numa operação. então o ano passado, em março,
13		início de março, eu assumi o 26 em janeiro. um mês
14		após, nós estávamos sendo empregados naquela operação
15		para recuperar armamento que foi subtraído do ECT =
16	MD	= certo

17	CE	operação abafa. então nós inicialmente fomos para o
18		complexo do alemão, que é um ambiente:: >bastante
19		difícil<. e foi pra lá que o 26 foi. o 25 foi
20		empregado numa área mais tranqüila, um ,pouquinho, e o
21		27 ficou em reserva. então nós ficamos oito dias
22		↑direto, no complexo do alemão. tomamos uma
23		iniciativa. apresentamos para o comandante da brigada.
24		isso tudo discutido com o estado maior. é:: a
25		iniciativa foi a seguinte. a ordem era permanecer no
26		asfalto, e nós visualizamos ali, numa parte plana da
27		favela, uma operaçãozinha somente de vasculhamento nas
28		vias públicas, pra testarmos o ↑comando e controle.
29	MD	hum
30	CE	e o soldado se sentir ... seguro... entrando numa
31		favela...é:: então foi planejada essa operação e já
32		isso o S3, oficial de operações planejando, essa que
33		seria uma operação futura. pra execução, o ajunto
34		dele, do oficial de operações, é que ficou
35		responsável. e aí o E3 passou a planejar em outra área
36		que nós verificamos que era uma rua ↑muito
37		importa:nte, com algumas retençõ:es =
38	MD	=hum
39	CE	(trilha), essa coisa toda ... e então eu já pude
40		observar ali já no estado maior que eu mal conhecia,
41		havia apenas um mês, né, de batalhão ... e eles tinham
42		esse espírito de: de: é de ↑GRUPO >trabalhar em grupo<
43		eles tinham... bastante MOTIVADOS, muito embora,
44		estivessem ali numa missão um pouco complicada, era um
45		ponto de honra para o exército recuperar o armamento,
46		então... é: a ↑TROPA estava muito ansiosa em
47	MD	[cumprir a missão?
48	CE	[em TER SUCESSO
49	MD	hum hum
50	CE	a gente ↑VIA isso. pois bem, então, nessa outra
51		operação surgiu um informe, e eu consultei o general
52		se eu podia, >essa primeira tava autorizada< ... após
53		receber o planejamento ele autorizou. ↑e aí surgiu um
54		informe MUITO é QUENTE, em relação ao ... esconderijo
55		dessas armas. mas era ↑ LÁ em cima
56	MD	certo
57	CE	[na área deles
58	MD	[tinha que subir lá em cima
59	CE	aí o general me disse, NÃ:O, essa aí você ainda não
60		planejou. eu falei JÁ sim senhor... vou mostrar. aí
61		f:ui, mostre:i, aí ele disse, ficou um pouco
62		preocupado, mas ↑CONFIOU, acho que no... CABEDAL de
63		conhecimento que ele sabia:: ((está falando do seu
64		próprio conhecimento tático-operacional)) eu fiz uma
65		palestra sobre o emprego lá no haiti... e também no
66		que ele já conhecia aqui do batalhão... então foi
67		confiança NA TROPA mesmo. então, resultado... ao subir
68		o complexo do alemão ô daniela, aconteceu o seguinte.
69		houve disparo da:: daquela força adversa contra a
70		tropa, um disparo ... a tropa ... não revidou...
71		seguiu as orientações... então eu tenho o seguinte
72		modus operandi, a tropa que vai ser empregada, vai pro
73		campo de futebol...eu digo pro pessoal sentar e
74		explico direitinho como é que vão ser as regras do
75		engajamento...pra que eles fiquem confiantes. ↑e eu
76		PERCEBI NESSE ATO, já estavam lá em cima, tinham
77		alguns usando crianças como escudo =

78	MD	= olha
79	CE	e ... dispararam, não foi possível identificar ...é:
80		esse elemento que disparou. >mas a tropa também em
81		contrapartida< não reagiu, o tiro que a gente chama
82		tiro de fração, que é o GC, o pelotão ... atirando a
83		esmo
84	MD	hum hum
85	CE	pelo risco do:: ... de haver algum efeito colateral
86		né? atingir um inocente
87	MD	hum hum
88	CE	então eu pude perceber que HÁ essa LIGAÇÃO ali do
89		sargento com os cabos e soldados ... no seu GC ... não
90		são apenas palavras ao vento. é o que acontece com
91		RISCO DE VIDA... risco né? de PERDER A VIDA ... risco
92		de morte né? que agora ta na moda
93	MD	é é
94	CE	então aí resultado...a gente fica bastante orgulhoso
95		de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista
96		já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito
97		que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe..
98		ele TEM a coragem... mas... fazer com que isso aí se
99		mantenha numa situação de ALTO RISCO ... que o
100		↑complexo do alemão é FAMOSÍSSIMO, né? tem lá o
101		comando vermelho e é a base né? é onde tem a maior
102		base deles ... e foi bastante interessante verificar
103		isso aí na tropa ... o tiro pegou entre um praça e um
104		oficial ... e eles se mantiveram tranqüilos ... os
105		atiradores de skol viram ... um outro alvo ... tava
106		armado... mas tinham algumas crianças ali do lado
107		...perguntaram se poderiam atirar ... eu cheguei
108		próximo ... observei e tava um tiro de risco. então eu
109		acredito que a força adversa NÃO ofereceu resistência
110		por causa DA MONOBRA QUE NÓS FIZEMOS. fizemos uma
111		manobra interessante, com esse aprendizado todo do
112		haiti ... eu tinha muita gente o ano passado ainda
113		daquela companhia que tinha operado lá... e:: então
114		eu acho que eles ficaram ... INTIMIDADOS né? pelo que
115		a tropa fez. ↑o comandante da companhia de precursores
116		estava no helicóptero que eu havia solicitado pra
117		facilitar o comando e controle ↑ a progressão,
118		coordenar ... e ele de helicóptero elogiou MUITO a
119		tropa ... que eu estava lá no chão, não tinha como

Na linha 11, o Tenente Coronel Ermínio inicia sua resposta, não sem antes avaliar minha pergunta 'é, bacana isso'. Ele se coloca em uma posição de superioridade em relação a mim, pois que é capaz de avaliar o que eu digo. No prosseguimento, o TC Ermínio esclarece que vai resumir os ideais pára-quedistas citados na minha pergunta ao narrar sobre uma operação que comandou. Ele fala sobre a Operação Abafa, operação em que foram resgatadas armas que haviam sido roubadas de um quartel do Exército por traficantes.

Entre as linhas 17 e 28, o TC Ermínio narra sobre a operação que aconteceu no Complexo do Alemão, o conjunto de favelas no Rio de Janeiro tido como altamente perigoso por abrigar o tráfico organizado. O Tenente Coronel Ermínio

esclarece que ele era o comandante da tropa encarregada de recuperar o armamento. Neste ponto ele narra sobre a início das operações, já mostrando-se atuante como o líder daquela tropa.

Na linha 50, o TC Ermínio inicia uma outra narrativa. Desta vez ele narra sobre uma nova ação executada sob seu comando na mesma operação. Ele conta que recebeu uma informação sobre o local exato onde estariam escondidas as armas, moto da operação. Ele segue contando, então, que consultou o escalão superior pedindo autorização para subir o morro e resgatar as armas. Em um primeiro momento, a resposta do escalão superior foi negativa, pois pensavam não ter havido tempo para o devido planejamento. É justamente neste ponto que o TC Ermínio intensifica a construção de sua identidade de *self*. Ele reforça-se como o personagem principal de sua própria história, eis que é o comandante da tropa, seu líder. Na linha 60, usando entonação diferenciada do restante de sua fala, o TC Ermínio sinaliza que surpreendeu o General, seu superior hierárquico no comando da operação, ao fazê-lo saber que já tinha se antecipado e planejado uma nova investida contra os traficantes. Entre as linhas 62 e 67, o TC Ermínio constrói-se como um comandante digno de confiança de seus superiores. Nesta narrativa ele ressalta que já havia demonstrado sua experiência, seu 'cabedal de conhecimentos', usando suas próprias palavras, para seus superiores em palestras que ministrou sobre sua atuação em Missões de Paz anteriores. Ao prosseguir em sua narrativa o TC Ermínio elabora avaliações e resoluções entre as linhas 67 e 77 demarcando o ponto de seu relato: sua própria ação de comando e liderança. Observo neste trecho várias elocuições introduzidas pela palavra 'então', como um sinal de que o que é instanciado deve ser entendido como uma resolução. Devoto atenção especial para a resolução iniciada na linha 71; 'então eu tenho o seguinte *modus operandi* ...', nesta fala o TC Ermínio explica que por iniciativa sua, antes que sua tropa se engaje em qualquer missão, ele reúne todos e, detalhadamente, expõe como a tropa deverá agir. Com esta explicação, o sentido sutilmente construído para sua narrativa é o de que ele, o comandante, o líder desses combatentes pára-quedistas, é o responsável, o mentor do sucesso da operação e do correto procedimento de seus homens. Entre as linhas 94 e 101, em mais resoluções, a questão do orgulho é novamente trazida: 'então aí resultado... a gente fica bastante orgulhoso...'. Assim, a satisfação existencial é mais uma vez

marcada, instanciada e sentida pelo TC Ermínio, construindo através da narrativa facetas de sua identidade de *self*.

Por esta análise, percebo que o TC Ermínio imprime-se como o personagem principal de sua própria narrativa, voltando seu olhar para si, de alguma forma em evidência, destacado da tropa que comanda. À luz de Gergen & Gergen (2001), entendo este narrador-pára-quedista como indivíduo ativo na construção de suas identidades de *self* já que ele é capaz de relacionar eventos e acontecimentos fragmentados ao longo do tempo e construir sentidos para eles como resultado sensível de sua história de vida. Ao analisar as narrativas dos pára-quedistas com quem conversei, posso interpretá-los como heróis construídos e nutridos discursivamente pelo tempo em que vivem, frutos desta cultura.

Passo, no capítulo seguinte, a expor os entendimentos a que pude chegar com as análises realizadas.

6

Visão geral e entendimentos

“Esta manhã, antes do alvorecer, subi numa colina para admirar o céu povoado, E disse à minha alma: Quando abarcarmos esses mundos e o conhecimento e o prazer que encerram, estaremos finalmente fartos e satisfeitos? E minha alma disse: Não, uma vez alcançados esses mundos prosseguiremos no caminho.”

(Walt Whitman)

Em um certo desfile cívico de 7 de setembro fui tomada por um sentimento de perplexidade que serviu de inspiração para esta pesquisa. Vi de perto uma tropa formada por pára-quedistas da reserva passar em desfile. Ao marcharem, aqueles militares demonstravam intensamente vibração e satisfação em estarem ali, representando o Exército Brasileiro que outrora serviram, o grupamento pára-quedista que um dia integraram e, por que não dizer, representando e vivendo com satisfação e orgulho a si mesmos, seus próprios papéis sociais.

Creio que ser militar e olhar aquele pelotão através dos valores, idéias e visões de mundo compartilhados no meio em que escolhi atuar profissionalmente tenha contribuído para a motivação e os entendimentos gerados neste trabalho. O fenômeno das massas efervescentes e uma enorme gama de possibilidades de olhar para ele, no entanto, tem envolvido toda sorte de pesquisadores ao longo dos tempos.

A pergunta mais geral que fez nascer este estudo tem a ver com o entendimento e o espaço para a manifestação das subjetividades em contextos onde o coletivo é intensamente valorizado e muitas vezes pode até mesmo parecer priorizado em detrimento do individual. Esta pesquisa primou por ouvir subjetividades socioconstruídas (Gergen & Gergen, 2001; Hinchman & Hinchman, 2001; Harré, 1987; Velho, 1986) no contexto militar em um mundo onde as idéias pós-modernas de instabilidade e inconsistência se fazem presentes.

O contexto em que minha pesquisa ambientou-se foi a Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro, mais especificamente um de seus batalhões, o Batalhão Santos Dumont, também chamado de 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista.

Dentro da Força, a tropa pára-quedista é tida como uma tropa de elite, e a tropa constituída pelos pára-quedistas do 26º como a elite da elite. Visando o

cumprimento do Artigo 142 da Constituição Federal¹¹, seus integrantes devotam-se a intenso e constante treinamento físico, operacional e tático. A tropa do 26º destina-se ao pronto emprego, isto é, deverá apresentar-se pronta em no máximo 48 horas caso seja requisitada. Ainda segundo os estatutos da Força, esta tropa tem como missão atuar com rapidez nas ações de defesa externa e de garantia da lei e da ordem, em qualquer parte do território nacional, e, eventualmente em missões de paz, especialmente no que tange à realização do assalto aero - terrestre, visando isolar o campo de batalha, interditando o deslocamento das tropas inimigas bem como a participação da transposição de curso de água de grande vulto. Atualmente esta tropa tem sido empregada em missões de paz da ONU e em inúmeras operações de garantia da lei e da ordem em diversas regiões do país, operando principalmente contra o crime organizado.

A questão que investiguei relaciona-se com os processos de construção de identidades elaborados por homens que praticam, vivem e compartilham um código de valores e ideais em um contexto específico, o meio militar. A temática central de minha pesquisa é ontológica, isto é, pesquisa o ser humano inserido em seu mundo, suas visões e entendimentos acerca de si próprio, dos outros e de seus contextos.

Uma vez que minha questão central de pesquisa é fundamentalmente social, optei pelo paradigma de pesquisa de veio etnográfico e de cunho interpretativista (Erickson, 1992). Olho para fenômenos em que o ser humano é o principal agente, dependendo o produto de minhas análises de cada um dos envolvidos na pesquisa e de sua manifestação discursiva, ao expressarem-se e construírem-se discursivamente.

Importante salientar o viés etnográfico tomado em minha pesquisa. Neste caso, tanto pesquisadora quanto seus pares-entrevistados são militares. Atuamos em diferentes frentes na Força, somamos formas de lutar ao desempenharmos papéis que se completam, portanto compartilhamos os mesmos valores nutridos nos ideais de hierarquia e disciplina, pilares da instituição. O processo de estranhar o familiar (Velho, 1978) foi um exercício ao qual precisei estar atenta

¹¹ Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

durante toda a empreitada de pesquisa e análises a fim de não negligenciar discussões importantes.

Como estudiosa da linguagem e de seu poder de construir identidades, realizei a pesquisa no intuito de saber mais sobre este grupo de combatentes pára-quedistas que integra a sociedade brasileira ao focalizar alguns pontos específicos. Retomo aqui minhas principais perguntas de pesquisa. Que grupo é este tido como tropa de elite das elites? Por que este grupo é identificado como uma elite? Quem essas pessoas dizem que são? Que há em seus contextos profissionais capaz de oferecer-lhes possibilidades ontológicas? Que sentidos esses combatentes constroem para seus contextos profissionais e pessoais? Que significados eles constroem para suas realidades? Que eventos interacionais concretos, segundo os próprios pára-quedistas, possibilitam seus processos de construção de identidades? Em meio a tamanha força social, há espaço para o subjetivo, para o self? Como esses homens constroem suas subjetividades dentro do grupo que formam? Que trabalhos discursivos são elaborados por esses homens na busca pela negociação e construção de suas identidades?

A fim de buscar respostas para essas e outras perguntas que foram surgindo ao longo da pesquisa ofereci e percorri a seguinte proposta de análise. Analisei narrativas elaboradas por pára-quedistas lotados no 26º Batalhão de Infantaria pára-quedista. Ao entender as narrativas como uma forma básica de se organizar a experiência humana, percebe-se que elas deixam falar as relações culturais e os sentidos sociais situados (Bruner, 2001). As estórias narradas pelos pára-quedistas serviram como um elaborado campo semiótico oferecido pelos próprios pára-quedistas, mediante a espontânea seleção dos eventos que foram narrados. Analisei a estrutura das narrativas produzidas pelos pára-quedistas com quem conversei, o contexto onde ocorreram bem como o contexto relatado, seu conteúdo semântico e sua seqüência. Creio que seja importante salientar a relevância das narrativas quando o que se quer é entender as visões de mundo daquele que narra, seus pontos de vistas, suas identidades. Ao narrarem suas estórias, os pára-quedistas ordenaram suas experiências, produziram intenções, estruturaram memória e comunicação, deram forma e significado a experiências vividas por eles (Bamberg, 1997). Ao posicionarem-se e emitirem suas opiniões e visões das situações narradas, os pára-quedistas expuseram suas idéias acerca do sentido que constroem para quem eles são, quem são seus pares e superiores,

como entendem os acontecimentos com que se deparam e sobretudo puderam construir uma parte de suas autobiografias ao narrarem sobre si próprios usando seus filtros afetivos (Bastos, 2005).

As narrativas, por sua vez, foram geradas durante entrevistas que realizei com oficiais do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, uma das unidades da Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro. Minha permanência durante 10 dias naquela organização militar foi devidamente autorizada pelos escalões superiores no Exército, cientes de minha pesquisa. Entendo que as entrevistas que realizei são uma forma de interação bastante comum em nossas sociedades. São momentos interacionais como tantos outros em que nos envolvemos em nosso cotidiano (Mishler, 1986). As entrevistas ofereceram um espaço interacional onde o pára-quedista pôde falar de si próprio, colocar suas opiniões e principalmente narrar eventos ocorridos em suas vidas. Entendo que a situação de entrevista agiu na contextualização dos dados gerados, isto é, meus entrevistados enquadraram seus relatos e estórias mediante seus entendimentos acerca daquela situação interacional, como fazemos em qualquer interação em que nos engajamos no nosso cotidiano.

Passo a discorrer sobre os entendimentos a que pude chegar, reiterando que meus entendimentos levaram em consideração o olhar do pára-quedista sobre si próprio, isto é, suas vozes, seus sentimentos e emoções.

Em consonância e forte alinhamento com os dizeres sobre a imagem do pára-quedista que se encontra no site oficial da Brigada (<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>), os pára-quedistas do Exército Brasileiro com quem conversei construíram-se como militares devotados para o combate, preparados para enfrentar ambientes hostis e inóspitos atuando em situações de extremo risco a suas próprias vidas. Eles se entendem como uma tropa de elite e são confiantes em seu poder de atuação profissional, construindo e fundando suas identidades no que chamam de ‘mística pára-quedista’. A expressão ‘mística pára-quedista’ foi mencionada, citada, descrita, exemplificada e narrada um sem par de vezes. É pela cultuada mística pára-quedista que inicio a exposição dos entendimentos a que cheguei com minhas análises.

Ao construírem-se de acordo com o discurso oficial da instituição que integram, os pára-quedistas usam a expressão ‘mística pára-quedista’ para se referirem ao solo fértil que nutre a construção de suas identidades. O que quer que

digam que são se deve à vivência de tal mística, isto é, de determinados ideais tidos como fundamentais da identidade daquele grupo. Acredito que a expressão ‘mística’ funcione aglutinando traços das identidades profissionais desses homens ao mesmo tempo que lhes confere uma certa magia, algo que remete ao inexplicável, impondo um entendimento difuso para aqueles que não pertencem ao grupo. ‘Mística’ remete a mistério, e tal mistério, segundo meus entrevistados, só pode ser revelado e experimentado por aqueles que se provaram fortes e destemidos o bastante para viver a tal mística, usufruindo de seus benefícios ontológicos. Envolver-se e praticar a chamada ‘mística pára-quedista’ confere a estes combatentes um sentimento de pertença ao grupo ao mesmo tempo em que segrega aqueles que não vivem a mística, ou seja, que não são parte do grupo. Desta forma, para vincularem-se ao grupo comungando e evidenciando suas ideologias e crenças, cada um desses combatentes sente-se impelido a agir como um seus membros, aceitando as forças de coerção exercidas pelo grupo, aderindo-se e comprometendo-se com os ideais do grupo. Como recompensa, usufruem dos benefícios identitários oferecidos àqueles que pertencem ao grupo.

Um dos atributos mais usados por meus entrevistados para se referirem a si próprios foi ‘diferente’. Eles se consideram diferentes dos demais combatentes da força, demarcando a diferença com atributos de superioridade tanto físicos quanto emocionais e profissionais.

Entendo que viver a ‘mística’ significa agir e trabalhar tanto discursivamente quanto performaticamente no intuito de evidenciar os ideais pára-quedistas. Segundo meus entrevistados, são ideais pára-quedistas: preparo físico, preparo emocional, preparo intelectual, profissionalismo, coragem, camaradagem, espírito de equipe, persistência, determinação, espírito de cumprimento de missão, agressividade no combate, patriotismo, voluntariedade, responsabilidade, tradição, liderança, honestidade, entre outros. Pude observar, no entanto, que os pára-quedistas ressignificam os itens que compõem a ‘mística’. Aquilo que entendem por sacrifício, coragem, patriotismo, etc. não corresponde ao sentido atribuído para tais termos pelo senso comum. Esta ressignificação só é possível na prática discursiva, que, como analisei, é intensa e constante do meio pára-quedista. Os pára-quedistas fazem menção, durante a entrevista, aos momentos em que se reúnem para contar seus casos e feitos, vide, por exemplo as falas do Major Firmino, Capitão Vieira, Capitão Vagner e Tenente Coronel Ermínio.

Quanto ao preparo físico, pude entender por minhas análises que o pára-quedista constrói-se como um combatente forte o suficiente para não apenas resistir à chuva, frio, fome, calor, sede, mas também ser capaz de desafiar tais condições adversas, superando-as de uma forma até mesmo irreverente, dizendo-se tanto mais motivados a persistir nos treinamentos quanto maior a dor física provocada pelos exercícios. A preocupação com o preparo físico é tida nesta comunidade como essencial para sua atuação profissional. O sucesso das missões em que se engajam depende, antes de qualquer outro aspecto, da integridade física. Pude observar nas falas que o pára-quedista se mostra consciente de sua humanidade, de sua condição de mortal, já que afirmam que suas próprias vidas dependem de um corpo resistente e trabalhado. Assim, eles reconhecem seus corpos tanto como um recurso pessoal como um símbolo social, fundando as identidades que constroem em sua integridade física. A idéia de preparo físico é ressignificada por eles: estar bem preparado fisicamente para esse combatente significa também ter seu corpo como sua própria trincheira, que os protegerá das intempéries do combate, isto é, quanto mais resistentes fisicamente eles forem, mais chances terão de bem executar suas missões mantendo-se vivos (vide item 4.3.1).

Cultuar o corpo não implica negligenciar o preparo emocional para um pára-quedista. Esse é outro atributo considerado importante na construção de identidade coletiva de um pára-quedista e foi o ponto de muitas das narrativas elaboradas. Para ser um deles é preciso poder usar a mente em superação do físico em prol do cumprimento das missões. Além disso, para um pára-quedista que se sente preparado para cumprir qualquer missão, a qualquer hora e em qualquer lugar, faz-se fundamental trabalhar suas emoções e não se deixar dominar por sentimentos como o medo e o desespero ao se depararem com os riscos decorrentes de sua profissão, por exemplo. Este profissional do combate diz-se preparado para usar as emoções na medida que julga apropriada, reconhecendo hora e lugar para lutar e para festejar. Observo que ao falarem de preparo emocional, os pára-quedistas fazem referência à superação física, ou seja, preparo emocional é ressignificado como a capacidade de superação física, que segundo eles, é dependente do controle emocional (vide item 4.3.2).

Faz parte da 'mística pára-quedista' evidenciar determinação na perseguição dos objetivos e o eficiente cumprimento das missões. Um pára-quedista entende

que deve se manter firme, superando dificuldades e dando vida ao que chamam de ‘espírito de cumprimento de missão’. Assim, demonstrações de persistência, garra e objetividade são fundamentais para a construção da identidade de um pára-quedista. Por minhas análises, pude concluir que ser determinado e dotado de espírito de cumprimento de missão, para um pára-quedista, significa ser dotado da capacidade de ‘bater em várias frentes’, como coloca Vieira (item 4.3.3). Percebo um certo ar de onipotência em suas falas ao se referirem ao modo como encaram o cumprimento de suas missões (vide item 4.3.3, fala do Capitão Rocca – “qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar”). Noto que determinação e espírito de cumprimento de missão são ressignificados como ‘agir não somente de forma obstinada, mas confiante no sucesso de suas ações’. Penso que aquilo que os pára-quedistas entendem como determinação aproxima-se daquilo que o senso comum chama de auto-confiança.

Ao tratarem de mais um ideal que compõe a ‘mística pára-quedista’, os combatentes estudados fazem alusão ao que chamam de ‘espírito de sacrifício’. Pude perceber com as análises que o sentido que esses combatentes controem para o termo sacrifício difere daquele oferecido pelo senso comum. Para um pára-quedista, sacrificar-se não implica sofrer, e sim em doar-se, em fazer mais do que os outros, em trabalhar mais, dedicar-se com mais afinco em detrimento de horas de lazer e descanso, tudo em função da devoção com que encaram a execução de suas tarefas (vide item 4.3.4).

Outros dois pontos da mística pára-quedista, que ao ser vivenciada brinda os integrantes daquele grupo com, segundo eles, satisfação pessoal e honra de ser um deles, são patriotismo e voluntariedade. O sentimento de patriotismo é evidenciado como aquele que move e gera toda a disposição profissional dos combatentes pára-quedistas e está de forma estreita relacionado com a questão da voluntariedade. Patriotismo e voluntariedade os move e os mantém naquele contexto. Em suas narrativas (analisadas no item 4.3.5), meus pares-entrevistados constroem-se como livres para escolher integrarem esta tropa que consideram de elite. Além disso, se dizem orgulhosos de sua escolha. O termo ‘servir’ é usado quando se referem à sua profissão. Saliento que para esses homens, servir implica doar-se, oferecer-se ao serviço da Pátria. Interpreto que para tanto há que se evidenciar muito desprendimento daquilo que o senso comum entende como

prazer. Para esses homens o prazer está em se sentirem úteis, mesmo que para tanto seja necessário o sacrifício de suas próprias vidas.

O espírito de equipe, outro atributo componente da mística pára-quedista, também tratado como companheirismo, fez-se o ponto de muitas narrativas. O grupo de pára-quedistas entende que sua força de combate advém justamente de sua condição de grupo, de conjunto, e que cada membro desta comunidade deve colaborar com os demais com o mesmo resguardo que devotam às suas próprias vidas. Cabe aqui a máxima popular que diz que uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco. Ao tratarem de espírito de equipe e colaboração mútua, esses combatentes entendem que não há hierarquia quando o que se objetiva é proteger o companheiro seja ele superior ou subordinado, todos são entendidos como combatentes cujas vidas não estão atreladas aos postos que ocupam. Os pára-quedistas com quem conversei entendem o grupo que constituem como uma entidade panóptica, que observa cada um de seus integrantes, mobilizando-os moralmente e emocionalmente. Ao grupo eles atribuem características humanas, referindo-se a ele como se tivesse consciência. Além disso, eles se constroem conscientes de que o grupo age doando-se a seus membros ao mesmo tempo em que lhes cobra atitudes identitárias. Essas duas forças convergentes agem definindo o perímetro do grupo e determinando aqueles que merecem ser um de seus membros, aceito no grupo.

Demonstrações de coragem também são requisitos para se viver a ‘mística pára-quedista’, evidenciar o contrário é motivo de estigma por parte do grupo. Os pára-quedistas constroem-se como audazes e desafiadores do perigo, personificando-o, a luz do que fazem com ‘o grupo’ (vide análises no item 4.3.8.) Os pára-quedistas citam a figura do louco para falar dos desafios que enfrentam em seu cotidiano profissional. Percebo aí um jogo discursivo onde soa em suas falas um certo ar de modéstia frente a pesquisadora, como que para deixar claro que suas missões são tão difíceis e perigosas que pode parecer loucura ter prazer em realizá-las (vide falas do Capitão Vagner, Major Wilker e Capitão Vieira, por exemplo). Há neste ponto um ar de irreverência em suas falas. No entanto quando questionados diretamente sobre se considerarem loucos (vide a interação com Capitão Vagner no item 4.3.8), meus entrevistados fizeram questão de afastar-lhes a figura do louco ou do suicida alinhando-se com a imagem do combatente corajoso. Importante notar que meus entrevistados constroem-se como corajosos

rejeitando a figura do louco ou do suicida trazida por eles mesmos. Penso que o louco ou o suicida não sabem o que estão fazendo e não é esta a imagem que meus entrevistados pretenderam construir ao falarem do combatente pára-quedista. Há lucidez e diferenciações em suas falas contrapondo coragem e loucura, o que me fez entender que os treinamentos difíceis a que se dedicam funcionam preparando-os tanto emocionalmente quanto doutrinariamente para o cumprimento das missões. A coragem foi dita como condição primeira para se integrar aquela tropa. No entanto, os pára-quedistas constroem sentidos bastante singulares para este atributo. Ter coragem, para esses homens, não é a ausência do medo, e sim, sua superação. Eles afirmam ter medo face às situações de perigo a quem se expõem, mas que a coragem sempre venceu a luta contra aquela emoção. Eles acreditam que por serem audazes estão mais propensos a se tornarem heróis, uma vez que se deparam com o perigo constantemente. O pára-quedista é construído como aquele cuja coragem os faz defrontar riscos, o que implica resolver problemas. Segundo eles, tal coragem somada à oportunidade de se deparar com o perigo e com o preparo profissional que entendem ter, oferecem o contexto ideal para fazer surgir o herói. Não há, entretanto, dados para que eu possa afirmar que ser herói é um dos objetivos desses homens. Eles não se intitulam heróis em suas falas. Porém, como analista, entendo que sob este modelo cultural eles se constroem. Tratarei da questão do herói mais adiante.

A questão de fazer do culto a tais ideais uma tradição da Brigada pára-quedista também foi veiculada na fala de meus entrevistados como parte da mística pára-quedista. Esses homens entendem fazer parte de uma tropa tradicional, que é história ao mesmo tempo em que faz história. O sentido que constroem para tradição diz respeito à continuidade, vivência e propagação doutrinária ao longo do curso de diferentes gerações de pára-quedistas (vide análises no item 5.1.1). Como analista, penso não ser possível associar, neste grupo, tradição a imobilidade, apesar de tratarem a tradição como algo que deverá ser passado de geração para geração de pára-quedistas. Isso seria estereotipar por demais este grupo de homens que constroem suas identidades de forma intensa, dizendo viver e experimentar quão fugaz e frágil suas vidas podem ser, pois que atuam na iminência da morte, a cada salto, a cada missão. Percebo a marca da tradição para esta tropa como signo de atividade constante, já que cada um de seus membros entende que suas ações devem servir de exemplos para os demais (vide

falas do Capitão Marcos Almeida, por exemplo). Ser exemplo vivo a ser seguido, a meu ver, exige atividade constante, ação frenética, se o que se quer é fazer história.

O discurso sobre a vivência e a demonstração dos atributos cultuados e simbolizados na mística pára-quedista delimitam o perímetro do grupo estudado, construindo na práxis as identidades sociais destes homens.

Para Goffman ([1963] 1988), as identidades sociais dizem respeito àquilo que os outros acham que somos em virtude de nossas afiliações a grupos distintos e dos papéis sociais que representamos. Na intenção de situarmos os outros no espaço social, acabamos rotulando-os mediante suas etnias, gênero, nacionalidade etc, identificando seus papéis sociais, enfim, identificando-os enquanto objetos sociais. Como coloca Goffman ([1963] 1988:11), “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Ao serem chamados de pára-quedistas, os profissionais entrevistados nesta pesquisa são identificados como pertencentes a um determinado grupo que desempenha determinados papéis sociais. Chamá-los de pára-quedistas já implica atribuir-lhes uma identidade social. Da mesma forma, podemos atribuir a estes pára-quedistas muitas outras identidades sociais, descolando-os da imagem do pára-quedista, posicionando-os em diferentes espaços sociais, ao enxergarmos esses homens sob outros rótulos, conforme o ângulo que usemos: idade, etnia, outras afiliações, outros papéis sociais, seus *hobbies*, preferências, saberes etc. Assim, suas identidades sociais têm a ver com as identidades atribuídas ou mesmo imputadas a eles.

Como já coloquei, chamá-los de pára-quedistas já implica atribuir-lhes uma identidade social, mas para que eles sejam chamados assim, e mesmo para que assim se entendam, é preciso que eles evidenciem atributos em comum, que os una em um conjunto único e separado de todos os outros agrupamentos possíveis, formando uma coletividade com características próprias.

Ao estudar as narrativas produzidas pelos pára-quedistas, luz se abre para o entendimento de quem essas pessoas são, isto é, de como e que sentidos constroem para seus agrupamentos, sentimentos, afetos, desafetos, visões de mundo e verdades. Como argumenta De Fina (2006:352), “a análise de narrativas baseada em um detalhado exame textual ajuda a entender como ideais e valores

socialmente compartilhados são ajustados e reinterpretados por membros de um grupo em particular.”

Os pára-quedistas cujas narrativas analisei são parte de uma comunidade interpretativa (Fish, 1973), portanto compartilham valores e ideais que agem na construção de suas identidades coletivas. Segundo Snow (2001:3) o núcleo do conceito de identidades coletivas reside na idéia da existência de um ‘nós’ (*we-ness*) em oposição a ‘eles’, ou seja ‘os que integram o grupo’ e ‘os que não integram o grupo’. A idéia de *we-ness* é ancorada em atributos e experiências reais ou imaginados que são igualmente compartilhados apenas pelos membros da coletividade em questão.

Este é justamente o caso da comunidade do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, foco de minha pesquisa. Para ser um integrante desta coletividade, há que se compartilhar e evidenciar a ‘mística pára-quedista’, para usar um termo proposto pelo próprio grupo quando se referem aos valores e ideais que compartilham. Pude perceber que a mística pára-quedista, sua vivência e desempenho, age como uma argamassa ligando e mantendo os membros do grupo conectados entre si.

Desconsiderando etnias, classes sociais, níveis culturais e até mesmo hierarquia, a mística pára-quedista, desde que os membros do grupo a respirem e transpirem, abraça indistintamente todos nesta coletividade. A evidência de determinados comportamentos, tanto perante os não-membros quanto os membros do grupo, deixando ver atributos morais e físicos de um pára-quedista, faz-se a condição *‘sine qua non’* para ser um deles. Como explica o capitão Vagner a partir da linha 97 do trecho intitulado “A sorte acompanha os audazes”: ‘então o culto a isso tudo? é é é o que faz o que que sustenta a mística, né? (...)que é aquele negócio que o pessoal fala, “é fácil colocar a marra, é fácil você achar que você é o herói, mas difícil é sustentar essa ((marra)) (...)é, então, então, isso tudo é o que faz a gente treina:r, que faz a gente se preparar realmente com com o comba:te,então (...)’

Minhas análises mostraram que os guerreiros alados consideram que a mística pára-quedista é a aglutinação de vivência de valores, já citados: patriotismo, espírito de equipe, companheirismo, voluntariedade, espírito de cumprimento de missão, coragem, determinação, preparo intelectual, preparo emocional, preparo físico, espírito de sacrifício, profissionalismo e liderança.

Como se pode ver, ser um pára-quedista e atribuir-se tal identidade coletiva (Snow, 2001), vai muito além de ostentar na farda as asas de prata do brevê, ou de calçar o *boot* marrom e usar a boina bordô. Ser um pára-quedista implica agir como tal, usando, segundo Lamont (2000:7), “os recursos culturais a que se tem acesso”, e isso demanda esforço, o que Snow (2001:3) chama de agência coletiva. A agência coletiva evidencia, por conseguinte, ação e trabalho identitário em busca de interesses comuns, mas também em busca de continuarem, todos os membros do grupo, sendo aceitos como iguais, dignos de acolhimento pelos demais membros. As forças coercitivas do grupo foram instanciadas em inúmeras narrativas constituintes dos dados desta pesquisa. Cito, no entanto, uma fala do Tenente Coronel Ermínio, do trecho “O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado”, linha 9, que, ao ser ampliada para toda a mística pára-quedista, pode servir de exemplo: ‘é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se recusar a saltar ele tá <crucifica::do>’.

Percebo, assim, que as identidades coletivas são um processo de sócio-construção, e por isso, não se dão à posse. Creio que tenha deixado claro que a identidade coletiva dos pára-quedistas é fruto da prática discursiva da mística pára-quedista, isto é, do processo. Pretendo ter lançado luz sobre tais processos por meio das análises que realizei. Na busca por sustentarem ‘a marra’, como coloca Vagner em sua fala, os pára-quedistas evidenciam a mística fisicamente, emocionalmente e até mesmo moralmente. Neste processo de trabalho identitário (Snow, 2001:6) que visa significar e expressar quem são, os pára-quedistas utilizam-se de recursos simbólicos, ou seja, tudo aquilo que aglutinam sob a ampla e nebulosa expressão ‘mística pára-quedista’. Como expus nas análises, alguns exemplos desses recursos simbólicos são: os enquadres interpretativos singulares usados na significação dos ideais pára-quedistas, tão claramente explicados pelo Capitão Vieira; as canções que entoam em forma; a Oração do Pára-quedista; o termo ‘chivunk’, largamente usado para fazer surgir força e determinação em momentos de exaustão; as histórias que contam uns aos outros e também aos não-membros do grupo; suas formas de socialização; jargões diversos; o brado de guerra ‘Brasil, acima de tudo’; o brevê de asas prateadas, o boot marrom e a boina bordô, usados exclusivamente por pára-quedistas. Estes e incontáveis outros recursos simbólicos são usados como demarcadores de

território pelos membros deste grupo, distinguindo membros e não-membros, fora e dentro, tropas amigas e inimigas, ‘nós’ e ‘eles’.

Agir na construção de suas identidades coletivas brinda os pára-quedistas com a confortável sensação de pertença, de se saber quem se é, enquanto são ‘nós’. Neste ponto, são grupo: unidos, coesos, fortes – como se quer um exército, pronto a defender, proteger, cuidar ou atacar, destruir, conquistar.

Nos capítulos de análises, argumentei que no elaborado processo de expressão de suas identidades sociais os combatentes pára-quedistas constroem identidades sociais hegemônicas, referindo-me especialmente às identidades hegemonicamente masculinas que instanciaram em suas falas. O padrão de masculinidade compartilhado no grupo estudado implica a vivência dos ideais da mística pára-quedista na atuação combatente, somado à idéia de heterossexualidade, interesse por esportes como o futebol e atividades de lazer como eventos onde os pára-quedistas confraternizam com churrasco e cerveja.

Argumentei também que ao construírem-se identidades hegemonicamente masculinas em suas narrativas, os pára-quedistas trazem a reboque a imagem do herói. Percebi esta figura uma vez que eles se entendem como aqueles que devem e têm a capacidade de enfrentar o perigo, superando dificuldades, realizando a missão com sucesso, protegendo, ajudando, defendendo a Pátria e seus compatriotas.

Ao tratar da imagem do herói, entendi com minhas análises que esta figura mitológica é construída com atributos e marcas do herói romântico, épico. Os pára-quedistas se constroem como legítimos representantes do bem, dotados de qualidades essenciais que os sublimam e dignificam como a coragem, a honra, a inteligência, o poder de sedução. Além disso mostram-se dispostos a doar suas próprias vidas, martirizando-se em nome dos ideais em que acreditam. O modo como se constroem os possibilita entenderem-se como heróis patriotas, expressão de consciência e de valores coletivos. O constante preparo para o combate possibilita, no processo de construção desses combatentes, o diálogo com a figura do inimigo, que está presente, mesmo em tempos de paz. A luta entre o bem e o mal, interpreto, faz-se parte da intrincada rede semiótica onde os pára-quedistas atribuem sentidos para si próprios, para os outros e o mundo à sua volta.

Percebi ainda que o herói épico, na voz dos pára-quedistas, ganha matizes da cena contemporânea em que estão inseridos. Em suas falas, como aponte nas

análises, há referências a pluralidade de sentidos quando se referem a patriotismo, por exemplo. Eles mostram-se conscientes de que há interesses maiores que fogem de seu próprio campo de atuação em se tratando de guerras e de missões de paz. A vida de meus entrevistados fora da caserna não foi alvo de minhas perguntas, no entanto meus entrevistados fizeram algumas referências a suas vidas pessoais, quando não estão atuando profissionalmente. Como evidenciado nas análises, percebi que o pára-quedista construiu-se consciente das múltiplas facetas e nuances de suas identidades. Nesses momentos pude perceber que este herói entende-se como plural, motivado pelas contingências e inserido em uma condição social caleidoscópica, própria da pós-modernidade.

Assim, o herói pára-quedista constrói-se ao flutuar por diferentes contextos, agindo conforme o ambiente onde se encontra. Ora o pára-quedista está subindo morros no Rio de Janeiro, ora está saltando para iniciar mais uma missão, ora está integrando tropas de paz da ONU, ora está em casa com sua família ajudando nos afazeres domésticos, ora está celebrando com os amigos. Ao mesmo tempo que reserva obediência a normas e grupos sociais, mostra-se consciente que integra diferentes grupos na mesma sociedade e que seu comportamento deve variar por isso. Percebo que as narrativas dos pára-quedistas com quem conversei dão vida a um herói cambiante entre o moderno e o pós-moderno. As narrativas que analisei me levaram a crer que, ao menos naquele momento situado e contextualizado em que nossas interações se deram, esta pluralidade parece não gerar conflitos para este guerreiro.

Creio que há um forte alicerce que nutre as identidades coletivas dos pára-quedistas. As análises me mostraram que tal alicerce identitário é construído na prática discursiva. Em inúmeros momentos eles fizeram alusão a interações com seus companheiros de farda, momentos em que nutrem suas identidades ao contarem histórias uns para os outros, histórias de seus feitos, de suas conquistas. Tais histórias são contadas e recontadas e funcionam na manutenção dos códigos identitários desta comunidade.

Importante mencionar que há uma impressionante similaridade na fala de meus entrevistados quanto ao tipo de narrativas que elaboraram. De maneira geral, classifico as narrativas elaboradas como narrativas de orgulho, de satisfação profissional e pessoal, narrativas de contentamento e felicidade. Eles narraram sobre seus feitos e suas conquistas em missões de paz no exterior; incursões a

favelas no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil em combate ao crime organizado; emoções e sentimentos na atividade de salto de pára-quedas; atitudes e comportamentos tidos como adequados no grupo que integram; atividades de educação física realizadas em grupo; treinamento na área de estágio durante o curso de pára-quedismo militar; as práticas de socialização promovidas tanto dentro do quartel como em outros contextos; admiração que nutrem pela tropa pára-quedista; o risco de morte decorrente de sua atividade profissional; atuação profissional como líder e comandante de frações; a busca pelo auto-perfeioamento etc. Tamanha uniformidade deixa ver uma ação incisiva da voz institucional na construção de identidades coletivas dos membros deste grupo. Penso que são estes os tipos de histórias valorizadas neste contexto. Quem as 'tem' para contar é identificado como alguém que vive a mística pára-quedista, podendo ser considerado um membro do grupo.

O evento narrativo, isto é, o ato de contar histórias tanto para seus companheiros como para a pesquisadora me possibilitou tratar sobre a construção de identidades de *self*.

Guardada a uniformidade das histórias narradas, cada narrador empenhou-se em narrar de seu modo particular, imprimindo individualidade discursiva em sua fala e portando-se de forma única e singular em relação aos demais. Ressalto ainda que todos os entrevistados articulam muito bem suas falas, empregando o português segundo a norma culta.

O Tenente Coronel Ermínio interagiu comigo em uma entrevista onde elaborou muitas narrativas, contando casos e episódios de sua vida e do seu Batalhão. Mostrou-se seguro, cordial, simpático, atencioso, calmo, elucidativo. Recebeu-me muito gentilmente, seguro, 'consciente' do que fazer e de como lidar com a presença da pesquisadora. Falou prontamente de todos os temas sugeridos, demonstrando confiança e segurança. Falou sempre de forma clara, didática, explicativa, elucidativa.

O Major Firmino mostrou-se bastante descontraído, sorridente, agradável durante toda a entrevista. Manteve-se à vontade, simpático, participativo. Narrador articulado, o Major tentava buscar a palavra mais adequada para construir sua fala. Sua fala é basicamente narrativa, ele conta casos do início ao fim, não foi preciso que eu ficasse pedindo e solicitando que ele contasse, ou

narrasse. Ele o fez espontaneamente o tempo todo. Sempre de forma divertida e engraçada.

O Major Wilker elaborou sua fala de forma descontraída, oferecendo muitas narrativas e exemplos. Muito articulado, usa muito bem as palavras e se constrói facilmente como um pára-quedista experiente e orgulhoso de sua profissão.

O Capitão Vieira, meu primeiro entrevistado, mostrou-se bastante sério e formal, principalmente no início da interação. Não ria e me pareceu até mesmo um pouco tenso, ao longo da entrevista sua postura mudou e houve maior aproximação interacional com a pesquisadora. Quanto às narrativas, elas não foram colocadas espontaneamente. O Cap Vieira parecia não estar propenso a narrar eventos, casos ou histórias de sua vida profissional. Creio que para tal deve haver uma certa proximidade, confiança, com o interactante, o que não me pareceu ser o sentido que o Cap Vieira construía para minha presença em seu quartel. Pareceu-me que ele queria explicar, ensinar o que é ser um pára-quedista, não com histórias, mas sim com elucidações (lembro que ele trouxe uma agenda com os pontos que pretendia abordar durante a entrevista). Noto ainda que, durante muitas vezes na entrevista, eu pedi que ele me contasse uma história que pudesse exemplificar suas explicações, afinal minha intenção ali era ouvir e gravar histórias. Muitas vezes eu disse: “você poderia me contar?” em um tom de solicitação.

O Capitão Rocca mostrou-se, inicialmente, sério e contido, porém extremamente educado e disposto a colaborar, interagindo. Um tanto retraído, sorria muitas vezes ao iniciar suas respostas e relatos deixando ver um mundo de interpretações e sentidos que ele trazia ao ouvir as perguntas que eu fazia, isto é, ele pareceu achar minhas perguntas relevantes e interessantes. Empenhava-se em formular respostas bem estruturadas, notei que ele construiu uma imagem emblemática do pára-quedista. O que ele tinha para falar era o discurso institucional, este fluía em sua fala. Creio que minhas perguntas o fizeram pensar sobre si próprio, separado do grupo. No entanto suas respostas me fizeram pensar sobre quando é que não somos grupo.

Com o Capitão Marcos Almeida tive uma conversa descontraída e longa. Sua fala foi repleta de exemplos e narrativas elaboradas espontaneamente. Ele mostrou-se à vontade, elucidativo, não hesitou em narrar. Fala calma, polida e pausada. Marcos Almeida foi meu aluno de Inglês na AMAN. Ao ter notícias de

que eu me encontrava no 26º, dirigiu-se a mim e voluntariamente manifestou interesse em ser entrevistado. Durante sua fala ele se constrói como um oficial experiente, líder, justo, orientador. Ele não se atém às perguntas, fala, narra e expõe comentários por iniciativa própria mostrando-se conhecedor dos assuntos relativos às atividades aeroterrestres.

A postura do Capitão Vagner durante a entrevista foi semelhante à de Marcos Almeida. Saliento que ambos foram meus alunos em sua Academia de Formação, o que acredito ter influenciado nossos comportamentos interacionais. Vagner elaborou uma fala descontraída, longa, igualmente repleta de exemplos e narrativas. O Cap Vagner mostrou-se à vontade, elucidativo, não hesitou em narrar. Sua fala pausada mostrou tranqüilidade e calma. Vagner, por vezes, interrompia sua fala na busca de uma palavra ou expressão que se ajustasse ao sentido que queria construir, ele buscava precisão (lembro que ele é um atirador de elite) expressiva.

O Tenente Wiesser expressou-se de forma muito terna, educada e gentil. Falava com desenvoltura, me olhando nos olhos, com muita atenção e seriedade. Procurava entender muito bem o que lhe era perguntado. Pareceu responder francamente, sem elaborar demais sua resposta, narrando de forma franca e clara.

No jogo identitário possibilitado pelo ato de narrar, cada pára-quedista com quem conversei atua, age, movimenta o tempo, cria mundos, reconstrói eventos e acontecimentos, envolve-se, emociona-se, fazendo-se personagem principal de suas próprias narrativas. O poder demiúrgico de orquestrar suas próprias existências oferece a esses combatentes uma rede semiótica de emoções, sensações ontológicas e sentimentos existenciais.

Relembro Goffman ([1959] 1975:230) ao colocar que a sensação de ser alguém vem da performance interacional, do desempenho de papéis sociais, do trabalho em função da imagem que se quer sustentar. Quando os pára-quedistas engajaram-se suas histórias, parte de suas trajetórias de vida, eles evidenciaram entusiasmo e vibração. Mostraram-se orgulhosos de fazer o que fazem, felizes de exercerem sua vocação. Quando narram, assim como todo narrador, os pára-quedistas narram também para si próprios, escutam-se, constroem-se ao lembrarem e reviverem os eventos narrados. Acredito que um acontecimento só se torna relevante se narrado. Creio que as emoções que afloram nesses momentos narrativos funcionem fazendo nascer sensações ontológicas e sentimentos

existenciais. As histórias que contam oferecem aos pára-quedistas a possibilidade de desempenhar identidades, vivê-las, corporificá-las. Segundo Goffman ([1963] 1988:116) é justamente esta sensação viva e pulsante que nos confere a sensação de ser um *self*, isto é, o sentido subjetivo de nossa própria situação de indivíduo, de sermos únicos. Nesses momentos sequer nos damos conta que somos nutridos do que compartilhamos na esfera do social, somos só esta sensação de sermos únicos, já que temos vida para narrar, situações vividas para contar.

Os narradores pára-quedistas têm seus papéis sociais legitimados no grupo que integram, compartilhando ideologias e códigos semióticos. Por esta razão são recompensados com a possibilidade de construir suas identidades, usufruindo dos ideais do grupo. Entendo que o *self* desses homens, como o de todo narrador, é um efeito dramático (Goffman ([1963] 1988) que nasce do evento narrativo, do agir humano, onde agem a interação propriamente dita, os interlocutores do narrador, o dialogismo, a intersubjetividade. Esta se configura na principal marca que faz dialogar o contexto social e a agência pessoal. Ao apropriarem-se e incorporarem a mística pára-quedista como as bases fundantes de suas identidades coletivas, os pára-quedistas são presenteados com a possibilidade de se construir através das emoções e sentimentos nutridos no ato de narrar seus feitos. Cada um que narra, o faz usando seus próprios filtros afetivos, imprimindo e manifestando sentimentos que lhes são pessoais. Cada um sente por si, em si, dando vida e socioconstruindo o *self*.

Penso que o *self* possível é o socioconstruído. O *self* enquanto expressão de um ser único, diferente, singular e separado do grupo pode ser poético e reconfortante por oferecer segurança para seres humanos que somos, necessitados de bases existenciais, mas creio que pensá-lo assim é ilusório e ingênuo. O *self* visto como manifestação de uma identidade totalmente subjetiva e desprendida do social é uma sensação do narrador, que se sente vivo e personagem protagonista enquanto narra, avalia e se posiciona. Suponho que por esta razão no meio pára-quedista as práticas narrativas sejam tão cultuadas, isto é, para se construir um lugar de individualidade e idiossincrasias dentro da força do grupo. Neste ponto penso ser possível o encontro do mundo canônico da cultura e o mundo das idiossincrasias dos desejos e esperanças (Bruner, 1990; Bastos, 2008).

Creio que minha pesquisa traga à luz, além do diálogo franco com a socioconstrução da agência individual, a possibilidade de se construir

conhecimento, considerando sua pluralidade de áreas de estudo, mediante o estudo do discurso, em especial das narrativas de histórias de vida. As Ciências Humanas trazem como principal foco estudar aspectos das sociedades humanas, ou seja, a vida em interação. Penso ser possível atingir tal meta por meio dos estudos da linguagem.

Segundo Halliday (1978, 1985) a linguagem encontra-se intrincada no sistema social, sendo um canal eficiente cujo uso compartilhado age veiculando todo este complexo sistema. A língua é semiótica social, é a materialização de uma série de sistemas de signos usados para dar forma ao mundo físico e também ao mundo das consciências através da construção de significados. Como explica Bakhtin (2000), “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Segundo Fairclough (1992) e Halliday (1978, 1985), este trabalho considera existir uma relação dialógica entre o discurso e a estrutura social. De forma alguma, porém, pretendo sugerir com tal afirmação que fatores sociais tais como os sujeitos sociais, as relações e situações sociais entre esses sujeitos existam independentes da língua, precedendo a possibilidade de seu uso, contribuindo para sua constituição, reprodução e mudança ou determinando as propriedades da língua em uso. Desta forma, neste trabalho o discurso não é visto essencialmente como o reflexo de uma realidade social mais profunda e nem apenas como a fonte geradora do sistema social.

O uso da língua, por outro lado, é considerado como uma forma de prática social (Fairclough, 1992, p.63) na qual as pessoas usam a língua tanto como forma de ação quanto como um modo de representação do mundo que as cerca. Assim, o discurso, isto é, a língua em uso não é considerada uma atividade puramente individual ou apenas um reflexo de variantes situacionais tais como a natureza dos relacionamentos entre interactantes, o tipo de evento social ou os objetivos a se atingir em uma interação.

O discurso - enquanto prática social - e a estrutura social estabelecem uma relação dialógica, sendo a estrutura social tanto uma condição quanto um efeito da língua em uso. As estruturas dos eventos discursivos variam conforme o domínio social ou institucional onde são gerados e que os contextualizam. O discurso é moldado pelas relações de classe, por relações específicas em instituições sociais

como as que envolvem educação, lei etc, por normas e convenções sociais de natureza discursiva e não discursiva, como regras de etiquetas, polidez, gentilezas. Não obstante, segundo Fairclough (1992), os discursos igualmente contribuem na determinação das normas, convenções, relações, identidades e instituições que direta ou indiretamente o constituem. O discurso é uma prática social não apenas estabelecida como meio de representar o mundo, mas também como uma maneira de dar-lhe significado, construí-lo e investi-lo de sentido. É no fluxo de nossos discursos e suas respectivas ordens que encontramos a possibilidade de imputar valores e ideologias ao mundo e seus acontecimentos, na tentativa de construirmos significados para os objetos, sujeitos e conceitos – nos termos de Foucault (1972 apud Fairclough, 1992, p.39-48) -, para os eventos, para os outros e nós mesmos, na busca e na ânsia de existirmos e fazermos existir. Segundo Fairclough (1992, p.64), “O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de sua significação, constituindo e construindo o mundo por meio de significados”. Assim, a pesquisa que realizei sugere que os estudos das narrativas aumentam sua área de atuação ao oferecerem mais um campo a enriquecer os estudos nas áreas das ciências sociais. Penso ser possível fazer ciências sociais por meio do estudo das narrativas de histórias de vida.

Acredito que meu trabalho seja uma voz a mais na polifonia de idéias acerca de narrativas, identidades, socioconstrucionismo, agência individual e que pode oferecer idéias para outros estudos. Cito Pascal (1662) para dizer que inúmeras possibilidades de futuras pesquisas começam a me instigar: “A última coisa que descobrimos ao escrever um livro é o que devemos pôr em seu início”. Me ponho curiosa para entender como as mulheres pára-quedistas (não são mais de 10), formadas recentemente na mesma área de estágio descrita neste estudo, se posicionam e constroem suas identidades de pára-quedistas neste meio hegemonicamente masculino. Minhas entrevistas se deram com oficiais, no entanto, seria interessante ouvir soldados e praças. Um estudo sobre como esses homens se posicionam em outros contextos sociais, em que outros valores são tidos como importantes também seria rica fonte de pesquisa. Entender como esses homens são vistos por seus familiares, suas esposas, seus filhos contribuiria para um olhar mais amplo sobre os desdobramentos identitários desses homens.

Posicionando meus estudos sob a ótica da sociedade brasileira, penso ter oferecido uma visão fundamentada sobre este grupo social bastante específico,

parte de um todo que constitui uma Nação. O grupo de pára-quadristas estudado vive e constrói suas identidades através de um intenso código de valores. Este grupo crê em tais valores e faz deles suas verdades, principalmente no que diz respeito ao valor cultural da pátria enquanto instituição. Imaginada, construída, inventada – a Pátria, porém, antes de tudo, soberana. A força com que tomam tal valor como verdade dá tranquilidade e segurança àqueles que querem pensar o conceito de Pátria como uma efêmera invenção humana. Enquanto Nações forem respeitadas somente mediante o seu poder de fogo e a paz e o respeito entre os povos depender da força de seus exércitos contra dominações, serão necessárias as certezas identitárias daqueles que serão chamados a qualquer hora, em qualquer lugar, para qualquer missão caso a Pátria seja ultrajada, ameaçada ou invadida.

Mais difícil que iniciar uma pesquisa, creio ser interrompê-la, pois que terminá-la é impossível. Faço um ‘alto’ neste ponto, já que ouço uma voz:

“Alto lá, meu livrinho! Devagar! Calma agora! Chegamos ao fim da jornada, e você ainda quer galopar adiante, sem controle, transpor a página derradeira, como se o seu serviço já não estivesse feito”. (Marcial, Século I D.C.)

Até aqui falei eu. Lanço minha voz na corrente ininterrupta de significados que compõem nossas sociedades. Meu leitor, o texto é todo seu. Como disse Nietzsche: “O autor tem direito ao prefácio; mas ao leitor pertence o pós-fácio”.

Brasil acima de tudo!

7

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ATKINSON P. & COFFEY, A. Revisiting the relationship between participant observation and Interviewing. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Título Original: *Estetika Slovesnogo Tvortchestva*. [1979].

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAMBERG, Michael. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In MOITA LOPES, Luís Paulo e BASTOS, Liliana Cabral. **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras. p.149-185, 2002.

BASTOS, Liliana Cabral & FABRÍCIO, Branca Falabella. Narrativa e identidade de grupo: a memória como garantia do ‘nós’ perante o ‘outro’. In: PEREIRA, M. G. D., BASTOS, C. R. P., PEREIRA, T. C. (Orgs.) . **Discursos socio-culturais em interação. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, p. 39-66, 2009.

BASTOS, L. C.; OLIVEIRA, M. C. L.; PEREIRA, M. G.. **Narrativas Fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança**. In: V Congresso Internacional da Abralín, 2007, Belo Horizonte. Caderno de Resumos. Belo Horizonte : UFMG, 2007. p. 574-575.

BASTOS, Liliana Cabral; OLIVEIRA, M. C. L. A experiência de imigração e a construção situada de identidades. *Veredas (UFJF)* , Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 31-48, 2004.

BASTOS, L. C.; RIBEIRO, B.T. . Telling stories in two psychiatric interviews: a discussion on frame and narrative. **AILA Review** , Amsterdam/Philadelphia, v. 18, p. 58-75, 2005.

BASTOS, Liliana Cabral. Construindo estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Revista Caleidoscópio**, Vol. 3, n 2 p. 74-87. Unisinos, RS, 2005.

_____. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais. In: **Calidoscópio**. Vol 3, maio/ago, Unisinos, 2005.

_____. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Calidoscópio**, Unisinos, Vol. 6, Nr 2 p. 76-85, mai/ago. 2008

_____. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta** (PUC-MG), Belo Horizonte, V.7, Nr 14, p. 118-127, 1º Sem. 2004

_____ Diante do sofrimento do outro - narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Calidoscópico** (UNISINOS), v. 6, p. 76-85, 2008.

BAUMAN, Richard. **Story, performance and event**. Contextual studies of oral narratives. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In Ferreira & Amado (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Título original: *L'illusion biographique*, 1986.

_____ **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1984.

_____ **Public opinion does not exist. Communication and class struggle**, Vol 1. New York, International General, [1972] 1979.

BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA. Desenvolvido pela Brigada de Infantaria Pára-quedista. Apresenta a estrutura organizacional com links específicos para as unidades que a compõem. Disponível em www.bdainfpqdt.eb.br Acesso em 15 julho 2008.

BRIGGS, C. L. Interviewing, Power/Knowledge, and Social Inequality. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

BROCKMEIER, Jens & CARBAUGH, Donal. **Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture**. Edited by Brockmeier & Carbaugh editors. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2001.

BROCKMEIER, Jens. **Autobiographical Time**. Narrative Inquiry, 10 (1). 51-73. John Benjamins B. V. Amsterdam, 2000.

BRUNER, J. **Acts of Meaning**. Cambridge, Harvard University press, 1990.

_____ Self-making and world-making. In **Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture**. Edited by Brockmeier & Carbaugh editors. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2001.

BRUNO, Daniela Caldeira. **Discurso pedagógico, prática de significação ideológica: uma visão da construção de identidades em contexto educacional militar**. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2005.

BUCHOLTZ, Mary & HALL, Kira. Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach. In *Discourse Studies*. Sage Publications. London, Thousand Oaks, CA and New Deli. P. 585-614, 2005.

_____ Language and Identity. In Alessandro Duranti (ed). **A companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Basil Blackwell. 368-294, 2003.

BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.

CASTRO, C. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

_____. **O Espírito Militar: um estudo de antropologia na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1990.

CLANDININ, D. J. & CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco, Jossey-Bass, 2000.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Cambridge: Polite Press, 1995.

DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; and BAMBERG, Michael (editors). **Discourse and Identity**. Studies in Interactional Sociolinguistics 23. Cambridge University Press, 2006.

DESCARTES, **Meditações sobre Filosofia Primeira**, edição bilíngüe, em latim e em português, trad. de F.Castilho, CEMODECON , IFCH-UNICAMP ,1999.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008. Título original: Les formes élémentaires de La vie religieuse [1960].

_____. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4ª ed. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional. [1895] 1966.

_____. **The rules of social method**, New York: Free Press, [1966] 1985.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: MCKAY, S.L.; HORNBERGER, H. (Eds.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge: CUP, 1996.

_____. Ethnographic microanalysis of interaction. In **The handbook of qualitative research in education**. New York Academic Press, 1992.

_____. Ethnographic microanalysis of interaction. In: The handbook of qualitative research in education. New York Academic Press, 1992.

ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. O “quando” de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social. In Ribeiro, B. e Garcez, P. (Orgs). **Sociolingüística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Portaria 018 do Estado Maior do Exército, de 21 de março de 2003.

_____. Desenvolvido pelo Centro de comunicação Social do Exército. Apresenta a estrutura institucional com *sites* específicos de cada setor e *links* para todas as Unidades Militares do EB, canções, revistas, publicações, fotos, noticiários, informações. Disponível em: <https://www.exercito.gov.br>. Acesso em 16 dez. 2004.

_____. Desenvolvido pelo Centro de Comunicação Social do Exército. Apresenta a estrutura institucional com sites específicos de cada setor e *links* para todas as Unidades Militares do EB, canções, revistas, publicações, fotos,

noticiários, informações. Disponível em: <https://www.exercito.gov.br>. Acesso em 15 julho 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____ **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____ **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____ **Critical Discourse Analysis**. London: Longman, 1995.

_____ Critical language awareness and self-identity in education. In D. Corson (Ed). **Discourse and Power in Educational Organizations**. p. 257-272. Toronto, Ontario: OISE Press, 1995.

_____ **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FEIJÓ, M. C. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FISH, Stanley Eugene: **“Interpreting the variorum”**: Advance or retreat? In *Critical Inquiry*, Vol 3, No 1 (autumn, 1976), pp. 183-190.

FONTANA A. Postmodern trends in Interviewing. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

GADAMER H. G. **Verdad y Método**. Sígueme, Salamanca, 1977.

GARAGALZA, Luís. A hermenêutica filosófica e a linguagem simbólica. In Araújo & Baptista (orgs). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, Teorizações, Práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. IN Moita Lopes, L. P. & Bastos L. C. (orgs) **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, Mercado das Letras, 2002.

GEE, James Paul. An example of discourse analysis. In **An introduction to discourse analysis**. Theory and Method. London, Routledge, 1999.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Thinking big with small stories**. *Narrative Inquiry* 16:1, 122-130. John Benjamins Publishing Company, 2006.

GERGEN, K. & GERGEN, M. Memory, identity, Community. [in Hinchman & Hinchman (orgs).] **The idea of Narrative in the Human Sciences**. Albany, NY, State University of New York, 2001.

_____ Narratives of the self. In Honchman, L. P. & Hinchman, S. (orgs). **Memory, Identity, Community**. New York, State University Press, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and society in Late Modern Age**. Stanford, Stanford University Press. 1991.

GLESNE, C. **Becoming qualitative researchers. An introduction**, Longman, 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução Maria Célia Santos Raposo 11ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1985. Título original: *The presentation of self in everyday life* [1959].

_____ **Manicômios, prisões e conventos.** Tradução Dante Moreira Leite. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. Título original: *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates* [1961].

_____ **Frame analysis.** New York: Harper & Row. 1974.

_____ A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: Figueira, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. P. 76-114, 1967.

_____ **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução Maria Célia Santos Raposo 11ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1985. Título original: *The presentation of self in everyday life* [1959].

_____ **Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, [1963] 1988.

GOFFMAN, Erving. The frame analysis of talk. In: E. GOFFMAN, **Frame Analysis.** Boston, Northeastern University Press, p. 496-559. 1974.

GRANSCI, A. **Prison notebooks.** New York; Columbia University Press, 1994.

GUBRIUM F. Jaber & HOLSTEIN, James. **The self we live by. Narrative identity in a postmodern world.** New York, Oxford University Press, 2000.

_____ From the Individual Interview to the Interview Society. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing.** Thousand Oaks, SAGE, 2003

GUBRIUM, J. F. & LINCOLN, Y. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. P. 105-117.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies.** Cambridge, Cambridge University Press. 1982

_____ **Discourse Strategies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold Publishers, 1978.

HALLIDAY, M.A.K ; HASSAN, H. **Language, context, and text: aspects of the language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

_____ **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold Publishers, 1978.

HARRÉ, Rom. Metaphysics and narrative: singularities and multiplicities of self. In: Brockmeier, Jens & Carbaugh Donal. **Narrative and Identity: studies in**

autobiography, self and culture. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. The social construction of selves. In: Yardley, K. e Honess, T. **Self and Identity: Psychological perspectives.** John Wiley & sons Ltd, 1987.

HYMES, D. Models of Interaction of language and social life. In: J. J. Gumperz & D. Hymes (eds) **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**, 35-71. New York: Rinehart and Winston, 1972.

KIESLING, S. F. "Hegemonic Identity-making in Narrative." In **Discourse and Identity**, Anna De Fina, Deborah Schiffrin & Michael Bamberg (eds.). Cambridge: Cambridge University Press. pp.261-287, 2006.

KOVITZ (2003:6), The Roots of Military Masculinity by Marcia Kovitz. In: HIGATE, Paul R. **Military Masculinities.** Identity and the state. Connecticut: Praeger Publishers, 2003.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In W. Labov (Ed.), **Language in the inner city: studies in the Black English vernacular** (pp.354-396). Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

LAMONT, Michele. **Morality and the Boundaries of Race, Class, and Immigration.** Harvard University Press, 2007

LANGELLIER, Kristin M. "You're marked": breast cancer, tattoo and the narrative performance of identity. In BROCKMEIER, Jens and CARBAUGH Donald. Narrative and identity. Studies in autobiography, self and culture. Amsterdam, John Benjamins, 2001

LINCOLN, Y. S. & GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. IN Denzin, N. K. & Lincoln Y. S. e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens.** Porto Alegre, Artmed, [2003] 2006.

LINDE, C. **Life stories. The creation of coherence.** New York, Oxford University Press, 1993.

MEDINA, C. A. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo. Ed. Ática, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. In: Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Aprova a Diretriz Estratégica de Garantia da Lei e da Ordem e dá outras providências. Portaria nº 736, de 29 de outubro de 2004, do Comandante do Exército.

_____. Aprova o regulamento da Academia Militar das Agulhas Negras. Portaria nº 009, de 14 de janeiro de 2002, do Comandante do Exército.

MISHLER, E. The analysis of Interview-Narratives. In Sarbin, T. (org.) **Narrative Psychology. The storied nature of human conduct.** New York, Praeger, 1986.

_____ **A mão dupla do tempo.** In: Moita Lopes e Bastos (Orgs.) *Identidades, recortes múltiplos e interdisciplinares.* Campinas SP: Mercado das Letras, 2002.

_____ **Craftartists' Narratives of Identity.** Harvard University Press. Cambridge, Massachusettes, 1999.

_____ **Research Interviewing. Context and Narrative.** Cambridge, Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, Luíz Paulo. *Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais.* In Moita Lopes L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

NORBERT, Elias. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1987] 1994.

RAMUNDO, Alessandra M. **Assimetria e construção do conhecimento no contexto militar.** Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2003.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Constituição Federal,** 1988.

_____ Decreto nº 2,243, de 3 de junho de 1997 do Presidente da República. Dispõe sobre o Regulamento Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Manual de Toques, Marchas e Hinos das Forças Armadas.

_____ Decreto nº 2,243, de 3 de junho de 1997 do Presidente da República. Dispõe sobre o Regulamento Continência, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Manual de Toques, Marchas e Hinos das Forças Armadas.

_____ Lei complementar nº 97, de 9 de junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas.

REZENDE, Cláudia Barcellos & COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis.** Newbury Park, CA: sage, 1993.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Berço de heróis. O papel das escolas militares na formação de “salvadores da pátria”.** Dissertação de mestrado. UFRGS, 2000.

SCHIFFRIN, D. *Interactional Sociolinguistics.* In: **Approaches to Discourse.** Oxford: Blackwell, 1994.

SCHOLES, R. & KELLOGG, R. **The nature of Narrative.** New York. Oxford University Press, 1966.

SCHOLES, R. *Afterthoughts in Narrative: language, Narrative, and Anti-narrative.* *Critical Inquiry.* 7:204-212, 1980.

SEWELL JR., William H. *The concept(s) of culture.* IN **Beyond the cultural turn: New directions in the study of society and culture.** Edited by Bonell, Victoria E. & Berkeley, Lynn Hunt. University of California Press, 1999.

SHAKESPEARE, William. **The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark**. In WELLS, Stanley & TAYLOR, Gary (general editors). William Shakespeare: The complete works. Pp 653-691. Oxford: Clarendon Press, 1988.

SHILLING, Chris. **The body and the social theory**. London: Sage Publications, Second Edition, 2004.

SHOTTER, J.; GERGEN, K. Social accountability and the social construction of 'you'. In: SHOTTER, J. E SHOTTER, J. e GERGEN, K. (eds.). **Texts of identity**. London: Sage, 1989.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividades e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVERMAN, D. **Interpreting Qualitative Data. Methods for analysing talk, text and interaction**. London: SAGE, 2001.

SNOW, David. **Collective identity and expressive forms**. eScholarship Repository, University of California. <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>, 2001.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (orgs). **Sociolingüística Interacional**, 142-153. Porto Alegre: Age Editora [Social Psychology Quaterly, 50 (2): 205-16, 1987.

_____ Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de uma consulta médica. In Ribeiro, B. e Garcez, P. (Orgs). **Sociolingüística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

TANNEN, Deborah . What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations. In: R. Freedle (ed.). **New directions in discourse processing**, 137-81. New York: Ablex, 1979.

_____ Interactional Sociolinguistics. In: W. Bright (ed). **The Oxford International Encyclopidia of Linguistics**, 9-12. New York: Oxford University Press, 1992.

_____ **Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self. A construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____ **As fontes do self. A construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola. [1997] 2005

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). A aventura sociológica. Rio: Zahar, pp36-46, 1978.

_____ **Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

WENGER, E. **Communities of practice**. Cambridge. Cambridge University Press, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig: **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Editora Vozes, [1953] 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1

Convenções de transcrição:

...	pausa não medida
(3 seg)	pausa medida
.	entonação descendente ou final da elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
sublinhado	ênfase
<u>MAIÚSCULA</u>	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada
↑	subida na entonação
↓	descida na entonação
hh	aspiração ou riso
.hh	inspiração

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schecloff e Jefferson, 1974; Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffirin (1987), Tannen (1989), Castilho e Petri (1987), Gago (2002).

ANEXO 2

Transcrição da entrevista com Capitão Vieira

D – Cap Daniela

V – Cap Vieira

00:01:00

1	D		e de onde vinha essa vontade- porque pelo que eu vi você
2			nutriu essa vontade, ↑ lá na AMAN, e depois nos três
3			anos de tropa. de onde vinha essa vontade? <por que
4			ser pqd?
5	V		bom, a minha vontade vai iniciar já:: no na mesma
6			vontade de ser militar. a minha história começa aos
7			doze anos quando EU decidi pela, por essa carreira.
8			eu tinha DOZE anos de idade.
9	D		sei
10	V		eu pedi pro meu pai, pro meu pai mandar uma carta pra
11			AMAN. a gente não sabia nada. MEU PAI sabia o que era
12			AMAN, meu pai é civil mas serviu como soldado há
13			muitos anos atrás. pé preto, não era pqd nem nada.
14	D		hum hum =
15	V		= ma:s é:: nós enviamos então a carta e foi explicado
16			o que que tinha que ser feito para ser oficial
17	D		[pra você ingressar na carreira
18	V		[e aí de doze anos até o dia que eu entrei, eu comecei
19			com aquilo ali, me formei em projetista de desenho de
20			construção civil primeiro
21	D		sei
22	V		passsei DIRETO pra AMAN
23	D		ah tá
24	V		aí eu guardei aquela vontade
25	D		você não fez PREP então, [foi CA
26	V		[não fiz PREP, foi CA. e: foi
27			o último concurso. de lá pra cá acho que nem teve mais
28			[concurso direto
29	D		[é é acho que não teve mais não
30	V		isso, então é: é: mas o que que me fez, com essa
31			idade, querer ser militar? porque eu admirava FILME,
32			essas tropas que mostravam o combate:nte, o
33			patriotismo, então foi o mesmo motivo que me trouxe
34			pra brigada pára-quedista <por ser uma tropa de elite>
35	D		hum hum a brigada é uma tropa de elite?
36	V		isso
37	D		como você falaria um pouco mais sobre isso? por que
38			que é uma tropa de elite? o que que faz aqui que não
39			se faz em outro lugar?
40	V		então veja bem, eu separei aqui alguma idéias ((o
41			capitão retira do bolso uma folha com anotações feitas
42			por ele próprio sobre tópicos que ele tem a intenção
43			de salientar durante a entrevista))
44	D		hum hum
45	V		inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA
46			DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é.
47			DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião,
48			qualquer que seja ela.
49	D		sei
50	V		então depois de deus é o seu país, a sua nação. então

51			essa tropa ela já se diferencia por isso, pelo seu
52			lema. é o lema que envolve uma tropa que foi preparada
53			para defender ↑ o brasil, e não só uma região do país.
54			e isso tá dentro da nossa é é, das nossas missões.
55	D		hum hum
56	V		a brigada pára-quedista atua DENTRO e FORA do
57			território nacional, né? é uma tropa apta pra isso. e
58			RÁPIDO. então ah ah ela se distingue eu acho que ela
59			se distingue por tropa de elite já por isso, pela sua
60			CAPACIDADE de operar em QUALQUER região e com rapidez,
61			com grande mobilidade
62	D		hum hum
63	V		fora isso OUTROS atributos da área afetiva que a gente
64			encontra nessa tropa
65	D		you pode me falar alguns? que you ... que you
66			SENTE, que you percebe que tá em you e que tá nos
67			outros? essa tropa de elite?
68	V		então ah ah comungando com isso que eu acabei de
69			falar, o sentimento de patriotismo, seria o primeiro
70			né? já pelo seu próprio lema, então todos que estão
71			aqui são voluntários a defender a pátria. ninguém tá
72			aqui forçado. todos são VOLUNTÁRIOS. então a primeira
73			característica dessa tropa que eu vejo que a difere. a
74			SEGUNDA, é a CORAGEM. e eu dividiria essa coragem em
75			dois ramos. a coragem pessoal, individual, porque you
76			coloca em risco a SUA vida, né? e a coragem de fazer
77			parte de uma tropa que vai REALMENTE cumprir missão.
78	D		hum hum
79	V		vai ser colocada a prova né? contra uma força adversa,
80			um inimigo, qualquer que seja a situação inusitada.
81	D		é: you falou várias vezes já em ↑patriotismo, ah you
82			pode me contar algum episódio da sua vi:da ou aqui na
83			caserna, aqui no batalhão, ou em alguma missão que
84			you já tenha participado onde isso ficou ↑ patente? o
85			PATRIOTISMO? "eu tô fazendo isso pela minha pátria,
86			pelo meu país"? né? em alguma coisa que you já tenha
87			sido empregado? na hora de you estar com o seu
88			soldado?
89	V		é difícil de responder essa sua pergu:nta com uma uma
90			uma idéia específica né? porque TUDO que eu fiz,
91			sempre foi com esse sentimento de patriotismo, nada
92			assim ficou mais marcante "pô, isso aqui eu fiz pela
93			pátria, isso não"
94	D		já tá no [sangue né?
95	V		[é NORMAL. tudo o que eu FIZ né? nesses, já
96			tô com praticamente 18 anos de exército, eu fiz com
97			vontade de defender a pátria, eu fiz pela pátria. me
98			recordo VÁRIAS vezes de tá no avião, voando já,
99			equipado, como mestre de salto, que é quem lança os
100			pára-quedistas, de tá ali, "pô, tô aqui mesmo pela
101			pátria, isso é uma doideira, isso é loucura"
102	D		é loucura? [é loucura tá lá em cima?
103	V		[vou tá me jogando () ((fala rindo)) é
104			diferente de qualquer outra coisa né? é diferente,
105			porque a gente já chega ((no combate, na missão a ser
106			cumprida)) de uma forma mais complicada, mais difícil,
107			do que uma outra tropa. mas tudo que eu fiz foi, não
108			teve um sentimento diferente que não seja a <defesa da
109			pátria>.
110	D		hum hum you falou em patriotismo, falou em cora:gem,

111			falou em risco de vida, né? falou em cumprir missão, o
112			que que é isso "cumprir missão"? já virou um jargão
113			isso e é usado pra uma porção, com uma porção de
114			outros sentidos ah "fulano vai cumprir missão, fulano
115			não sei que, tá cumprindo missão". o que é isso? esse
116			espírito de cumprimento de missão, que eu vejo que é
117			CLARO nos homens que servem aqui na brigada pára-
118			quedista?
119	V		bom, e::u, acho que esse sentimento ficou tão
120			arraigado na na minha pessoa, que pra mim cumprir
121			missão é fazer QUALQUER coisa que eu tenha que atingir
122			um objetivo. QUALQUER COISA. seja profissional ou
123			peçoal. então, é:: cumprir missão pra mim é por
124			exemplo é:: eu ter que vir ao quartel mas ao mesmo
125			tempo ter que dar assistência a minha esposa, aos meus
126			filhos e ↑ eu vou TER que cumprir essa missão.
127	D		hum hum
128	V		eu vou ter que bater essas duas frentes, três frentes,
129			quantas forem necessárias, é:: arrumar um tempo pra
130			estudar pra passar na ECEME ((Curso de Comando e
131			Estado Maior do Exército)), arrumar um tempo pra me
132			habilitar ((em língua estrangeira, proficiência
133			lingüística exigida pelo Exército que habilita o
134			militar a integrar missões oficiais no exterior)) que
135			eu ainda não me habilitei. então... é: cumprir missão,
136			pra mim significa você envidar todos os esforços pra
137			atingir um determinado objetivo e conquistar esse
138			objetivo.
139	D		tem muito a ver com RESPONSABILIDADE?
140	V		TEM, [tem muito a ver com responsabilidade
141	D		[aí você falou que tem filhos, é casado, como é
142			que você JUNTA, essas duas coisas? porque eu percebo
143			que servir aqui na brigada, servir aqui no vinte e
144			seis né? que é um batalhão cem por cento é: o efetivo
145			dele é cem por cento núcleo ba:se, como você consegue
146			conciliar isso?
147			
148	V		7:20((rindo)) com muito espírito de cumprimento de
149			missão ... não pode deixar furo nem de um lado nem de
150			outro.

00:09:15 DIFERENTE, não melhor [nem pior, apenas DIFERENTE

1	D		você se sente diferente por ser pára-quedista?
2	B		me sinto°
3	D		por- porque eu percebo sempre que=
4	V		DIFERENTE, não melhor [nem pior, apenas DIFERENTE
5	D		[nem pior. em q- até que ponto
6			vai essa diferença? em que? você não se sente nem
7			melhor, nem pior, mas diferente em que termos? porque
8			a gente percebe que, eu estudo a linguagem, né? e a
9			linguagem não é só o que a gente fala, é o que a gente
10			não fala também. e é o que a gente vê, o que a gente
11			constrói a partir dos símbolos e dos signos que eu tô
12			vendo. por exemplo, a gente vê a BOINA GRENÁ, O BOOT
13			MORROM, né? é:: isso JÁ salta aos olhos, o BREVÊ
14			prateado, isso já confere uma identidade pro sujeito
15			de ↑boca fechada.
16	V		eu é: a diferença é na DETERMINAÇÃO. eu acredito que
17			seja na determinação. a boina, o boot o brevê são
18			apenas, é um esteriótipo, pra diferenciar, pra de

19			longe alguém ver. não é por isso que eu me sinto
20			diferente. eu SINTO ORGU:ULHO, em tá vestindo aquilo
21			porque eu sei que sou identificado como: pertencente a
22			uma tropa de elite.
23	D		hum hum
24	V		ma::s o que me difere, que eu vejo, não melhor ou
25			pior, mas, >a dedicação<. a gente se dedica: a coisas
26			que: †não é normal ... uma pessoa... se dedicar. no
27			seu dia-a-dia. a gente acaba se dedicando, colocando
28			em RI:SCO a vida.

00:11:00 - hoje tô aqui pra contar essa história

1	D		eu tava conversando com o coronel Ermínio, e ele me
2			disse que saltar de pára-quedas é MUITO mais seguro
3			que saltar gancho ((salto semi-automático, em que o
4			pára-quedas é acionado automaticamente, sem o controle
5			direto do pára-quedista)), é muito mais seguro do que
6			andar de ônibus, é porque, isso é é você também pensa
7			isso, é uma questão de coragem, de confiar em quem
8			dobrou seu pára-quedas? de confiar em quem tá
9			conferindo né? os seus itens, a sua farda?
10	V		é, olha só. eu não vejo que é mais seguro nem menos
11			seguro. nesse ponto eu tenho, o pensamento um pouco
12			diferente. né? o:: salto semi-automático, ele é MUITO
13			seguro, [tem muito menos
14	D		[semi-automático é gancho?
15	V		é gancho. tem muito menos pane no semi-automático que
16			no livre. o livre né? e e ele: por ser um salto mais
17			complexo, ele oferece mais situações de PANE. não tô
18			dizendo que seja maior o risco ou menor o risco, mas
19			tem muito mais PANE
20	D		você já passou [por alguma pane?
21	V		[já, já passei
22	D		você podia me contar?
23	V		°lhe conto°, mas só só concluindo, é a: a: realmente o
24			que você disse é: confiar no equipamento. eu confio
25			MUITO no equipamento. aliás, em TUDO que eu fiz no
26			exército. <eu sempre tive medo> mas a minha coragem
27			sempre foi MAIOR [do que o medo
28	D		[além do medo
29	V		eu NUNCA estive em uma situação tranqüila. [nunca
30	D		[é, quem
31			não tem medo é LOUCO, né?= =é louco. eu nunca tive esse sentimento de loucura
32	V		"vou me jogar daqui, vou fazer rapel ((descer por
33			corda)), vou fazer rapel do helicóptero, vou fazer um
34			halocasting ((tipo de incursão muito perigosa em que
35			se salta do helicóptero na água, sem pára-quedas, de
36			uma altura de 10 a 20 metros)). qualquer coisa que eu
37			fiz, eu sempre tive aquela dorzinha no estômago, mas
38			sempre com é é, MINHA coragem, né? minha
39			determinação... por isso que eu acho que a gente tem
40			um pouco de diferente. né? a gente consegue vencer
41			essa situação
42			
43	D		e são muitas situações [recorrentes, né? de de peri:go
44	V		[é normal todo mundo falar
45	D		de ter me:do, de de enfrentar esse medo, eu acho tá,
46			vocês passam MAIS que nas tropas que não têm tantos

47			cursos assim como você tem, né? especializados,
48			superespecializado. e alguma situação dessas de PANE
49			que você tenha passado
50	V		é eu tive uma uma uma pane no::: no salto livre
51	D		logo assim no primeiro?
52	V		não. eu já era avançado já de salto livre, já tinha me
53			formado ... foi perto de ... do ano dois mil mais ou
54			menos... aí eu SALTEI, fiz o que eu tinha que fazer
55			ali, tinha um trabalho relativo a fazer durante a
56			queda né? curva, <i>looping</i> . aí eu fiz tudo que tinha que
57			fazer, eu tinha que comandar ((a abertura do pára-
58			quedas) mais ou menos a três mil e quinhentos mais ou
59			menos, aí eu comandeí o meu pára-quedas ele: retardou
60			a abertura, ele DEMOROU a abrir.
61	D		hum?
62	V		isso poderia ser uma pane ou não. ficou constatado que
63			é: † não foi um charuto ((pane em que o velame do pára-
64			quedas fica enrolado nas cordas em forma de charuto)).
65			eles não constataram em relatório que foi um charuto.
66			acontece que a gente tem um procedimento de emergência
67			adotado. deu dois mil e quinhentos, você não está
68			aberto?
69	D		hum hum
70	V		você parte para efetuar o procedimento de emergência.
71			né? que é primeiro agir nos tirantes de de
72			sustentação, né? agi: ele continuou, é, parcialmente
73			fechado, então desconectei meu pára-quedas principal e
74			comandeí o reserva.
75	D		teve que usar o reserva?
76	V		“usei o reserva”.
77	D		e aí? como é? o que você sentiu? isso foi feito assim?
78			porque do jeito que você tá contando, parece que você
79			fez realmente pensando [“tempo um vou fazer isso,
80			tempo dois vou fazer aquilo”
81	V		[foi mecânico. foi mecânico
82	D		[de tanto treinamento?
83	V		foi, de tanto treinamento. foi mecânico, fiz mecânico.
84			só depois que o pára-quedas RESERVA abriu é que deu
85			aquela moleza no corpo que eu vi que eu tava ... que
86			eu tinha acabado de sair assim de uma situação de
87			risco mesmo. † na hora foi mecânico. olhando o
88			altímetro, dois e quinhentos, pô, o pára-quedas não
89			tá aberto ainda, ele não tava com a característica
90			enrolado do charuto, mas ele, não tava com o slider
91			alto também, é: que ele prende o: dificulta a abertura
92			né?
93	D		sei
94	V		não era isso. ele simplesmente não abria. ele ficou
95			lá, fechado lá, pouco, segundo o relatório ele ia
96			abrir, ele tava dobrado de alguma forma que ia ter um
97			retardo MAIOR do que o normal né? ia abrir, mas eu?
98			aprendi que em dois mil e quinhentos eu tenho que,
99			desconectar. então agi como tinha que agir, nos
100			tirantes, não abriu, passou um pouquinho de dois e
101			quinhentos, falei “então chega”
102	D		era a sua vida, né? [era a sua vida ali também.
103	V		[desconectei e acionei, confiei no
104			reserva ((rindo)) e hoje tô aqui pra contar essa
105			história.

00:16:26 – 00:18:00

eu sou, eu sou da brigada pára-quedista, então, tem mais gente dependendo de mim

1	D		((Vieira saiu da brigada por um tempo, fez o curso de guerra na selva, que era um outro objetivo
2			profissional, e retornou para a brigada)) deu saudade
3			da brigada? porque você resolveu voltar pra brigada?
4			
5	V		eu contava histórias da brigada o tempo todo. tem
6			muito a ver, tem muito a ver, eu até separei aqui
7			((fazendo novamente referência às anotações feitas por
8			ele com os pontos que tinha a intenção de abordar na
9			entrevista)), tem muito a ver co::m, os atributos da
10			área afetiva que são cultuados aqui. entã::o eu tinha
11			parado ali na CORAGEM. mas ESPÍRITO DE EQUIPE? também
12			é outra coisa que nos difere MUITO. a gente tem muita
13			preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou
14			não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então
15			além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você,
16			que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação
17			de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista,
18			então, tem mais gente dependendo de mim” , isso
19			acontece no SALTO, do avião, aonde o soldado
20			inspeciona a sua fita, você é o mestre de salto, a
21			vida de todo mundo tá na sua mão. e eles confiam
22			plenamente em você, se você jogar ele sem tá
23			enganchado ele sai e:: não quer nem saber, né? e::
24			então era isso, eu contava isso o tempo todo ((quando
25			não estava servindo na brigada)) onde eu tava, eu tava
26			falando “pô, mas lá na brigada, isso não acontece, lá
27			na brigada, o espírito de equipe é diferente, tá todo
28			mundo junto, sempre remando na mesma direção, as
29			coisas são mais simplificadas, não ficam elocubrando
30			tanto, perdendo tempo com algumas coisas que, são
31			desnecessárias, são mais voltados pra parte
32			profissional”.

00:18:20 orgulho: a tropa pára-quedista decide os combates (sentimentos ontológicos – prosódia alterada ao pronunciar SER)

1	V		pra mim, eu consegui atingir os dois objetivos que eu
2			queria. que era ser de uma tropa de elite, nível
3			MUNDIAL. que é ser pára-quedista. qualquer tropa de
4			qualquer país, qualquer país >quer dizer<, tem uma
5			tropa ↑pára-quedista. E historicamente elas foram
6			lançadas em TODOS OS COMBATES.
7	D		hum hum
8	V		↑iniciando o combate, ↑decidindo o combate, a tropa
9			pára-quedista ela tem essa característica. em qualquer
10			país, então a gente tem esse orgulho por ser também
11			pára-quedista. e no brasil, eu julgo que é
12			↑necessário, principalmente o infante, conhecer a
13			amazônia, e SER especializado, dentro do possível, na
14			tropa dentro do ambiente operacional que é a hipótese
15			número um do emprego nosso que é a selva. então, acho
16			que isso °eu consegui também°

00:22:25 EU SOU INFANTE. Fui fuzileiro a vida toda

1	D		e: você falou que você é o oficial de operações
2	V		FUI
3	D		foi. o que é ser o oficial de operações? que função é
4			essa?
5	V		eu fui o oficial de operações dois anos na: na SELVA e
6			dois anos aqui no vinte e seis e era um objetivo meu,
7			eu queria ser o oficial de operações no dois meia
8	D		POR QUE? por que o oficial de:
9	V		É, o oficial de operações ele é: o:: oficial que::
10			responsável pelo ↑preparo e emprego da tropa.
11	D		hum
12	V		então, toda parte de <formação, do soldado, da
13			qualificação do soldado, a instrução, a preparação do
14			adestramento, ou seja, o adestramento da pequena
15			fração, do grupo de combate, do pelotão, da companhia,
16			do batalhão, sempre vai ter a cabeça ali, pensante ali
17			do do de TODOS, ↑ do estado maior, mas o oficial de
18			operações é quem pensa exclusivamente neste tipo de
19			assunto.
20	D		e você queria muito ser o oficial de operações.
21	V		°eu queria°
22	D		por que?
23	V		é, porque: é é infantaria, né? EU SOU INFANTE. Fui
24			fuzileiro a vida toda, desde aspirante, eu fui. Quando
25			eu era aspirante eu comandi um pelopes ((pelotão de
26			operações especiais)) que hoje não tem mais
27	D		não tem mais pelopes?
28	V		não, se alguém chama de pelopes, não não tem mais essa
29			denominação. tem gente, tem batalhão que, por não ter
30			uma mística, ele bota lá que tem [um pelopes
31	D		[ah sei
32	V		mas ho:je em dia são as forças de ação rápida
33	D		hum hum
34	V		então, não tem mais o pelopes. Então, eu comandi um
35			pelopes logo como aspirante, que era um pelotão de
36			operações especiais, um pelotãozinho diferente, ele
37			é:, ((rindo)) tem a misticazinha dele .
38	D		sei
39	V		depois, comandi pelotão de ↑fuzileiros, companhia de
40			fuzileiro, comandi companhia de fuzileiro LEVE que é
41			a a tropa aeromóvel, comandi compan- pelotã:o de
42			fuzileiro pára-quedista, pelotão de apoio pára-
43			quedista, comandante de companhia de fuzileiro pára-
44			quedista, depois fui pra selva, comandi companhia de
45			fuzileiro de selva e aí fui... é um passo normal,
46			natural. porque tudo isso que eu fiz eu NUNCA tive na
47			administração, nunca tive voltado pra administração de
48			pessoa:l, é, pra administração de materia:l, né, ou
49			seja, não fui de logística
50	D		hum hum
51	V		ERA NATURAL que eu fosse oficial de operações. então,
52			talvez por isso e:u eu já tava com esse pendor, ser o
53			[oficial de operações
54	D		[e é uma função que sobrecarrega muito? você fica
55			muito atarefa:do? muita coisa pra você planeja:r? pra
56			você colocar em [PRÁTICA?
57	V		[é o tempo todo. eu digo que é um dos

58			oficiais do batalhão que ma:is fica sobrecarregado.
59			porque TUDO tem que passar por ele. seja a parte,
60			tanto a parte, ATÉ a parte da administração, ou seja,
61			a própria diretriz tem no manual de instrução, vai lá
62			MANUTENÇÃO do quartel, que é uma parte administrativa
63			mas você tem que tá pensando "qual dia? encaixado com
64			o dia da instrução. então é um oficial que A AGENDA do
65			batalhão, passa pela pela mão dele. TUDO que acontece
66			no batalhão passa pela mão do oficial de operações.
67			ele é o principal assessor, DE operações, é claro, do,
68			comandante. o comandante tem vários assessores, mas
69			isso daí ele ele tem uma ligação muito grande com o
70			comando. porque é voltado pra atividade FIM.
71	D		certo.[era o seu ideal.
72	V		[(rindo)) só por isso

Ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar

A gente cultua realmente ideais

1	D		haha "só por isso", como se fosse pouco. Vieira,
2			agradeço muito você gastar seu tempo aqui comigo, eu
3			não vou fazer nada com esses dados que eu não te
4			apresente antes, vou falar "Vieira, olha, tô querendo
5			ver isso e isso" a gente conversa. muito obrigada
6			mesmo Vieira, obrigada, tá?.
7			((o gravador é desligado. no entanto o Cap Vieira me
8			diz que ainda tem pontos que ele gostaria de comentar,
9			assuntos que ele pensa serem importantes e que não
10			foram tratados na interação. Ele se refere mais uma
11			vez aos pontos que havia tomado nota em preparação
12			para a entrevista. o gravador é acionado e a
13			entrevista continua))
14	V		ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar.
15	D		ficou faltando então falar, Vieira? sobre algumas
16			linhas ali que você tinha anotado.
17	V		é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa
18			também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e
19			orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem
20			assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>
21	D		hum hum
22	V		é aquilo ali, nós somos aquilo ali re- ... ali mostra
23			exatamente o que nós somos
24	D		é, ali mostra muito o lado do companheiri:smo, né? do
25			espírito de corpo?
26	V		DA CORA:GEM, DA CAPACIDADE PROFICIONA:L ali tem
27			exemplos de de liderança, de profissionalismo,
28			invejáveis.
29	D		hum hum
30	V		você vê aqueles velhinhos ali, VIVOS ai:nda, contando
31			né? eu tive contato com alguns americanos
32	D		sei
33	V		que que conhecem aquela tropa, ah a companhia ibis,
34			que é uma companhia histórica, existe uma manobra
35			deles, que eles conquistam um um um uma bateria de
36			artilharia, com um efetivo pequeno
37	D		hum hum
38	V		que inclusive é estudado na na academia

39	D	sei, esse tipo de [manobra que eles
40	V	[é . >na academia DELES<.
41	D	ah sei
42	V	então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A
43		gente cultua realmente ideais né? honestidade,
44		brasilidade. e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa
45		profissional, o pára-quedista É uma tropa
46		profissional. e esse profissionalismo, ele, se divide
47		em dois aí. a voluntariedade, que eu citei lá no
48		início. então porque isso aí é pessoal. e, a
49		CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM que conhecer a
50		profissão. não basta só querer. não basta ser burrão e
51		fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é
52		se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão
53		chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa
54		também que TEM essas características. a gente busca
55		isso daí, busca atingir esse objetivo.
56	D	como é que VOCÊ busca isso? você já se aperfeiçoou, já
57		fez uma porção de curso. O que você pretende pra: pra:
58		seguir isso aí que você tá colocando? capacitação
59		técnica?
60	V	bom, então, eu ao longo, desde tenente, vim fazendo os
61		curursos que a própria brigada é, e o exército me
62		ofereceram. então eu fiz curso em todas as áreas, né?
63		de ↑montanha, de ↑caatinga, de de ↑selva. e: os cursos
64		de pára-quedismo eu fiz os cursos todos. agora: >me
65		habilitei< e agora no nível que eu to, vou sair major
66		agora, em dezembro, agora é a ECEME ((Escola de
67		Comando e Estado Maior)), né? é isso.
68	D	hum hum
69	V	vai ser a forma que eu vou poder contribuir, melhor,
70		no futuro novamente pelo exército
71	D	e você pretende voltar pra cá depois que fizer a
72		ECEME?
73	V	não sei se depois da ECEME, porque depois você vai ter
74		que seguir pra algum lugar ali:, ou selva ou brigada
75	D	sei
76	V	e se eu tive que comandar um dia um batalhão, também,
77		ou selva ou brigada
78	D	hum
79	V	((rindo)) ou brigada ou selva, tanto faz
80	D	haha
81	V	e, a última, a resistência física.
82	D	hum?
83	V	né? que não é: assim, não julgo que seja é: o mais
84		importante. eu acho que o mais importante ta na área
85		afetiva. né? eu não acredito que a gente precise de
86		atleta. é uma opinião muito pessoal, particular. não
87		é? é:: >↑não que eu não seja bem preparado<, que os
88		meus TAF's são todos 'E' ((refere-se à menção
89		Excelente que tem nos Testes de Aptidão Física
90		aplicados 3 vezes ao ano em todos os militares do
91		Exército Brasileiro))
92	D	sim, haha
93	V	senão parece, quem ouve, pensa que, não é isso. é que
94		eu não acho que aqui você tem que ter um atleta de cem
95		metros, um atleta de de salto em distância não
96	D	sim
97	V	mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98		que te dê capacidade de durar na ação. então por isso

99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.
101	D		porque ser um pára-quedista militar, é é no caso não é
102			só saltar. porque tem uma porção de cursos de pára-
103			quedismo aí civil que a gente vai lá, faz o curso e
104			salta. mas o militar é diferente, porque ele vai
105			SALTAR e aí ele vai ser empregado. não é? por isso que
106			eu tenho que ter resistência física?
107	V		é. exatamente. porque é: a forma de emprego do do
108			pára-quedista, ele: na sua concepção clássica, né? ele
109			é, na doutrina, no assalto, aeroterrestre, ele é
110			lançado na retaguarda do inimigo. pra atingir um
111			objetivo né? de de importância estratégica. então como
112			você vai tá, praticamente ISOLADO né, de de tropas
113			amigas, você chega lá na frente e tá CERCADO, você
114			tem que ter um preparo INTELECTUAL, EMOCIONAL, E
115			PROFISSIONAL, E FÍSICO pra sustentar esse tempo todo.
116			tudo que você carrega tá na sua mochila. é diferente
117			de uma tropa motoriza:da, de uma tropa blinda:da, que
118			tem a viatura pra lhe apoiar o tempo ↑todo. ou ↑quase
119			o tempo todo. nós não, nós saímos do avião, a partir
120			dali , só deus sabe quando a gente vai receber
121			suprimento. a gente tem a doutrina que é setenta e
122			duas horas, mas historicamente, se a gente for estudar
123			todas as vezes que os pára-quedistas foram empregados,
124			nem sempre a junção chegou dentro das setenta e duas
125			horas
126	D		hum hum
127	V		então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a
128			formação nossa na parte de resistência física.
129	D		hum hum
130	V		fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá
131			baixando ((se refere a precisar de cuidados e
132			tratamentos médicos)) com com qualquer chuvi:nha, é:
133			com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so,
134			né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem
135			que ter uma resistência física também. já que a gente
136			vai ser empregado em qualquer parte do território.
137	D		hum hum
138	V		é isso aí.
139	D		muito bacana. Obrigada Vieira. obrigada de novo.
140			desculpa aí atrapalhar a sua rotina.

ANEXO 3

Transcrição da entrevista com Capitão Rocca

D = Cap Daniela

R = Cap Rocca

00:02:00 – 00:03:17

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1		D	desde garoto assim? você admira:va, você via? onde
2			você via paraquedista? pessoal da sua família mesmo?
3			que contato você tinha assim, com essa com essa
4			história de de ser paraquedista?
5		R	tinha u:m, um tio meu que é paraquedista, né? foi
6			soldado e um primo meu que foi cabo. então, visando,
7			inspirado por eles, né? eu resolvi também, vir pra,
8			pra >brigada paraquedista< e depois, dentro do
9			exército também, né? o paraquedista é muito é:
10			exaltado, muito exaltado e, ((interrupção da
11			interação, alguém bate à porta e fala com o Cap
12			Rocca))
13		D	dentro do próprio exército você percebia que o
14			paraquedista é? exaltado, ele é=
15		R	= é um combatente único, né? um combatente que: ele
16			↑salta, né? e vai cumprir sua missão. então, tem que
17			ser um, tem que ser um militar selecionado.
18		D	você acha que ele é um combatente completo? ^vamos
19			dizer assim? porque ele não adian- não é só saltar,
20			né? pelas conversas que eu já, que eu tenho tido aqui,
21			percebi que não é só saltar, saltar é o início, da
22			missão que você vai cumprir?
23		R	é só o início. ser um combatente completo é meio
24			difícil, né?

00:04:40 – 00:06:00

um guerreiro que nã:o teme, não teme a nada né? não teme a morte
não teme NADA

1	D		eu li no site da brigada, do vinte e seis, pra ser
2			mais precisa, que a mística paraquedista é
3			materializada no brevê prateado, no boot marrom e na
4			boina bordô. você acha que é assim mesmo? você acabou
5			de falar "eu via a boina, o brevê, e isso chamava a
6			minha atenção". você acha que essa mística ta
7			materializada nesses componentes da farda? e o que tem
8			por trás disso?
9	R		é:: não só, né? tá materializada no boot, na boina e
10			no brevê, né? mas não só a boina o boot e o brevê
11			caracterizam o paraquedista, né? a atitude do
12			paraquedista é que vai é convencer as pessoas, né? de
13			de: que vai mostrar pras pessoas quem é o combatente
14			paraquedista. porque: saltar do avião é fácil, né? mas
15			por trás disso tem muita coisa, né? por trás ali do
16			salto, daquela boina, do boot e do brevê, ta ali um,
17			um guerreiro que nã:o teme, não teme a nada né? não
18			teme a morte não teme NADA. então é um desafiador, o
19			paraquedista é u:m militar que desafia, a qualquer

20			coisa. não tem medo de nada.
21	D		Você não tem medo de nada?
22	R		NÃO.
23	D		Sério?
24	R		Sério.

00:10:10 – 00:11:44

porque é pra isso que a gente vive

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no paraquedista. né?
7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística paraquedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística paraquedista. eu acho que a brigada
16			paraquedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa,
17			que tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			paraquedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

00:22:00 – 00:24:55

o motivo pelo qual eu entrei pro exército brasileiro, né? foi
defender o meu país
foi a realização de um sonho pessoal

1	D		no site da brigada, eu li que “ser paraquedista é
2			experimental o sentimento mais profundo de
3			nacionalidade”. quando você esteve fora da sua nação,
4			fora do brasil, você experimentou esse sentimento de
5			nacionalidade, você tava lá pensando em algum motivo
6			maior, você pensava na sua missão em termos mais,
7			amplos “eu to aqui, cumprindo uma missão, é, de” >é
8			uma missão da ONU< né?
9	R		humhum
10	D		“é de apoio a um outro país, ou eu tô representando o
11			MEU próprio país”? como é que você lidou com esse fato
12			aí, você poderia me contar algum fato, alguma coisa
13			que tenha acontecido onde você tenha experimentado o
14			seu sentimento de brasileiro, assim? de nação?
15	R		sim. é: ... cada um, tem o seu ideal né? mas, o que a
16			gente aprende né? o que, o motivo pelo qual eu entrei
17			pro exército brasileiro, né? foi defender o meu país.
18			né? mas, é: nem todos pensam da mesma forma. certo?

19			mas eu, eu tinha esse sentimento de nacionalidade de
20			estar defendendo o meu país, embora eu sabia que
21			também não era nada daquilo, né? não era nada daquilo,
22			que ali eu não tava defendendo o nosso país.
23	D		sim, tá tá. não era o seu país mas você estava
24			cumprindo uma missão pelo seu país, né?
25	R		pelo meu país.
26	D		o seu país mandou você cumprir uma missão lá.
27	R		é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a
28			gente ta defendendo outros interesses. que também não
29			vem ao caso.
30	D		sim
31	R		eu falar aqui né? mas, ali, eu estava a frente do MEU
32			pelotão, né? da primeira companhia paraquedista, né?
33			e, do vinte e seis b i paraquedista e representando
34			também a brigada paraquedista. então isso aí era o meu
35			principal pensamento. né? e eu era o comandante de
36			uma fração. então isso aí foi foi a realização de um
37			sonho. né? foi a realização de um sonho pessoal
38	D		Certo
39	R		né? de sentir, de sentir, de de realizado né? em
40			estar, executando tudo aquilo que eu fui treinado pra
41			fazer. né?
42	D		humhum
43	R		então, particularmente, eu, minha maior realização foi
44			foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é
45			meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender
46			o brasil
47	D		é, porque lá não é o brasil

00:41:00 – 43:00:00

qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar.

1	D		O que é pra você, pertencer a uma unidade operacional
2			permanente? Como é que você se sente pertencendo a uma
3			unidade operacional permanente? tem algum fato que
4			você possa me contar, algum caso, alguma lembrança que
5			possa ilustrar o fato de você pertencer a uma unidade
6			operacional permanente?
7	R		((fica em silêncio, me olhando))
8	D		quando eu digo que você pertence a uma unidade
9			operacional permanente, o que vem a sua cabeça?
10	R		unidade operacional permanente? não entendi?
11	D		tava no site da brigada
12	R		((risos))
13	D		((risos)) o vinte e seis é uma unidade operacional
14			permanente. deve ser de pronto-emprego, né? tá pronto
15			pro [combate a qualquer momento
16	R		[é, acho que é isso.
17	D		foi isso que eu entendi. quando eu digo que você
18			pertence a uma unidade de pronto-emprego, o que que te
19			ocorre? o que que te passa?
20	R		... é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a
21			qualquer hora, [em qualquer lugar.
22	D		[em qualquer lugar. você tá pronto?
23	R		eu tô pronto. sempre estive pronto
24	D		() já foi, e agora você tá, a qualquer momento que
25			te derem uma missão, você tá pronto pra cumprir?
26	R		qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar

27	D		brasil!
28	R		[acima de tudo!
29	D		[acima de tudo!

ANEXO 4

Transcrição da entrevista com Capitão Marcos Almeida

D = Cap Daniela

M = Cap Marcos Almeida

00:07:00 – 00:11:00

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1	M		Eu me identifiquei MUITO com as atividades da área de
2			estágio ((refere-se ao curso de paraquedista))
3	D		Pois é, me fala sobre isso
4	M		Porque: eu sempre gostei de de puxar contagem ((puxar
5			as canções que serão repetidas pela tropa)), do
6			treinamento físico, né? sempre gostei muito disso. E:
7			pô aqui? eu ((risos)) eu era o camarada que entrava
8			puxando contagem e saía puxando contagem. Marcação de
9			capacete? Pô, acho que entrou, a gente entrou umas
10			quatorze vezes. Das quatorze, acho que umas oito pelo
11			menos, eu ↑entrei e saí puxando contagem ↑sem parar
12	D		Humhum
13	M		DIRETO. Aí pô, nem dava espaço pros outros. Eu saía
14			puxando puxando puxando.
15	D		Era uma vibração que tava vindo de você
16	M		Tava, pô
17	D		Porque você vinha assi:m, você já tinha experiência,
18			já tinha passado por muitas coisas, né? na selva e
19			tudo
20	M		Humhum
21	D		E você tava agora >não sei nem se eu tô falando por
22			você< mas você tava realizando um sonho [que tinha
23			ficado guardado
24	M		[é. isso. e pô,
25			assim, eu tava nu:m >vamos dizer assim< ao meu ver,
26			u:m ponto assim que é: ↑não é o auge, mas é pô, é
27			próximo disso, dá: vida militar é o último ano de
28			tenente.
29	D		Sei
30	M		() meu sexto ano de tenente,
31	D		Humhum
32	M		E: pô, o sexto ano de tenente é o que, você se
33			considera um um ↑super tenente, né? você sabe TUDO,
34	D		Certo
35	M		De tudo da vida de tenente, né?
36	D		Humhum
37	M		O tenente mais experiente
38	D		((risos))
39	M		Então, pô, eu me sentia a vontade pra: pra: chamar
40			atenção dos outros, que eram mais modernos que tavam,
41			de repente, vacilando, eu
42	D		Sei
43	M		Eu chamava atençã:o, e: ↑dava exemplo, dava exemplo.
44			Eu tava à frente, pô até pela, >vamos dizer assim<,
45			não digo nem pela idade, mas pela antiguidade, no
46			sexto ano, né? o ↑último de tenente. E tá ali
47			representando na área de estágio, né?
48	D		Você foi pra área junto com os tenentes que tinham

49		acabado de sair da aman, por exemplo?
50	M	Não, não. [Meu curso foi só antigão
51	D	[era um curso especial?
52	M	Foi só antigão. Foi o curso de meio de ano
53	D	Ah. Foi o curso que as mulheres fizeram também?
54	M	Não. No meu não teve nenhuma mulher
55		Não? Até: uma tentou >acho que foi até uma que saiu
56		nesse curso agora< ela tentou mas não passou na
57		natação, do teste de entrada.
58	D	E aí? Você acabou lá a área, e tal? E nos seus
59		primeiros saltos? Foi muita emoção? Foi bacana? [Ficou
60		marcado?
61	M	[foi,
62		pô. E: assim, o salto é:? Que nem assim, ele é: o
63		salto é uma coisa assim ... pô, pra quem nunca saltou?
64		Dá medo, lógico, né? o medo é, ele, o medo [faz parte
65		da coisa
66	D	[é natural.
67		O louco não tem medo, né?
68	M	Só o louco não tem medo
69		Só o louco não tem medo. Imagina? Pô. se jogar do
70		avião, né? lá de cima e tal. Uma coisa meio que,
71		maluco né?
72	D	Hum
73	M	Mas é: totalmente seguro. A primeira vez, a gente QUER
74		saltar porque a gente, RALA muito pra pra concluir o
75		curso. E a gente sabe que pô, é aquilo ali, tem que
76		saltar, hum. Tipo assim, eu acho que o grande motivo
77		do curso ter toda essa ralação não é nem selecionar, é
78		fazer o camarada não amarelar na hora do salto. Porque
79		aí ele já pensa "eu passei por tudo isso pra tá aqui
80		na frente da porta aqui, a essa altura"?
81	D	Humhum
82	M	"não posso desistir agora, vai ser uma tremenda
83		vergonha". Acho que o cara pensa isso, né?
84	D	Sei
85	M	Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu
86		imaginava, que a gente via, dentro do avião, assim, no
87		primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava
88		rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era
89		nervosismo em si
90	D	Pra tentar espantar o medo
91	M	Exatamente. A gente vê que a pessoa tá nervosa ali,
92		né? então acontece, pô. A gente quando se depara com
93		o desconhecido? A gente, tem reações, cada pessoa tem
94		uma reação diferente
95	D	E você, que reação você teve lá em cima a primeira vez
96		que você subiu?
97	M	É:, dá assim aquele medão de, disparar a a a pulsação
98		e tudo, mas. Sabe assim, é uma ansiedade pra conhecer
99		((rindo)) o que que vai acontecer, o que é aquele
100		salto né? aí depois no salto, ((rindo)) todo mundo lá
101		no ar , dá pra gente conversar num ponto assim
102	D	Ah é?
103	M	A gente gritando, "epa:: eu sou paraquedista::"
104		gritando, né. aí o mestre de salto lá "para de gritar,
105		não sei que". No final vai que alguém se machuca
106	D	Ah sei, tá
107	M	Aí não pode ficar essa gritaria

108	D		Humhum
109	M		Mas a gente pô, primeiro salto, ((rindo)) saindo do avião, né? pô, já sou paraquedista.
111	D		Humhum
112	M		Aquela felicidade, todo mundo gritando e tal

((

00:12:45 - 00:17:17

eu mudei da água pro vinho do ano passado pra esse ano

eu não sou logístico, eu sou de infantaria, eu gosto da da da atividade, do outro lado, né? da instrução

1	D		O que você faz de diferente ((me refiro às atividades que ele realiza na brigada))que você já não tinha feito antes? Porque: o que eu quero ver, quero tentar entender, se nas missões aqui de comandante de companhia você vivencia essa mística paraquedista? É diferente? [comandar uma companhia aqui na brigada?
2			
3			
4			
5			
6			
7	M		[AH! COM CERTEZA. Bom a primeira vez que eu to comandando companhia. Eu tive a oportunidade de nos seis anos de tenente, no seis anos comandar PELOTÃO. Eu fui tenente de verdade.
8			
9			
10			
11	D		Humhum
12	M		Comandei pelotão, dei instrução, né? o pelotão que eu comande o ano passado, ele era quase que isolado, que, eu saí da ala, fui pro parque, passei a comandar o pelotão auxiliar, né? que é de soldados. Então, no último ano de tenente, eu voltei a comandar ↑soldado, que: pô, pra mim também é: ↑qualquer comando pra mim é legal. Não tem nada se é recruta, se é antigo, se é soldado, se é cadete=
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20	D		=é uma experiência, sempre contato com gente
21	M		Aí: apesar de assim, eu estar me sentindo ↑eu mudei da água pro vinho do ano passado pra esse ano. Que o ano passado eu tava na aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) assim. eu era tempo superior de nomeação? Comandante de pelotão auxiliar de soldado? Aí a gente tem aquele soldado de de resende, que de vinte e cinco recrutas eu tinha quatro voluntários pra serviço
22			
23			
24			
25			
26			
27			
28	D		Ó
29	M		E no final do ano, quase cem por cento era voluntário pra engajar
30			
31	D		↑olha, uma mudança mesmo
32	M		E: aí começa aquele negócio, as apaixonites, o cara "ah, só quero engajar se for aqui no avançado ((nome do curso em que o capitão Marcos Almeida servia)), se for no curso tal, não quero, se for no", porque aí o cara já pega o bizu com o outro, que no outro curso, [pô, o cara aperta, não sei que
33			
34			
35			
36			
37			
38	D		[É
39	M		Não que eu que eu afrouxasse, mas, tipo assim, eu eu sempre procurei ver o lado da tropa, entendeu? sempre me coloco no lugar do soldado pra não, não cometer injustiça, né? então eu procuro da minha consciência não fazer isso. e, pô, aparentemente dá certo, né? porque eu não tenho problema nenhum com. Muito pelo contrário, né? sempre tive um um bom retorno da tropa. todo todo (). Mas eu comandava um pelotão que tinha
40			
41			
42			
43			
44			
45			
46			

47		por finalidade? ↑Apoio. O apoio que se diga era.
48		Rancho, né? então assim, apoio de rancho, né? fazia
49		apoio do: montar quadro, quadro de instrução, montar
50		acampamento, montar acampamento pra curso avançado? ↑É
51		montar acampamento pra um batalhão. São quatrocentos.
52		Então, pó. seis hora da manhã? O cadete acorda e ta lá
53		o café, o pão, o leite, o iogurte, a maçã, que veio lá
54		da academia
55	D	Humhum
56	M	Aí eu tenho que gerenciar com o meu soldado, pra,
57		acordar de madrugada, voltar e tem a lavagem de
58		panela, e o cadete vai fazer a barba e tem que ter
59		água na caixa d'água dele lá. Né? ele vai, ele tem uma
60		latrina pronta pra ele, mas alguém cavou.
61	D	Sei
62	M	Né? Ele tem a barraca, mas o instrutor chega lá, ele
63		tem a barraca pronta, ele não faz nada, isso é tudo o
64		pelotão auxiliar que faz. Até acho interessante que
65		seja, realmente um tenente que já passou por isso,
66		pelo lado de instrutor, [já sabe o que preci:sa
67	D	[é é você já passou por toda a
68		experiência
69	M	Exatamente. Pó () você começa a ter uma visão
70		logística gigantesca. Só que assim, eu não sou
71		logístico, eu sou de infantaria, eu gosto da da da
72		atividade, do outro lado, né? da instrução, né?
73	D	E isso você faz aqui?
74	M	Exatamente. Então ano passado? A minha, pó eu, eu
75		verificava: telhado do curso pra ver se tava nascendo
76		capim no telhado, que, dá infiltração, eu via caixa de
77		esgoto, eu preparava: os almoços, né? a fachina do
78		curso. Se tinha um vidro quebrado, uma maçaneta
79		quebrada. Sabe? Eu era serviços gerais, eu era o faz-
80		tudo, [o severino. O quebra-galho
81	D	[Humhum humhum
82	M	Então eu tinha que gerenciar tudo isso aí. e: pó,
83		lógico, >fazia da melhor maneira possível<, mas,
84		assim, não, não é aquilo que eu acho que eu acho que eu
85		acho que eu me preparei? Pra fazer. Eu acho que não é
86		a função melhor pra um tenente que se especializou,
87		fez o curso de guerra na selva, né? pó, eu, buscando
88		fazer o curso de paraquedista, consegui vir pra cá, a
89		minha idéia era justamente, voltar pro meu metier, pro
90		que eu gosto, pr'aquilo que eu acho, né? que eu faço
91		melhor, né? pr'aquilo que eu sou destinado. Eu recebo
92		pra fazer isso. ser um oficial de infantaria
93		combatente. Aí, é: com a oportunidade de fazer o
94		curso, né? eu acabei vindo pra cá? Né? casei e tudo,
95		né? o interesse de fazer o curso com a possibilidade
96		de ter a minha nomeação, de ser transferido,
97		movimentado. Já cheguei aqui: e tive a grata, a grata
98		satisfação do comandante do batalhão ter me designado
99		"ó, você vão comandar a companhia, comandar a
100		segunda", é: eu gosto de trabalhar com recruta, mas
101		aqui me deram uma companhia de antigo, mas também, pó,
102		não tem problema... pó, acho que eu to me saindo muito
103		bem na função.
104	D	Humhum
00:18:55 – 00:21:00		
1	M	Eu não me vejo, aqui no rio de janeiro, servindo em um

2		lugar que não o vinte e seis.
3	D	Isso. me fala sobre isso.
4	M	Eu não me vejo no vinte e cinco, eu não me vejo no
5		vinte e sete, não em vejo em outro lugar. Muito menos
6		num batalhão pé de cão ((referência ao coturno preto
7		usado por batalhões não paraquedistas))
8	D	Você se identifica COM o [vinte e seis
9	M	[Com o vinte e seis. O vinte
10		e seis, ele te:m , ele tem uma mística, aqui dentro da
11		brigada. né? que é diferente da: assim tem as
12		místicas, né? tem a brigada dentro do rio de janeiro
13	D	Certo
14	M	Aí, dentro da brigada? ((risos)) tem? o vinte e seis.
15	D	Humhum
16	M	Que é >vamos dizer assim< o batalhão que é: é >vamos
17		dizer assim< mais operaciona:l, né? e realmente, é:
18	D	De pronto emprego. É um batalhão de [pronto emprego.
19	M	[isso. a gente
20		aqui
21	D	[Que em princípio
22		ta todo mundo ↑pronto pra ser empregado, em algu- em
23		alguma missão
24	M	A gente sabe que na bucha na bucha, a gente não tem
25		cem por cento de disponibilidade, a gente sabe que não
26		é assim. né? dentro da realidade a gente sabe que ,
27		pó, não é o ideal, mas a gente faz a química que seja.
28		E eu gosto, justamente desse desafio de? De tentar
29		fazer o: >pelo menos na minha companhia, né?< na
30		companhia que eu comando, fazer ela ser o máximo
31		possível, pronto emprego. Então é: adestramento, é o
32		treinamento físico, é o próprio: o valor moral do
33		solda:do, né? a gente tenta sempre trabalhar assim,
34		né? aí esse valor moral né? é um, é um cabedal de de
35		atributos da área afetiva que têm que ser trabalhados,
36		né? e, pó, () muito, eu hoje vejo a importância de
37		um tenente pra apoiar, um capitão dentro de uma
38		companhia. Pó. É essencial que o comandante de pelotão
39		seja um camarada também, chivunca:do ((com muita
40		garra)), que tenha, pó, iniciativa, que tenha
41		vonta:de. É o que a gente fala. Oficial e sargento,
42		ele sempre ta dando exemplo. Ou bom, ou mal. Mas ele
43		[↑sempre tpa dando exemplo
44	D	[é. ele ta sempre dando o exemplo. [Estão todos
45		olhando, né?
46	M	[↑não tem jeito,
47		pó. A gente: é procedimento do dia-a-dia, é a
48		presença, assiduidade, né né, de ↑estar num
49		treinamento físico, de de ↑ta na instrução, de pó, o
50		tenente entrar dentro da reserva de armamento,
51		conferir o armamento, ver a manutenção como é que ta.
52		Tomar, "aqui ó, to devolvendo o armamento", "quero ver
53		a manutenção" e tal. É a ação de comando dele tirando
54		serviço de oficial de dia, tudo isso é importante pra
55		que, pra que o próprio soldado dele se identifique
56		primeiramente com o tenente, né?
57	D	Humhum
58	M	E, em segunda instância, com o capitão. Eu acho que
59		até assim, né? na na companhia eu, eu roubo um pouco a
60		cena do tenente.
61	D	Ah?

62	M		((risos)) eu ainda: eu ainda quero ser um pouco
63			tenente, né? então vamos dizer assim, eu ainda faço
64			essas coisas de tenente que, é >vamos dizer assim<
65			muita coisa o capitão ele: ele perde um pouco o
66			contato com a tropa.

00:22:07 - 00:26:00

1	D		Falando um pouco assim, desses idéia:s, desse. Desse
2			lado, ah, psicológico que tem que ser desenvolvido e
3			trabalhado aqui. sobre agressividade no combate. Você
4			já teve oportunidade de viver alguma situação onde
5			você teve que evidenciar isso? onde seus homens
6			tiveram que evidenciar isso?
7	M		É, tive aqui, tive na selva. Na academia nem tanto,
8			mas. Na academia é interessante porque nas pequenas
9			coisas a gente faz o trab- a gente faz isso acontecer,
10			né? a gente às vezes até provoca uma situação pra
11			que, a gente tem essa: essa capacidade de de fazer esse
12			laboratório lá. E evidenciar pro cadete ver. Até
13			porque é importante pra ele, faz parte da formação.
14			Mas aqui assim, mais as operações mesmo. hum, por
15			exemplo, no início do ano a gente foi pra uma operação
16			em macaé. No assalto aero-terrestre. E: era a minha
17			companhia que tava. Então era: a minha companhia que
18			tava fazendo () do batalhão, (). >vamos dizer
19			assim< tava o coronel junto, né? o comandante do
20			batalhão, o estado maior, mas, as outras companhias
21			eram figuradas. No terreno mesmo só tinha a minha. Mas
22			independente de ter a minha a gente tinha
23			recompletamente, tinha soldado da outra companhi:a.
24			pó, aí a gente, quebra aquele negócio da unicidade do
25			comando, né? integridade tá:tica, né, daquele
26			conhecimento to comandante com a tropa, a interação. A
27			gente quebra muito isso quando a gente é: arruma
28			recompletamente. É a pior situação pra gente. Mas, eu
29			era o comandante de qualquer maneira, então,
30			independente de de qual é a origem do soldado, eu tava
31			comandando. Mas, o soldado, ele se identifica com o
32			comandante, é: através do exemplo també. Então, por
33			exemplo. Na marcha? A gente ó, a gente primeiro fez o
34			salto, né. no salto o soldado observa se a sua mochila
35			ta pesada ou não.
36	D		Hum
37	M		Se a gente se equipa direito com o pára-quedas ou não.
38			eles ficam olhando. Eles observam isso o tempo todo.
39			Ele vê se o meu fuzil ta com com a ancoragem correta
40			do: pro salto, se eu to usando a proteção pra pra
41			armamento. Eles olham isso, eles olham se o nosso
42			capacete ta ajustado. ELES OLHAM. Eles olham. E se a
43			gente apresentar erros, eles depois >vamos dizer
44			assim< se não gostarem da gente eles vão dizer "ah,
45			mas o capitão é lixão" ou então, não "pô, o capitão é
46			padrão"
47	D		Humhum
48	M		Ou então simplesmente se a gente não deixar=
49	D		=São exemplo de qualquer forma=
50	M		=A gente é sempre o exemplo. A gente não pode deixa:r,
51			é: FURO? Pra deixar margem a falarem, né? da gente.
52			Porque a gente tem uma moral porque a gente COBRA. A
53			gente EU? Como comandante eu tenho que cobrar TUDO

54			deles. TUDO. É o capacete ajustado, não sei que.
55			então, o dia que eu der furo nisso, aí: o dia que eu
56			cobrar eu vou ta sem moral pra cobrar
57	D		Humhum
58	M		E eu acredito que: pra cobrar a gente tem que: é muito
59			importante, a gente: ter essa: esse ↑respaldo pra
60			fazer as cobranças. Então a gente tem que cobrar da
61			gente pra que os outros não tenham que cobrar. Né?
62			então assim, você vai executar a marcha, ele vê se a
63			mochila da gente ta pesada, se o capitão ta tomando
64			água ou não, vê se eu to cansando ou não, a gente olha
65			pra trás, "bóra soldado. Vamos lá ou ta com medo?". Aí
66			ele fica naquela né, pô, ((rindo)) aí o soldado vai
67			saindo "pó, quando eu tinha a tua idade? Viu soldado?"
68			aí o soldado fica "pó, o capitão é bem mais velho que
69			eu, né?"
70	D		Humhum é ele [tem que fazer né?
71	M		[“ele ta ali ainda, não, eu tenho que ir
72			também, pó”. Então vai indo né? e: pó isso é: isso é
73			muito bom assim. a gente estar, estar à frente. E eles
74			confiam na gente assim, de uma maneira: é: confiam
75			cegamente, mesmo. Se a gente falar “não pessoal, é
76			↑por aqui que tem que ir” pó, como foi lá, né?
77			((risos)) a gente falava “é por aqui” pó a gente
78			entrando no negócio lá, a água até, o camarada foi até
79			o: água até acima do capacete de água
80	D		Sei
81	M		Né? passando dentro de uns valões gigantes lá e pó “é
82			por aqui” o pessoal “é por aqui”
83	D		É por ali mesmo, [na confiança
84	M		[se o capitão e o tenente disser “é
85			por aqui” eles confiam e vão naquela direção ali
86			cegamente. É: então isso a gente desenvolve a partir
87			da LÓGICO né? isso tudo a partir de um trabalho
88			anterior, do camarada confiar na ge:nte né? nesse
89			sentido.

00:26:00 – 00:28:15 - 00:47:00 - 00:53:00

1	D		E sobre: “ser paraquedista e experimentar o sentimento
2			mais profundo de nacionalidade” isso ta presente, você
3			percebe isso? isso é assim, tem tempo pra pra isso,
4			pra pensar nisso? Ou pra construir sentido em cima das
5			coisas que você vive? Ah ah tendo como ba:se aí, como
6			ideal “ser brasileiro, estar à frente de um país,
7			representando, contribuindo de alguma forma?
8	M		Humhum. É eu acho que, assim, dentro dá: da minha
9			função de comandante de companhia, eu muitas vezes eu
10			converso com eles é: sobre: esse ano acho que foi a
11			vez que eu menos conversei. Quando eu era comandante
12			de pelotão eu conversava mais. Acho que é até uma
13			coisa que eu posso melhorar pra pra o próximo comando
14			meu. Mas é: aquele negócio que eu falo da falta de
15			contato com a tropa. acho que até, analisando aqui
16			agora eu poderia ter feito mais. Mas, não acabou o ano
17			ainda. Então a gente conversa muito assim sobre: é o
18			papel deles depois que eles saírem daqui.eu acho que é
19			aí que entra a entra isso aí. é: pra que eles aprendam
20			né? os exemplos que eles vêm aqui de:ntro, né? os
21			exemplos certos e os errados, né? não repetir os

22		errados, "façam o que é correto"
23	D	Humhum
24	M	Né? eles terem isso, pra: pra ↑vida deles. Aí a gente dá orientações aí como, né? aquela orientação que às vezes muito muitas vezes ↑falta o pai. Às vezes o pai, em casa, não tem pai. Né? que é: uma coisa normal. então vive com o padrasto, vive com a avó. Pai desconhecido, não declarado. É uma coisa normal que
30	D	Sei
31	M	Casal separado simplesmente, assim, quem tem família: completa aqui, soldado? Acho que não chega a dez por cento. Família aquela padrão né? pai, mãe, morando na mesma residência? É muito difícil, não é uma coisa normal. então a gente assume um pouco essa função de de orientador social, né? de de como tem que procede:r, com a namora:da, que não pode ter filho, que depois vai ter que alimentar, coisa e tal. Pó vai ta apertado de dinheiro
40	D	((seu turno é interrompido por minha pergunta)) Falando de namorada, uma coisa que eu sempre escutei, que eu vejo e que já me falaram também, é que o soldado paraquedista, ele tem, muita fama com as mulheres.
45	M	((ao final da entrevista, aos 00:47:00 o Cap Marcos Almeida retoma o assunto sobre 'sentimento de nacionalidade, que julgou não ter sido claro o bastante)) olha só, sobre a nacionalidade que você falou, [eu fiquei com a pulga atrás da orelha
50	D	[ah sim
51	M	[Eu não falei de nacionalidade. Então vamos lá, a gente conversa isso com o soldado, né? a gente fala sobre: tropas de outros paí:sés, e tal né? isso a gente tem muita referência em cima do americano que? é um a a ↑maior >não digo a melhor< mas a maior máquina de guerra que existe hoje, então a gente tem que: é tomar algumas referências em cima deles. Lógico que a gente fala de de outros exércitos também, a gente pesquisa na interne:t pra falar e pra comparar, né? o nosso com o deles. Logicamente que nós somos o: >vamos dizer< o primo pobre nessas comparações né? que: pó, falta aerona:ve, pó a gente tem uma falta de uma deficiência de material muito grande aqui de:ntro. O exército não entende, que o nosso material deprecia mais rapidame:nte. A gente USA muito mais, aí o material perde, desgasta, rasga, acaba, né? a gente precisava ter uma uma atenção maior na. Mas quando o pessoal de fora vem aqui e fala que a gente ta bem com que a gente tem, que aí fora ta pior, então ((risos)) dão essa desculpa pra gente, então até acredito que eles estejam piores do que a gente.
72	D	Hum?
73	M	Mas, enfim, não é não é aquilo que a tropa paraquedista merece. Que precisa. Mas mesmo assim a gente fala que o valor do nosso soldado, do soldado brasileiro, né: o grande discurso nosso aqui é, o nosso ↑valor do nosso exército está nos ↑homens... material a gente, a gente fala que: a gente sabe que: num esforço de guerra o material aparece. Aparece do nada. Quando tem um sanhaço nacional a coisa aparece. Dinheiro aparece, tudo aparece. A gente sabe que tem só que é direcionado pra outros lados. Logicamente que

83		pó, a tropa paraquedista () se você conhecer aqui o
84		() você não vai acreditar que uma tropa de elite
85		viva naquelas instalações. Acho um ↑absurdo que é pior
86		que qualquer instalação de qualquer unidade ((risos))
87		que eu vejo por ai. Sabe , é muito abaixo do que: pó,
88		do que um soldado, independente de: ser recruta,
89		antigo, pé preta nan nam
90	D	Humhum
91	M	↑não merece, assim aquele tipo de instalação. E:
92		assim, o que vale pra gente é o valor do soldado... é
93		o soldado cumprir missão, é ele não se entregar, é ele
94		mesmo na dificuldade, ele combater e tal. A gente fala
95		que pó isso aí, o soldado brasileiro, pra pessoa não
96		desistir e tal, aí tem aquele, brasileiro ()
97	D	Humhum
98	M	ISSO É IMPORTANTE. Isso é importante porque a gente:
99		é: vamos dizer assim, faz parte dessa mística do do
100		soldado pqd, porque às vezes, final do ano agora, tem
101		um pessoal que vai saltar na argentina, vai lá ganhar
102		o brevê do pqd argentino
103	D	Sei
104	M	Aí vem o pessoal deles pra fazer adestramento aqui e
105		ganha o pqd brasileiro, também. Então >vamos dizer
106		assim< tem um pequeno contato de uma pequena parcela,
107		de, contato com com pqd de fora
108	D	Certo
109	M	Lógico, que o pqd argentino, também não tem grandes
110		coisas igual a gente né... todo mundo é farinha do
111		mesmo saco. Mas assim eles, eles se sentem assim no
112		frente do pqd de outro país, eles, não
113	D	[Ah entendi.
114	M	[Ele, que ele é ↑brasileiro
115	D	[No momento que ela ta ↑fora ali daquele ambiente
116		dele=
117	M	=ele sabe, por mais que ele passe o dia inteiro
118		reclamando disso, de que "pó, a comida do rancho não é
119		boa" que não sei que, eles sabem que quando a gente
120		não vai pra uma operação é que não tem gasolina, tem
121		segunda que não tem comida, eles ↑sabem disso. Não é
122		escondido isso dele não. eles sabem que isso é real
123		mesmo. Ta acontecendo. Mas, eles têm aquela satisfação
124		de pó, quando a gente puxa pelas raízes deles assim,
125		pó "o soldado brasileiro, o soldado, não sei que" pó,
126		aí eles já, né? pó eu tive contato com soldados de
127		outros países já na amazônia, pessoal da () pessoal
128		do exército peruano. Né? no meu guerra na selva eu
129		fiz com tinha americano, mexicano, francês, tinha tudo
130		quanto era gente lá. Ei tinha nove estrangeiros no meu
131		curso. Aí a gente conta as experiências aqui, até pra
132		eles se motivarem né? que o soldado brasileiro É
133		diferente, TEM uma capacidade de: de >vamos dizer
134		assim< como é que o americano, ele tem todos os
135		materiais pra fazer as coisas, como é que a gente não
136		tem e faz as mesmas coisas? porque a gente se vira, a
137		gente dá um jeito, a gente consegue, a gente tem
138		iniciativa,tem criatividade, tem vontade de fazer. E
139		eles, eles é assimilam isso. que a gente pó, tem
140		essa capacidade. Quando a gente fala "se vira negão",
141		então "se vira nos trinta", ou então "enquanto o mundo
142		gira o pqd se vira", manda ele fazer um negócio, paga

143		uma missão à garcia, "ó, se vira, negão, vai arrumar esse negócio"
144	D	Humhum
145	M	E ele se vira e dão o jeito deles. A gente fala "não
146		falei que você ia conseguir? Eu sabia que tu era
147		capaz". Ai ele pó, ele assimila que ele tem capacidade
148		de de fazer o impossível, de fazer aquilo que parece
149		que não vai conseguir mas por ele ser brasile:iro, às
150		vezes a gente puxa pro lado de, não, porque ele é pqd,
151		né? muito menos porque ele é brasileiro. Mas tem
152	D	Humhum
153	M	Mas tem oportunidade que a gente compara isso. a gente
154		compara, com o exército de outros países. A gente fala
155	D	E isso vai sendo nutrido nele e também no oficial
156		também né?
157	M	é

ANEXO 5

Transcrição da entrevista com Capitão Vagner

D = Cap Daniela

V = Cap Vagner

00:03:05 – 00:06:31

((eu inicio a entrevista observando os brevês que o Cap Vagner traz em sua farda: pára-queda, mestre de salto, caçador, educação física))

1	V		eu estou bem satisfeito assim. não pretendo mais fazer
2			curso de especialização. o ano que vem eu tô indo ser
3			instrutor do do curso de educação física e o máximo
4			que eu queria fazer era lá: era uma pós-graduação e um
5			mestrado na área de educação física
6	D		humhum
7	V		pra estar mais adequado com a minha área de tiro, né?
8	D		sei
9	V		de tiro desportivo
10	D		e tem muitos estudos né? tem lá o ipcfex ((Instituto
11			de Pesquisa e Capacitação Física do Exército))
12	V		ipcfex, é. e eu vou ser instrutor de tiro da escola de
13			educação física.
14	D		ah bacana
15	V		da parte desportiva
16	D		humhum
17	V		o próximo curso que eu pretendo fazer agora, já que eu
18			já tô assim com uma certa idade. agora, são os cursos,
19			voltados para a área de ensino, né?
20	D		certo
21	V		tô querendo fazer o mestrado ou a pós, o ano que vem
22	D		humhum
23	V		começar de novo.
24	D		e você quer fazer em que? você pensa em que?
25	V		eu quero fazer em em em na educação física.
26	D		dentro da área de educação física
27	V		eu já tenho até mais ou menos o tema de monografi:a,
28			já tá acertado com...
29	D		e sempre com essa parte de de de da [preparação
30			fí:sica?
31	V		[da preparação
32			física voltada pro pro rendimento do tiro
33	D		ah sim?
34	V		minha carreira toda eu tô voltando, eu tô focando pra
35			isso. todos os estudos que eu fiz, até a a própria::
36			monografia de término de curso da de da esefex
37			((Escola de Educação Física do Exército)), eu fiz é:
38			sobre é: exercício isométrico pra diminuição do arco
39			de movimento
40	D		humhum
41	V		do tiro, do tiro esportivo e de combate
42	D		sei
43	V		é: a minha tese de monografia da esao ((Escola de
44			Aperfeiçoamento de Oficiais)) foi caçador no combate:,
45			no combate regular.
46	D		humhum
47	V		aí foi uma especialização que eu tive a oportunidade
48			de fazer na aman ((Academia Militar das Agulhas

49			Negras)). consegui me formar caçador e agora tô trabalhando, tô gostando muito e trabalhando nessa área.
50			
51			
52	D		sei. então a questão do ↑tiro, tá sempre muito próxima...
53			
54	V		é
55	D		da questão é é da atividade fí:sica, e do comba:te. como é que você vê junto, tiro e pára-queda?
56			
57	V		bom, eu acho que: é é o tiro é tão importante pra tropa pára-quadista, >ou pra qualquer tropa<, né? só que aqui é visto com muito ma::is importância? porque a tropa pára-quadista ela tá normalmente em em muito mais próximo a atuações reais
58			
59			
60			
61			
62	D		hum hum
63	V		então aí a gente:, aqui na brigada é um costume da gente dar ↑muita importância ao treinamento de tiro. então é o local adequado aonde eu aonde eu eu ↑me encontrei, pra eu conseguir trabalhar ↑nessa área
64			
65			
66			
67	D		e você, trabalhou nessa área aqui? você teve a oportunidade?
68			
69	V		é. em dois mil e cinco eu eu desenvolvi o estágio de atirador de skol do vinte e cinco
70			
71	D		hum hum
72	V		que a gente preparava os cabos, é é estabilizados pra atirar com fal ((fuzil automático leve)) com luneta, e até tiveram bastante sucesso na na na providê:ncia ((refere-se ao Morro da Providência no Rio de Janeiro)), naquela operação abafa.
73			
74			
75			
76			
77	D		humhum
78	V		esse ano eu tô trabalhando ↑com a equipe de caçadores e até mobiliando, agora no chapéu mangueira, com atuação real, e, e e pesquisando nessa área assim tentando, me aprofundar.
79			
80			
81			
82	D		bacana
83	V		e no final do ano ↑talvez, é, me me dobrem de função né? eu vou ficar de professor de educação física na escola e aqui no stand de tiro no panamericano.
84			
85			
86	D		sei
87	V		então, e lá vai ter a escola de caçador, então eu tô me animando por isso, né? é chato por tá longe da praia [mas eu vou estar perto do caçadores
88			
89			
90	D		[humhum
91	V		tá bom pra caramba ((risos))
92	D		((risos))

00:22:12 – 00:24:52

protejendo alguém, isso é TUDO pra gente né? é o que torna a gente mais ↑útil

1	V		as fotos da de das atividades da briga:da e as fotos reais também, que eu gosto muito de recordar, assim, ah, as missões, [as missões que nós
2			
3			
4	D		[ah, então? >eu ia te perguntar disso<
5			as missões reais que você: já participou, é, podia me falar de alguma? Situação [que você viveu?
6			
7	V		[ah, a operação paraopebas,
8			que nós fomos pra lá pra pra: fazer um cerco da cidade de paraopebas, que o movimento dos sem-terra tava indo lá uma operação presença de grande vu:lto
9			
10			

11	D		o que você vivenciou lá que te marcou?
12	V		não, eu fui, [é de você é de você
13	D		[qual foi sua função lá?
14	V		eu tava comandando, eu fui pra ser o oficial de
15			comunicações do batalhão e acabei que: teve uma chuva
16			no dia, nós não conseguimos () pelo batalhão, e eu
17			acabei sendo o comandante de uma de um dos pelotões
18	D		sei
19	V		eu era tenente na época. aí acho que é essa, é você
20			realmente se sentir útil, você ver que o soldado ↑tá
21			com munição real, você vê que você ↑tá fazendo uma
22			coisa pra sociedade, você ↑tá barrando, protegendo
23			alguém, isso é TUDO pra gente né?
24	D		aí vem a recompensa? o sentimento de recompensa é aí?
25	V		BASTANTE. [é aí, TÁ AÍ
26	D		[nesses momentos?
27	V		é, é o que: eu não tenho lá fora, assim. eu não
28			consegui achar isso, não eu consegui, como instrutor
29			da aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) eu não
30			consegui achar ta:nto isso como tem aqui, essas
31			emoções
32	D		sei

1	V		a recompensa aqui ela: ela acontece muito mais, tipo:
2			chapéu mangueira, agora, a gente foi subir pra fazer a
3			proteção da da ladeira do é:me. Então,
4	D		quando foi essa operação do chapéu mangueira?
5	V		não, sei... em junho
6	D		desse ano?
7	V		foi
8	D		e aí? Qual foi tua função nessa operação?
9	V		foi, eu fui como caçador ((atirador de elite)), eu
10			passei em apoio ao bg, batalhão de guardas
11	D		sei
12	V		que eles tavam "né?"
13	D		hum?
14	V		teve uma situação e a gente passou à disposição de lá,
15	D		humhum
16	V		então isso é muito gratificante, assim. essas
17			situações são muito, gratificantes, eu gosto demais
18			assim
19	D		sei
20	V		acho que a razão pra você, estar treinando os soldados
21			é essa, são esses momentos
22	D		humhum
23	V		é o que torna a gente mais ↑útil.
24	D		certo
25			

00:24:55 – 00:27:00

1	D		então, você ta falando em ser ú:til. você percebe
2			ne:ssa, nessa sua profissão, você experimenta <o
3			sentimento profundo de nacionalidade? nesse, desse
4			jeito que você tá falando?
5	V		eu acho [que qualquer
6	D		[você se sente na frente do seu país, de

7			alguma forma?
8	V		eu acho que qualquer um que que que é capaz de dar a
9			vida, pela sua: pelo seu país né? que jura a bandeira,
10			eu acho que ↑sente isso. e ele, só que alguns só
11			conseguem, é: sentir? as conseqüências desse
12			juramento, quando eles são, quando a vida deles
13			realmente, é colocada em risco né?
14	D		humhum
15	V		e eu acho que, a atividade aeroterrestre ajuda isso
16			também né? porque você é é constantemente ta botando
17			sua vida em risco.
18	D		quando você jurou a bandeira que é "defenderei com a
19			[sacrifício da própria vida"
20	V		[É: da própria vida e:
21	D		você percebe isso sempre [nas atividades suas?diárias?
22	V		[SEMPRE, sempre. é, por que?
23			pela atividade aeroterrestre ser real. pela pela nossa
24			disponibilidade de ser acionado a qualquer momento
25			aqui no vinte e seis. é, eu nem sentia ↑tanto, é, no
26			vinte e cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso
27			AQUI. porque aqui realmente o batalhão tá todo pronto.
28			em quarenta e oito horas a gente tá partindo. então, é
29			é aqui é muito ma:is, até , muito mais evidente do que
30			no vinte e cinco que que o vinte e cinco tem uma uma ,
31			ele é mais vocacionado pra parte de formação de
32			soldados
33	D		Formação
34	V		que é uma coisa histórica, né? agora todos os
35			batalhões tem a mesma quantidade de soldados, mas
36			historicamente o vinte e cinco era de formação, o
37			vinte e seis era: eram TODOS profissionais e o vinte e
38			sete é aquele meio termo

00:33:30 – 00:38:35 A sorte acompanha os audazes

1	V		nós temos <um jeito>, de fazer a coisa. que é? ...
2			resolvendo a situação na primeira hora que que que
3			possa resolver.
4	D		Humhum
5	V		e partindo pra cima. como? dentro daquela: pô, o salto
6			é isso. o salto é o movimento vertical. você você não
7			tem se envolver,
8	D		Hum
9	V		vindo de cima, então é uma coisa agressiva, uma coisa
10			que vai direto ao ponto. as os outros tipos de
11			manobra? são manobras i:ndiretas e vão chega:ndo. a
12			nossa NÃO, já: pega todo mundo, embarca, lança lá no
13			país inimigo e dane-se. a partir daí você que se vire
14			pra viver. então essa personalidade de sobrevivência?
15			é é faz parte da da mentalidade pára-quedista. e as
16			ações, as operações, que são desenvolvidas por essas
17			pessoas, com esse tipo de personalidade são
18			diferentes.
19	D		Humhum
20	V		a gente na esao ((Escola de Aperfeiçoamento de
21			Oficiais)) a gente sofre muito, assim. o pára-quedista
22			sofre muito, por você ta ali fazendo operações é é,
23			planejamentos pouco agressivos e você viveu a vida
24			toda, fazendo planejamentos ... quase que suicidas,
25			assim

26	D		Sei
27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.
33	D		é, é, porque o [risco é eminente, né?
34	V		[eu acho, é é. você, por isso, por você
35			estar envolvido com isso, você se torna mais audaz.
36			você: conta um pouquinho mais com com a sorte, com a
37			[sorte natural
38	D		["a sorte acompanha os audazes"? isso acontece?
39	V		É, é por ai. acontece. é exatamente isso. "a sorte
40			acompanha ou audazes" por que? você consegue ousar um
41			pouco mais, e realmente ah ah a diferença entre o
42			herói e o idiota tá na no nível de ousadia deles. só o
43			o audaz consegue ser herói ou idiota. que o outro vai
44			ser mediano pro resto da vida.
45	D		Sei
46	V		né? então é aquele negócio. às vezes pode até
47			acontecer de uma de uma operação mal sucedida você
48			virar o idiota. mas só o audaz conseguiria isso.
49	D		Humhum
50	V		o cara que é o ramibola ali, o mediano? ele nunca vai
51			conseguir, ser o herói.
52	D		sem ousar ele não vai conseguir
53	V		então é mais ou menos esse espírito. e é o espírito
54			que, que é o que envolve a mística pára-queda. que
55			é desenvolvido pela atividade aeroterrestre, que é
56			cultuado na brigada.
57	D		a imagem do herói tá cercando isso? você citou o
58			herói. o que é o herói pra você? você tem algum
59			exemplo?
60	V		o herói é o audaz pra mim. o herói é o audaz bem
61			sucedido...
62	D		é um acaso?
63	V		é né? "tudo na vida é um acaso", né?
64	D		hum?
65	V		Tudo
66	D		é sorte? Ser herói é sorte? ["a sorte acompanha os
67			audazes"?
68	V		[não não. eu acredito que
69			a sorte? nada mais é que o encontro do preparo com a
70			oportunidade. né? então você nunca consegue se:r, se
71			você for audaz, e incapaz? você sempre vai ser um
72			idiota.
73	D		Humhum
74	V		se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à
75			oportunidade de ser um herói? você vai ser um herói.
76			você, até você aumenta a sua: probabilidade de ser um
77			herói.
78	D		por exemplo, aqui na brigada vocês usam ↑muito aquela
79			farda que foi apelidada de eterno herói. ainda tem
80			isso? ainda é isso? é aquela [como se fosse o terceiro
81			d um, só que é co:m
82	V		[é. tem tem. é que é o
83			homem bala do pé preto e a gente é o eterno herói. mas
84			o eterno herói? é é faz parte da ↑mística. faz parte

85			das do culto às nossas tradições. mas não que a gente
86			se ache um eterno herói. Não
87	D		Humhum
88	V		é porque [a nossa
89	D		[é um apelido que deram pra farda, né? mas
90			esse herói ta por traz de alguma forma, [a figura do
91			herói.
92	V		[com certeza.
93			a figura do herói, é é o que , o eterno heró:i, esse
94			culto ao heroísmo, esse culto a a você tentar sempre
95			dar o melhor e dar o algo a mais. o próprio lema do
96			batalhão é o chivunk. o chivunk o que que é? quando
97			chega no final você ainda tem o chivunk, o algo a mais
98			pra você dar. então o culto a isso tudo? é é é o que
99			faz o que que sustenta a mística, né?
100	D		Humhum
101	V		que é aquele negócio que o pessoal fala, "é fácil
102			colocar a marra, é fácil você achar que você é o
103			herói, mas difícil é sustentar essa
104	D		Mostrar que é
105	V		é, então, então, isso tudo é o que faz a gente
106			treina:r, que faz a gente se preparar realmente com
107			com o comba:te,então
108	D		Humhum
109	V		isso que vai moldando a a a personalidade mesmo né? da
110			do militar

00:48:00 – 00:51:00

((Cap Vagner introduz espontaneamente o assunto da oração do pára-quedista))

1	V		tem a oração do pára-quedista, que:
2	D		ah, então hoje eu já conversei sobre a oração com o
3			coronel e com o major, né?
4	V		Humhum
5	D		é: "senhor" né? "senhor" ["daí-me senhor meu deus o
6			que vos resta, aquilo que ninguém mais vos pede..."
7	V		["daí-me senhor meu deus o
8			que vos resta"
9	D		"não vos peço"
10	V		"nem o repouso nem a tranqüilidade"
11	D		"nem o repouso nem a tranqüilidade"
12	V		isso, isso
13	D		então, o que você podia falar sobre isso. isso foi um
14			ponto que eu levantei nas outras falas
15	V		isso, isso é um, é o que retrata. eu acho que isso tem
16			uma influência muito grande, assim, dentro
17	D		em que momento essa oração é entoada?
18	V		em todo, em todo o momento. toda formatura importante
19			ela é entoada
20	D		sei. é?
21	V		isso ajuda a moldar esse espírito da tropa pára-
22			quedista. porque realmente é, mexe é: um pouco mais
23			com a emoção, né?
24	D		e é uma coisa
25	V		por você estar entoando a religiosidade
26	D		tá chamando a religiosidade
27	V		você, você unindo a religiosidade ao a palavras do
28			combate? Você consegue: é: você consegue mexer mais
29			com a emoção e consegue gravar
30	D		que aparentemente é contraditório, não é? você acabou

31			de falar, "chamar a religiosidade e o combate". parece
32			contraditório. como parece contraditório=
33	V		=se você vir no ah, não foi no príncipe não, foi na
34			arte da guerra, mas escrito por maquiavel.
35	D		Sei
36	V		ele fala assim, ele é: diz que <não existe pessoa mais
37			religiosa, do que os militares>. porque é: <não existe
38			pessoa mais religiosa é: que é: do que o militar
39			porque ele se expõe tanto ao perigo que ele ta muito
40			mais próximo a deus que qualquer um. Então é aquele
41			negócio, todas as vezes que eu orei assim =
42	D		= é porque ele tá mais próximo da morte também? morte
43			e deus também tá perto?
44	V		É. não porque, pode ver, a hora que você vai rezar,
45			com, que você sabe que a reza vem lá do coração
46			realmente é quando você ta na "merda". tipo, numa
47			igreja, todo mundo falando, não sei que, você você não
48			reza assim com com a fé, com a fé. você reza pra você
49			subir o morro e voltar vivo. é diferente.

ANEXO 7

Transcrição da entrevista com Tenente Coronel Ermínio

MD – Maj Daniela

CE – TC Ermínio

00:11:09 - 00:20:30

1	MD	é: nessas missões que o senhor teve oportunidade de ir
2		e no dia-a-dia no quartel, o que o senhor poderia me
3		contar sobre é:: agressividade no combate, sobre
4		experimentar o sentimento mais profundo de
5		nacionalidade, sobre espírito de sacrificio, ahh o
6		espírito de corpo, companheirismo... eu tenho
7		percebido isso no discurso das pessoas com quem eu
8		tenho conversado e também nos documentos que eu tenho
9		lido... quer dizer, não tá só no papel, eu tenho visto
10		na fala das pessoas também =
11	CE	= é, bacana isso. é: eu vou resumir isso tudo que você
12		falou numa operação. então o ano passado, em março,
13		início de março, eu assumi o 26 em janeiro. um mês
14		após, nós estávamos sendo empregados naquela operação
15		para recuperar armamento que foi subtraído do ECT =
16	MD	= certo
17	CE	operação abafa. então nós inicialmente fomos para o
18		complexo do alemão, que é um ambiente:: >bastante
19		difícil<. e foi pra lá que o 26 foi. o 25 foi
20		empregado numa área mais tranqüila, um pouquinho, e o
21		27 ficou em reserva. então nós ficamos oito dias
22		↑direto, no complexo do alemão. tomamos uma
23		iniciativa. apresentamos para o comandante da brigada.
24		isso tudo discutido com o estado maior. é:: a
25		iniciativa foi a seguinte. a ordem era permanecer no
26		asfalto, e nós visualizamos ali, numa parte plana da
27		favela, uma operaçãozinha somente de vasculhamento nas
28		vias públicas, pra testarmos o ↑comando e controle.
29	MD	hum
30	CE	e o soldado se sentir ... seguro... entrando numa
31		favela...é:: então foi planejada essa operação e já
32		isso o S3, oficial de operações planejando, essa que
33		seria uma operação futura. pra execução, o ajunto
34		dele, do oficial de operações, é que ficou
35		responsável. e aí o E3 passou a planejar em outra área
36		que nós verificamos que era uma rua ↑muito
37		importa:nte, com algumas retençõ:es =
38	MD	=hum
39	CE	(trilha), essa coisa toda ... e então eu já pude
40		observar ali já no estado maior que eu mal conhecia,
41		havia apenas um mês, né, de batalhão ... e eles tinham
42		esse espírito de: de: é de ↑GRUPO >trabalhar em grupo<
43		eles tinham... bastante MOTIVADOS, muito embora,
44		estivessem ali numa missão um pouco complicada, era um
45		ponto de honra para o exército recuperar o armamento,
46		então... é: a ↑TROPA estava muito ansiosa em
47	MD	[cumprir a missão?
48	CE	[em TER SUCESSO
49	MD	hum hum
50	CE	a gente ↑VIA isso. pois bem, então, nessa outra

51		operação surgiu um informe, e eu consultei o general
52		se eu podia, >essa primeira tava autorizada< ... após
53		receber o planejamento ele autorizou. †e aí surgiu um
54		informe MUITO é QUENTE, em relação ao ... esconderijo
55		dessas armas. mas era † LÁ em cima
56	MD	certo
57	CE	[na área deles
58	MD	[tinha que subir lá em cima
59	CE	aí o general me disse, NÃ:O, essa aí você ainda não
60		planejou. eu falei JÁ sim senhor... vou mostrar. aí
61		f:ui, mostre:i, aí ele disse, ficou um pouco
62		preocupado, mas †CONFIOU, acho que no... CABEDAL de
63		conhecimento que ele sabia:: ((está falando do seu
64		próprio conhecimento tático-operacional)) eu fiz uma
65		palestra sobre o emprego lá no haiti... e também no
66		que ele já conhecia aqui do batalhão... então foi
67		confiança NA TROPA mesmo. então, resultado... ao subir
68		o complexo do alemão ô daniela, aconteceu o seguinte.
69		houve disparo da:: daquela força adversa contra a
70		tropa, um disparo ... a tropa ... não revidou...
71		seguiu as orientações... então eu tenho o seguinte
72		modus operanti, a tropa que vai ser empregada, vai pro
73		campo de futebol...eu digo pro pessoal sentar e
74		explico direitinho como é que vão ser as regras do
75		engajamento...pra que eles fiquem confiantes. †e eu
76		PERCEBI NESSE ATO, já estavam lá em cima, tinham
77		alguns usando crianças como escudo =
78	MD	= olha
79	CE	e ... dispararam, não foi possível identificar ...é:
80		esse elemento que disparou. >mas a tropa também em
81		contrapartida< não reagiu, o tiro que a gente chama
82		tiro de fração, que é o GC, o pelotão ... atirando a
83		esmo
84	MD	hum hum
85	CE	pelo risco do:: ... de haver algum efeito colateral
86		né? atingir um inocente
87	MD	hum hum
88	CE	então eu pude perceber que HÁ essa LIGAÇÃO ali do
89		sargento com os cabos e soldados ... no seu GC ... não
90		são apenas palavras ao vento. é o que acontece com
91		RISCO DE VIDA... risco né? de PERDER A VIDA ... risco
92		de morte né? que agora ta na moda
93	MD	é é
94	CE	então aí resultado...a gente fica bastante orgulhoso
95		de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista
96		já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito
97		que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe..
98		ele TEM a coragem... mas... fazer com que isso aí se
99		mantenha numa situação de ALTO RISCO ... que o
100		†complexo do alemão é FAMOSÍSSIMO, né? tem lá o
101		comando vermelho e é a base né? é onde tem a maior
102		base deles ... e foi bastante interessante verificar
103		isso aí na tropa ... o tiro pegou entre um praça e um
104		oficial ... e eles se mantiveram tranqüilos ... os
105		atiradores de skol viram ... um outro alvo ... tava
106		armado... mas tinham algumas crianças ali do lado
107		...perguntaram se poderiam atirar ... eu cheguei
108		próximo ... observei e tava um tiro de risco. então eu
109		acredito que a força adversa NÃO ofereceu resistência
110		por causa DA MONOBRA QUE NÓS FIZEMOS. fizemos uma
111		manobra interessante, com esse aprendizado todo do

112		haiti ... eu tinha muita gente o ano passado ainda
113		daquela companhia que tinha operado lá... e::: então
114		eu acho que eles ficaram ... INTIMIDADOS né? pelo que
115		a tropa fez. †o comandante da companhia de precursores
116		estava no helicóptero que eu havia solicitado pra
117		facilitar o comando e controle † a progressão,
118		coordenar ... e ele de helicóptero elogiou MUITO a
119		tropa ... que eu estava lá no chão, não tinha como
120	MD	hum hum, ele tava observando de um [outro ângulo
121	CE	[É CONTATO RÁDIO e
122		aí em determinado ponto as companhias lançavam
123		fulmígeno e eu via ... então eu sabia que eles estavam
124		em determinado ponto, agora como eles estavam fazendo
125		a progressão ele viu do helicóptero, infelizmente não
126		filmamos, eu esqueci desse detalhe, não ficou
127		registrada a imagem
128	MD	mas vai ficar registrado agora linguisticamente numa
129		tese de doutorado
130	CE	ah:: bom muito bom, ta vendo? uma oportunidade ímpar
131		essa, e::: ao retornar depois desses oito dias,
132		continuamos recebendo, tivemos descanso de um dia e
133		meio, e recebemos outras três missões, e no campo de
134		futebol ... é::: alguns me faziam algumas perguntas e
135		deu pra sentir realmente que a tropa é é muito unida,
136		por força do treinamento físico que é feito junto
137	MD	é cria um LAÇO não é?
138	CE	cria um cria cria
139	MD	Eles me falaram também nas entrevistas um outro ponto
140		que os torna ainda mais unidos é a questão de estarem
141		saltando juntos, na hora de um inspecionar o pára-
142		quedas do outro, você vai inspecionar o de alguém que
143		não ta nem vendo né? a parte do equipamento atrás e o
144		outro vai inspecionar o seu?
145	CE	[exatamente
146	MD	[você se entregar na mão do outro também
147	CE	aquí essa coisa aí é assim

00:20:35 - 00:02:20

1	MD	por tocar nesse assunto, "ele nunca tá só", eu tenho
2		percebido também nessas conversas que ... apesar desse
3		discurso tão corajoso, tão fir-, ou melhor, não
4		apesar, mas ao par desse discurso tão corajoso, tão
5		firme, existe um discurso de espiritualida:de assim
6		por trás né? inclusive, a oração do pára-quedista,
7		†daí-me senhor meu deus o que vos resta, aquilo que
8		ninguém mais vos pede ... isso, o senhor observa no
9		dia-a-dia, do batalhão, essa essa oração ela tá no
10		sangue do guerreiro aqui?, é: eles vivenciam isso?
11		existe esta questão da espiritualidade no dia-a-dia
12		deles?
13	CE	= é: como eu estou afastado dos cabos e soldados ...
14		do sargento assim, sou o comandante né? os contatos
15		que eu tenho são nos treinamentos físicos e nas
16		operações e quando eu vou verificar algum exercício,
17		alguma instrução ... então é lógico que quando o
18		comandante se aproxima eles procuram evidenciar
19		algumas coisas
20	MD	hum hum

21	CE	mas hoje mesmo eu chamei atenção pra esse o aspecto do
22		treinamento ↑físico ... como as nossas subunidades são
23		diferentes das demais ((está comparando as subunidades
24		do 26 com as de outros batalhões paraquedistas)) ,
25		então você vê nitidamente ((telefone toca, corte na
26		gravação))
27	MD	ok ((gravação é retomada)) 00:00:00 -
28	CE	então, o que:: eu chamei atenção para alguns capitães
29		que estavam treinando hoje:: comigo ali, no tfm... que
30		as companhias, você vê a vibração, às vezes eles não
31		me vêem, não vêm outros capitães, e já saem vibrando
32		e com esse... é... com esse ↑ESPÍRITO dessas palavras,
33		desses termos que são ditos na nossa oração, e é
34		mu:ito, >é da carreira militar também< que o
35		treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela
36		tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente
37		nota isso aqui. >mas é mais do pára-quedista, não é só
38		do vinte e seis<. agora, comparando, a MINHA tropa, a
39		tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a
40		gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente
41	MD	hum hum
42	CE	por esse orgulho que a gente... busca estimular no
43		dia-a-dia =
44	MD	= é, mas eles pedem a TORMENTA nessa oração, daí-me a
45		torme::nta... mas daí-me também, no final, a força ...
46		[a coragem e a fé
47	CE	[a coragem e a fé ... é ... isso é engraçado viu,
48		daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ...
49		↑>alguns viveram mesmo<
50	MD	Hum hum
51	CE	eu digo, essa missão no haiti: nós chegamos lá numa
52		situação bastante complicada ... o segundo contingente
53		estava vivendo aí uma reação muito ↑violenta das
54		gangues. houve uma fuga de trezentos bandidos de uma
55		vez só, e de março até maio quando nós retornamos pra
56		lá, março foi o reconhecimento, isso tava, realmente
57		cada patrulha que saía sofria emboscada, tiro, aí, a
58		partir do momento que a gente foi resolvendo o
59		problema, a coisa ficou mais tranquila. então ESSE
60		<pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito
61		na oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que
62		não vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre
63		exatamente o que tá sendo dito
64	MD	hum hum
65	CE	né: é o que tem que ser feito mesmo, por força dessa
66		disseminação, da tradição. ↑nós temos histórias desde
67		caxias de sucesso. e isso em algumas instruções de
68		quadro também é repassa:do, então acho que é UM TODO
69	MD	certo
70	CE	correspondendo a esse espírito

00:02:16

Texto: "A recompensa é de foro íntimo" Cel Ermínio 3

1	MD	e, assim, pensando na RECOMPENSA disso tudo? onde é
2		que ele se sente recompensado? de onde vem .. é é ...
3		porque eu penso que nenhum ser humano consegue ↑ SÓ

4		<mastigar um lado a-ze-do> e e não ter nada
5		recompensando aquilo. pô mas eu vejo que ele ↑quer
6		continuar, ele ↑tá a fim, ele quer servir aqui depois
7		como capitão, e depois ele quer voltar como major, e
8		depois e se possível ele não quer nunca sair.
9	CE	hum
10	MD	de onde que vem essa recompensa pra realimentar isso?
11	CE	é ... é o dia-a-dia né? bom, eu imagino que seja o
12		seguinte. é, a MINHA RECOMPENSA é que eu tô numa
13		função de comando... então, poxa, quanto mais exigirem
14		dele, claro. melhor vai ser essa fase aí do meu
15		comando. mas ... eu acho que a recompensa é de foro
16		íntimo. sabe, quando você conversa, e e, confessa
17		prum amigo que você superou uma dificuldade ...
18		operacional, e se sentiu bem, que estava melhor que o
19		outro companheiro do lado, etc, isso daí traz uma: um
20		ORGULHO PRÓPRIO muito grande. acho que é inerente aí::
21		ao ser humano mesmo. do meu parco conhecimento aí,
22		desse, na nossa ↑evolução? que os guerreiros contavam
23		né? como é que tinha sido o comba:te, até como tinha
24		elimina:do, como tinha né? alguém que o socorreu num
25		momento de dificuldade, e ele sentir orgulho daquilo
26		... o companheiro ter se ARRISCADO, num momento ali e
27		e ter ficado lado-a-lado
28	MD	são as glórias da vitória né?
29	CE	[É::
30	MD	acho que isso deve mexer ↑muito com com A GENTE com
31		com o ser humano mesmo
32	CE	é é, eu acho que essa coisa é meio do orgulho, de você
33		superar as dificuldades. e como aqui no vinte e seis
34		as dificuldades são maiores, daniela, que nos outros
35		batalhões, por força da QUANTIDADE de missões. a gente
36		recebe muita missão, e atualmente estamos com duas,
37		cumprindo missão pra duas brigadas, a nona brigada e a
38		pára-quedista e ainda mais nós nos mantemos na ação
39		principal da brigada. então acho que isso aí, acho que
40		nos deixa com muito orgulho. daí quando a gente sai da
41		brigada é que a gente tem noção disso aí
42	MD	sei
43	CE	porque aí:: você chega com o seu boot e o seu brevê
44		pra se apresenta::r, É DIFERE::NTE
45	MD	certo
46	CE	é diferente. os demais militares do exército, eles
47		RECONHECEM isso aí na gente.
48	MD	sim, e o senhor acha que essa MÍSTICA pára-quedista
49		realmente está materializada no brevê prateado, no
50		boot marrom e na boina bordô? isso fica estampado de
51		alguma forma ou fica brilhando ali naquele brevê?
52	CE	FICA, é é o seguinte. esses são os elementos visuais
53	MD	certo
54	CE	Mas na hora que um pára-quedista começa a falar sobre
55		a <sua a-ti-vi-da-de> ... numa reunião social ... isso
56		faz uma diferença, porque ele ↑ fala de coração ... eu
57		acho que isso aí é que marca mais

00:20:00

Cel Emílio 4

Texto: "O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado"

1	MD	coronel, não quero tomar mais o seu tempo, mas uma
2		última pergunta aqui. é... existem † estíguas assim,
3		coisas que, características e qualidades que um pqd
4		não pode ter? que ele fica estigmatiza:do se ele se
5		comportar de um jeito ou de outro? ou se ele fizer uma
6		coisa ou outra? existe algum código de honra, que tem
7		que ser respeitado, ainda que veladamente, mas alguma
8		coisa “!pô, esse cara aí não PODE, NÃO DÁ”
9	CE	é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se
10		recusar a saltar ele tá <crucifica::do>
11	MD	hum hum
12	CE	se recusar a saltar ... está implícito que ele perdeu
13		a CORAGEM ... mesmo que ele tenha outras motivações
14		... uma outra coisa que o pára-quedista busca é não,
15		não ficar machucado muito † tempo
16	MD	sim
17	CE	porque:: o retira de atividade de salto, de
18		treinamento físico, que são muito importantes pra ...
19		esse espírito de grupo ... para o desenvolvimento da
20		liderança, da chefia e da liderança, né, então a
21		gente: percebe isso aí ... que mais? ... talvez o
22		nervosismo, ao estar ... conduzindo a sua fração ou
23		uma equipe em uma determinada tarefa, isso talvez
24		comprometa um pouquinho ali a LIDERANÇA daquele CHEFE
25		MILITAR, mesmo o cabo na função de cabo da guarda ou o
26		cabo de GC né? do grupo de combate tendo que subir aí
27		[uma fave::la
28	MD	[seria o controle emocional? então ele tem que tá
29		sempre gerenciando isso
30	CE	é, † passar a confiança. porque às vezes a pessoa tem
31		ali o controle, mas é pra si. ele não sabe passar isso
32	MD	tem que † transparecer então
33	CE	tem que transparecer é... MUITO BEM. não basta SER,
34		[tem que parecer ser
35	MD	[tem que parecer ser
36	CE	aquilo, pro † outro, ele tem que passar, tem que
37		convencer, pelas ações dele. eu acho que é isso... e
38		também uma coisa que a gente VÊ. uma falha de caráter
39		“não pode ter” ... ah é:: o compromisso ali com a
40		verdade e tal, mesmo que isso † lhe doa.
41	MD	hum hum
42	CE	† falar. compromisso moral aí com a tropa. acho que se
43		cometer algum desses três erros aí:, fica difícil pra
44		se levantar de novo como um líder e:: comandar aquela
45		[fração
46	MD	[e ser admirado, ser respeitado né? obedecido
47	CE	É MUITO IMPORTANTE pra nossa tropa isso aí porque a
48		gente efetivamente corre RISCOS

ANEXO 8

Transcrição da entrevista com Major Firmino

D = Cap Daniela

F = Maj Firmino

00:06:15 – 00:09:22

1	F		((a respeito dos motivos que o levaram a se tornar um pára-quedista do Exército Brasileiro)) o que eu queria
2			era, justamente fazer o que: é, eu imaginava que se
3			fazia aqui na brigada. saltar de pára-quedas, estar
4			sempre junto, com, aquela atividade dentro do avião.
5			isso aí me:, é: sempre me atraiu muito, entendeu?
6			
7	D		o fato de saltar e de de lançar também?
8	F		é: o seguinte, tinha, já na academia ((AMAN)), a
9			verdade é essa. já na academia a gente já via o pára-
10			quedista como um camarada diferente. entendeu? era
11			como se o pára-quedista, ele fosse realmente um LIDER.
12			porque a gente aprende muito isso na academia, né?
13			essa noção LIDER, CHEFIA, né? chefia e liderança. e a
14			gente via o pqd como a EXPRESSÃO DO LIDER. por quê?
15			por que ele tava sempre junto. A gente não via um
16			tenente pára-quedista separado do pelotão dele.
17	D		certo
18	F		você olhava pra um pelotão pára-quedista e sabia "ali
19			no meio tem um comandante de pelotão", diferente de
20			outras tropas que o comandante tava sempre isolado. A
21			gente identificava lá "tá ali o comandante, tá ali a
22			tropa"
23	D		ah sim
24	F		o pqd não, olhava, "cadê o comandante? ele tá ali no
25			meio". então ISSO me fascinava, né? e o fato de chegar
26			de outro lugar. quer dizer a gente podia, a gente
27			podia ir pra qualquer ponto do do brasil, SEMPRE com a
28			nossa fração ali constituída, fazia o que tinha que
29			fazer e ia embora junto.
30	D		hum hum
31	F		↑ e também, é: aquela idéia né? aquela certeza de que
32			o pára-quedista tinha um um preparo físico, uma
33			dedicação à à educação física BEM maior do que os
34			outros, né?
35	D		isso aí tudo era um exemplo, eram exemplos que o
36			senhor já observava [nos pára-quedistas
37	F		[i:sso, ↑desde a academia. desde a
38			academia a gente já tinha essa idéia. e realmente
39			quando eu cheguei aqui na brigada, foi, tudo isso <foi
40			comprovado>
41	D		e é assim que o senhor se sente hoje?
42	F		é. e, e, eu me sinto assim, eu sinto que eu, é:,
43			consegui realizar essa parte profissional, né?
44			consegui me satisfazer aqui no, nessa parte é
45			profissional. é: e eu vi assim que eu cheguei, quando
46			eu cheguei no vinte e cinco. já era tenente, faltavam
47			dois anos pra eu sair capitão, né? então eu tinha sido
48			comandante de pelotão, durante quatro anos, né?...
49			então quando eu cheguei aqui, EU, me senti cobrado
50			nesse lance de liderança. porque realmente aqui, a

51			brigada, toda ela, acho que todas as unidades, acho
52			que ela é uma escola de liderança.
53	D		hum
54	F		então você chega ali, eu lembro que quando eu CHEGUEI
55			no pelotão, eu tinha que tá realmente dentro do
56			pelotão, ali:, os soldados eles te olham de uma
57			maneira, assim, "pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd,
58			mas ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd.
59			ele ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd. e esse
60			mostrar que é pqd, na verdade, é uma cobrança, que, pô
61			a gente com toda, a lucidez profissional que a gente
62			tem, sabe que a gente não precisa provar nada a
63			ninguém, mas a gente se sente cobrado. e tem que tá
64			realmente junto com o pelotão, tem que mostrar pro
65			pelotão que você realmente SABE fazer a coisa. e você
66			vai tá no campo junto, e aquele negócio todo. você
67			vai ter que estar dentro do avião, e vai ter que
68			demonstrar dentro do avião que você não tá com medo.
69			um monte de coisinha que: hoje você pensa "pô, isso é
70			besteira" mas o camarada TEM que fazer. senão ele NÃO
71			VAI comandar ()

00:09:30 – 00:13:50

O pára-quedista volta revigorado das missões e tem histórias pra contar

você SE SENTIR parte do grupo e sentir que O GRUPO te aceita

aqui você SENTE e não sente sozinho, o GRUPO, sente isso junto.

1	F		eu acho que realmente, atribuir a mística ((da
2			brigada)) a a UM fato só, isolado, NÃO existe. agora,
3			a gente pode né? eu tive na na amazônia,
4	D		sim
5	F		o meu batalhão, ele não tinha tradição nenhuma, ele
6			foi CRIADO lá. mas eu tive, né? fiz o curso de guerra
7			na selva e convivi ali com o pessoal do primeiro bis
8			(batalhão de infantaria de selva), que é uma tropa que
9			eu SEI que eles TENTAM desenvolver a mística. é, então
10			aí eu já acho que é o primeiro ponto errado, porque
11			acho que ninguém aqui na brigada tentou desenvolver
12			mística nenhuma. desde o início da da criação não
13			houve aquela idéia "vamos criar a mística?" não foi.
14	D		foi natural
15	F		ela foi natural. e, essa, naturalidade né? esse esse
16			decorrer aí normal, foi por causa disso. foi por causa
17			de um GOSTAR de estar aqui o tempo todo. entendeu?
18			fazer coisas que... te é, te façam vibrar, que você
19			realmente GOSTE de fazer aquilo ali. né? porque em
20			todos os outros batalhões você faz coisas que você
21			gosta. mas a maior parte do tempo, é, o quadro todo
22			das coisas elas são meio que iguais. tem muito
23			sofrimento, tem muito... lance de ficar fora da
24			família, cansaço físico... e aqui na brigada TEM
25			também, MAS, essas pequenas coisinhas ali, que o
26			camarada ele se sente realizado por poder fazer.
27	D		certo. isso é a recompensa? PODER FAZER, poder cumprir
28			a missão? de onde vem a recompensa que alimenta essa

29			essa mística e essa vontade de continuar aqui? e que
30			alimenta essa vontade de se especializar e fazer
31			outros cursos?
32	F		eu acho que essa recompensa vem, primeiro, de um
33			reconhecimento do grupo. acho que vem dessa parte do
34			reconhecimento do grupo. você SE SENTIR parte do grupo
35			e sentir que O GRUPO te aceita. então eu acho que
36			[inconsciente é mais ou menos isso aí
37	D		[certo
38	F		e, no segundo, é, acho ah ah que a segunda recompensa
39			é você SE SENTIR é, em PAZ com você mesmo, porque
40			qualquer um, qualquer profissional que esteja
41			exercendo a sua profissão, ele precisa no final do dia
42			ou em algum momento da da semana, do mês, ele precisa
43			sentir "bom, EU fui útil naquilo que eu me propus a
44			fazer". e aqui você FAZ isso. né? você sente, em
45			outros lugares você sente também, mas aqui você SENTE
46			e não sente sozinho, o GRUPO, sente isso junto.
47	D		hum hum
48	F		né?
49	D		e o senhor pode me contar um fato que o senhor tenha
50			vivido, vivenciado ISSO? alguma missão, alguma
51			atividade no quartel que venha a sua mente quando a
52			gente fala disso, dessa recompensa de tá com o grupo,
53			de tá se realizando junto. eu acredito que o senhor já
54			deve ter vivido INÚMERAS vezes essa sensação.
55	F		é... eu posso até dar uma generalizada. por exemplo, o
56			fato de você, da gente ir pro campo. então como
57			tenente. né? eu ACHO DIFÍCIL, um camarada que não seja
58			pára-quedista, passar pela experiência que um tenente
59			da brigada aqui passa. então, a tal da cabeça de ponte
60			aérea, nada mais é do que: um salto lá de avião, né?
61			saltar de pára-quedas, ocupar, um determinado local no
62			terreno, e fazer um buraco e ficar dentro do buraco
63			ali. como a gente fazia como era cadete. então o
64			cadete faz isso porque é obrigado. agora, UM OFICIAL,
65			>mesmo o tenente, novinho ali<, eu acho MUITO difícil,
66			°ele fazer isso°. se faz, é uma vez só. aqui na brigada
67			o tempo que ele tiver na brigada, até o coronel agora,
68			ele vai fazer. quando tiver essa operação lá em
69			resende, que é a membeca ((nome da manobra)), <a gente
70			vai ficar no buraco lá de novo> , junto com o
71			comandante, né?
72	D		hum hum
73	F		então isso aí é uma das coisas que você vê todo o
74			grupo fazendo. você faz. toda vez que você vai pra um
75			exercício, você volta, você RALA, você sofre, todo
76			mundo igual, o salto, que é desgastante, marcha, fica
77			lá no buraco, pega chuva, sol, depois volta. quando
78			volta? aí vem aquela recompensa que eu te falei, do
79			grupo. então, o grupo volta, é é, REFORÇADO, ele
80			volta...
81	D		revigorado [daquilo?
82	F		[REVIGORADO, exatamente, volta revigora:do
83			e tem histórias pra contar e o camarada se sente bem
84			por TER, superado aquilo ali. mas principalmente a
85			sensação de não tá sozinho. né?
86	D		hum hum

“bom, o que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora é MINHA SOBREVIVÊNCIA aqui.

Oração do pára-quedista: o COMBATENTE PERFEITO

1	D		major, eu li e tô pensando a respeito da oração do
2			pára-quedista né?
3	F		É
4	D		“daí-me senhor meu deus o que vos resta, aquilo que
5			ninguém mais vos pede” é:
6	F		isso
7	D		e aí... o pqd, ele pede o que RESTA? ele ah, ele pede
8			a TORMENTA? ele pede o SACRIFÍCIO? ele pede a DOR? e
9			no final tudo bem, ele pede a força, a coragem e a fé
10	F		é
11	D		mas que que pessoa é essa, que combatente é esse, que
12			REZA? pedindo, o que a gente acha que é ruim? ele,
13			ele, por que que ele fa- da onde vem isso?
14	F		é, o histórico dessa oração você conhece, né?
15	D		ela foi encontrada, né? [no bolso
16	F		[foi encontrada. aí eu sempre
17			me pergunto isso aí
18	D		foi encontrada, só pra gente falar. foi encontrada no
19			bolso de um de um [pára-quedista
20	F		[pára-quedista ↑francês,
21	D		francês
22	F		né, aí tava=
23	D		=desconhecido, né? [não me lembro bem
24	F		[isso, é. e no final das contas ele
25			morreu. ele era um pára-quedista e tava lá. o que ouvi
26			um pouco mais à fundo a história é que ele, ele tava
27			justamente naquele momento que antecedia o ATAQUE.
28	D		certo
29	F		então, aí, tentando me transportar pra um momento
30			desse aí, eu acho que o camarada estava num desespero
31			total. né? tipo assim, acho que deve ser, né? não só
32			pra ele como pra qualquer um que esteja em guerra,
33			saber que você vai partir pra, METRALHADORA, BOMBAS,
34			MINAS, né? granada, aquele negócio todo ali, deve ser
35			um negócio, APAVORANTE. então ele devia tá ali num
36			momento, <mais SINISTRO do medo pra qualquer ser
37			humano>. e aí eu acho bacana essa oração porque ele,
38			com todo aquele medo que ele tinha ali, ele ter assim
39			uma: um BRIO próprio de não pedir NADA pra amenizar
40			aquilo ali
41	D		sim
42	F		“não, deixa esse negócio todo pra todo mundo. eu não
43			quero nada disso”. mas ele só queria três coisinhas: a
44			coragem, pra continuar seguindo, a força né? pra
45			chegar até onde tinha que chegar, que certamente devia
46			ser um terreno grande a frente dele ali, e a fé porque
47			né? a ligação dele com com o divino né? mas essa
48			oração, acho que é, ela é válida no momento é: num
49			momento desse assim né? ↑ decisivo. já no dia-a-dia,
50			até muitos colegas contestam né? o pessoal brinca né?
51			“ah, não pediu?”
52	D		se:i
53	F		“não pediu pra sofrer?” né? não sei se é isso que você
54			perguntou mas acho que é é, ela retrata uma certa face
55			do pára-quedista. não o dia-a-dia mas

56	D		sim
57	F		eu acho, que >e também nem o do pára-quedista< , mas o
58			COMBATENTE de VERDADE, eu acho que ele deveria pensar
59			assim, realmente. o cara, eu acho que o cara só vai
60			conseguir se dar bem no combate, se ele pensar: "bom,
61			o que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora
62			é MINHA SOBREVIVÊNCIA aqui. e acho que o que o cara
63			precisa pra sobreviver é isso aí mesmo: coragem, força
64			e fé, o resto? tudo na guerra dever ser... assim né?
65			fome, frio, deve ser constante isso aí, saudade. então
66			se o camarada começar a pedir muita coisa boa, né?
67	D		ele vai fugir muito do contexto, vai estar com a
68			cabeça em outro lugar, né?
69	F		eu achei bacana porque ela ((a oração do pára-
70			quedista)) retrata não um lado do pára-quedista, mas
71			um lado do, digamos assim, de um COMBATENTE PERFEITO.
72			o cara tá ali, "não, é agora mesmo e vamos lá"
73	D		hum hum
74	F		mas acabou que sobrou pro pára-quedista, ainda bem
75			((risos))
76	D		((risos))

00:19:50

O vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado

1	D		que qualidades o senhor evidenciaria como IMPORTANTES
2			num pqd? ... o que tem que ter um pqd? é é, tem coisas
3			que já estão escritas e que eu observo , que eu acho
4			que é assim mesmo. agressividade no comba:te, espírito
5			de naciona:lidade, espírito de co:rpo,
6			companheiri:smo... é: isso? tem algo mais que o senhor
7			percebe que um pqd tem? que não é evidenciado em um
8			outro combatente?
9	F		é, olha só, DENTRO daquela daquela idéia que eu acho
10			que é o principal aqui na brigada, que é, a aceitação
11			DO GRUPO, pára-quedista? porque justamente por causa
12			da mística o camarada já vê o pqd como uma máfia,
13			então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo,
14			eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do
15			camarada que tá chegando na brigada, os que já estão
16			aqui, primeiro COLABORAÇÃO. o tempo todo. né? até a
17			gente, até um orgulho né? uma coisa que a gente fala
18			muito; "o vento que sopra no velame do general é o
19			mesmo que sopra no velame do soldado"
20	D		°bacana°
21	F		tá entendendo? então colaboração, porque na hora , e
22			isso eu também já vivenciei algumas vezes, né? de você
23			estar sendo arrasta:do ((refere-se ao pára-quedista
24			depois do salto, já aterrado, sendo arrastado pela
25			força do vento em seu pára-quedas)) e às vezes quem
26			vai te salvar ali é um soldado, às vezes é um camarada
27			mais antigo, entendeu? que vai ter que segurar o
28			velame ali pra ele parar de se arrastar, tem horas que
29			você não consegue fazer nada
30	D		por causa do vento? [na hora da aterragem?
31	F		[por causa do vento. exatamente.
32			tem toda uma técnica pra você desvirar, mas a técnica

33		que a gente aprende no treinamento, na área de
34		estágio, é sem mochila:la. sem fuzil. então quando você
35		começa a ser arrastado com mochila e fuzil é meio
36		complicado. aí, então primeiro é isso, é um espírito
37		de colaboração que tem que ter, é: o AMOR, eu diria,
38		eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico,
39		entendeu? é lógico que isso aí é essencial em
40		qualquer, militar. eu eu
41	D	sim
42	F	eu sou, né? já tô a algum tempo no exército, então,
43		embora eu tenha realmente, eu reconheço, eu SINTO que
44		a brigada é o lugar onde eu me sinto MAIS à vontade.
45		entendeu? eu posso dizer que aqui é é um lugar que eu
46		me satisfaço MUITO, >já servi em vários lugares< mas,
47		é aqui na brigada que eu me sinto em CASA
48	D	o senhor se encontra aqui.
49	F	é. eu me encontro aqui, eu me sinto em casa aqui. aí,
50		o preparo físico ele é ESSENCIAL pra qualquer militar,
51		qualquer militar. mas aqui na brigada ele tem uma
52		importância ABSURDA. porque o camarada, depois de TUDO
53		que ele tem que fazer até chegar no... pra cumprir
54		missão, que é aterrar. e realmente começar a fazer o
55		que o infante faz normalmente, ele já ta MUITO mais
56		desgastado
57	D	ah sim
58	F	então é o preparo físico, aceitação do grupo, o
59		preparo físico, entendeu? e <a constante superação>.
60		porque saltar do avião, >a verdade é essa<, saltar do
61		avião, saltar de pára-quedas dá medo. entendeu? o
62		camarada ta dentro do avião ali, <ele SENTE medo>. não
63		tem como negar. EU sinto. DEPOIS de um tempo, né?
64		aquele negócio, dá um dispositivo ali que fff ((imita
65		o barulho do vento)) você sai do avião, e pronto.
66		então, eu hoje, eu não sinto mais esse medo, já tenho,
67		né? já tenho algum tempo aí, já tenho. então eu não
68		sinto mais esse medo, mas SEMPRE dentro do avião vem
69		aquela preocupaçãozinha "pô, o se não abrir? vou comandar o
70		reserva ". PRA MIM e pra muitos aqui isso já é normal,
71		eu sei que tem camaradas ali, que eles têm verdadeira
72		FOBIA. e são esses caras aí que eu digo que são os
73		verdadeiros corajosos
74	D	sim
75	F	né? porque eu acho que coragem é a superação do medo.
76		o cara que não tem medo, não pode dizer que tem
77		coragem. mas eu sei que tem muitos. soldado então? tem
78		soldado que tem verdadeira fobia, e ainda assim ele se
79		lança. então é uma renovação daquele reforço. o cara
80		(hhh) no final ele pra ele mesmo vai ta se sentindo
81		"pô, me supere:i" e o grupo vai ta aceitando ele
82		porque ele chegou de pára-quedas e assim vai né?
83	D	muito interessante isso.
84	F	né? são esses três coisas: a colaboração, o preparo
85		físico e a superação do do medo, né?
86	D	o senhor tem algum, alguma lembrança de um fato que o
87		senhor já tenha visto, vivido, passado. é é é com
88		algum soldado, com algum homem que o senhor tava
89		liderando? na hora do salto, alguma coisa que já tenha
90		acontecido que marcou a vida? a sua lembrança? coisas
91		que o senhor se lembra?
92	F	é... é, eu vejo ali, >por exemplo, uma aqui< eu como:

93			auxiliar de de mestre de salto, né? você fica ali na
94			porta do héracles ((nome do avião)), era uma passagem
95			só ((quer dizer que o avião deveria passar apenas uma
96			vez sobre a zona de lançamento e todos os pára-
97			quedistas deviam ser lançados desta vez)), tinha que
98			sair todo mundo, né? como geralmente é. a gente sabe
99			que o piloto tem uma má vontade muito gra:nde de, dar
100			uma outra volta no circuito. depois tem uma: má
101			vontade muito grande de ((risos)) de quem ta lá
102			chefiando o exercício, no caso era o comandante do
103			batalhão, né? porque esse aí era um exercício de
104			batalhão, ele NÃO gosta de saber, quer saber porque o
105			avião não lançou todo mundo, quando tava previsto
106			lançar todo mundo. porque que o avião deu mais uma
107			volta
108	D		certo
109	F		então quer dizer, então TUDO isso o oficial, o mestre
110			de salto, ele sabe. então lá dentro do avião, é pra
111			fazer o que foi planejado. e eu tava lá de auxiliar.
112			então o auxiliar, é: a principal função dele ali é
113			>auxiliar a equipe<, por isso o nome de auxiliar. e
114			uma das funções do auxiliar é justamente ver se o
115			saltador ta em segurança. né? naquele momento final
116			ali. aí a gente pega a fita do camarada ((parte do
117			equipamento de salto que o conecta ao avião e quando o
118			pára-quedista se lança, age no acionamento semi-
119			automático do pára-quedas)) e libera ele do avião. vai
120			pegando a fita e isso aí vai ficando meio que
121			automático né? vai pegando a fita e ele vai saindo. a
122			gente até treina assim, nesse movimento ((imita os
123			gestos do movimento)). aí numa hora que eu FUI lançar
124			o camarada, eu vi que a fita dele tava passando no
125			fuzil e, na frente do queixo dele
126	D		se ele [saltasse ()
127	F		[se ele saísse ele podia quebrar o pescoço ou
128			pelo menos... aí eu em- peguei o camarada, voltei.
129			quer dizer, parou tudo... né? mas aí o que que eu acho
130			isso interessante? apesar de TODO, todo o circo
131			montado ali que a gente sabe que tem que ser daquele
132			jeito ali, você sempre acaba dando MAIS importância a
133			sua função ali, e ao soldado.
134	D		hum hum
135	F		entendeu? aí parou=
136	D		= qualquer coisa diferente? [parou
137	F		[é
138	D		aí tirei o fuzil e o camarada, foi, quando ele saiu,
139			já acendeu a luz ↑vermelha aí teve que parar tudo. aí
140			do outro lado do avião saiu todo mundo e do meu lado
141			ficou aquele shshsh ((som com a boca)) aquela fileira
142			pra sair. aí solicitei, saiu, °depois, tive que explicar né?°
143	F		hum hum
144	D		e um outro fato que eu vejo a importância do grupo,
145			né? que isso aí se renova em TODOS os cursos aqui da
146			brigada, CADA curso da brigada. foi quando eu tava
147			fazendo o curso de salto livre. né? foi meu ↑primeiro
148			salto livre. então, naquele dia ali, eu falo isso pra
149			muitas pessoas eu já falei isso aí. <naquele dia, EU
150			estava pronto pra pedir desligamento do curso>.
151			tamanho era meu PÂNICO ali né? o avião, ia ser a
152			primeira vez que eu ia saltar e chegar e comandar o

153		pára-quadras. aí o búfalo ((modelo do avião)) decolou,
154		°eu ia ser o segundo a sair do avião°, aí, aquele
155		silêncio, eu olhava pra todo mundo assim, aí eu pensei
156		“vou pedir pra ir embora, vou pedir”
157	D	dentro do avião?
158	F	dentro do avião. falei “eu não vou sair, não vou” aí
159		começa, né? a racionalizar. “por que que eu vou fazer
160		isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “minha
161		família ta em casa” mas aí... bom você olha pro
162		grupo, ta lá o grupo ((limpa a garganta)) aí você pô
163		((rindo))“<como é que eu vou explicar isso>?”
164	D	((risos))
165	F	“ta aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai
166		sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?”
167		aí, foi né? então isso aí é uma coisa que, eu acho que
168		aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece
169		a todo momento aqui na brigada. né? todos os cursos,
170		mesmo no mestre de salto, o básico pára-quadista e
171		assim vai, entendeu?
172	D	hum hum
173	F	é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de
174		espírito de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar
175		mal perante o grupo
176	D	hum hum
177	F	então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar

00:33:00

Churrasco, futebol, cerveja e rosa maria

1	D	e sobre as formas de socialização, porque ta
2		trabalhando, ta junto, ta cumprindo missão, e ele tem
3		uma hora que ele vai relaxar, tem uma hora que ele vai
4		socializar. como é que o pqd socializa aqui, dentro é,
5		é, do quartel? ou fora? eles se reúnem ou é é essa
6		cumplicidade é só aqui ou [levam a amizade pra fora do
7		quartel?
8	F	[levam.
9	D	sai junto pra beber, pra passear?
10	F	é, acontece de duas formas. acontece na forma de é:
11		quando juntam os círculos ((se refere aos agrupamentos
12		dependentes de afinidades do mesmo posto)), os cabos
13		e soldados, misturam todos os círculos ali, aí fica
14		tipo uma: uma (). acontece muito no nível
15		companhia, seção, a quarta seção “ah, vamos reunir pra
16		fazer um churrasquinho”. isso aí acontece. mas isso
17		daí não seria tão espontâneo, né? seria uma
18		necessidade, né? que o pqd realmente GOSTA de sair.
19		acho que ta na na nossa história. ele GOSTA.
20	D	Gosta de sair junto?
21	F	gosta de sair junto. mas o que é mais interessante
22		aqui é que ocorre SEM essa: obrigatoriedade, dentro
23		dos círculos
24	D	ah?
25	F	né, dentro dos círculos ali, dentro dos círculos. é:
26		por exemplo, no vinte e cinco ((refere-se ao 25°
27		Batalhão de Infantaria Pára-quadista)), a gente tinha
28		ali o alojamento dos tenentes, e: do nada, chegava ali
29		“pô, vamos dar uma saída, vamos ali?” pronto, saía. no
30		centro de instrução então? era direto. entendeu? os

31			oficia:is, saíam, estavam sempre saindo,
32			espontaneamente. entendeu? sexta-feira, >até que não
33			ta acontecendo muito<. mas sexta-feira, pro pqd? é o
34			dia... do do churrasco, do futebol. não tem jeito.
35	D		hum hum churrasco, futebol, bebida? cerveja?
36	F		sempre, sempre, sempre. churrasco, futebol e cerveja.
37			ta? isso aí tem que ter, isso aí é: é, e isso acontece
38			espontaneamente. aí, como eu falei, a nível companhia?
39			o comandante, se ele não provocar, não vai acontecer,
40			porque tem que ser a companhia como um todo. mas vai
41			acontecer, pode ter certeza que ta acontecendo nos
42			círculos, ali. os sargentos estão se reunindo, o
43			grupinho de amigos ali, os soldados mesmo. às vezes os
44			sargentos tem mais intimidade aí com os soldados do
45			pelotão, e chamam.
46	D		hum hum
47	F		isso sempre acontece.
48	D		uma: um outro ponto, assim. o senhor falou churrasco,
49			futebol, cerveja, nas minhas conversas principalmente
50			com os os tene:ntes, os capitães, eu fiz uma pergunta
51			que envolveu, é assim, se ele tinha... se era verdade,
52			se era assim mesmo, que o pqd, é, tem é, muito, ele,
53			ele tem muita FAMA
54	F		((risos))
55	D		entre as mulheres, ((rindo)) que ele se dá BEM com as
56			mulheres, é alguma coisa, se o senhor observa na sua
57			tropa? nos seus soldados, se é assim mesmo, se o fato
58			de saltar de pára-quedas, se o fato de ta usando uma
59			farda tão bonita, né? esteticamente falando, quanto
60			essa? o fato de ser forte, de ser bem preparado
61			fisicamente, isso, ele faz sucesso entre as mulheres
62			por isso?
63	F		((risos)) eu ACHO, que esse negócio, é, que isso aí,
64			<com certeza> é um é um fator aí que que <é usado, pra
65			melhorar a auto-estima do soldado>.
66	D		certo
67	F		né? isso aí é claro né? mas funciona muito bem, e
68			funciona exatamente dessa maneira. as canções são
69			todas () "fulaninha não namora qualquer um, só
70			namora pqd", entendeu? o fato da gente obrigar o
71			camarada estar assim bem apresentado. fala que o boot,
72			parece que dá brilho à farda, e que, né? o pé preto é
73			escuro, [aquele negócio todo lá
74	D		[hum hum
75	F		mas eu vejo que isso aí, foi derrepente, né? >eu não
76			posso dizer quando que surgiu, né?< eu sei que HOJE
77			funciona bem pra auto-estima. entendeu? é: uma vez que
78			o o o o homem ali não pode ser realizado só na parte
79			profissional, tem que ter né? a parte pessoal social
80			dele ali. e, homem, né? ... ((rindo)) com toda
81			característica masculina, que certamente você conhece.
82			e, o JOVEM? pô dizer pro camarada, pro jovem que ele
83			vai ganhar mulher com aquilo ali? pronto. acabou
84	D		hum hum
85	F		acabou, aquilo ali pra ele passa a ser uma verdade
86			absoluta, entendeu? e aí vai de novo o psicológico ali
87			do grupo e da pessoa realmente ACREDITAR naquilo ali.
88			Eu até brincava quando eu era instrutor na área de
89			estagio lá, né? tinha, tinha lá um sargento °que ele
90			era muito feio°

91	D	hum?
92	F	ele era MUITO feio
93	D	((risos))
94	F	((rindo)) né? até o pessoal do avião sacaneava ele lá,
95		que ele era feio pra caramba. aí, eu, eu era instrutor
96		né? então, na segunda fase ali, eu, nossa senhora, eu
97		esculachava muito ele lá dizendo que ele era feio. aí
98		eu sempre dizia pra ele, "mas o dia que você colocar o
99		brevê, tu vai ficar bonito".
100	D	hum?
101	F	((rindo)) o dia, aí ele veio no dia a apresentação
102		dele com o brevê, aí lembro que eu virava pra ele e
103		falava, "quem é você? eu não te reconheço. eu conheci
104		uma cara assim, agora você ta bonito, vai sair daqui e
105		vai arranjar uma porção de mulher"
106	D	hum?
107	F	né? então isso aí é do:, né?
108	D	então tem também essas histórias?
109	F	TEM TEM
110	D	tem essa mística?
111	F	tem, mas é: eu vejo isso aí pra. eu tive em outros
112		batalhões, né? e em outros batalhões também a
113		cançãozinha é a mesma, né? só que não tem a palavra
114		pqd."lálalá o soldado do batalhão só namora"
115	D	hum hum
116	F	só que aqui, o lance aqui da brigada, é que ta todo
117		mundo JUNTO, né? é a única brigada do brasil, que é
118		todo mundo junto.
119	D	a figura feminina ta de alguma forma nas cançõ:es, pro
120		exemplo, [a musa do pqd é a rosa maria, né?
121	F	[tem rosa maria. acho que aquele negócio,
122		isso aí, acho que ta no no , na fantasia de todo
123		soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma
124		namorada, que ele deixa o brevê com ela
125	D	ah sei?
126	F	acho que todo: EU já fiz isso, acho que todo soldado
127		já fez isso aí
128	D	hum?
129	F	né? se o camarada não fosse pqd, ele ia arranjar uma
130		medalha, ia arranjar alguma coisa
131	D	sei, aí ele dá o brevê [pra namorada?
132	F	[ele dá o brevê. ele vai
133		chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai
134		deixar o brevê::
135	D	sei
136	F	isso aí, é: realmente tem isso aí, entendeu? rosa
137		maria, vai pra um exercício, aquele papo de ((risos))
138	D	((risos))
139	F	mas com certeza tem isso aí
140	D	mas ta envolvido nessa nessa mística. seria um
141		pontinho, dessa dessa mística toda né?
142	F	↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como
143		se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO
144		de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso
145		aí realmente, é
146	D	hum hum
147	F	isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você
148		falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a gente
149		vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o

150		anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também
151		me sentia assim< quando eu fiz o curso de mestre de
152		salto, eu fui pra outra cidade, e a gente, primeiro,
153		na unidade a gente se sentia "pô, todo mundo ta,
154		pararam a unidade pra receber os pqd's" ia na cida:de,
155		"pô, a cidade", hojem em dia eu vejo que não é nada
156		disso, né? ((rindo)) não tem nada a ver, nego nem sabe
157		que a gente ta na cidade, nem sabe o quer dizer pqd
158	D	hum
159	F	mas, tem esse negócio mesmo, no no psicológico aí do
160		pessoal, ↑existe isso aí realmente, que o camarada,
161		aonde ele vai, parou aquela cidade pra receber ele.

ANEXO 9

Transcrição da entrevista com Tenente Wiesser

D = Cap Daniela
W = Ten Wiesser

00:00:12 – 00:00:55

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1	D		ok Wiesser, quando é que você terminou a aman?
2			((Academia Militar das Agulhas Negras))
3	W		vinte e cinco de novembro do ano passado
4	D		do ano passado.
5	W		[dois mil e seis.
6	D		[então você terminou a aman ... e ↑veio pro vinte e
7			seis?
8	W		isso
9	D		↑isso é diferente, não é?
10	W		é, tinha cerca de cinco ou seis anos que:
11	D		isso não acontecia?
12	W		que não acontecia
13	D		e foi acontecer com você?
14	W		é. eu escolhi. [eu e mais quatro companheiros
15	D		[↑ah isso que eu ia te perguntar, isso
16			foi bom pra você? você que quis?
17	W		eu que quis

((conversa sobre os motivos que o levaram a servir no 26° BI Pqdt

00:02:05 - 00:03:10

18	W		quando eu tava no quarto ano da aman, houve a
19			oportunidade dos aspirantes, então do quarto ano, é,
20			cursarem o o fazerem lá o curso de paraquedismo.
21	D		ah, ta.
22	W		então eu fiz. me matriculei antes da escolha de
23			unidades, eu nem sabia que ia abrir vaga pra brigada.
24			aí quando abriu, fechou, certinho ali, a:
25	D		quando abriu e você viu que tinha vaga pra brigada, só
26			tinha no vinte e seis? ou tinha nos outros batalhões
27			também?
28	W		tinha no vinte e cinco, vinte e seis e vinte e sete.
29	D		e você escolheu [o vinte e seis?
30	W		[o vinte e seis.
31	D		por que?
32	W		porque aqui era o batalhão que tinha a fama de ser o:
33			o batalhão que tinha mais ativida:de, o batalhão mais
34			puxado
35	D		Humhum
36	W		seria mais uma coisa pra motivar e pra mostrar também
37			o que era a brigada, né?
38	D		sei. aí você queria trabalhar, <no batalhão que era o
39			mais puxado, no batalhão=
40	W		=é
41	D		que cumpria mais missão>
42	W		é, e também por, até mesmo por orgulho assim, de
43			sentir bem fazendo, servindo bastante o exército

44	D		humhum
----	---	--	--------

00:03:12 – 00:03:56

1	D		como foi a sua área de estágio? Foi muito difícil?
2			você guarda boas lembranças? Isso marcou a sua vida?
3	W		guardo boas lembranças. porque, eu sempre gostei de
4			atividade física
5	D		humhum
6	W		então, Só tinha isso. e isso aí encaixou também
7	D		humhum
8	W		a parte da dor física também, tinha, muscula:r é: e
9			orgânica, né? é: isso aí não chegou a me abalar não,
10			é: psicologicamente. [pelo contrário
11	D		[você passou por isso na boa?
12	W		pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí
13			que eu gostava
14	D		humhum. quando doía é que você gostava? é, como é que
15			é? "tá bom porque ta ruim
16	W		é ((risos)) [seria melhor se fosse pior
17	D		[seria melhor se fosse pior
18	W		então essa máxima valeu [pra você lá durante?
19	D		[valeu

00:03:52 – 00:05:40

1	D		e: ... o seu primeiro salto, assim, você podia me
2			falar? o que se passou contigo? como você se preparou?
3			pra fazer. deve estar bem recente aí na sua cabeça,
4			né?<
5	W		é. ainda ta. Eu nunca tive medo de altura. tanto é que
6			o meu primeiro salto foi a primeira vez que eu andei
7			de avião. primeira vez que=
8	D		=sei. A PRIMEIRA VEZ NUM AVIÃO FOI [O DIA DE SALTAR?
9	W		[é. a primeira vez
10			que eu pousei foi agora, foi em agosto, quando eu fui
11			pra manaus, ((rindo)) que eu tive que pousar de avião
12	D		((risos)) sério? ((risos))
13	W		((risos)) até então eu só tinha levantado vô pra
14			saltar de pára-quedas. Aí=
15			
16	D		=a estranheza foi pousar então, né? [não foi levantar
17			vôo
18	W		[é, é. foi foi. eu
19			nunca [tinha pousado.
20	D		[essa foi boa
21	W		então quando eu cheguei na aeronave e saltei? eu senti
22			muita vibração assim, porque: toda a área, a parte da
23			área de estágio, a parte puxada ali, física, é: veio
24			na minha cabeça, tudo aquilo é: levando o companheiro
25			pra terminar o curso comi:go, aí, eu lembrei daquilo
26			tudo, o silêncio do do céu, assim, não sei, [foi
27			bastante
28	D		[ah! essa
29			questão, do silêncio no céu, muita gente fala sobre
30			isso.
31	W		é
32	D		como é que você se sente lá? saltou, aí é aquele

33			silêncio total? é um vácuo? é só você e e a nuvem? e e
34			o cheiro de nuvem? como é que é isso?
35	W		é, é isso mesmo. é o cheiro do vento, e, a
36			tranqüilidade, né? misturado também com, com a ↑missão
37			que vai ser, que é só o início né?
38	D		vai começar né?
39	W		vai começar. então é aquela, são os momentos antes da
40			missão. é aquela tranqüilidade e depois vem a
41			inquietação, né?
42	D		então o salto é a parte mais tranqüila?
43	W		é. é só o meio de transporte, né?

00:10:30 – 00:11:40 Pode me chamar de amigável

1	D		você ta me parecendo um rapaz muito ↑doce, é:
2	W		((ten Wiesser faz uma expressão de reprovação))
3	D		ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras
4	W		((risos)) pega mal
5	D		((risos)) não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa
6			muito, com muita ternura. >pega mal ternura também?<
7			não pode? é: uma pessoa, [de fácil trato
8	W		[amigável ((risos))
9	D		uma pessoa amigável
10	W		pode ser
11	D		é é onde fica a agressividade no combate? eu tenho
12			certeza que, porque você ta aqui, é que na hora que
13			você precisa da agressividade no combate, você vai
14			empregar
15	W		é, isso aí é o que a gente chama aqui de de rancor.
16	D		sei
17	W		então, cada um de nós aqui tem tem guardado, né? um
18			sentimento forte de ↑agressividade, que é pra ser
19			usado na hora certa. então se eu fosse agressivo o
20			tempo todo, eu ia tratar, eu não ia conseguir tratar o
21			soldado de uma maneira correta, eu ia tratar=
22	D		=tratar com afeição o seu subordinado
23	W		isso, então isso aí eu acho que não ia, encaixar muito
24			bem.
25	D		Humhum

00:13:55 – 00:

1	D		alguns já me disseram e eu já pude perceber aqui
2			também, que <"ser um paraquedista é experimentar o
3			sentimento mais profundo de nacionalidade>". né, de
4			ser brasileiro, de estar à frente de uma nação,
5			representando, defendendo, é, e protegendo.
6	W		certo
7	D		você já passou alguma situação aonde você tenha
8			vivenciado esse sentimento profundo de nacionalidade?
9	W		sim. bom, é o meu primeiro ano aqui, minha
10			experiência, ainda não é tão grande. né? mas a minha
11			primeira missão fora foi em, em manaus, né? na verdade
12			na província >não sei se é província o nome< mas em
13			urucu, onde tem um pólo petrolífero da petrobrás.
14	D		sei
15	W		então a gente: é foi pra manaus, com tempo, é a gente
16			saltou em urucu, e, tanto na cidade como é: em urucu,

17			a gente sentia que a população ali, quem tava
18			trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal
19			muito equipado, né? e os soldados é: os tenentes até
20			voltaram pra passar pro soldado, que: é o único
21			quartel, é a única unidade né? grupo de militares que
22			faz essa interação brasil. Então é rio de janeiro,
23			então vai ter missão em manaus, tem missão no
24			nordeste, tem missão no pantanal, no sul. é a única
25			tropa que faz isso. então o soldado ele: a maioria dos
26			soldados antigos aqui que já ta aqui há quatro anos,
27			ele tem esse sentimento de defesa territorial.
28	D		sei
29	W		por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima
30			de tudo
31	D		brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma
32			região, né?
33	W		quem ta na selva brada "selva",
34	D		é
35	W		quem ta no pantanal é "pantanal"
36	D		humhum
37	W		no sul é "pampas"
38	D		"montanha" quem ta=
39	W		=em minas é "montanha". é. o nosso é "brasil acima de
40			tudo"
41	D		pra todo mundo
42	W		pra todo mundo
43	D		muito bacana. e o espírito de sacrifício? você
44			vivencia isso muito? no seu dia-a-dia?
45	W		no dia-a-dia, claro.
46	D		em que momento você percebe que você ta se
47			sacrificando?
48	W		não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido
49			de estar sofrendo, né?
50	D		entendi
51	W		mas, é: no sentido de ta fazendo ↑além, além do que as
52			peças é: servindo em outros quartéis fazem, não digo
53			nem civis
54	D		humhum
55	W		que outros batalhões fazem. que é: o ↑serviço, o
56			próprio serviço do dia-a-dia, que: o serviço, a escala
57			é apertada pro pessoal aqui porque tem pouco efetivo,
58			né? e juntamente com esse serviço, é: nós temos a
59			função normal do dia-a-dia. a instrução TEM que ser
60			dado pro soldado, né? a parte técnica, tática, TEM que
61			ser dada pro soldado, e: também as missões extras.
62			então vai ter agora, na semana sem ser a que vem, a
63			outra, tem a: a força, força, () maracanã
64	D		ham?
65	W		força () estratégica maracanã. que é no rio de
66			janeiro, então só o vinte e seis que vai
67	D		vai ser um exercício? [ou é uma missão real?
68	W		[vai ser um exercício
69	D		um exercício
70	W		um exercício. visando né a defesa do rio de janeiro.
71	D		certo. aí
72	W		aí
73	D		ham?
74	W		antes disso vai ter uma competição, com é: os
75			batalhões pé preto aqui da do comando militar de área

76	D		humhum
77	W		vai ter a competição. então tem tenente envolvido com
78			tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente
79			com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa
80			o horário de descanso é: na hora do almoço ou até:
81	D		depois do expediente
82	W		depois do expediente pra
83	D		pra cumprir [essas missões
84	W		[pra cumprir as missões. tanto é que a
85			gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a
86			ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o
87			vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles
88			estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco
89			e meia, às vezes fica até seis e meia a gente ta aqui
90			pra pra cumprir as nossas missões
91	D		humhum
92	W		isso aí já é um espírito de sacrifício.
93	D		humhum. bacana.
94	W		além das atividades de salto e milhões de outras
95			atividades.

00:26:50 – 00:29:00

1	D		é, você falou que tem vontade de comandar um pelotão
2			de fuzileiros.
3	W		É
4	D		o que isso traria de aprendizado pra você? o que isso
5			faria?
6	W		até então a minha formação foi pra comandar um pelotão
7			de fuzileiros. então
8	D		certo
9	W		tanto a parte de efetivo, missão, tudo que eu aprendi
10			foi isso. aí eu cheguei aqui e peguei um pelotão de
11			apoio.
12	D		humhum
13	W		não quer dizer que eu não tenha feito missões de
14			pelotão de fuzileiros
15	D		humhum
16	W		só que não era o meu pelot- né? integrantes do meu
17			pelotão
18	D		humhum
19	W		isso aí não criou nenhum caso comigo, e com os outros
20			pelotões não deu pra eu ↑testar, aquele soldado, ver
21			como eles são na íntegra da da missão
22	D		certo
23	W		eu vi o pelotão do outro, dos soldados do outro
24			comandante
25	D		humhum
26	W		pra mim não criou tanto estímulo não
27	D		humhum me fala, o que faz um pelotão de fuzileiros?
28	W		o pelotão de fuzileiro é: é o pelotão que você vê em
29			filme de ↑guerra. aquele pelotão com o soldadinho com
30			seu fuzil
31	D		sei
32	W		fazendo a progressão, atirando, esse aí que é o
33			pelotão de fuzileiro
34	D		humhum. e o tenente comandante do pelotão de
35			fuzileiro, o que ele faz ali daqueles soldados?

36	W		é, o que a gente aprendeu né? é liderar, né? não só
37			comandar, né? isso a gente escuta muito, "comandar é
38			liderar"
39	D		certo
40	W		é liderar mesmo, você ver que ta modificando o
41			soldado, que ta fazendo ele ficar um um durante os
42			anos né? um bom soldado, né? provavelmente o tenente
43			fica com o soldado ali uns dois três anos. então ver,
44			a evolução desse soldado nesse período
45	D		humhum
46	W		no caso, com a ↑nossa ação. a ação do tenente.
47	D		foi pra isso que você estudou, pra isso que você
48			treinou
49	W		e tem também a formação psicológica ali:, a formação
50			de valores, que é justamente pra gente passar pro
51			soldado.

00:28:55 – 00:33:20

1	D		o que você ta aprendendo aqui? o que é que servir na
2			brigada, ser um paraquedista, servir no vinte e seis,
3			o que isso ta fazendo com você? o que você ta
4			aprendendo aqui pra sua vida? o que você acha, quem
5			você acha que ta se tornando, com esses ensinamentos e
6			compartilhando, [esses valores?
7	W		[bom, devido é, ao que eu falei sobre
8			a quantidade de missões, né? até mesmo a dificuldade
9			de algumas delas? e: a velocidade que elas vêm, com
10			pouco tempo pra planejar, então muita coisa ta, eu to
11			ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura,
12			pra fazer as coisas. então, eu to com um problema em
13			casa? eu não vejo mais como um problema, então é ver,
14			ver o fato, pegar o fato, transformar, e fazer ele
15			melhorar. fazer ele, né? isso aí até:
16	D		[sim
17	W		[até minha família assim, minha, minha noiva, eles em
18			tudo vê problema. eu não vejo: vejo, eu vejo logo à
19			frente a solução. uma maneira de de de resolver
20			aquilo, né? que, que não era feito antes, né?
21	D		humhum
22	W		então, a vida na academia ela é muito, muito ↑guiada.
23	D		é
24	W		pelo comandante, e tal
25	D		humhum
26	W		e aqui fora não, eu não tenho mais ninguém pra pra me
27			controlar, e ver onde que eu vou ou não, eu que
28			decido, eu que vou escolher, logicamente. né?
29	D		humhum
30	W		é a ↑vontade também, né? a vontade de cumprir missão.
31			e cumprir da melhor maneira possível.
32	D		ham? o que é cumprir missão?
33	W		[cumprir missão
34	D		[como você entende essa expressão?
35	W		é: receber um, se deparar com um fato? né? me deparei
36			com um fato, geralmente um fato problema, e,
37			transformar aquele problema em uma solução. pra mim
38			isso é cumprir missão.
39	D		humhum
40	W		né? agora, como eu vou cumprir, também, tem que ser da

41			melhor maneira.
42	D		tem alguma situação que você se lembre que tenha
43			passado? aonde você pôde evidenciar esse espírito de
44			cumprimento de missão?
45	W		bom, é: quando eu, depois de dois ou três meses que eu
46			cheguei no batalhão, eu já fui pra: pra favela do
47			muquifo, °que é aqui perto°. então eu nunca tinha ↑nem,
48			nem feito, mal tinha feito planejamento na aman
49			((Academia Militar das Agulhas Negras)) de patrulha,
50			né? então eu já tinha que pegar um pelotão, planejar
51			onde cada soldado ia ficar ... cada um ia, numa
52			operação ↑real, que era pra prender um chefe um chefe
53			de de tráfico naquela favela
54	D		sei
55	W		então aquilo já foi um fato que eu tinha que crescer,
56			né? depois disso, além das missões administrativas,
57			que tem que receber e tem que estudar pra realizar pra
58			cumprir a missão=
59	D		=e pelo que eu to vendo são encaradas da mesma forma,
60			né?
61	W		é
62	D		qualquer coisa que [chega pra você?
63	W		[missão, missão
64	D		você vai cumprir?
65	W		isso. administrativa ou não. tiveram outras também,
66			que eu não to lembrado aqui, mas que fizeram com que
67			eu, que é: eu tirasse de mim forças além da né? do que
68			eu achava que tinha, pra, pra resolver
69	D		e aquela máxima? "quando você chega no seu limite? é
70			que ainda faltam?", quantos por cento?
71	W		quarenta
72	D		quarenta por cento?
73	W		é o famoso chivunk
74	D		humhum
75	W		que é o brado, o brado do nosso batalhão. chivunk
76	D		ah é? o brado do vinte e seis é chivunk?
77	W		é
78	D		e chivunk, ah, tem um brado de um pelotão de
79			infanteria da aman que é chivunk também, não tem?
80	W		é uma companhia do primeiro ano
81	D		ah, uma companhia do primeiro ano
82	W		é, mas justamente é essa a idéia também
83	D		já vem de lá né? ou melhor são ecos daqui pra lá? é
84			isso?
85	W		não, eu acho que lá foi feito antes esse brado
86	D		ah sei
87	W		mas a origem desse ↑chivunk é de tropas especia:is, se
88			não me engano
89	D		humhum
90	W		então, foi distribuindo, né? quem quisesse pegar
91			((risos))
92	D		((risos)) ah! e aí quando falou chivunk, é porque vão
93			sair, pra cumprir missão
94	W		é chivunk. a gente até: já transformou né? a parte de
95			lingüística
96	D		ham?
97	W		a gente fala que existem guerreiros chivuncados, né?
98	D		ah, sei
99	W		são os que demonstram mais energia

100	D		a palavra já evoluiu, né?
101	W		já evoluiu
102	D		you é um guerreiro chivuncado?
103	W		nas horas que tem que ser? a gente é. †todos os
104			tenentes aqui são
105	D		sei

00:34:32 – 00:35:47

1	D		you acha que, you considera que you é integrante de uma tropa de elite?
2	W		com certeza
3	D		you entende essa tropa como uma tropa de elite.
4	W		com certeza. é, poderia ser até melhor, eu poderia até
5			entender melhor isso, né? se os quadros do batalhão
6			tivessem completos. então se o pelotão tivesse, é:
7			todo aqui, tivesse todo o efetivo de tenente aqui, se
8			tivesse todo o efetivo de cap- né? todo, né? todas as
9			ocupações dos cargos completos
10	D		humhum
11	W		aqui o batalhão poderia render mais. †mesmo com o
12			efetivo reduzido a gente faz tudo, né? então é um
13			batalhão que faz formatura, da melhor maneira
14			possível, é um batalhão que vai cumprir missão fora da
15			melhor maneira, né? nunca teve: que eu saiba,
16			problemas de salto. justamente por causa da instrução,
17			por causa do adestramento. é: isso aí tudo, né? são
18			provas que †mesmo com as deficiências,
19			administrativas, e tudo mais, é um batalhão que cumpre
20			missão, né? como eu falei, que cumpre missão.
21	D		legal
22	W		respondeu a pergunta?
23	D		respondeu
24	W		acho que eu fugi, não foi não?
25	D		†não não. foi foi perfeito. é isso aí

00:36:31 – 00:38:00

1	W		((sobre um tenente que é tido como muito experiente e
2			que tem sempre muitas histórias pra contar)) tem um
3			tenente que é da minha companhia, é mais antigo. Ele
4			conta: é contador de histórias. [ele vai sair capitão
5	D		[quem é ele?
6	W		ten souza mendes
7	D		souza mendes?
8	W		é o oficial que ta na: como observador de conduta lá
9			no haiti
10	D		[ah sei
11	W		[então ele já foi pro haiti, ele conta histórias do
12			haiti. né? ele conta muito história de tudo aquilo que
13			eu já falei. Só que com maior intensidade.
14	D		humhum
15	W		né? então ele chegava a pegar missão, serviço de dois
16			em dois dias, que eram eram †patrulhas, patrulhas
17			pelas, redondezas aqui, que entravam pelas favelas,
18			então. todo dia tinha esse serviço.
19	D		humhum
20	W		então eram quatro serviços pra doze tenentes pegarem.
21			igual que tem agora. são doze tenentes, porém aqui

22		agora só tem um serviço que é o de oficial de dia.
23	D	sei
24	W	além do serviço de oficial de tinha tem, tinha três
25		patru:lhas, tinha patrulha em tudo que é lugar. né?
26		que os tenentes concorriam. né? †e juntamente com com
27		essas, o serviço que ocupa o dia inteiro, né? de três
28		em três dias tinha a parte administrativa, tinha que
29		fazer é, exame de material, tinha que fazer
30		sindicância, né? além, tinha que dar instrução pro
31		soldado. então era a parte que: os tenentes sofriam,
32		né?
33	D	humhum
34	W	isso aí tem o lado que eu falei da: do †sacrifício,
35		né? e o lado da recompensa que ele dá valor, valor ao
36		que ele fez, né? ao que ele fez aqui na brigada.
37	D	a recompensa é o que?= =é o orgulho, né? o orgulho, é dá valor= =não é nada material
38	W	
39	D	
40	W	não
41	D	a recompensa é alguma coisa?
42	W	é. ele poderia muito bem, completar, três anos aqui
43		no: vinte e se:is, ou né? ou †menos, e pegar uma
44		transferência, †lá pra selva, pra conseguir pra: né?
45		ganhar uma recompensa, no caso de dinhe:iro
46		[financeira
47	D	[financeira, é
48	W	poderia ir pro sul. mas ele quis se manter aqui no
49		batalhão. já é o sexto ano dele aqui †direto
50	D	humhum é o sexto ano dele?
51	W	é.
52	D	esse aí tem que vir conversar comigo, ele deve ter
53		muita história pra contar

ANEXO 10

Transcrição da entrevista com Major Wilker

D = Cap Daniela

W = Maj Wilker

TURNO	FALANTE	FALA
1	D	o senhor tem quanto tempo de serviço? [vinte e:: ?
2	W	[Vou fazer vinte e cinco o ano que vem
3	D	Vinte e cinco
4	W	É ... [em fevereiro, vinte e cinco
5	D	[Aí o senhor saiu da AMA::N em que ano?
6	W	oitenta e nove -
7	D	>Oitenta e nove<... e o curso de paraquedista, o senhor fez quando?
8	W	Fiz em janeiro de noventa -
9	D	Logo depois [que o senhor saiu da AMAN
10	W	[é é
11	D	E e o senhor serviu na brigada logo depois disso?
12	W	Servi:: a partir de:: do meio do ano de noventa e um... fiquei um ano e meio no vale do paraíba em caçapava e depois fui pra brigada =
13	D	= e por que o senhor escolheu ir pra brigada?
14	W	... Ta::va ainda:: naquele momento ... nessa hora você ... é...você tá realmente ... magnetizado por essa coisa ... por essa conquista... se você perguntar pra mim =
15	D	= a conquista do <u>curso</u> , de [fazer o <u>curso</u> , de passar pela área de estágio?
16	W	[é, é você ... >é uma coisa engraçada< ...porque ... a influência que isso exerce né ...>o produto final ele é muito bom< mas ... você acaba... >você viu tropa de elite?
17	D	Não, não vi ainda não =
18	W	=não viu, não viu ... pois é ... tem uma fase do curso que o:: na:: na::=
19	D	=Lançaram um dos pqd's agora o senhor viu? Também na ... na...

		no festival do rio.
20	W	[não ... não... puxa que ↑ legal
21	D	[Chama brigada o filme... o diretor do filme chama guilherme coelho... eu já até entrei em contato por email com ele ... eu quero uma cópia, quero conversar com ele e tal. Ele filmou um ano e meio ↑ na brigada .. ele ta mostrando a ↑ vida ... do:: ↑ militar na brigada
22	W	↑ caraca ... cara... muito bacana =
23	D	= muito bacana =
24	W	= muito bacana mesmo, eu vou ver, vou correr atrás disso daíhh então, é:: tem uma parte do filme, quando os dois aspirantes ali ... os dois tenentes vão se inscrever no curso, eles estavam ali numa situação de rotina, que não era o que eles queriam, eles não tinham se formado pra'quilo ... muita burocracia e tal .. aí, eles queriam ação, né? Aí um deles viu a parte do BOPE lá... e foi... “puxa, como é que eu faço pra me inscrever nisso aí?” “Não, procura tal” não sei que ... aí o narrador do filme comenta né, “é ... o fulaninho sabia o que tava fazendo ... o outro ... não”, tipo assim, o outro foi na onda ...
25	D	Ah:: ?
26	W	naquela época, nós estávamos assim ... difícil era o cadete daquele ano que não tivesse movido por isso, [então =
27	D	[de querer ir pra brigada, [de querer servir lá?
28	W	[de querer, de querer ... haha ... você vai dizer “vem cá, você tava convicto do que você queria?”, “o:lhao naquele momento eu queria [um momento de =
29	D	[é, só aquilo ()]
30	W	= espaço e auto afirmação, “eu sou um tenente de infantaria e quero ser o melhor possível ... pra que eu possa mostrar até que eu sou o melhor possível =
31	D	= tá, então tinha ideal, tinha ↑ vocação envolvido ↓ ali =
32	W	= TINHA, tinha ideia, tinha vocação: o ... e aquele primeiro objetivo que ...olha? pode dizer: r , pairava na cabeça de noventa por cento do nosso ... de <u>noventa</u> , porque nós éramos cem [haha
33	D	[hum haha
34	W	Pelo menos uns noventa tinham isso bastante claro na cabeça, né? Pô .. quero ↑ tentar a área de estágio, quero colocar esse brevê de prata no peito, né?
35	D	E esse brevê ... ele...ele ... é: conseguindo o brevê, estampando o brevê, ele ele muda a postura? =

36	W	= [TOTAL
37	D	[porque eu percebo que a postura dos paraquedistas é ↑difere::nte
38	W	[°Daniela°, eu fui pra Caçapava ...
39	D	[a postura ↑ fí::sica, o ↑ porte físico é diferente
40	W	A gente, naquela época eu >eu acredito que hoje ainda esteja assim< ... é sim, passou um período sem ser mas já voltou ... o:: aspirante fazendo a área de estágio em janeiro, logo depois que termina, você na verdade perde férias, você abre mão de parte das férias, né... pra poder...você teria aquelas férias escolares, e publica suas férias normal pra você chegar na tropa já com aquele período gozado (3 seg) > mais ou menos como acontece com o nosso aluno aqui< ...então, o cara que vai pra área de estágio ele já abre mão daquele período de férias em janeiro... um calor desgraçado no rio,[mil praias pro cara ir e ele ta lá “hop hop”
41		[()
42	W	Pô (3seg) cara... eu fui, fiz a área, terminei o curso ... aí:: nós tínhamos uma data pra me, pra apresentar nas OMs, eu tinha que me apresentar em Caçapava no vale do Paraíba, eu e um outro colega, °que tentou a área também° mas ... saiu, desistiu logo no início porque se machucou ... cara... eu fiz questão de viajar do rio pra Caçapava farda:do ... obviamente de boina bordô e boot marron haha =
43	D	= Ah sim haha porque é uma mística aquilo
44	W	Ah ... total total aquilo [ali é um motivo
45	D	[confere identidade também ...
46	W	pra caramba =
47	D	= o boot marron, a boina grená
48	W	Depois eu fui ver que:: naquele momento era até um tremendo mico haha
49	D	Ahham, haha
50	W	você chegar em Caçapava, pô, (tosse) mais pra frente, né? ... até pra você entender o porquê do mico, né? Mais pra frente ... Caçapava <é um batalhão febia::no ... e tal...então tem todo ano a festa de forno::vo lá:: ... aí recebe os velhinhos, aquilo ... tem uma comoção geral na cidade... né? Aí ... fui pra Caçapava, servi lá um ano e meio, né... aí vim pra brigada, né... acabei me casando com uma caçapavense, estamos juntos até hoje, naquela época viemos pro rio, morar no rio...terminei meu tempo na brigada e já como capitão ... pimba... caçapava de novo, aí lá já era BIL, aí fui pra Caçapava, tal – minto. Esse episódio aconteceu antes, olha, eu já era tenente antigo, né? A::h, ia ter a festa de fornovo ... “puxa, vamos pra Caçapava na festa de fornovo?” “vamos, claro” ... aí eu pensei né?, “ ↑ claro que eu vou, né? Vou perder essa oportunidade de ir na festa lá em Caçapava de ↑ boina e boot??

		haha
51	D	haha
52	W	Né? Nessa hora que você vê, caraça, cara... como a gente ... pô ... pouquíssimas pessoas, só mesmo os oficiais de carreira do bata:lhão ali:: ... o próprio coronel >que hoje é o chefe do estado maior do exército< é que identificaram ali ... ((em voz grave)) “ôôô paraqueditsta, como é que ta, tudo bem?” porque eu já [tinha servido lá::
53	D	[significava só pr’aqueles, pr’ aqueles que não sabiam o que é a [boina grená:
54	W	[a grande maioria, né... inclusive a família dela...muita gente vai porque a festa é aberta, né?... a prima dela, n n perguntou “ô Sandra ...por que que só Wilker usa esse negócio vermelho na cabeça? E o coturno dele é diferente? haha
55	D	Hum ham ...[pra eles não significava
56	W	[uma coisa ... meio ridículo =
57	D	= mas é que ser paraquedista tava transbordando [pela:: pelo sangue, pela pele
58	W	[SIM ... totalmente totalmente ... totalmente ... né:: tanto é que ... e isso a gente, é uma mensagem que::...ela... no no caso da formação de oficial ela começa... lá na origem... ela tem que ter... você pegar o cara no vazio, do nada e tentar incutir essa necessidade, “ó, você se formou oficial agora... ↑ agora eu vou começar a trabalhar em você ... a:: uma:: vocação operacional, pra que você”... não vai funcionar =
59	D	= começa lá:: ... talvez até na PREP, [como o senhor falou... começando a ver as frases e tal...
60	W	[sim sim sim... você tem que começar... isso tem que:: ser desenvolvido ... essa linha... bom – você conseguiu construir ... o mito operacional, a partir dali você vai ter que:: é é é, ↑ como explorar esse mito operacional? Uma linha vai ser ... fazer ↑ cursos operacionais ... puxa, >é o melhor caminho< ... aí você vai explorar esse <u>transbordamento</u> operacional que o cara tá tendo
61	D	Hum ham
62	W	Quando você vai pra fazer o curso ... como eu te falei, né? ...naquela época a gente tava muito... você tá ali::... meio que naquela pô ... “que que eu to fazendo aqui?” na:: hora você nem tá pensando muito nisso, né, você vai meio que no automático e supera limites que talvez em condições normais você não superasse... né?
63	D	Limites [físicos, psicológicos, emocionais
64	W	[limites físicos, psicológicos ... tanto é que se o cara não tiver ... com isso <muito bem trabalhado>, Daniela, ele >pede pra

		ir embora< [pede pra ir embora
65	D	[Pede pra ir embora ... ↑ “sim senhor, não senhor, quero ir embora” ... tá escrito lá até, né?
66	W	[é uma alopração ... é uma alopração consta::nte ... os caras em cima o tempo inteiro =
67	D	= porque pra saltar de pára-quedas mesmo, se fosse só saltar ... não precisa aquela aquela preparação toda, aquela dificuldade física e [psicológica toda
68	W	sim [sim
69	D	um é um paraquedista ↑ militar que ta sendo formado [mas é
70	W	A questão, a questão é a seguinte – exatamente ... a questão é que é essa – nós não formamos paraquedistas ... nós formamos uma tropa de elite, nós formamos paraquedistas militares =
71	D	= depois que salta ele vai ter que... combater
72	W	Exatamente <esse é que é o diferencial> da brigada paraquedista

Extrato 2 (16:40)

TURNO	FALANTE	FALA
1	W	Mas o interessante é que na na hora do lançamento ... tem a equipe PREC ... o:: curso de PREC é sensacional ... pouca gente conhece no exército ... só quem viveu a brigada paraquedista ...conhece o o o pessoal da tocha, né? ... é sensacional, é o:: aquela manicaca vermelha =
2	D	=vermelha
3	W	aqueles caras são são ↑ ótimos ... fala-se muito do comandos ... do FE ... que aparece no exército de uma forma maior, mas o precursor é fora de série. Eu tenho:: um... uma: : magoazinha de ... um arrependimentozinho de ter feito uma escolha, né? quando eu era segundo tenente na brigada, eu fui tentar o comandos ... e:: me preparei e tal, né? >até desviei do que eu tava falando< me preparei e:: do meu jeito lá:: eu e o pazuelo, não sei se você conheceu... a gente ficava nadando junto lá na vila... o pazuelo já é:: coronel, é um intendente, ele é FE
4	D	Hum hum
5	W	tá até comandando agora lá:: o:: BLog paraquedista, aí nossa preparação lá, e tal , não sei que ... e tinha uns caras que treinavam comigo, da minha turma, o Botelho:: o:: e outros, aí a coisa foi foi ... o treinamento ... tudo acontecendo normal, exames etc. época da apresentação. eu tava com toda a tralha reunida lá no meu quarto, era material pra caramba, né? A minha família:: ... tem é ... militares mas não ss ... é não são assim... é:: ... o meu

		cunhado...silva Braga, nunca foi de linha operacional, um infante... ↓ convencional, e o restante do pessoal, né? ... meu pai foi oficial temporário, >então aquilo pra ele não era uma realidade< ... <u>prática</u> , vamos dizer assim =
6	D	= sei
7	W	Minha mãe ficou <u>apavorada</u> ao ver aquela <u>quantidade</u> de material mobilizado ali, “ pô ... tu vai pra <u>guerra</u> , meu filho?” “não mãe, é °apenas um curso°” hahaha
8	D	hahaha
9	W	Até aquele mome::nto, comandos. comandos? “ah... ele sabe o que ta fazendo. pô, °ele já é paraquedista° ... então não deve ter nada muito mais difícil pela frente”
10	D	Ah? Ah?
11	W	né?, pois bem ... na noite, de véspera da apresentação ... o último baloarte, que era o Botelho, ligou pra mim falou “e aí?” “e aí rapaz, tudo bem?” “tudo legal... sssó que é o seguinte ... avisa lá pra mim amanhã que eu não vou não, ta? eu desisti” ... eu falei “pô::” aí do pessoal que tinha treinado::, todo mundo desistiu, aí eu fui, né?... e durei o quanto eu pude, mas as pressões externas eram muito grandes eu acabei (3 seg) roendo as cordas na sexta semana... até porque eu tinha visto que nnnão era bem o que eu queria ... depois, fiquei com esse remorso, até porque oficiais mais antigos ((muda o tom da voz, simulando uma repreensão amigável)) “como é que você <u>desistiu</u> rapaz, podia ser <u>FE</u> ... como é que você faz <u>isso</u> ? Você não ↑ podia desistir” aí eu falei “°caramba°”
12	D	Aí se o senhor tivesse ido pro prê pro prê pro curso de precursor talvez o [senhor não tivesse desistido
13	W	[é... depois eu vi que ↑ na realidade era lá... né... aí:: mas ... o queria é:: é um negócio muito relativo, né... o fato é que > <u>ficou</u> < ... e toda essa linha operacional ... que a gente:: fala do pqd , o pqd , o pqd é uma <u>mística</u> , é um curso:: é:: que realmente seleciona na parte, <u>muito</u> na parte afetiva ... você tem que superar a a ... as razões pra você desistir são grandes e a possibilidade de você se lesionar e e ter que sair? São <u>enormes</u> também, ta? mas ... eu costumei dizer pra todos os colegas que falam “ah, quero tentar” ... “pô...é o seguinte. Não há ... cadete ... que não tenha condições <u>físicas</u> de encarar o curso ... básico paraquedista... não há ... a questão é meramente psicológica”
14		

Extrato 2 (13:00 voc 2)

	TURNO	FALANTE	FALA
	1	D	e passam por muitas situações de de <u>perigo</u> ? O ss senhor já foi empregado é é em alguma missão [<u>real</u> ?
	2	W	[o máximo que eu participei de operação real na brigada paraquedista foi na época da operação rio ... que era

		aqui:: esse negócio de controle de favela, depois na eco noventa e dois, né? era a época que eu tava servindo lá=
3	D	= mas o perigo é <u>iminente</u> , assim, qualquer <u>salto</u> , [qualquer
4	W	[não, sim, sim você dizer [que
5	D	[é sempre <u>real</u>
6	W	você dizer que ... um salto de paraquedas <u>não</u> tem risco ...ora... <u>claro</u> que tem risco... “ah...mas tem risco também andar de ônibus” ... obviamente um salto de[paraquedas tem mais risco
7	D	[e medo, major, não dá medo não? Na hora que vai [saltar lá? Como é que o senhor lida com com essas emoções?
8	W	[hum ... você ... olha.... o medo, ele é um negócio interessante, né? ...quando você ... e isso eu acho que:: ... é uma opinião mais ou menos... <u>geral</u> ... quando você termina o curso básico ... né... quando você termina ali o básico paraquedista (3 seg) você tá movido por aquela <u>situação</u> de stress, de <u>cansaço</u> , de <u>desgaste</u> , de <u>condicionamento</u> ... aí você... >quando você menos espera< você tá dentro de um Hércules, sendo lançado ... e:: sai daquele avião bum quando você vê:: você tá lá fora ... é aquela <u>realização</u> . Você não tem noção ainda do que é um impacto no chão, porque você vai fazer isso pela primeira vez ... ↑“ah mais você treinou aterragem” sim, mas uma coisa é você treinar aterragem saltando de um murinho, numa caixa de aterragem, num balanço, o cara brigando com você, chamando a atenção... a outra é a hora da verdade, é você tá ali ao sabor do vento pra dar um catrapo no chão né? =
9	D	= e é catrapo mesmo?
10	W	dependendo do vento? sim haha mas você tá... por outro lado você tá <u>extremamente</u> condicionado com a parte técnica ...né... do jeito que vem você domina a bola, não tem jeito [haha né?
11	D	[hum hum
12	W	(3seg) <o momento:: de: mais insegurança>... >que eu eu pelo menos senti< ↑ é no retorno ... quando você <u>sai</u> , fica um ano e meio [fora pô , né? =
13	D	[ah
14	W	= aí você ↑ “ôpa” >vai pra brigada< aí [você ...
15	D	[tem que fazer uma readaptação, não tem?
16	W	sim sim ...dep qualquer que fica::r é:: mais do que o período:: ... tem o período das cotas de salto, [né? =
17	D	[hum ham
18	W	= não me lembro agora:: ... eu vou falar bobagem, não sei se são dois meses? Ou quatro meses, e eu não sei ... >eu não me lembro

		agora< que fica sem saltar, ele tem que entrar em readaptação técnica... ↑ então você <u>volta</u> , ↑ você faz a readaptação técnica. beleza, a área de estágio não te assusta mais até porque você já ↑ é um paraquedista ... e tá sendo tratado naquela área <u>como um paraquedista</u> =
19	D	ham hum
20	W	= fazendo a parte <u>técnica</u> , “por favor, venha por aqui, por gentileza vá pr’ali” ... e a coisa é <u>bem</u> diferente (3seg) ↑ terminado isso... vai para o salto...de readaptação... e nesse salto de readaptação é que você, passa por um momento de: “caraca” ... nessa hora::, >pelo menos eu senti isso<, cai aquela ficha ((fala em volume bem baixo)) ↓ “que que eu to fazendo aqui?”... ainda m mais porque o meu salto de readaptação, ele foi u::m ...↑ >uma coisa que eu nunca tinha feito< eu cheguei na brigada, me apresentei pronto, passou quatro dias eu já tava em readaptação pra [saltar no <u>quinto</u>
21	D	[e também já tinha passado aquela adrenalina <u>toda</u> inicial que o senhor [falou =
22	W	[sim e você não t -
23	D	=do tempo que o senhor era <u>tenente</u> que tinha saído da [<u>aman</u> ,
24	W	[exato
25	D	foi pra unidade e <u>voltou</u> , né?
26	W	v- <u>exatamente</u>
27	D	passou aquele negócio de tá:: ... [à flor da pele
28	W	[então você vê a::h agente:: ...a companhia de comando era junto com a cia PREC, e você via aquela <u>galera</u> ((forçando a voz na garganta)) <u>precursora</u> ... com ↑ <u>manicaca</u> pra todo lado... eu lembro que pô... eu era segundo tenente, eu vi o Vasconcelos assim puta a farda ... na época era aquele verdão, né?
29	D	é é hum ham
30	W	((sorrindo)) verdão com as manicacas coloridas [aí tu sente?
31	D	[hum ham é haha
32	W	Tu olhava pra farda do cara “caraca... pô... [<u>muito</u> bacana” haha
33	D	[muito bacana haha
34	W	((bate as mãos sobre o peito, sobre os brevês de cursos)) puta, o cara tinha curso pra cacete, né? primeiro tenente o cara... eu ((em volume mais baixo, olhos entreabertos)) “puxa, eu vô chegar lá”, né? ↑ beleza. isso... >é uma coisa< ... a outra é você ta num lançamento <u>noturno</u> de readaptação. porque pô eu ainda cheguei eu ainda tive esse agravante eu cheguei lá, pô ...você sempre faz na:: pra manter a:: a:: o nível de adestramento, o paraquedista faz acho que são cinco salto no ano, pelo menos um noturno... e eu

		cheguei, e me relacionaram ... “não, você vai fazer a readaptação já [daqui há três dias”=
35	D	[e o primeiro salto da readaptação já foi noturno?
36	W	= e:: já vou botar o senhor, nesse avião aqui pá , pra preencher vaga aqui ... pá pá ... “é quando esse salto?” “não, é na quinta feira à noite” (3seg) ((volume de voz baixo)) “caraça (3 seg) puxa, eu nunca saltei à noite” haha
37	D	haha
38	W	ái, beleza, “vamos lá”, aí ((simulando o ruído do avião)) vuuu quando você vê você ta com aquele rio de janeiro aberto, aquelas ... estrelas no céu, e você ((volume de voz muito baixo, fala entre dentes)) “que que eu to fazendo aqui?” haha
39	D	essa frase vai muito na cabeça[do senhor? “que que eu to fazendo aqui?”
40	W	[NÃO, nesse nesse momento eu me lembro, que [que veio =
41	D	[sei
42	W	= nesse momento eu falei “caramba” , era
43	D	O senhor podia ta em ta:ntos outros lugares [mas tava ali
44	W	[°é é° ... e eu pô “eu to aqui porque eu quero, fiz porque eu quero, vá querer coisa <u>louca</u> assim” haha ... naquele momento ↓ porque você tá sem adrenalina. e essa parte ... do o paraquedista na verdade, <ele só vai ficar, dismanivrado no avião,ele só vai ficar safo pra caramba>, >quando ele faz o mestre de salto< ... na hora que ele faz o mestre de salto agente tinha até um [jargão na formação básica =
45	D	[ele é <u>mestre</u> , né? vira mestre
46	W	= ((levanta as sobrancelhas concordando com minha colocação sobreposta a sua fala)) a gente tinha até um jargão na formação básica que era “a hora que você tem o avião nos calcanhares”, você sente:: você ta em pé nele ali, comandando e você sente o balanço dele , na sola do pé... né?
47	D	hum ham
48	W	porque:: o curso=
49	D	experiência
50	W	= é , o curso ... você tá ali no <u>curso</u> , e saltando pra <u>caramba</u> , e não sei <u>quê</u> e <u>trabalhos</u> , e valendo <u>nota</u> e <u>classificação</u> e você querendo dar o melhor de si:: e uma série de ... situações (3 seg) pô ... nnão te interessa tanto o fato de você <u>saltar do avião</u> , pô “↑ ah, estou saltando, meu deus que medo, que não sei que” ...NÃO , você que é :: é não ser rebocado no <u>lançamento</u> , você quer fazer o

			lançamento correto
51	D	Cumprir uma [missão? cumprir aquela etapa?	
52	W	[↑ é e você ta ali, e treina muito em falso avião	

ANEXO 11

Mapa da entrevista com Tenente Coronel Ermínio – Comandante do 26 Batalhão de Infantaria Pára-quedista

Tempo- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:06	“Pronto, pode começar a sabatina” (estranhamento frente á pesquisadora)
00:02:05	Visão de futuro do 26 BI PQDt – entrevistadora pergunta – citação exposta na entrada do Btl
00:02:45	Uma amostra do que o EB possui de melhor, em pessoal
00:04:20	Recursos humanos – está ok, - é o que o EB possui de melhor, falta equipamento, mas RH está ok (valoriza seus homens)
00:04:30	NARRATIVA: porque seus homens são diferentes motivação tradição aventura reserva estratégica ORGULHO, SATISFAÇÃO
00:06:30	Denominação histórica – complementando o porquê de serem DIFERENTES história do Btl - NARRATIVA
00:07:40	Situações reais em que foram empregados – MISSÃO REAL emprego em operações de GLO defesa externa missões de paz muita ação da tropa respaldo em termos de tradição
00:10:27	26 na ação principal – 26 é o centro, valorizado por seus homens
00:11:45 até 00:18:00	NARRATIVA - TC narra uma operação realizada no Complexo do Alemão para ilustrar os atributos do pqdt – Operação Abafa – se constrói como um comandante audaz e competente espírito de corpo companheirismo agressividade no combate experimentar o sentimento mais profundo de nacionalidade espírito de sacrifício trabalho em grupo iniciativa comando e controle ponto de honra planejamento competência do cmt e da tropa
00:16:00	“não são palavras ao vento” orgulho coragem alto risco – manter os atributos em situação de alto risco a tropa intimidou a força adversária faz elogios à tropa tropa unida

00:18:50	Eu procuro não lançar a tropa
00:19:20	NARRATIVA - CONFIANÇA salto em que um soldado morreu experiência amarga stress um pqdt nunca está só – ESPÍRITO DE GRUPO
00:20:00	ESPIRITUALIDADE – oração do pqdt
	*****CORTE NA GRAVAÇÃO (TC atende o telefone)*****
00:24:00	Vibração com o espírito das palavras que são ditas na oração do pqdt
00:56:00	26 é DIFERENTE dos outros batalhões Pqdt NARRATIVA – medo, tradição, cumpre o que é dito na oração
00:02:20	A recompensa é de foro íntimo (!!! BOM !!!) o self: NARRATIVA – orgulho, dificuldades, é diferente - O ORGULHO DE SER PQDT
00:04:40	A mística pqdt elementos visuais o pqdt fala de coração sobre suas atividades NARRATIVA: SENTIMENTOS: EMOÇÃO, REALIZAÇÃO
00:07:00	Ligação do pqdt com o 26 valorização do Btl a Ponte da Amizade É no 26 cabeceira do 26 a biruta ESTÁ no 26 piscina estética beleza
00:09:00	Formas de socialização do pqdt mais comum quando está longe da família NARRATIVA – churrasco, vibração
00:10:45	NARRATIVA – reuniões sociais
00:11:40	A sementinha do pqdt no coração das crianças
00:12:20	FAMÍLIA separação
00:14:00	NARRATIVA - ABNEGAÇÃO – a força da esposa - as crianças sentem muito
00:15:16	NARRATIVA – transferência para Brasília – “Deus ajuda o audaz”
00:19:50	O convívio com o pessoal e a compreensão da esposa
00:20:00	Estigmas que um pqdt não pode ter código de honra coragem nervosismo e insegurança comprometem a liderança não ficar machucado muito tempo a verdade falha de caráter compromisso com a verdade “não basta ser, vc tem que parecer ser”

ANEXO 12

Mapa da entrevista com Major Firmino – S/4 (responsável pela parte operacional) do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista

Tempo- aproximadamente 48 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:38	Trajectoria do pqdt
00:02:40	NARRATIVA
00:04:40	“EU CONSEGUI VIR PARA A BDA”
00:06:40	O pqdt é visto DIFERENTE a expressão do líder isso me fascina espírito de corpo preparo físico maior que os outros
00:08:00	NARRATIVA – quando eu cheguei na Bda eu vi que era isso mesmo liderança – Bda é uma escola de liderança mostrar que É pqdt “performance”
00:09:00	NARRATIVA FICTIVA
00:09:44	NARRATIVA – guerra na selva mística (!!!) a mística da Bda vibrar, faz vc vibrar prazer realização poder fazer
00:11:00	RECOMPENSA Reconhecimento do grupo se sentir em paz com vc mesmo EU fui útil – SERVIR espírito de corpo
00:12:11	Sensação de recompensa de se realizar com o GRUPO cabeça de ponte aérea – ficar no buraco o grupo volta revigorado a sensação de não ESTAR SOZINHO
00:14:00	RELIGIOSIDADE a oração do pqdt retrata uma face do pqdt o combatente que pede a tormenta a história da oração do pqdt NARRATIVA desespero total da guerra – apavorante medo, coragem, força, FÉ
00:17:20	FAMÍLIA NARRATIVA FICTIVA – comparação com uma competição família X grupo – fica separado
00:19:50	Qualidades de um pqdt - NARRATIVAS aceitação do grupo pára-quedista – 'uma máfia' COLABORAÇÃO - “o vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no

	velame do soldado” amor ao preparo físico
00:22:11	Me sinto em casa na Bda constante superação medo “eu sinto medo” hj eu não sinto mais esse medo NARRATIVAS
00:23:25	FOBIA x CORAGEM
00:24:00	EPISÓDIO QUE MARCOU A VIDA
00:26:17	NARRATIVA – importância do grupo salto livre – espírito de corpo <u>o medo de perder a aceitação do grupo</u>
00:28:50	Qualidades do pqdt “SIM – TEM” cumplicidade, confiança conversas de alojamento - NARRATIVA
00:33:25	Formas de socialização do pqdt o pqdt gosta de sair em grupo
00:35:50	NARRATIVAS - sexta-feira = churrasco, futebol, cerveja (masculinidade)
00:35:50	Mulheres – o pqdt se dá bem com as mulheres melhora a auto-estima do soldado canções uniforme vai ganhar mulher por ser pqdt – o jovem acredita
00:37:50	NARRATIVA DIVERTIDA – vai ficar bonito com o brevê e arrumar um monte de mulheres
00:38:40	A FIGURA FEMININA – Rosa Maria – fantasia de todo o soldado pqdt
00:40:00	NARRATIVA – o andar, o olhar, o soldado se sente poderoso
00:41:10	Assunto introduzido por iniciativa do Maj – Todos os pára-quedistas têm a exata noção de que TODOS os pqdts fazem o mesmo curso – soldado e oficial é o ponto mais característico e marcante dos pqdts – GRUPO – NARRATIVA cursos operacionais na bda, as mesmas oportunidades são para o soldado e para o oficial o praça não se sente diminuído não se sente excluído A FORÇA DO GRUPO
00:45:00	NARRATIVA - a origem da mística pqdt - IGUALDADE

ANEXO 13

Mapa da entrevista com Capitão Vieira

Tempo- aproximadamente 30 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:05:38	patriotismo - loucuras
00:06:35	Cumprir a missão – família, não pode deixar furo nem de um lado nem de outro – eb + família + filhos = estudos (Homem pós-moderno)
00:09:30	Diferente em ser pára-quedista dedicação a coisas que não são normais no dia-a-dia
00:11:30 até 00:15:00	NARRATIVA provocada pela entrevistadora – riscos de saltar – medo X coragem entrevistadora: pode me contar? Entrevistado: conto, mas deixa eu acabar de falar o que eu estava dizendo atos mecânicos em situação de perigo (seria o mesmo comportamento que ele apresentava durante a entrevista? Estava tenso, então agiu mecanicamente, não foi uma interação informal)
00:16:20	NARRATIVA sobre contar histórias: estou o tempo todo contando histórias quando não estou na brigada: “lá na brigada...”
00:18:20	Objetivos que queria tropa de elite mundial SENTIMENTOS ONTOLÓGICOS tropa de elite nacional
00:19:40	SUBIR NA FAVELA – ORGULHO da última missão perigo – um disparo perto dele “avida que é o 26”
00:21:46	Outra missão importante dissuasão – demonstração de força oficial de operações – era um objetivo meu sou infante, fiz coisa de guerreiro a vida toda nunca fui da administração SE CONSTRÓI COMO UM GUERREIRO, UM HOMEM DE AÇÃO
	CORTE NA GRAVAÇÃO GRAVADOR É LIGADO NOVAMENTE QUANDO O CAP VIEIRA AFIRMA QUE AINDA TEM O QUE DIZER
00:	Continua a seguir seu roteiro citando outros pontos que havia tomado nota ele se constrói mediante o grupo Vieira desenha quem é o pqdt desde o início de sua fala

ANEXO 14

Mapa da entrevista com Capitão Rocca

Tempo- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:24	Por que quis ser pára-quedista? DIFERENTE Já estava escrito (MÍSTICO) O pqdt é exaltado (desejo de reconhecimento?) militar selecionado combatente completo
00:04:00	DIFERENTE é a única tropa que faz isso
00:05:00	ATITUDE do pára-quedista saltar do avião é fácil um guerreiro que não teme nada desafia qualquer coisa Vc não tem medo de nada? NÃO (sonora e enfático!!)
00:07:00	Dificuldades nas missões
00:08:00	Cerimônia de brevetação área de estágio – não tem recordações tão boas, ralou bastante lá
00:10:20	O que a área de estágio fez com vc? Tem que ser puxado, pois se for fácil coloca em risco a <u>mística</u> pqdt se preparar para a guerra É PRA ISSO QUE A GENTE VIVE
00:18:00	Preparado para cumprir a missão
00:21:20	Ficou 6 meses no Haiti
00:22:00	Sentimento de nacionalidade EU ENTREI PARA O EB PARA DEFENDER MEU PAÍS A realização de um sonho pessoal
00:26:30	Espírito de sacrifício, família
00:28:00	Rosa Maria – musa do pqdt vc encontrou sua Rosa Maria? Tinha tempo para namorar, para sair? Ele fica lacônico “A mulherada já olha diferente”
00:30:20	Espírito de corpo formatura motivação saber que <u>não está sozinho</u> o mal companheiro
00:33:00	Momentos marcantes em sua vida

	brevetação fotos antes da Bda
00:39:00	Contatos com o 26 por que vc queria tudo isso? Aqui se trabalha mais mais vivência, experiência o que eu queria como tenente Por que você queria tudo isso? Treinar para a guerra? O INFANTE Falar o INFANTE
00:41:00	UNIDADE OPERACIONAL PERMANENTE – pronto emprego QQ MISÃO, EM QQ HORA, EM QQ LUGAR

ANEXO 15

Mapa da entrevista com Capitão Marcos Almeida

Tempo- aproximadamente 55 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:00:15	Experiência profissional NARRATIVA: TRADIÇÕES DA BDA QUE O MOTIVAM
00:03:00	NARRATIVA: trajetória até vir servir no 26 pqdt/selva: muita afinidade Amazônia idéia: servir em um local que era prioridade do EB
00:05:24	Como foi sua área de estágio? Foi difícil NARRATIVAS: as dificuldade do curso de pqdt
00:07:00	Se identificou muito com as atividades da área de estágio VIBRAÇÃO – realizando um sonho que tinha ficado guardado SUPER TENENTE – SUPER HERÓI NARRATIVA: experiência / dar exemplo
00:09:30	A EMOÇÃO de saltar Medo x coragem - só o louco não tem medo se deparar com o desconhecido ansiedade NARRATIVA: GRITA NO SALTO: “Eu sou pqdt!!!” ORGULHO, FELICIDADE, EMOÇÃO
00:12:50	O que você faz de diferente aqui? EU MUDEI DA ÁGUA PRO VINHO do ano passado pra cá NARRATIVA: sua estória profissional
00:14:00	NARRATIVA: se constrói como um homem justo e experiente NARRATIVA: sou de infantaria, não sou de logística, eu era o quebra galho Obs: mesmo comandando um pelotão de apoio, ele se constrói como experiente, mas afirma que não é de logística e prefere missões de combate: “mas não é a melhor missão para um tenente especializado” “estou me saindo muito bem na função”
00:18:00	Estou triste porque vou deixar a Bda (afinidade com militares que servem na Amazônia)
00:18:41	Planos para a família têm precedência sobre os demais
00:19:00	“não me vejo em nenhum outro Batalhão” “NÃO ME VEJO EM UM BATALHÃO PÉ DE CÃO” O desafio de tentar fazer o pronto-emprego ADESTRAMENTO, TFM, VALOR MORAL, ATRIBUTOS DA ÁREA AFETIVA, INICIATIVA, ASSIDUIDADE, AÇÃO DE COMANDO, CHIVUNCADO, PRESENÇA DO TENENTE, LIDERANÇA

	“Ainda quero ser um pouco tenente”
00:22:00	Agressividade no combate NARRATIVA: Operação Macaé O soldado se identifica com o cmt nas situações do dia-a-dia Oficial tem que ser exemplo, modelo “É MUITO BOM ESTAR À FRENTE” ((elaborou narrativas mas não respondeu à pergunta . Não percebi o ponto. Ele se sentiu agredido e testado pelos soldados???)
00:26:00	Ser pára-queda é experimentar o sentimento mais profundo de nacionalidade? ((Novamente ele não responde!! se coloca como um orientador que deve falar dessas coisas com seus subordinados))
00:28:00	NARRATIVA: O pqdt e as mulheres auto-estima incutir na cabeça dele que ele é bom o pqdt é SELECIONADO, rala muito e fala sobre essa ralação
00:31:00	ELE VIVE O PERSONAGEM
00:33:00	COMO A BDA ESTÁ TE TRANSFORMANDO? Ele resiste em responder à pergunta NARRATIVAS: mística, tropa especial, ((VÁRIAS ESTÓRIAS))
00:39:50	<u>A grande coisa que mudou para mim este ano: o poder de julgar</u> ((está relacionado com a fala que começa aos 33 minutos)) “mandar para o inferno ou mandar para o céu” NARRATIVA: (00:41:40) TEM UM SD QUE A GENTE TÁ MANDANDO POR BEM DA DISCIPLINA Ponto: o poder de julgar
00:43:30	Perspectivas depois da Bda Sonho: fazer o curso de precursor NARRATIVA: “Muita coisa eu ouvi falar aqui” ponto: quando eu sair da Esao eu quero ralar na Cia”
00:45:20	“sua esposa marcha na mesma cadência?” NARRATIVA: a compreensão da esposa. Ela entende muito bem
00:47:00	ELE RETOMA UM ASSUNTO QUE JULGAVA NÃO TER SIDO BEM EXPLORADO (!!!) “A nacionalidade ... eu fiquei com a pulga atrás da orelha” NARRATIVA: O VALOR DO NOSSO EB ESTÁ NOS HOMENS COMPARAÇÃO COM PQDT DE OUTROS PAÍSES orgulho de seu país raízes – sd brasileiro iniciativa, criatividade, vontade de fazer a questão da nacionalidade está na formação

ANEXO 16**Mapa da entrevista com Capitão Wagner****Tempo**- aproximadamente 55 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
Até + ou - 00:01:00	Conversamos sobre os tempos de AMAN falamos sobre cursos de Inglês
00:01:05	Pergunta: carreira cursos que fez NARRATIVA: está na Bda desde aspirante tropa dinâmica missão real isso me motivou a ficar sempre na Bda sempre gostou de atividade física tropa mais especializada tropa mais preparada
00:04:30	Fala sobre suas habilidades e pesquisa em Tiro OFICIAL COM HABILIDADES DIVERSIFICADAS se interessa muito em falar de suas habilidade com tiro
00:06:30	Qualidades importantes em um pqdt atividade física preparação física soldado DIFERENTE : NARRATIVA - está disposto a fazer qq coisa – CORAGEM exposto a situações reais 'não há salto de festim' espírito de corpo personalidade do pqdt – idt do pqdt a formação do sd pára-quedista
00:09:30	Medo x coragem
00:10:20	CORAGEM : atributo que vem da atividade aero-terrestre ATIVIDADE TRAUMÁTICA – dúvidas
00:11:06	Saída do avião é traumática - NÃO TEM LEMBRANÇA QUE MARCOU MAIS, POIS É SEMPRE ASSIM
00:11:30	NARRATIVA: a rotina de um lançamento instabilidade adrenalina atress

	Hércules com as portas abertas costume se expor ao vazio NARRA OS PERIGOS QUE PODEM ACONTECER
00:13:05	NARRATIVA DE PERIGO: entrelaçamento de pára-quedas fala sobre o primeiro salto de pára-quedista
00:14:32	NARRATIVA DE PERIGO 'essas coisinhas acontecem' isso desenvolve em cada sd a capacidade de lidar com o medo
00:16:15	Auto-estima auto-confiança exposição a situações estressantes
00:16:45	O mural da sua vida fotos cursos para-quedista mestre de salto – o momento em que você domina a técnica do lançamento
00:18:20	'a vida dos outros está nas suas mãos' confiança – liderança DIFERENTE de um Btl convencional Se o MS errar, as pessoas podem morrer exercer a liderança plena um retrato do combatente Ex: subir uma favela isso não tem lá fora AQUI É MUITO MAIS FÁCIL, É FÁCIL POR SER MAIS DIFÍCIL exercer a liderança a mística, a união do pqdt vem daí
00:22:00	O Cap Vagner retorna á pergunta anterior 'o mural da sua vida' NARRATIVA: Operação Paraopebas você se sente útil missão real fazendo algo pela sociedade recompensa emoções feedback
00:24:10	Subiu o Chapéu Mangueira NARRATIVA: exemplo de sentimento de gratificação, recompensa a razão para você estar aqui – SER ÚTIL
00:25:00	Sentimento profundo de nacionalidade dar a vida pelo seu país defender com o sacrifício da pp vida disponibilidade em 48h podemos estar partindo
00:27:30	O que torna o cara um mal pqdt? O mal pqdt é o mal militar
00:30:35	A personalidade desse sd é muito diferente o perfil

	tropa especial área de estágio é desgastante missões reais
00:32:30	Eles não se identificam com o planejamento de outras unidades mas executam, cumprem a missão por disciplina
00:33:00	NARRATIVA – para exemplificar a diferença entre ruma tropa pqdt e uma tropa convencional comparação com a verticalidade do salto PERSONALIDADE DE SOBREVIVÊNCIA
00:35:20	Planejamentos agressivos, audazes, ousadia SÓ O AUDAZ CONSEGUE A VITÓRIA – SER HERÓI
00:36:08	A IMAGEM DO HERÓI 'o heróis é o audaz bem sucedido' 'o audaz mal sucedido faz o idiota' 'ser herói é sorte e a sorte é o encontro do preparo com a oportunidade'
00:37:00	A farda 'eterno herói' faz parte do culto das tradições o culto do heroísmo tentar dar o melhor de si 'chivunk' o difícil é sustentar que vc realmente é um herói isso que fez vc querer se preparar
00:38:00	O lado pessoal do pqdt – família (ELE HESITA MUITO EM RESPONDER) Eu acho que... eu acho que... eu acho que... eu acho que... que eu não sei
00:39:05 até 00:39:25	(hesita muito em falar da vida pessoal) NARRATIVA: a experiência que ele teve no casamento quando ele serviu numa unidade convencional ausência – se equilibra presença com qualidade aqui conseguimos um equilíbrio muito bom
00:41:00	Como a esposa administra o casamento com um pqdt? Com crianças seria mais difícil PAPÉIS SE INVERTEM - a pesquisadora narra sobre sua vida pessoal
00:45:20	O cap Vagner pergunta sobre a pesquisa que eu realizo
00:48:00 até o final	ORAÇÃO DO PQDT – RELIGIOSIDADE tem uma influência muito grande para moldar o espírito da tropa pqdt emoção+religiosidade+ NARRATIVAS IMPORTANTES!!! 'vc é o que vc ouve' a palavra tem esse dom

ANEXO 17**Mapa da entrevista com Tenente Wiesser**

Tempo- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:0:45	Trajeto até chegar a ser pqdt CMJF vibração, parte física fama de ser o Btl mais puxado, mais missões ORGULHO
00:03:25	NARRATIVAS Dor física – não me abalou, pelo contrário, me estimulava mais ainda “Tá bom porque tá ruim, estaria melhor se estivesse pior” nunca teve medo só pousou uma vez de avião, as outras vezes que embarcou, saltou de pára-quedas, a estranheza foi pousar vibração o silêncio no céu o cheiro do vento a tranquilidade momentos antes da inquietação o salto é a parte mais tranquila o brevê – o ORGULHO de servir na Bda - distinção
00:08:10	A família – compartilhar momentos de vibração e companheiros EMOÇÃO, REALIZAÇÃO
00:10:30	ELE NÃO GOSTA de ser chamado de doce tem alguma agressividade guardada? NARRATIVA: episódio em que deve exercer pressão psicológica em seu pelotão – acampamento
00:13:00	Canções oração do pqdt canção do pqdt
00:14:00	SENTIMENTO DE NACIONALIDADE NARRATIVA – operações por todo o Brasil brado: Brasil acima de tudo! ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO – não está sofrendo, e sim fazendo além do que faz a maioria das pessoas
00:18:40	Por que quis ser pqdt? Espírito de corpo companheirismo a solidão do cmd ajuda entre os companheiros o foco do cmd é o grupo UM BATALHÃO DIFERENTE
00:21:30	A FIGURA FEMININA NA VIDA DO PQDT

	<p>sua Rosa Maria, já encontrou responde prontamente NARRATIVA a compreensão que a esposa deve ter ela é psicóloga fica feio mulher falar palavrão</p>
00:24:00	<p>O MURAL DA SUA VIDA infância PREP – 1 contato com o EB – alojamento amizades fortes formatura da AMAN Pqdt cada dia no curso é uma vitória 1 salto 1 missão aspirações para o futuro</p>
00:26:50	<p>Vontade de comandar um pelotão de fuzileiros o pelotão que vc vê em filme de guerra (HERÒI) comandar e liderar</p>
00:28:50	<p>O que vc está aprendendo aqui? Quem vc está se tornando? Desenvoltura influência em sua vida pessoal não vê problema, e sim, a solução decisão vontade de cumprir missão cumprir missão: fato problema NARRATIVA – FAVELA DO MUQUIFO: OPERAÇÃO REAL tirar forças além do que se acha possível CHIVUNKE – 40% o brado do Btl “guerreiro chivuncado” - <u>todos os tenentes aqui são</u></p>
00:33:30	<p>Medo + coragem – tenho medo e tenho coragem</p>
00:34:30	<p>Tropa de elite – um batalhão que cumpre missão</p>
00:35:30	<p>Os mais antigos têm muitas histórias para contar</p>
00:36:20	<p>Episódios contados pelos tenentes mais antigos sacrifício e recompensa</p>
00:38:00	<p>A MINHA RECOMPENSA É O ORGULHO</p>